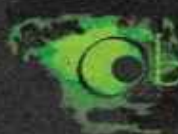


**O MAIOR E MAIS ESCURO DE
TODOS OS MEDOS OS ESPERA.**



**ENQUANTO
ELES
NÃO
VÊM**

**ROBSON
GUNDIM**



Obscurus



ENQUANTO
ELES
NÃO
VÊM

ROBSON
GUNDIM

ENQUANTO ELES NÃO VÊM

Copyright © 2018 Robson Gundim

Copyright © 2018 Editorial Hope

Direção Editorial: Jéssica Milato

Revisão: Bárbara Parente

Capa e Projeto Gráfico: INDIE 6 Design Editorial

Diagramação do E-book: Robson Gundim

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Ficha catalográfica feita pela Editora.)

G9756 Gundim, Robson

Enquanto Eles Não Vêm | 1ª ed. - Editorial Hope | Araras, 2018

isbn: 978-85-5788-060-3

1. Literatura Brasileira. I. Título.

CDD: B869

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da editora ou do autor.

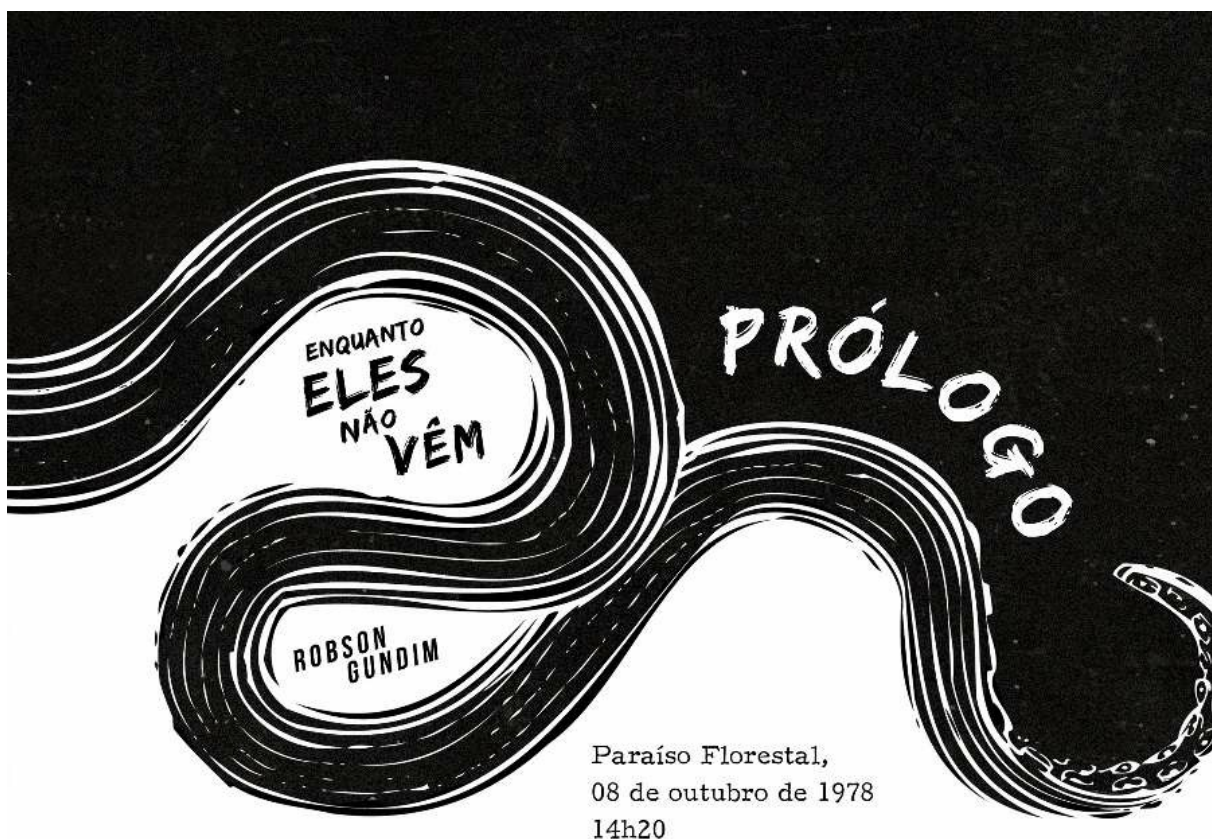


À Isa, por acreditar em mim.
Sempre.



O desconhecido está dentro de nós mesmos, e é preciso buscá-lo para conhecê-lo e enfrentá-lo sem medo. Os piores monstros são aqueles que permanecem ocultos...

MAUD EPASCOLATO



O GAROTO SENTOU-SE à mesa da sua humilde casa e folheou um livro antigo, escrito por Howard Philips Lovecraft. Escolheu um conto e começou a ler em silêncio.

Infeliz é aquele cujas memórias de infância lhe trazem apenas medo e tristeza.

Suspirou.

Desgraçado é aquele que se lembra de horas longas e solitárias, consumidas em cômodos enormes e tristes, entre cortinados marrons e fileiras enlouquecedoras de livros antigos, ou que se recorda de espantadas vigílias, passadas entre renques de árvores grotescas e descomunais, que a

vinha recobre e que acenam em silêncio lá do alto com seus galhos retorcidos.

Suspirou de novo... Fechou o livro.

Na varanda, repercutia o gracioso tilintar emitido pelo furin, que dançava em meio ao sopro do vento.

A tarde estava admirável. Tudo na sala respirava aquele ar tristemente agradável e faceiro.

Um ruído langoroso escapou da porta quando a mãe do garoto chegou. Chamava-se Laura, uma mulher de meia-idade, com feições encarquilhadas. Colocou um cesto de ovos na mesa e estranhou o silêncio do filho.

— Que é que tu tem?

— Nada, não.

— Vixe... Duvido! Me conta logo!

— Eu tive um sonho esquisito esta noite, mas só me lembrei agora.

A mãe fez um muxoxo e balançou a cabeça.

— Tu só vive tendo sonho estranho, menino! Deve ser esses livros que anda lendo...

— Sonhei que a gente tentava fugir daqui.

A mãe sorriu.

— Sem dúvida foi só um sonho!

— Apanhávamos algumas coisas, trancávamos a casa e subíamos em direção ao monte, porque a estrada já estava bloqueada por eles.

— Eles quem?

— Os seres.

— Que seres?

— Eles haviam fechado a única saída do povoado... No sonho, éramos suas vítimas.

Laura pareceu surpresa por um momento.

O garoto continuou narrando a aventura em seu tom dogmático:

— Durante a nossa fuga, vi o tio Zeca levar um tiro no peito, e tia Joana na cabeça, por dois deles. Os tentáculos tentavam nos apanhar. Era tão real, mãe! A gente corria desesperado, sem olhar para trás para não ver o caos... A senhora gritava. Fiquei morrendo de medo.

— Que sonho mais feio, menino! Vou te proibir de ficar lendo essas coisas...

Laura sentiu um calafrio. Fez o sinal da cruz e voltou aos afazeres domésticos.

— Teu pai já saiu da roça. Vamo adiantar o café antes que ele chegue aqui. Apanhou o livro antigo e guardou-o em um baú repleto de coisas velhas.

Comovida com a revelação do filho, ordenou em tom severo que ele fosse apanhar lenhas no pequeno bosque que ficava além da casa. Lá no fundo, orgulhava-se por seu menino ter o bom hábito de ler, mas estava certa de que os pesadelos estranhos que o acometiam derivavam dos livros.

Era uma mulher religiosa, mas não alimentava, até aquele instante, certas superstições acerca dos misteriosos sonhos.

Quando o filho se ausentou, tudo pareceu voltar ao normal.

O vento assoprava com força, as árvores se moviam e as folhas vojavam.

Mas foi senão após ir à janela, que a mãe presenciou o primeiro dos muitos acontecimentos incomuns.

Hesitante, ela viu o casal de vizinhos correr para além da rua, afundado no próprio rio de lágrimas que descia de seus olhos. Com gritos de espanto, eles se enfiaram na mata que margeava o povoado e desapareceram, deixando na testemunha o maior de todos os receios que alguém pode ter na vida. Nada de tenebroso que ela tinha visto antes poderia ser comparado ao que via agora. A cena foi tão corriqueira e abismalmente assustadora, que Laura perdeu por completo o controle de si mesma, a indagar, em clamor, se tudo aquilo de

fato possuía algum sentido racional.

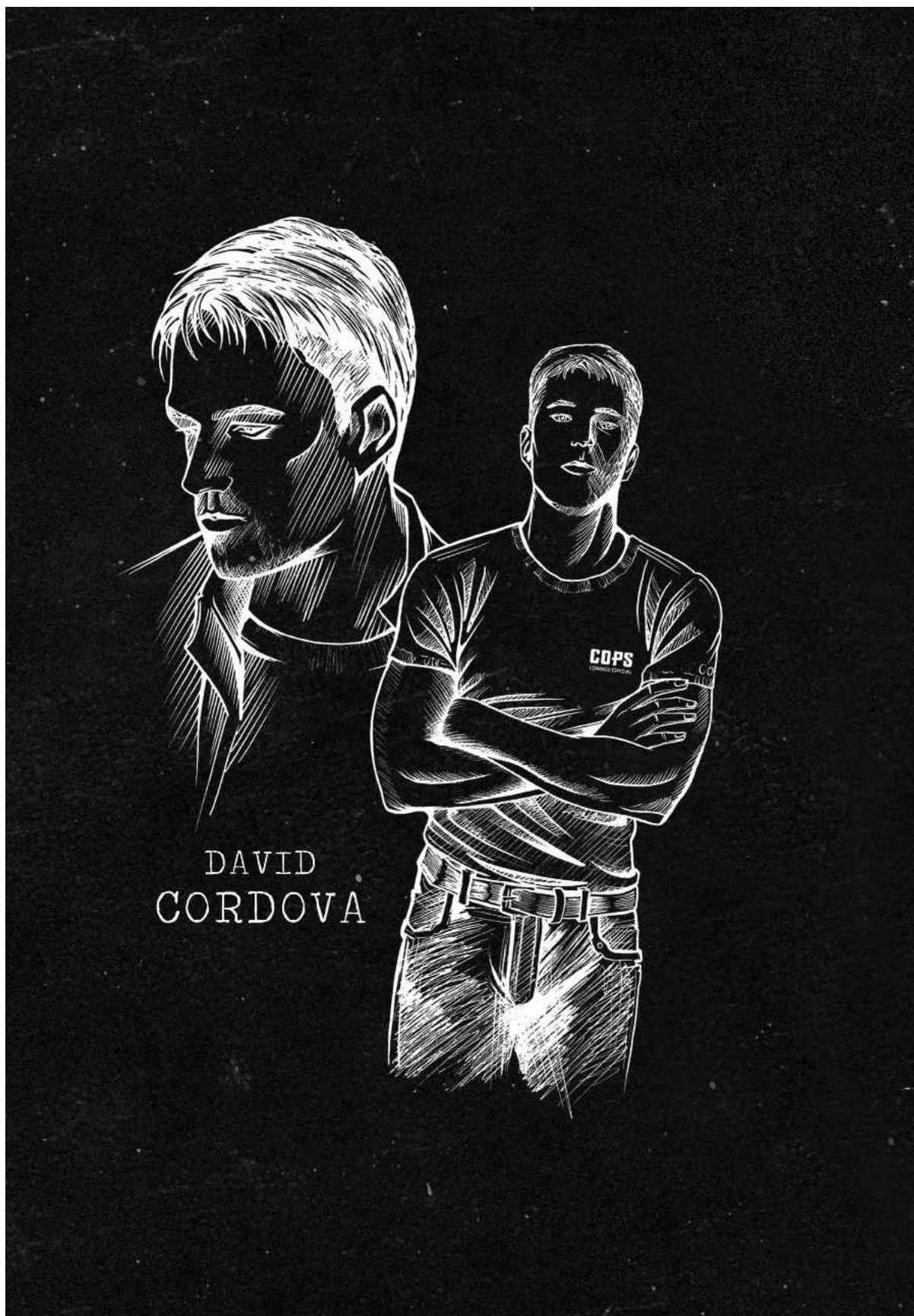
Então novas pessoas surgiram ao longo da rua — homens, mulheres, crianças; criaturas fugitivas e delirantes, regidas por gemidos de aflição, tropeçando umas sobre as outras, num pandemônio estrondoso e infernal. Era uma desordem difícil de explicar, mas cabe aqui uma nota que talvez ilustre o desmedido torpor que assomou a pobre mãe.

Zeca, seu irmão, logo invadiu a casa pela janela, trazendo na face molhada uma expressão atordoada.

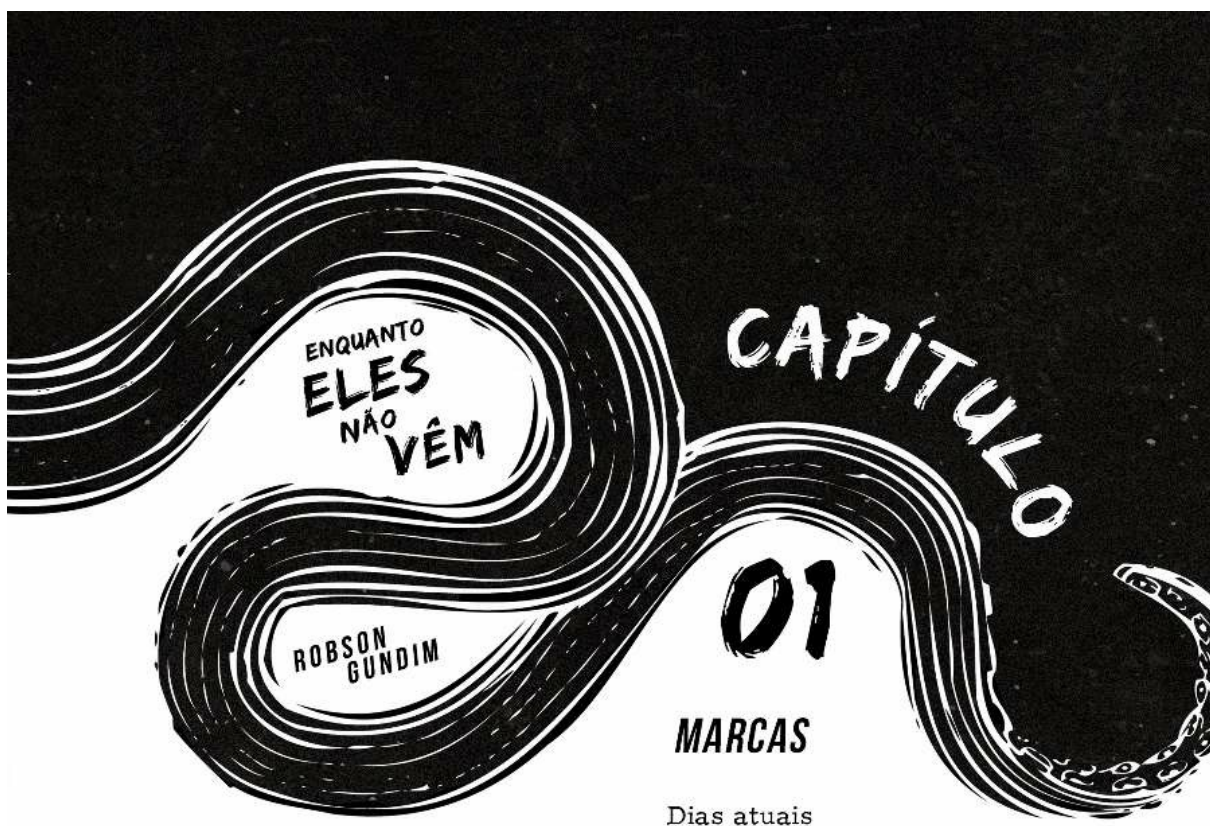
Franzindo o cenho, Laura segurou-lhe os ombros e indagou o que havia se passado.

O irmão respondeu:

— *Eles* estão chegando.



DAVID
CORDOVA



O DESPERTADOR DISPARAVA. Resmungando, David esticou o braço e bateu contra o aparelho, que caiu e chocou-se contra a parede. Mas não parou de tocar.

— Droga... — praguejou.

Embora cansado, sabia que estar de pé naquele horário era mais que uma obrigação.

Visivelmente conformado, afrontou pela segunda vez o mostrador do relógio. Faltavam cinco minutos para as 19 horas. Num susto, David afastou o lençol do corpo e saltou da cama, ciente de que as palavras do capitão foram sucintas e claras demais: a reunião começa às 19h20, e atrasos não

serão tolerados.

— Isso porque a COPS tornou-se uma referência no departamento... — disse para si mesmo, mudando o tom da voz ao zipar a calça jeans. Ele adorava imitar o comandante enquanto se vestia ou realizava qualquer ação sob o efeito da pressa. — E é claro, não existe neste estado (ou neste país) tamanha delegação igual à minha!

Gostava do capitão, daquela boa índole misturada ao altruísmo que o legitimava um grande homem. Ele quase sempre se ausentava do departamento, mas David sabia que os motivos eram importantes, e a bem da verdade, já havia se acostumado. Além do mais, não se sentiria sozinho como acontecia todas as noites em seu mundinho quadrado e escuro; seus parceiros eram pessoas amigáveis, sorridentes e de bem com vida, por mais arriscado que fosse o serviço.

Após calçar os sapatos, David deu uma bocejada e encarou as luzes da cidade além da janela. Trabalhara arduamente no dia anterior, arriscando a pele num caso relâmpago que envolvia o sequestro de uma criança pelas mãos de um criminoso incendiário (eis a razão do prolongado sono!). O trabalho foi longo e penoso, mas ninguém se machucou. Graças a sua boa destreza, conseguiu chamar os bombeiros a tempo e resgatou a criança. Sem causar qualquer dano à própria pele, obteve êxito ao prender o raptor e, mais uma vez, completou a missão com sucesso.

As luzes da cidade conferiam-lhe uma visão bonita, mas lá no fundo a multidão o conturbava. Sabia que no meio de todas aquelas vidas existia a bondade, e igual a ela, a maldade, o terror e a perdição. Crescera consciente de que fazer o bem é a coisa certa, e que lutar pela justiça no Brasil é uma causa mais do que nobre.

Ansioso pela noite, David separou uma camisa da COPS e apanhou o celular.

A sigla significa Command Of Police Squad (na tradução, Comando de Esquadrão de Polícia), uma unidade especial fundada pelo capitão George Vargas, a quem David teve a graça de conhecer em Nova York e sempre devotou enorme respeito (exceto nos momentos em que se divertia imitando-o).

A COPS é uma unidade especial de polícia altamente treinada nos departamentos das grandes capitais do Brasil, com unidades no Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza e Salvador, sendo a sede instalada na metrópole carioca, onde David liderou a primeira tropa. Criada pelo capitão George Vargas, em conjunto com o general do exército americano Seymour Legrassi, o batalhão tinha o intuito de instaurar a lei e reforçar as operações especiais do Brasil, em conjunto com o BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais), o COT (Comando de Operações Táticas), a FAB (Força Aérea Brasileira) e a COMANF (Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais).

A camisa de David era preta, contendo uma sigla que fosforescia no escuro.

O seu passado parecia estar refletido naquele brilho, pois toda vez que encarava as letras prateadas, ele se recordava de tudo, nos mínimos detalhes.

Acendeu as luzes rapidamente e vagou pelo próprio apartamento, freando no banheiro ao fim do corredor. Não gostava de pensar naquilo, de reviver uma época que aos seus olhos não valia mais a pena, mas era humanamente impossível fingir que nada aconteceu. Toda vez que acordava e tomava o mesmo corredor silencioso, aspirava encontrar um novo alguém refletido no espelho. E falhava.

Seu rosto, tão forte quanto o de um homem que acabara de completar vinte e nove anos, lhe trouxera de volta aquelas marcas. David tinha olhos castanho-claros, um queixo redondo e um semblante levemente barbado. Os

cabelos eram cacheados, mas estavam curtos, muito curtos, quase rareando nas têmporas. Além do próprio reflexo, observava a face alegre e graciosa da mulher que, às vezes, se materializava ao seu lado.

Ela era linda. E como era! Alessandra, quanta falta lhe fazia... Quando David fechou os olhos, sentiu que a mão dela o tocava.

“Você pode simplesmente persistir naquilo que faz. Pode salvar vidas, prender criminosos, imitar o comandante... Mas nada mudará o fato de que tudo ficou para trás, de que tudo mudou; porque ela, meu parceiro, está morta.”

A mudança foi uma fase difícil na vida de David. Ele sabia que levaria um bom tempo até se acostumar.

Devia ser comum em nossas vidas... Adaptar-se à mudança. Algumas pessoas têm essa proeza, mas o jovem soldado não tinha. A sensação era de que acabara de chegar da Terceira Guerra Mundial, tornando-se incapaz de conter a ferida na alma.

Uma de suas mais antigas lembranças era a ida ao Central Park, nas noites frias e cálidas que passara ao lado de Alessandra, a pessoa mais interessante que pôde conhecer. Sua história começou num agradável período de equinócio, ao agarrar a chance de realizar o grande sonho de se tornar policial.

Embora houvesse nascido em solo brasileiro, ainda muito pequeno, David Felipe Cordova se mudou para Nova York. Filho de um empresário americano, estava predestinado a uma idílica infância, mas devido a uma tenebrosa perda, passou a viver entregue aos prantos. Sua mãe morrera em um acidente automobilístico, razão para inúmeras noites insones. Desde então, crescera apenas sob os cuidados do pai — que mais era uma figura paterna do que qualquer outra coisa — e culminara o anseio de conhecer seus avós maternos.

Uma fase infeliz e sem graça.

Foram-se os inesquecíveis dias em que o pequeno David questionava sobre quando visitaria a sua terra natal. Como eram seus avós? E tios? E primos? A sensação de saber que além do oceano existia um novo mundo à sua espera o deixava hipnotizado. A realização desse fato, contudo, tardou a acontecer. O Sr. Cordova era um homem muito ocupado, do tipo que virava noites mergulhando em pilhas de papéis e relegando as mais importantes comunhões familiares, tudo em nome do trabalho. Para o agravo da situação, isso fez com que a flor da amargura que existia dentro de David desabrochasse rapidamente, transformando-o num garoto solitário.

Com a chegada das datas especiais (como a de seu aniversário, ou mesmo o de sua mãe, diga-se de passagem), trancafiava-se no quarto e debruçava na janela, brincando com a imaginação e observando o rosto da Sra. Cordova, que despontava no horizonte. Sempre sonhava com aquele delicioso abraço, que embora não existisse, denotava ser apertado de bom. Todos os dias, arriscava-se nos desenhos, rabiscando aqui e ali as ondulações de um longo cabelo, as pequenas esferas de belos e grandes olhos, ou mesmo de um rosto angelical levemente pincelado em tons de avelã.

Certa vez, escutara o pai conversar sozinho — conversa que se prolongou no decorrer dos anos e transformou-se num hábito. Toda vez que isso acontecia, escondido, David se aproximava e observava-o com atenção. O viúvo chamava pela esposa num tom lamurioso, sentado no meio da sala, enquanto baforava para o alto e pronunciava palavras marcantes. David nunca conseguiu esquecê-las, e para ser franco, nunca desejou esquecer, porque o fenômeno colaborou para a sua inspiração e, de contrapartida, fez toda a sua determinação aumentar. Fora muito dedicado aos estudos e, pelo menos nesse âmbito, o Sr. Cordova soube se portar como pai, quase sempre o acompanhando nas tarefas diárias ou comparecendo às reuniões educacionais.

Todos os professores diziam com um riso esplendoroso que David era um adolescente atencioso, inteligente e altamente qualificado, motivo pelo qual sugou diversas atenções na plateia de uma das mais conceituadas universidades do país, alcançando facilmente as maiores mentes do mundo acadêmico de Nova York.

Após graduar-se em línguas estrangeiras, com vinte e dois anos, o único herdeiro do império Cordova conseguiu agarrar a oportunidade de ingressar na marinha, uma paixão que lhe rendeu inúmeras amizades, experiências e permitiu-lhe descobrir o curioso fascínio pelo mundo das investigações criminais navais. Em uma tarde ensolarada de setembro, a pedido de seu tenente, David ausentou-se do quartel em meio a uma operação. Ao regressar ao local, três dias depois, foi honrosamente apresentado a um nobre senhor que viera da América Latina: era o capitão George Vargas, que, em tal época, estudava os melhores meios para poder enriquecer a sua própria unidade de policiais altamente treinados no território brasileiro.

O marinheiro tinha de admitir, o capitão era uma imponente figura. Suas conversas eram hipnotizadoras e desafiadoras, cujas palavras sobrepujavam os maiores desejos de David. E era dono de uma mente tão desbravadora, que fazia das atrocidades do mundo pequenos desníveis em um caminho já alcançado. David sentiu-se diferente, como se já houvesse descoberto aquele caminho e estivesse propenso a uma nova fase de sua vida. Por esse motivo, acabou apresentando algumas de suas sábias habilidades e resultados de anos de treinamento ao capitão, convencendo-lhe a recrutá-lo como primeiro membro da COPS – um batalhão especial, cujas táticas e armamentos utilizados por soldados excediam os da polícia convencional. Então, com vinte e cinco anos de idade, o primeiro oficial da COPS despediu-se do Sr. Cordova e da vida americana, ansioso para residir em sua terra nativa. Não pensava em mais nada além do futuro, e não dava nenhum espaço a

pensamentos negativos.

Dali por diante, tudo melhorou... E quanto menos esperava, esbarrou-se em mais alguém. Desta vez, alguém peculiar, que mexeria com todos os seus sentidos e o levaria a sonhar todas as noites. David esperava lidar com muitas coisas inovadoras, mas aquilo foi além da imaginação. Conhecer e sentir-se atraído por uma mulher raramente lhe passava pela cabeça. Era tão sugado pela timidez, que já tinha se adaptado às zombarias dos colegas do quartel.

O primeiro encontro com Alessandra foi incrível, quase mágico. Passaram o final da tarde em um belíssimo restaurante com vista para o mar e trocaram as primeiras palavras amorosas. Desde aquele instante, ele desejou tê-la em seus braços; e foi com tanto ardor e paixão, que sentiu o seu espírito masculino dominá-lo e implorá-lo para conquistá-la e amá-la, pois, naquele momento, se não fosse com ela, não seria feliz com mais ninguém.

Às vezes, ele olhava para ela, cheio de encanto, e não dizia uma palavra. Apenas admirava, em seu cantinho silencioso, as feições da morena de sua vida; os olhos castanhos, o nariz arrebitado, a boca carnuda e as covinhas quando sorria... Uma flor brasileira! A graça e o poder da moça agiram tão profundamente na vida de David, que tiveram o efeito glorioso de fazer murchar a flor lamurienta que um dia alarmara aquele jovem coração.

O primeiro período da relação foi bastante poético. Por muita insistência de Alessandra, David apresentou-a ao seu pai, e do mesmo modo ele foi apresentado à família dela, que contava com uma mãe faladeira e um pai educado. Viveram felizes no solo brasileiro por um bom tempo. Ela se transformou em uma artista plástica reconhecida, e ele reencontrou alguns membros de sua família durante as longas viagens pelo país, honrando a carreira que o capitão lhe creditara.

A vida corria bem, conforme os acordes das notas de uma doce canção, até um soturno silêncio advir sobre a face de Alessandra.

Sendo um oficial treinado, David estudou e aprendeu muitas coisas com seus novos colegas, principalmente sobre o significado da vida e as consequências da morte.

Como aprender a lidar com uma perda? Como superar essa dor que tanto falhamos ao tentar compreender? Com muito empenho, George Vargas discursou parte da sua vida e falou exaustivamente sobre o assunto nas aulas teóricas. Apesar disso, David quase enlouqueceu e perdeu o controle de si mesmo, ao saber da notícia trágica.

Greve de policiais. Balbúrdia no trânsito. Assalto à mão armada.

Houve uma colisão mortal; as pessoas se transformaram em uma espécie de redemoinho humano, as atenções voltadas para o corpo estendido na Avenida Brasil.

Manchete dos jornais?

Mulher perde a vida. Um jovem soldado tenta ressuscitá-la.

Diante do espelho, em seu universo vazio, David observara a face alegre e graciosa da ex-mulher. Ela era linda. Quanta falta lhe fazia!

“Agora eu te entendo, pai. Sei por que chamava pela mamãe.”

Quando David respirou fundo, Alessandra não estava mais ali.

“Ela está morta, jamais voltará.” E de repente, recordou-se também de outra coisa: “A reunião começa às 19h20, e atrasos não serão tolerados.”



DEPOIS DE PERCORRER alguns quilômetros sobre as vias sinuosas da cidade, David estacionou a sua picape Ranger na extensa faixa do departamento, de onde se conquistava uma excelente visão do centro metropolitano. Era parcialmente iluminado por altíssimos postes de energia, rodeado por coqueiros gigantes e vigiado por notáveis guardas-noturnos.

O prédio era de uma louvável arquitetura moderna. Possuía três andares, e suas largas paredes de concreto eram ornamentadas por ardósias levemente brilhantes. As janelas largas e envidraçadas eram seguidas pelos seus respectivos geradores de ar-condicionado. Lá no topo, via-se a honorífica sigla do batalhão.

David sentia um orgulho fora do normal quando observava o prédio. Tinha certeza de que ali era o seu lugar.

Bateu a porta do carro e deitou o olhar no relógio de pulso.

— Caramba...

Eram 19h15, por isso resolveu se apressar sem ao menos trocar algumas palavrinhas com o pessoal da segurança.

Atravessou o salão principal e dirigiu-se ao escritório de George Vargas.

— E aí, David?

O jovem se virou e viu Taj acenando-lhe da porta do refeitório.

Taj sorria enquanto levava à boca uma garrafa de água com gás. O departamento mantinha-se quase vazio nas noites de sexta, por isso a voz do parceiro foi logo perceptível.

“Taj” era o apelido do segundo recruta da COPS: Tadeu Joaquim, um excepcional atirador com táticas de guerra. Além dele, havia mais quatro oficiais: Desmond Kennedy, conhecido como “Deke”, um sargento perito em combates; Wallace Oliveira, ou “Wal”, o melhor piloto do time, e Joney e Fred, ambos atiradores.

Naquele momento, Wal, Joney e Fred operavam em uma missão relâmpago.

Embora não aparentasse, Taj era três anos mais velho do que David. Considerado um dos mais competentes do time, vivia diariamente partilhando de sua quase incessante autoestima e apelidando os amigos com nomes hilários. Possuía características que não conciliavam com a admirável reputação, talvez por adotar uma aparência do tipo rebelde (tendo vintenas de tatuagens espalhadas nos braços e nas costas), ou quem sabe por fazer do riso e o escárnio o meio mais eficaz de ocultar seus verdadeiros sentimentos. Quase ninguém percebia quando ele estava “para baixo”. À exceção de David, que passou a estudá-lo desde quando atuou como parceiro de Taj

numa arriscada operação ao Banco Central, no Rio de Janeiro. Taj atirava como ninguém, e não foi à toa que recebeu o apelido de “bom de mira”. Porém, quando se tratava de apoio moral e trato “amistoso” na cara do inimigo, a sua tolerância despencava a zero. Houve um tempo em que ficou duas semanas detido por desferir um soco na cara de um oficial, alegando em sua defesa que simplesmente não levava desaforo para casa. Apesar disso, Taj era um fiel parceiro, digno de ser considerado o seu melhor amigo.

— Tudo em cima? — David apertou a mão do colega.

Taj apanhou uma mochila que jazia sobre os bancos de visita.

— Não tão em cima quanto à preocupação do capitão!

— Faltam três minutos para a reunião, vamos subir.

— A reunião foi adiada.

— Adiada?

— O capitão não está nos seus melhores dias. Ele falou que chegaria atrasado. Acho que vinte minutos.

David gracejou:

— Pensei que atrasos não fossem tolerados...

— Segundo ele, foi por uma boa causa. A gente vai ter nova companhia.

— Nova companhia?

— Já esqueceu?

David meneou os passos, recordando-se do último memorando. Durante a reunião, seriam apresentados a dois novos recrutas. Como pôde esquecer-se?

— A operação me deixou cansado, cara!

— Tô sabendo! — Taj riu. — Bebeu além da conta também?

— Tu sabe que eu parei de beber... Me fala, tem nomes?

— Sanches — respondeu Taj, certo. — São irmãos.

David pensou em perguntar mais sobre os irmãos Sanches, mas preferiu aguardar.

Na verdade, estava consciente de que em breve saberia de todos os detalhes. Além de “bom de mira”, o seu melhor amigo também era conhecido como “lobo falastrão”, e claro, David aproveitava-se disso.

Prestes a iniciar o falatório, Taj foi interrompido: a porta ao fim do corredor se abriu e um homem forte e de alta estatura apareceu, trazendo consigo um colete à prova de balas. Era Deke.

— O capitão já chegou?

Diferente de Taj nos atos e na aparência física, Deke era bastante reservado, do tipo que se concentrava na missão antes desta começar.

David era capaz de sentir a concentração de Deke povoando cada uma de suas veias. Não era para menos. Deke serviu o exército por dez anos, era o mais velho do grupo e o mais metódico também. Não conversava muito, e as ocasiões em que bebia e se divertia com os colegas eram poucas, porque passava a maior parte do tempo treinando no campo do departamento ou lendo seus livros de mistérios policiais. Alguns chamavam Deke de Guile, devido ao cabelo louro espetado, a cara quadrada de durão e a calça de elite camuflada que nunca deixava de usar. Seu passado é uma incógnita. Alguns dizem que os pais de Deke foram guerrilheiros, por isso ele ingressou no exército. O que David descobriu, é que o avô de Deke serviu no Vietnã, passando com o tempo a ser o seu treinador pessoal. No mais, sabiam os recrutas que o seu silêncio era digno de crédito, pois Deke era um ótimo soldado, e sem dúvidas um dos melhores da COPS.

Taj balançou a cabeça em desaprovação.

Juntos, os três subiram até o terceiro andar e escutaram com antecedência a mescla de vozes preenchendo o corredor. Ecoando do escritório (que era a sala de base das operações da COPS), as falas da secretária particular do capitão e da agente informante se misturavam. Chamavam-se Ingrid Salvatore e Milena Brandão: Uma estava agarrada ao telefone, enquanto a

outra encarava a tela do computador central, expressando aflição.

Estranhando o burburinho em torno da sala, David foi chamado por Leandro, que trabalhava no escritório desde a sua fundação.

— O que aconteceu?

— Foram os oficiais Joney e Fred. Nós perdemos contato. — A fala de Leandro foi atropelada pela súbita chegada de Deke e Taj. — Ingrid está na linha com o capitão.

Os três oficiais olharam para Ingrid, que disse:

— Sim, senhor. Eu os mantereí informados.

— Pelo visto, a reunião foi pelos ares...

A voz de Ingrid atropelou a de Taj:

— O capitão está a caminho, o trânsito está um caos!

— E os novos recrutas?

— Estão com ele.

David aproximou-se da informante, que a cada segundo suspirava com uma profundidade irregular. Ela usava fones e monitorava a localidade dos rapazes. A tela do computador revelava três janelas diferentes, tendo as fotos de Wal, Joney e Fred, em cada uma delas.

Abaixo, piscando em estado de alerta, dizia a seguinte mensagem:

FALHA NA COMUNICAÇÃO

— Há quanto tempo perderam contato?

— Há meia hora — respondeu Milena, concentrada no monitor. — A localização é reconhecida, só não entendo o que causou a queda.

— E cadê o Carlos?

— Em casa. — A informante riu com ironia. — Depois de passar o dia inteiro concentrado na Operação Fogo Cruzado, o capitão resolveu dar uma

folga pra ele...

Se Carlos estivesse ali, Milena provavelmente agenciaria outra ocupação, porque em matéria de computadores e monitoramentos, era ele quem mandava no pedaço. O jovem era um verdadeiro engenheiro da informática, arquiteto de um dos maiores códigos de sua geração e programador da Dark Net, uma discreta ponte cibernética capaz de transportá-lo para os lados mais obscuros da Web. Mestre em criptografia, Carlos conseguiu transformar a Dark Net num avançado sistema de espionagem, conseguindo ter poder sobre as mais poderosas máquinas do país. Conquistando uma gama de fãs apreciadores de seu trabalho em torno do mundo, sua influência chegou aos ouvidos de George Vargas quando a NSA mencionou a legendária existência da Dark Net em uma reunião importante no setor de inteligência americano. Hackers de todo o continente o imitavam, chegando ao cúmulo de considerar o desenvolvedor da Dark Net uma espécie de deus inspirador. Muitas agências financiadas pelo próprio governo tentaram requisitá-lo, mas torna-se amplamente óbvia a razão de que não demorou muito para o capitão contatá-lo, oferecendo-lhe uma sala aconchegante e um admirável soldo em troca de seus serviços engenhosos. David e os demais recrutas ficaram cheios de expectativas quando souberam de sua chegada, e desde o primeiro momento se deram muito bem com ele. Carlos era um nerd atípico; um caucasiano alto, de estatura firme e supina, daqueles que não se gabam quando revelam com brilho nos olhos a sua nova descoberta. Após o seu ingresso nas operações, a autoridade e o avanço da COPS cresceram espantosamente, fazendo com que o capitão atingisse novos patamares. Como ele sempre dizia, “a COPS necessita de novos parâmetros, cujos olhos possam ir além daqueles que integram a humanidade”.

David lamentou a ausência do amigável nerd, cômico de que a Dark Net poderia favorecê-los em quase todos os sentidos. E ainda havia esse detalhe:

somente Carlos poderia acessar a Dark Net!

Parecendo ler os pensamentos do parceiro, Taj falou:

— Se o Carlos estivesse aqui, a essa altura já teríamos notícias dos rapazes.

Milena olhou atravessado para ele, que ergueu as mãos e desculpou-se.

David não tinha colhido todos os detalhes, mas o capitão informou ao grupo sobre a missão relâmpago de seus aliados.

Uma delegacia de um pequeno município, não muito longe da capital baiana, recebera um chamado de emergência. Incapazes de bater de frente com o caso, os militares pediram o apoio da COPS. Não se sabe qual foi a ocorrência, porém Joney e Fred foram recrutados à tarefa, dispostos a descobrirem a raiz do problema, uma vez que parte dos policiais havia desaparecido.

O capitão não deu mais informações. Como nos últimos dias, estava ocupado.

Somente agora, David entendeu o motivo.

No dia anterior, ao lado de Taj e Deke, ele estava armado dos pés à cabeça, contendo um incêndio infernal, enquanto uma menina gritava nos braços de um homem doentio. À custa de muito esforço, conseguiu apanhar o criminoso e, de quebra, resgatar a criança. Apesar disso, um sentimento de angústia continuou no ar. David queria matar o delinquente, embora soubesse que devia atuar de acordo com a lei e enviá-lo para a cela mais imunda do campo de detenção.

“Que a justiça seja feita.”, pensou consigo mesmo.

Na volta para casa, sob o efeito energizante do resgate, nem sequer imaginou o que havia sucedido com os demais aliados.

Tudo parecia estar sob controle.

Pois é... Parecia.

Somente agora, com a ausência do capitão, foi que ruiu sobre suas cabeças

o primeiro sinal de que nem tudo poderia estar tão bem assim.



DAVID CAMINHOU PELA sala e parou diante da mesa que dividia com Taj. Era comum o grupo dividir suas mesas, já que todos trabalhavam juntos. A inesperada aventura de Joney e Fred foi a estreia dessa quebra de “pacto de campanha”.

Sem muito que fazer, decidiram estudar a situação. Deke fez algumas perguntas ao Leandro, o cara que nunca deixava de ter as respostas para tudo. Entretanto, nem mesmo ele soube desvendar os mistérios que assomavam o caso dos rapazes. O capitão era o único que tinha respostas. Ele já devia estar presente há mais de meia hora.

David continuou sentado, mordendo o lábio inferior com uma expressão irresoluta. Parecia tentar esconder alguma contusão, que por mais improvável que fosse, nunca escapou dos olhos atentos de Taj, ainda a bebericar da água com gás.

Numa tentativa transparente de acalmá-lo, pois David, além de ansioso, era pensativo demais, o tatuado tocou no assunto.

— Isso é estranho, cara.

— Desde os últimos trinta minutos, tudo está estranho.

David continuava muito surpreso com o atraso do capitão e a invisibilidade de seus aliados. Milena contou-lhe que cerca de quarenta minutos atrás, Joney abrangeu uma cena difícil de descrever. O local onde estava (pelo que pôde mencionar na mensagem de voz) pareceu ter sido palco de algum homicídio, pois repetira a palavra “sangue” pelo menos dez vezes. Quando David questionou sobre a localização, Milena citou uma cidade do interior, deixando claro que somente o capitão poderia informá-lo melhor.

— Ele está demorando demais. Devemos tomar alguma atitude.

— Eu imagino que a reunião abordará essa atitude.

— Não suporto esperar sentado.

— Então fique de pé — disse Taj, sorrindo.

David não achou graça. Se a reunião fosse abordar essa causa, isso significa que Joney e Fred deixaram o departamento há bastante tempo, talvez ainda antes da operação Fogo Cruzado.

— Isso nunca aconteceu antes. A gente sabe que medidas extremas são tomadas em equipe.

— Lembre-se de que ainda não sabemos a natureza do caso — falou Deke, carregando um cinto de utilidades e mais alguns equipamentos. — Não esquenta a cabeça por causa disso... Os caras logo entrarão em contato. Vamos manter a calma e confiar no empenho deles.

David pensou em dizer algo, mas hesitou.

Lá no fundo, não queria desmerecer os pensamentos positivos de Deke. Sabia que Joney e Fred eram excelentes profissionais, e não seria necessário comprovarem isso. Mas havia nesse quebra-cabeça alguma peça inconsistente, e a árdua realidade de saber que o capitão estava ausente o deixava profundamente incomodado. Havia também outra peça: os irmãos Sanches, que David gostaria de conhecer. Num esforço crítico, tentou abrangê-los para Taj, que dispunha das poucas, mas interessantes informações.

— Fiz um levantamento das fichas deles — contou o tatuado, abrindo uma das três gavetas da escrivaninha de seu computador. Apanhou alguns ofícios grampeados e colocou nas mãos de David, que alçou os sobrolhos ao ler as duas denominações.

Pelo que constava no ofício, os Sanches eram, na verdade, um casal de irmãos: Lívia Sanches e Calebe Sanches, dois brasileiros que, anos atrás, operavam na Nova Zelândia.

Taj provocou:

— Impressionado?

— Não vou mentir. É a segunda vez que me surpreendo hoje. — David devolveu a folha de Calebe e ficou a analisar o arquivo de Lívia, a mulher cuja imagem prendeu sua atenção. — Ela já passou pelo FBI!

— Um treinamento de campo, e isso deve ter animado o capitão!

— Demais da conta.

— Ela é uma verdadeira entendedora da guerra fria. Teve a honra de conhecer os melhores agentes da Scotland Yard e, para a nossa alegria, também tem uma história nesse país. Diz aí se isso não é maneiro?!

A fotografia de Lívia revelava uma mulher de aparentes trinta anos. Um semblante fino, esbelto e trigueiro, olhos grandes e escuros e uma boca

carnuda. O cabelo estava preso, mas a julgar pelo brilho da foto parecia ser longo e cacheado. David também notou parte do uniforme que ela trajava. Em resumo, a beleza era um predicado incontestável, mas dentre todas as qualidades, nenhuma poderia ser mais marcante que a bravura refletida em seus olhos.

Taj continuou falando, aqui e ali, sem perceber que mal estava sendo ouvido:

—... E passou por um puta treinamento secreto de infiltração! Ou seja, a COPS realmente necessitava dessa mulher. O seu irmão fez parte de um esquadrão antibombas, portanto, no quesito de força bruta, mal deve ser comparado. Seja como for, ele deve possuir alguma habilidade especial, caso contrário não acabaria aqui... Desconheço o lance deles na Nova Zelândia. Ela é muito gata, e tem cara de brasuca mesmo! Tô doido pra ver ela cara a cara!

— Você não perde o costume, hein?

Permitindo-se impressionar um pouco mais, David folheou as últimas páginas do arquivo. A respeito da larga e proveitosa experiência de Livia, tirou as suas próprias conclusões. Antes de se mudar, ela tornou-se uma grande influência para o serviço secreto da Nova Zelândia, conseguindo impedir um ataque terrorista em nome da segurança do presidente. Sua carreira começou quando ingressou para o serviço de inteligência do país, tornando-se uma excelente burocrata, (sem, todavia, garantir-se no cargo). Daí então passou a conviver com Calebe, seu único irmão, e juntos foram aceitos numa das operações do FBI. Por conseguinte, ela recebeu baixa do departamento, e a razão deste feito pegou David de surpresa.

— Fluente em inglês, espanhol, português e francês... — Ele foi para a última página, dialogando. — Imagino que ela foi descoberta pelo capitão quando... — Na pausa que fez, deixou o queixo ceder um pouco mais: —...

Trabalhou para a ABIN até o último mês?!

— O sistema brasileiro de inteligência? — indagou Leandro. — Puta que o pariu!

David anuiu, os olhos pregados no arquivo.

Deke retornou:

— Parece que a nossa nova aliada gosta de um “bota-fora”.

— Nisso eu devo concordar! — fez David, sorridente.

Como de costume, Taj gargalhou.

— A não ser que o salário estivesse magro! Ela pode não ter durado muito por onde passou, mas espero que passe um bom tempo aqui com a gente.

Era a primeira vez que o oficial Cordova ouvira falar da oficial Sanches, mas sentia, com uma profunda satisfação no peito, que lidaria muito bem com ela. David nunca soube julgar alguém através de uma imagem, porém o lance de Livia foi diferente. Ela não denotava ser aquela figura comum que estamos acostumados a ver no âmbito policial; apanhar uma pistola, carregá-la e apontá-la em meio a uma série de impropérios descomunais... Não parecia ser aquilo. David não sabia explicar, mas a imaginava de um modo completamente diferente. Isso o fez sentir-se bem, tão bem que mal notou a porta do escritório ser brevemente escancarada por duas grandes e conhecidas mãos.

Seguido pelos irmãos Sanches, George Vargas entrou na sala e cumprimentou a todos, apresentando os novos recrutas da COPS.

Todo mundo se levantou.

Taj acenou para David, que escondeu as fichas.

Finalmente, a reunião começaria.



David pensou consigo mesmo: “Diferente.” Exatamente como supusera meio minuto antes do capitão empurrar a porta. A oficial Sanches era revestida por um caráter original. Sua seiva era única. Não apresentou nenhum tipo de insegurança ao adentrar a sala. Seria puramente natural sentir-se aflita, acuada — quem sabe? —, mas nem disso ela chegou perto. Autêntica no jeito de ser e de se portar, observou com cautela cada um dos homens presentes no escritório e saudou-os com fortes apertos de mão. Quando ficou próxima de David, libertou um meio riso e, do mesmo modo amigável, o congratulou.

— É um prazer conhecê-lo, oficial Cordova.

— Igualmente, oficial Sanches. Seja bem-vinda a COPS.

— Ouvi falar muito bem de você.

David retribuiu o riso.

Ela trajava botas de couro, calça e blusa bem ajustadas e tinha um coldre vazio agarrado à cintura. Seus cabelos cacheados estavam presos, estilo rabo de cavalo, mas deveriam atingir a região dos ombros, quando soltos.

Calebe não se parecia nem um pouco com a irmã. Seu rosto comprido, grosseiro e barbado estava a anos-luz de distância daquele exemplo perfeito de formosura e coragem. Quem o visse poderia até julgá-lo erroneamente (David foi um exemplo e até arrependeu-se por cometer, ainda que secretamente, uma injustiça tão ordinária), mas quando Calebe resolvia soltar a voz e revelar os alvos dentes, contagiava a todos com seu riso histérico e avassalador. “Ele era fumante!”, replicou Lívia durante a primeira salva de palmas e gargalhadas — um momento tão marcante, que os oficiais se esqueceram da verdadeira importância da reunião.

E então todos se endireitaram em seus lugares, contendo-se para ouvir o capitão palestrar.

David fungou depois da breve risada e adotou o seu comportamento genuíno. Gostava muito de ouvir as palavras do capitão, que eram por vezes inéditas e memoráveis. Ele começava com um discurso breve, trocando ideias baseadas nas suas inolvidáveis missões. Depois trazia à tona suas teorias, comparando-as com cada um dos soldados. O desfecho era a melhor parte, pois tudo se resumia a um dinamismo deleitoso de perguntas e respostas. Finalizado o discurso, falou um pouco sobre os irmãos Sanches (nada que David já não soubesse) e apresentou-lhes um pequeno cronograma a respeito dos oficiais Wal, Joney e Fred. Foi nessa parte que entraram em cena os preciosos detalhes que melhor evidenciavam o seu código de conduta.

— É importante que saibam que a reunião abordaria a chegada dos irmãos Sanches (eis o motivo de trazê-los). Mas ocorreu-me um empecilho de última hora, envolvendo os nossos colegas, e o quadro mudou. Como já sabem, Wal, Joney e Fred foram atender a um chamado relâmpago — O capitão locomoveu-se até a lousa da sala e puxou rapidamente um mapa do Estado da Bahia, que ali pendia. — Eles deixaram o departamento ao meio-dia. Tomaram um helicóptero e foram sobrevoando a direção sudoeste, até planarem aqui...

Com um marcador, desenhou um legível X sobre a pequena área do mapa, cuja localização lhes revelava um agrupamento de altos-relevos florestais. Para a curiosidade dos ouvintes, a mesma área também era desprovida de denominação, muito embora todos soubessem que naquela região existia habitação humana.

Com papel e caneta em mãos, David anotou duas palavras e encarou Milena, sem compreender a razão de ela ter-lhe omitido mais detalhes daquele tão pequeno local, onde o mistério passou a ganhar vida.

O capitão prosseguiu:

— A polícia militar de Santa Tereza recebeu um chamado de emergência

vindo desse local. Trata-se de um pequeno vilarejo (ou povoado, como queiram chamar) pertencente à prefeitura de Jequié. Segundo o tenente César Borges, que foi quem nos contatou, o chamado veio de uma subdelegacia rodoviária, situada na principal estrada que nos leva até lá. A pequena cidade é pouco conhecida, seu nome nem está gravado no mapa, mas os nativos a denominam “Paraíso Florestal” devido a sua riqueza natural em florestas e vales montanhosos. É povoada por uma comunidade de cerca de trezentos habitantes. A maioria vive do trabalho rural e desfruta de pequenos recursos e constituições públicas (desde escolas e postos de saúde a hospitais e pequenas subdelegacias), mas, em contrapartida, a comunidade não conta com nenhuma repartição. Por decisão do governo, que na primavera de 1978 realizou uma série de investigações estranhas no local, Paraíso Florestal tornou-se oficialmente um distrito de Jequié, e isso obrigou seu povo a realizar atividades legislativas fora de seu berço, como o voto, por exemplo. Na época, isso ocasionou uma grande revolução por parte dos fazendeiros que viviam da colheita do cacau, sem, todavia, conseguirem transformar a sua terra fértil numa “urbe igualitária”.

David aproveitou o interstício para realizar uma nova anotação. Antes que o capitão voltasse a falar, virou o rosto levemente para o lado e observou, admirado, a oficial Sanches escrevendo alguma coisa. Ela parecia ser bastante atenciosa.

— O que devo ressaltar — retomou o chefe — é que algo de anormal ocorreu naquele lugar; algo que a polícia de Santa Tereza não conseguiu combater. Por isso tomei a decisão de enviar Wal, Fred e Joney para investigarem a região.

Taj elevou a mão. O capitão acedeu.

— Senhor, o que o passado de Paraíso Florestal tem a ver com o caso?

— Que pergunta idiota... — falou Deke de repente, sem ao menos encarar

o parceiro.

Taj afrontou-lhe, seguido pelos demais.

Deke ficou em silêncio, atento às palavras do capitão, que o repreendeu:

— A pergunta do Taj não foi idiota, Deke. Apesar de ordinária, ela foi essencial para o trabalho da equipe.

Taj reanimou-se.

Deke não se incomodou.

— Respondendo a pergunta — disse o capitão —, sim, talvez pareça perda de tempo de minha parte apresentar informações históricas sobre o povoado... Porém, isso não restringe o verdadeiro caráter da nossa operação. Tenho meus próprios motivos para crer que o que houve em Paraíso Florestal está diretamente ligado ao seu passado.

Taj deu-se por satisfeito.

George Vargas acenou de forma breve para a informante, e esta lhe correspondeu com um olhar positivo, desligando as luzes do escritório para ativar o mais sofisticado projetor de multimídia de sua geração. Num pequeno clique, um mapa digital se abriu na escuridão, e as luzes azuladas, vermelhas e esverdeadas, traçadas pelas amarelas das estradas estaduais, iluminaram os rostos curiosos dos ouvintes. Estava ali, rodeada pelos mais antigos relevos da história, a misteriosa região de Paraíso Florestal. Enquanto observava a grande tela, David percebeu com perspicácia que, se decalcado por um marcador, o povoado ganharia o formato peculiar de uma cruz. De algum modo, isso fez com que ele sentisse um leve sopro na nuca e, posteriormente, uma vontade fugaz de gargalhar.

O capitão levou meio minuto até dizer:

— O tenente César Borges nos contatou por volta das 11h40 da manhã. Disse-nos que o chamado de socorro foi realizado por uma mulher, em estado de pânico, e que necessitava de ajuda em Paraíso Florestal. Ela não deu mais

informações. Joney e Fred deixaram a cidade a bordo do nosso helicóptero, sob os comandos do Wal, que deu cabo de levá-los até o local com segurança. Mantivemos contato até a sua chegada a um posto rodoviário. Fomos informados de que o helicóptero não poderia pousar no povoado em questão, devido às condições do terreno. Surgiu então a primeira queda de sinal. — Houve um tom asseverado na voz de Vargas, seguido por um leve toque de preocupação. — Ainda desconhecemos a causa, mas... Há indícios de que um massacre ocorreu por lá. Nas ruas de Paraíso Florestal, Joney repetiu a palavra “sangue” dez vezes, e antes de ficar incomunicável descreveu estar diante de um hotel vazio.

O clima na sala ficou pesado.

Alguns minutos se passaram quando o capitão e seus recrutas trocaram argumentos e mais perguntas teóricas sobre a situação.

Taj e Livia questionaram a respeito da ação tomada pelos policiais regionais, assim como David levantou algumas questões sobre as coordenadas e as respectivas zonas e setores a serem tomados. O chefe explicou que cinco policiais militares atravessaram a fronteira da cidade, mas sumiram. Joney e Fred, a essa altura, já haviam estabelecido um perímetro de busca. Falaram sobre a cidade, as altas florestas, e seguidos por mais cinco policiais do César Borges, destinaram-se para além de Paraíso Florestal. Quanto ao resto, percebeu a equipe que cabia somente a eles descobrir.

— Joney ficou de fazer e enviar um relatório. Dadas as circunstâncias, ou perderam combustível, desligaram o rádio ou... Sofreram um acidente. Seja como for, a falta de comunicação nos obrigou a tomar a decisão de fazer o que fazemos nesta situação. — Vargas afrontou cada rosto de sua equipe. — Milena ainda está atenta ao monitoramento, aguardando qualquer melhoria no sinal. O que devemos fazer é descer até aquele povoado, reencontrar os nossos homens e garantir a eles (ou a qualquer possível vítima) total

segurança. Entenderam?

— Sim, senhor.

— E por que faremos isso?!

Juntos, todos os soldados retumbaram:

— Porque esse é o lema da COPS!



DAVID SENTIU UM novo sopro na nuca. A força que o seu velho e conhecido comandante impôs ao dizer aquelas palavras deixaram-no em estado de alerta. Só então pôde raciocinar com mais ponderação sobre todos os possíveis acontecimentos, desde o chamado emergencial até o desaparecimento de seus parceiros. Uma perda de sinal, como sabia, só podia estar associada a falta de combustível, ao desligamento do transmissor do helicóptero ou — na pior das hipóteses — a um acidente.

O capitão desacreditava de uma possibilidade tão tétrica e hedionda, mas David era experiente demais para simplesmente dispensá-la. Não queria pensar nisso, ou como diriam os colegas dos tempos da marinha: não queria

se portar feito um homem pessimista, ainda que soubesse que evitar tal pensamento era um esforço impossível.

O capitão guardou o marcador e pediu que Ingrid ligasse as luzes. Quando a sala clareou de novo, ele montou a equipe nos próprios pensamentos e falou:

— Deke. Você será o líder.

Satisfeito, o louro anuiu.

Os demais estranharam.

— Prepare o time, e dentro de dez minutos, encontre todos na cobertura.

— Sim, senhor.

— Boa sorte!

Taj olhou para David, que trocou olhares parcimoniosos com Lívia. Ela notou que um clima desagradável pousou na atmosfera, porque Deke agiu feito um competidor quando prospera numa aposta. Todos sabiam que David, por saber operar os comandos do capitão com perfeição, era sempre apontado como líder, e não se vangloriava disso. Na realidade, mostrou-se satisfeito por Deke ter sido o líder desta vez. Desanimava-lhe a ideia de estar sempre acima dos demais. Mais do que isso, Vargas era do tipo que sabe o que faz, e o jovem oficial merecia um descanso.

O capitão soltou um molho de chaves em cima da mesa e deixou a sala.

Preparado para entrar em ação, Deke ergueu-se da cadeira e com sua primeira série de ordens conseguiu alertar toda a equipe.

— Milena, arrume o painel de controle e tente um novo contato. Eu quero dados.

— Entendido.

— Leandro, vou precisar da sua ajuda para equipar o helicóptero.

Deke apanhou as chaves na mesa e fitou os irmãos Sanches.

— Calebe, junte-se ao Taj e reúna os coletes e mochilas. Lívia, junte-se ao

David e tratem de apanhar as armas e levá-las carregadas para o nosso helicóptero. Encontrem-me na cobertura em cinco minutos. Vamos lá!

Nessa hora, cada um tomou seu rumo.

Deke abandonou o escritório na frente de Leandro, tomando o caminho oposto ao de Taj, que rumou com Calebe ao andar inferior para apanhar os recorridos equipamentos. Havia um armário reforçado lá embaixo, repleto de coletes.

David reencontrou Livia para juntos lidarem com aquilo que mais gostavam de fazer numa operação: a escolha das armas.

— Começamos bem, parceiro — ela brincou com uma piscada.

Sorridente, David aquiesceu.

Quando destrancaram a porta de metal do armário e esta se abriu, apreciaram um poderoso arsenal de rifles, metralhadoras, pistolas e inúmeras caixas de munição; todas à espera do seu tão aguardado uso. Como tinham apenas cinco minutos, resolveram não jogar muita conversa fora.

— Qual é a sua preferida? — iniciou David, apanhando um rifle enquanto ajustava o coldre nos ombros.

— Adoro pistolas e submetralhadoras — ela confessou. — Mas não posso esconder o fascínio pela minha coleção de facas!

Por causa do alerta, o departamento acabou sendo preenchido por mais policiais. Calebe passou por dois deles quando atravessou o corredor do primeiro andar e viu Taj cumprimentá-los. O armário com os coletes estava logo à frente.

David e Livia continuaram a separar as armas e as munições. Ainda tinham três minutos até que verificassem todas as pistolas e rifles, e mais um para se prepararem em seu vestuário.

Milena persistia no monitoramento, mais rezando que repetindo o chamado de busca.

O som dos passos de Deke ecoou pelo último corredor do terceiro andar. Ele recebeu o ar gelado da noite e desceu até o heliporto, pensando arditamente sobre o cargo que lhe fora confiado e na série de coisas que estava predestinado a fazer. O que havia organizado até então? Os armamentos, os coletes e equipamentos. “Não se esqueça da caixa de primeiros socorros!” Recordara-se de que havia uma caixa no próprio helicóptero da COPS. “E o mais importante, não se esqueça de emitir o relatório!”

Deke estava calmo. Duro feito uma rocha, era íntegro no que fazia e dava o melhor de si para cumprir as missões. Finalmente provaria ao capitão a grandeza da sua bravura! Fazia tempos que se preparara física e mentalmente para abraçar a chance que lhe fora entregue de bandeja. Ele abominava a calma do departamento, e aguardara esse dia como faria um predestinado vencedor da loteria na véspera do ano novo. Não dava a mínima para o tamanho do problema (se é que a palavra problema definiria a situação atual), pois a emoção crescente de estar na liderança o deixara excitado.

— Não ouse temer. Não ouse falhar — disse para si mesmo. — Você realizou grandes feitos, liderou um exército. Mais do que todos aqui, é uma prova viva de que os fortes não vieram ao mundo para fracassar. A palavra é sua; a missão é sua. Portanto, ela será obedecida.

Deke estava consciente das medidas tomadas pelo comandante. Isso significava que deveria liderar o grupo com agilidade e segurança absurdas. Uma responsabilidade e tanto. A equipe era composta agora por mais dois recrutas, e na vida de um oficial da COPS, nada era mais importante do que o próprio lema; salvar vidas, estar seguro, trabalhar em equipe, e tudo isso sem falhas. Aos poucos, talvez por tratar-se de um líder agora, Deke passou a temer pela segurança dos aliados desaparecidos.

Droga. Esperava mais do que tudo que Wal, Joney e Fred estivessem

bebendo cerveja em algum bar de estrada, apenas o aguardando para confessar aos risos que ficaram sem combustível e pousaram para “descansar”.

Leandro correu até o helicóptero, que era um modelo AW139, adiantando a revisão. Deke realizou uma pausa, observando as incontáveis luzes coloridas que contornavam o centro metropolitano. O odor de óleo impregnou todo o heliporto, e ele se deu conta de que seu destino se aproximava. Com o coração batendo forte, avistou a chegada dos companheiros, puxou a porta do transporte e entrou.

A pequena caixa de metal com uma cruz vermelha entalhada foi vista no interior do AW139.

— Primeiros socorros confirmado!

Esperou a chegada de David e Livia, que devidamente armados e equipados entraram no transporte. Deke acenou de forma positiva e se acomodou na cadeira do piloto. Para manter a cabeça fria, tentou não pensar em demasia, mas as qualidades do oficial Cordova e da oficial Sanches dominaram sua mente. David, isso Deke tinha de confessar, era digno da estrela que carregava no peito. Ágil e atencioso. Menos de sete minutos se passaram e já estavam prontos para fixarem os cintos de segurança nos bancos traseiros. Isso sem mencionar que as armas já estavam devidamente preparadas (e bem polidas).

Satisfeito, Deke colocou o capacete e ajustou a frequência do rádio; ajeitou os óculos escuros e devotou sua atenção à porta.

— Tudo certo, sargento! — Leandro sinalizou, deixando a cabine para Taj e Calebe passarem; tinham acabado de se aproximar do helicóptero, munidos por coletes, mochilas e lança-granadas nas costas.

Por fim, Leandro encorajou o piloto a ligar as pás. O motor começou a funcionar e, aos poucos, as largas hélices entraram em movimento.

Quando o helicóptero flutuou, ao longe, Leandro saudou o grupo respeitosamente e arrematou num aceno edificante:

— Que Deus os acompanhe!



— Está preparado? — Livia perguntou a David.

— Não muito. E você?

— Tô mais ou menos.

Taj interveio:

— É uma boa maneira de confessar o medo, parceiro.

— Medo?

— Que custa admitir? Eu também tô com medo. Não estamos sobrevoando a cidade no intuito de conter uma desordem, um incêndio ou um assalto ao Banco Central. É outra parada... Outro dilema.

— Eu não tô com medo. — David quebrou o suspense do amigo. — Só não me sinto confortável, cara.

— Então admita que a estranheza é um fato!

— Não sei. — David alimentou o ar de tranquilizado, mas é claro que, no fundo, era alvo da estranheza indizível. — Quer saber a verdade? Tô tentando refletir sobre os passos que vamos seguir quando chegarmos a Paraíso Florestal.

Taj admitiu:

— Nunca ouvi falar nesse lugar.

— Nem eu...

A noite estava linda. Uma lua brilhava no horizonte. Uma série de luzes de diferentes cores e tons se misturava logo abaixo. E prédios gigantescos,

cintilando sob inesgotáveis dísticos, agora rareavam, dando passagem a casas do subúrbio. Amante de paisagens urbanas, David observava todas elas nas viagens que fazia. A diferença é que sempre houve um motivo especial para tal encanto. Agora o encanto se perdera. Ele não viajava para descansar durante as férias. Viajava para solucionar um caso que poderia envolver a morte de seus aliados.

Lívia, outra vítima do efeito:

— É a minha primeira missão na COPS. — Sua voz assumiu um tom de desabafo. — E vejam só... Eu tô com medo.

— Tá me zoando? — indagou Taj.

— Não me envergonho disso. Tô com medo, sim.

— Mas também está segura — encadeou David, deixando a única mulher do grupo levemente confortada. — É isso o que importa. Estar firme na operação, sob controle. É o que nos ensinaram e o que nos foi passado; o que um soldado da COPS faz.

A oficial Sanches inclinou um pouco.

Os dois sorriram um para o outro.

Com um quê de zombaria, Calebe e Taj entreolharam-se.

No banco da frente, Deke pilotava o helicóptero sem dar atenção ao restante da equipe. Em virtude do silêncio, parecia ser o único passageiro.

De maneira discreta, Taj chegou mais perto de David e resmungou:

— O que você achou da escolha do capitão?

Foi uma pergunta simples e direta, mas também desagradável.

“Você tinha que tocar nesse assunto agora, seu falastrão?”

Não havia escapatória para as perguntas de Taj. Mas ninguém é perfeito. A língua dele equivalia à boa camaradagem. Com seus tímpanos de gato, David entendeu a indagação, sendo que o amigo não a fizera com más intenções. Era um oficial respeitoso, e semelhante a tantos outros, curioso além da

conta. Apesar de brincalhão, mesmo nas horas indevidas, ele abominava o cinismo e ia direto ao ponto.

“Pelo menos” pensou David, “eu vou me distrair um pouco...”

— Quer saber? Foi uma boa escolha.

— Me poupe... — Taj disse num esgar. — Tá levando a escolha a sério?

— Eu tô, porque o capitão sabe o que faz.

Definitivamente, a resposta não convenceu o tatuado.

A escolha do capitão o abalara, porque até então, somente o oficial Cordova recebia o cargo de líder, sem nunca cometer uma falha.

— Pois fique sabendo, parceiro, que a escolha também faz parte da estranheza.

— Quer dizer o que com isso?

— Vou fechar a matraca. É melhor ficar atento à missão. — Taj voltou a se ajeitar no banco, agindo seriamente. — A escolha já foi feita.

— Agora quem tá ficando estranho é você... — replicou o ex-líder. Mais do que todo mundo, sabia que Deke era o líder, mas teve uma intensa vontade de repartir com seus amigos passo a passo do perímetro que estipulara na mente astuciosa. “Chega de fantasias. Você não é o líder. É o Deke, que para todo fato tem muita capacidade.” Gostaria de compreender mais sobre as virtudes de Deke, mas o caráter dele ainda era um baú enterrado. Ninguém sabia muito sobre o Guile da COPS, e ao que tudo indicava, continuariam sem saber por um bom tempo. —... E eu voltarei a dizê-lo, camarada: foi uma boa escolha.

O tatuado, diferente daquele oficial falastrão, resmungou em desacordo. Suas ideias a respeito de Deke já haviam sido formuladas há muito tempo. Já os irmãos Sanches ficaram calados, sendo que no seu íntimo concordaram com David. À exceção do inegável individualismo, Deke era um sargento perfeito. Não encontraram razões convincentes para descartar a sua

capacidade para lidar com a operação, pois viveram com muitos oficiais em sua carreira policial; os risonhos, os certinhos, os malandros e os solitários; esta última categoria deveria se encaixar com o perfil de Deke. Tudo é uma questão de natureza.

Vendo o próprio reflexo no vidro da janela, David pensou em Taj:

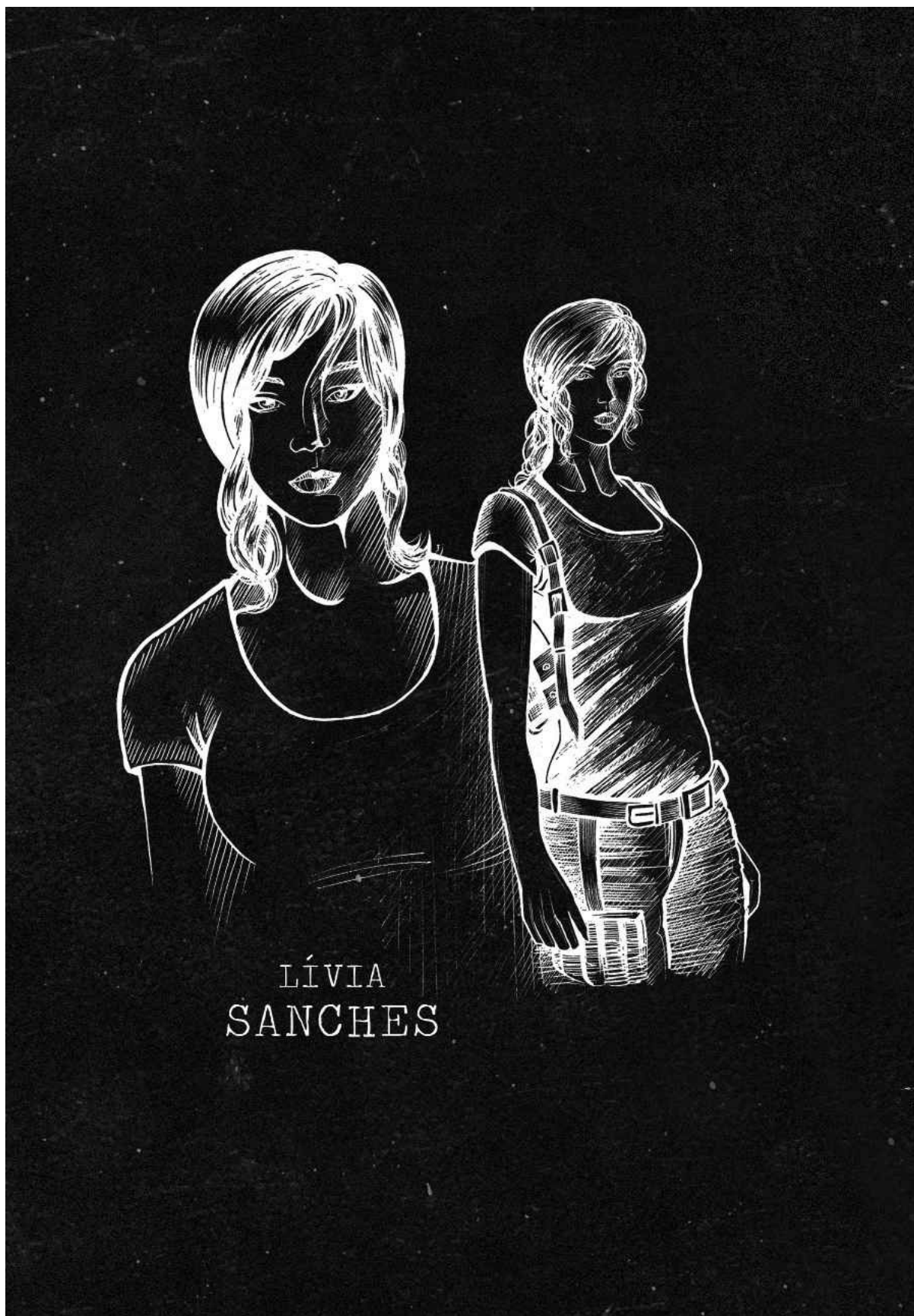
“Coloque na sua cabeça que o sargento não adotará um novo personagem por sua causa. Se existe entre vocês algum problema, é melhor superá-lo, porque agora você vai ter que obedecê-lo.”

Taj pareceu ter lido tal pensamento, pois finalmente caiu em si e, de olhos fechados, viu que o assunto sobre Deke não os ajudaria em nada. Aproveitou o ensejo e permaneceu em silêncio para rezar. Não se considerava um homem religioso. Na sua infância, era levado à igreja somente aos domingos, e, ainda assim, Taj admitia não suportar ouvir as palestras do padre. Sentiu naquele instante que deveria pedir perdão por ter zombado tanto das palavras de Deus. Primeiro porque ainda estava com medo, e segundo porque tinha a leve presunção de que talvez pudesse ocorrer alguma coisa inesperada.

Um pressentimento funesto o congelou...

Quando reabriu os olhos, Taj engoliu com peso e bocejou, observando a maneira que David se distraía na janela.

“Talvez eu esteja errado, camarada” pensou. “Mas o seu olhar me diz que está com medo.”





PASSARAM-SE VINTE MINUTOS silenciosos. O barulho do motor e das hélices do helicóptero foi o único som audível. Lá embaixo, pequenas luzes de diferentes pontos se destacavam sob a névoa da noite; ora sobrevoavam um povoado, uma nova cidade ou mesmo afastadas fazendas sobre largos campos camuflados nas sombras dos montes.

Meia hora depois, já estavam sobrevoando os relevos montanhosos, motivo pelo qual Deke fez o transporte aumentar a altitude. Com a lua escondida atrás das nuvens, a noite os abraçava numa penumbra infinita, mas, ainda assim, era possível avistar as árvores que sacudiam ao vento gelado.

David usava uma bota de couro, uma calça altamente reforçada e uma

camisa do batalhão que agia no seu corpo como uma segunda pele. Embora carregasse seus equipamentos de segurança e coldres reforçados, era impossível libertar-se do frio.

Lívia suspirava, vibrando dos pés à cabeça. Calebe roçava as palmas das mãos. Taj assoprava.

Entretanto, havia nesse clima pesado uma espécie de fulgor indescritível que prenunciava catástrofe... Nesse instante, porque cochilava, David levou um susto, desencostando-se do vidro da janela para respirar o ar da severa realidade. Relembrou que dormiu o dia inteiro, e o cansaço não fora saturado. Quando despertou, percebeu que se passou mais uma hora, e que as terras férteis de Paraíso Florestal estavam próximas.

Deke começou a emitir uma mensagem para Milena. Diminuiu a altitude e observou o visor do GPS. O pequeno povoado não constava no mapa. Constatou o tempo favorável, manobrou o transporte e preparou-se para pousar.

— Dez minutos até descermos, pessoal! — Sinalizou rapidamente com a enluvada mão e pediu que todos se segurassem. — Estejam preparados!

— Já estamos chegando? — indagou Lívia, sem conseguir enxergar uma centelha nos arvoredos lá em baixo. — Não vejo nenhuma luz.

— Eu também não — secundou Calebe, e as demais vozes concordaram.

Começou a cair uma chuva fina, momentaneamente assoprada pelo vento.

Os soldados viram novos vales montanhosos e muitas árvores, mas ainda não conseguiam deter a visão da pequena cidade.

Foi inevitável não se angustiar em tal instante, ou não supor uma série de acontecimentos ruins, já que prosseguiram sem notícias dos parceiros desaparecidos.

Suas cabeças viravam de um lado a outro, buscando algum sinal de esperança. Sete minutos depois, para o alívio e o agrado de todos, além da

montanha mais baixa apareceu a conhecida e tracejada rodovia, superdestacável graças a uma placa fosforescente de metal que revelava em um tom esverdeado:

PARAÍSO FLORESTAL A 1 KM

Aproximaram-se das brisas. Quando o helicóptero desceu, a equipe se arrepiou. Enquanto Deke se aproximava do solo, examinando e seguindo o curso da estrada, David continuava com a cabeça encostada na janela, observando, desta vez, uma maior concentração de névoas que escapava das matas. A névoa estava tão densa que David sentiu que seria capaz de apalpá-la e até mesmo mastigá-la.

— Há uma luz ali na frente — exclamou Livia.

— Chegamos à subdelegacia — anunciou Deke, aproximando-se de uma pequena construção, situada quinhentos metros à frente. — Há um anel rodoviário próximo do posto. Pousaremos ao centro.

Através do vidro molhado, David deteve as luzes da subdelegacia. Um prédio pequeno, cercado por cones fosforescidos e alaranjados. Por mais que tentasse, não conseguia constatar ninguém. A água escorria pela exterioridade da janela, e isso dificultava a visão.

Logo à frente, estava o anel rodoviário.

Não havia nada de interessante por ali. Era apenas um círculo de pedras dividindo a rodovia, que era traçada por dois potentes quebra-molas que retardavam a velocidade dos veículos para facilitar a visão dos policiais rodoviários.

O terreno pontilhado pelo musgo era potencialmente amplo, o que possibilitou a Deke um pouso tranquilo, sem muitas dificuldades.

Preparados, os membros da equipe suspiraram, sentiram o transporte

encostar-se ao chão e se desprenderam dos cintos de segurança.

Saíram pela porta, respectivamente: David, Taj, Calebe e Livia; armas e equipamentos em punho. Afastando-se do poderoso vento abrasador causado pelas hélices, correram rapidamente em fila, na direção do posto, e a poucos metros deste frearam para esperar o sargento.

Deke aguardou um instante, informando a Brandão que a equipe tinha acabado de pousar. Notou que uma forte onda de estática interferia na comunicação.

Não seria a área, ou quem sabe, a névoa, o fator responsável pela queda de sinal dos outros rapazes?

De qualquer maneira, conseguira comunicar-se com Milena, coisa que Wal tinha feito por rápidos minutos, antes de desaparecer.

Os quatro soldados esperavam ansiosos. Deke caminhava com estilo, e a julgar por aquele ângulo, de fato se assemelhava ao personagem Guile.

Sua voz eclodiu quando as hélices do helicóptero pararam:

— Qual é o nosso lema?!

E os demais exclamaram:

— Salvar vidas, estar seguro, trabalhar em equipe, e tudo isso sem falhas!

Parou diante dos quatro oficiais, aprovador. De onde estava, captava um ângulo perfeito da subdelegacia; uma casa parcialmente iluminada e estranhamente deserta. Talvez o policial estivesse ocupado no banheiro, ou quem sabe cochilando.

— Já planejei um perímetro de inspeção e busca — disse Deke. — Faremos do seguinte modo.

No entremeio dessa frase, David engoliu rapidamente, desejando que os planos de Deke fossem próximos dos quais havia estipulado.

“Por tudo que é mais sagrado, não separe o grupo!”

Uma das coisas mais importantes que David aprendera, ainda na marinha,

era que em situações arriscadas, um grupo não devia agir separadamente. A regra pautava em agir na companhia dos colegas, em uma busca rápida, segura e coletiva. Enquanto ouvia Deke falar, seu peito batia em contrapeso e a mente conspirava contra a separação.

— Somos cinco. Ainda não sabemos qual problema enfrentaremos daqui pela frente. As palavras do capitão foram claras. Nossos parceiros vieram até aqui, e desapareceram. Vamos resgatá-los, e coletaremos todos os dados. Entendido?

— Sim, senhor!

Deke encarou o primeiro da fila:

— David! Quero que você e Taj se dirijam ao posto rodoviário.

Os dois acederam.

— Coletarão todas as informações que o policial recebeu durante o chamado e aguardarão o nosso sinal. — Rápida pausa, e Deke agora encarou os irmãos Sanches. — Vocês virão comigo. Nós vamos descer e explorar a pequena Paraíso, sempre atentos à nossa volta e, é claro, na escuta.

Taj falaria alguma coisa, mas a voz do sargento, tão alta e poderosa quanto ele mesmo, sobrepuja a do oficial:

— Dúvidas?!

— Não, senhor! — três vozes exclamaram.

Exceto a de Livia Sanches, que simplesmente soltou:

— Peço permissão para fazer um pedido, sargento.

Novo silêncio pousou sobre a equipe.

Calebe, duvidoso. Taj, surpreso. David, curioso.

Deke forçou a arcada dentária, passou o peso do corpo de um pé para o outro e cruzou os fortes braços. Ainda estava de óculos escuros, por isso Livia não pôde encará-lo diretamente nos olhos.

— Permissão concedida.

— Peço que me coloque no lugar do Taj.

Silêncio.

Atrás de Livia, Taj franziu o cenho.

Deke indagou:

— Por que deseja ocupar o seu lugar?

— Um juramento que eu e o meu irmão fizemos, ainda antes do treinamento.

— Explique-se.

Livia obedeceu:

— Como prova de que iríamos nos acautelar mais nas operações do que em nós mesmos, teríamos de agir separadamente.

Deke coçou o queixo.

— Sempre fazem juramentos, é?

— Quase sempre.

Sem nenhuma expressão facial, o sargento se manteve calado por quase meio minuto, até virar-se para Calebe:

— Você está de acordo, soldado?

Calebe parecia desconcertado, deixando na irmã a leve impressão de que não concordaria.

Porém, voltou a encarar o líder, acatando o pedido da mulher.

— Estou de acordo, senhor.

— Sendo assim — anunciou Deke —, a oficial Sanches ocupará o lugar de Taj, e seguirá juntamente ao oficial Cordova até o posto rodoviário.

— Obrigada, senhor. — Livia passou para o lado de David, escutando uma leve tossida causada por Taj quando ele cruzou-lhe o caminho.

Por mais um instante, Deke continuou de braços cruzados, como se esperasse um novo pedido por parte da equipe.

— Mais alguma objeção?

— Não, senhor!

Já estavam devidamente separados. Deke, Taj e Calebe de um lado, e David e Livia do outro.

Suas armas brilhavam em suas mãos.

Quando ligaram e testaram seus rádios, com os microfones posicionados, receberam a largada do sargento, que partiu pela rodovia obscura, seguido pelos dois aliados.

David e Livia continuaram ali, desejando que todos pudessem estar seguros.

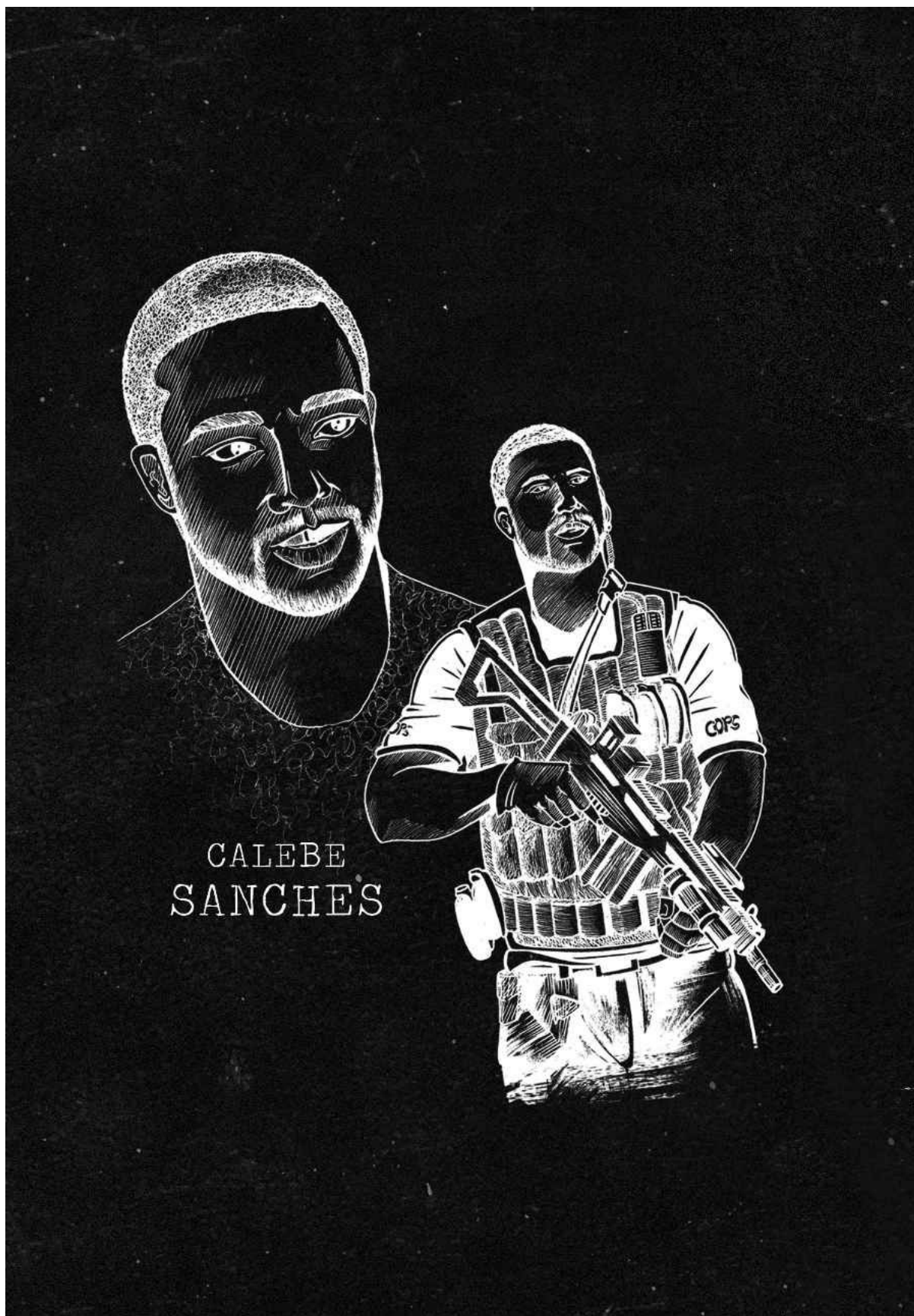
“Agora” confessou David, secretamente, “nem eu sei se estarei seguro.”

Tinha todos os predicados que um bom soldado poderia ter: caráter, força, mente sagaz a ponto de suportar uma tortura psicológica, e claro: inteligência. Sua cabeça, na maioria das vezes, agia como uma máquina em constante movimento. Mas não se sentia seguro.

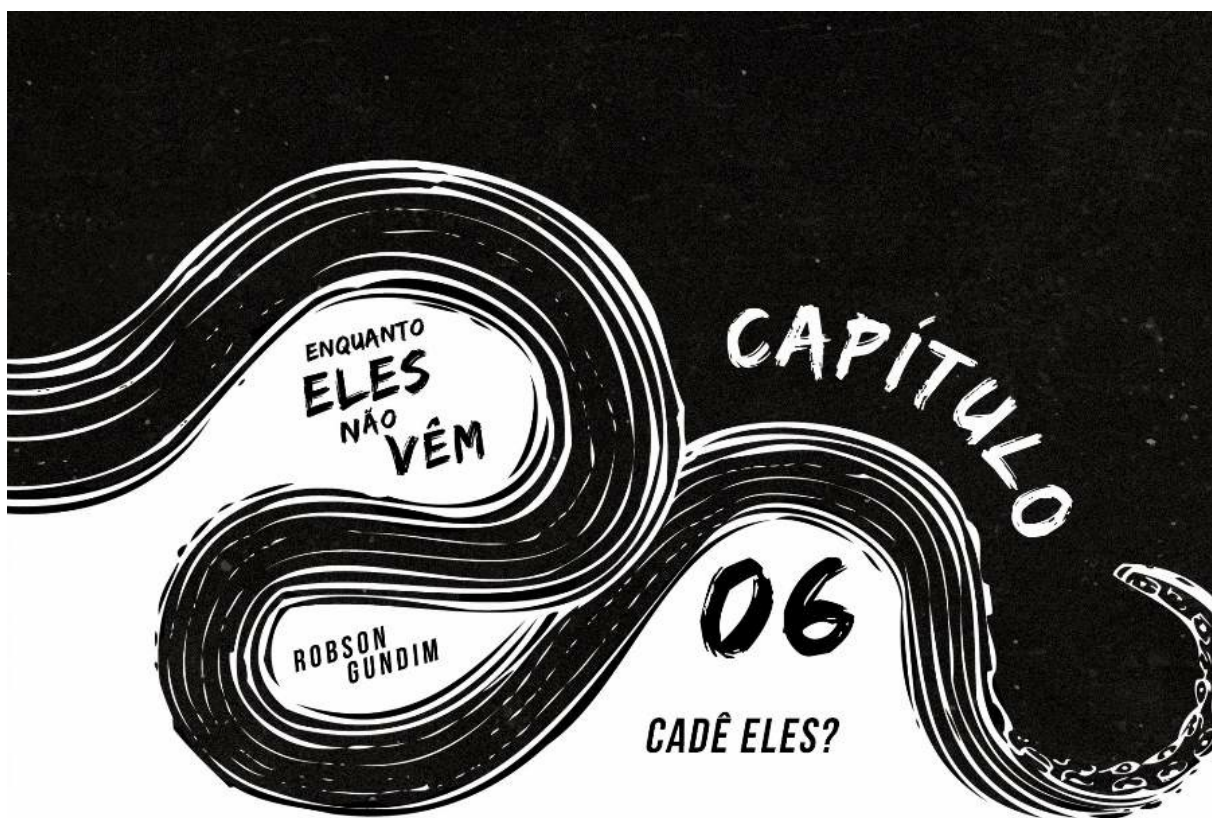
Ao lado da parceira, ele ficou a repensar naquilo que julgou errado por parte de Deke.

“Ele cometeu um grande erro.”

David assistiu os três corpos serem engolidos pelo negrume da noite, e tentou prever seus destinos. Com um olhar lamentoso, reviu o posto, estranhamente sereno, e tornou a encarar a estrada. Ela parecia designá-los ao inferno.



CALEBE
SANCHES



DAVID ESTAVA CANSADO. Não queria acreditar. A sua mente não aceitava isso, mas tinha de fazê-lo. Era sexta-feira. Pela primeira vez em muitos anos, desejou estar em casa em vez de em uma operação, assistindo a um bom filme sob o conforto de seu lençol.

Enquanto caminhava rumo ao posto rodoviário, foi assaltado pela curiosidade. Lívia realmente fez um juramento com o irmão? A expressão duvidosa de Calebe pareceu desdizê-la.

— Por que mentiu sobre o juramento?

— Não menti — ela falou com franqueza. — Nós fizemos aquele juramento, só que em vez da COPS, aconteceu durante um treinamento no

FBI.

David riu.

— Não deixa de ser uma mentira.

— Tem razão — Livia concordou. — Considere uma meia mentira. Mas também fiz isso para poder acompanhá-lo.

David aguardou um instante, antes de perguntar:

— Por quê?

— Sua reputação o precede, Sr. Cordova! É uma honra para mim.

— Me chame apenas de David.

Ela assentiu.

Ele voltou a andar.

— É engraçado, mas desde que pousamos, não vi nenhum sinal de vida por aqui.

— Por isso o Deke nos enviou ao posto. Coletaremos dados.

— Coletarão todas as informações que o policial recebeu durante o chamado e aguardarão o nosso sinal... — imitou David, sacudindo a cabeça.

— Não. É claro que não.

— Qual é o problema?

— Nos separamos deles. Esse é o problema.

— Não confia nos planos do sargento?

— Confio até demais. É isso que me assusta.

Estando longe do posto, a estranha sensação de vácuo era forte, mas olhando-o de perto (pressentindo o ar pesado que nele habitava) a má impressão deteriorava-se. Ainda não conseguiam ver ninguém. Deixaram a rodovia e passaram pela varanda do prédio, cuja pintura revelava listras amarelas e azuis, seguidas pela imagem do brasão da polícia. À direita, havia um mediano terreno baldio, onde jaziam carros e outros veículos destruídos. À esquerda, uma grande concentração de cones, para o caso de algum

bloqueio emergencial.

David examinou o cômodo principal através da larga janela de vidro. Embora a situação do local estivesse em ordem — com pequenos móveis e objetos limpos, mesas repletas de papéis, máquinas, canetas e um legível computador ligado —, a ausência dos policiais denotava ser uma situação mais do que premente.

David aproximou-se, olhando pelas extremidades.

Não viu ninguém.

No teto, o ventilador girava lentamente. Suspenso na parede, um televisor de quatorze polegadas estava ligado, transmitindo o Jornal Nacional com seu volume quase no mudo. David analisou o piso e ficou ainda mais atento, ao notar uma pilha de papéis espalhados na cerâmica.

Preocupou-se.

Ao lado dos papéis, caído jazia o controle remoto da tevê.

— Tem alguém aí?

Não houve resposta.

Entraram por uma porta rangedora que estava aberta; armas em punho e olhares extremamente cautelosos. A subdelegacia era enganadoramente pequena. Havia, além do espaçoso cômodo, um cubículo com uma mesa, seguido por uma porta. A julgar pela existência de uma segunda mesa, o posto devia ser ocupado por dois policiais.

David bradou sua chegada, mirando a porta dos fundos, que presumia ser de um banheiro.

Nenhum ruído.

Lívia receptou o sinal do parceiro e aproximou-se.

Com cuidado, segurou a pistola com a mão direita e levou a esquerda à maçaneta, que de tão gelada fez sua palma formigar.

“Frio” pensou Lívia, respirando ruidosamente. “Tão frio quanto o corpo

que talvez esteja aí dentro, sem vida.”

Girou a maçaneta, sem ainda empurrá-la, observando o semblante calmo do parceiro.

Depois de ouvir o sussurrar de David, ela aquiesceu.

Ele engoliu e contou até três.

Lívia empurrou a porta. E quando esta se abriu num grunhido, nada, além do usual, lhes foi revelado.

Já estavam preparados para qualquer tipo de choque emocional, caso um corpo ali aparecesse. Era um minúsculo banheiro equipado por um jogo sanitário de louça e uma pia com duas torneiras gotejando. Não detectaram nada de alarmante, afora uma amostra de urina esverdeada sobre o vaso, com a tampa ainda escancarada.

Abaixaram as armas.

Para onde foram os policiais? A amostra de urina evidenciava a presença de, pelo menos, um deles, sem mencionar o ventilador, o computador e o televisor ligados. Não deviam ter deixado o posto há muito tempo.

— Não é comum se ausentarem assim.

— Não — respondeu David, pensativo. — Não há nada para fazer na estrada, a não ser que ocorresse alguma emergência.

Certos de que estavam sozinhos (e seguros), voltaram ao cômodo principal e andaram sobre a pilha de papéis. David foi à frente, encarando a tevê ligada enquanto caminhava, e sentiu que pisara em alguma coisa sólida e pontuda.

— Esse cheiro... — argumentou Lívia, farejando o odor que só então se mostrou peculiar.

Rodeou o cômodo rapidamente, vasculhando e encontrando os interruptores gerais. Um deles era do ventilador.

— Está sentindo?

Se o vento parasse, sentiriam melhor o cheiro.

Lívia desligou o aparelho que girava de modo desgrenhado no teto e viu o parceiro agachado no chão, examinando alguma coisa. Pequenas evidências começaram a brotar. Aquilo que David segurava compactuava-se com o odor sentido por Lívia. Cápsulas vazias no piso, e um reconhecível cheiro acre de pólvora pairando no ar.

— Onde está a arma? — inquiriu a parceira.

— Com certeza, com o atirador.

David levantou e voltou a ficar rente à janela, de onde se avistava, além da rodovia, o anel rodoviário com o solitário helicóptero da COPS.

Em seguida, sua atenção caiu sobre as mesas inabitadas, atulhadas de papéis resumidos a fax, ofícios, fichas contendo multas, registros e outros documentos que não lhe constituiu nenhuma importância.

Talvez houvesse algo nas gavetas.

Abriu a primeira, constatando uma caixa de carimbos, fichas em branco, pacotes de carbono e caixas de grampos. Na segunda não encontrara muita coisa, senão um coldre vazio, uma caixa de munição de 9 mm que David não hesitou em examinar, e a última edição da revista Playboy.

“Parece que os marmanjos viviam entediados.”

A dupla perscrutou cada centímetro da subdelegacia, sem, contudo, encontrar mais sinais de luta ou pistas que comprovassem alguma possível tentativa de assassinato.

— Acredita que estão mortos? — perguntou Lívia, hesitante. — Não há perfurações nas paredes, ou mesmo no teto. Nem manchas de sangue.

Olharam rapidamente em volta.

No lado oposto ao da entrada, havia uma pequena estante de livros e um bebedouro com dois copos, sendo que um deles estava emborcado. Perceberam que a torneira ainda pingava, e que o restante da água contida no primeiro copo conservava-se gelada. Não restavam dúvidas de que, pelo

menos, dez minutos atrás os policiais estavam ali.

— Parece que foram obrigados a se retirar.

— Olhe aquilo. — Lívia apontou para uma pequena mesa, situada no fundo do cômodo, próxima à porta do banheiro.

Foram até o móvel, que diferente dos demais, achava-se vazio. Atrás dele, a meio metro do rodapé, encontraram uma corrente elétrica desprotegida, com os fios descascados, faiscando a cada dois ou três segundos. David conheceu muitos postos rodoviários, e a maioria deles possuía uma mesa semelhante. Geralmente era ocupada por um computador, uma máquina de datilografar ou, em último caso, um rádio de ondas curtas.

— Alguém sabotou o rádio — afirmou convicto. — Seja lá quem atacou esse posto, não queria que os policiais fossem contatados, então levaram o aparelho.

— E o computador?

David foi até a máquina e ficou diante da tela, movimentando o cursor. Uma fotografia bem antiga de diversos policiais rodoviários era usada como papel de parede. Grande parte do HD fora usado; havia documentos digitalizados, algumas músicas que os policiais escutavam durante a ronda noturna e uma enorme quantidade de e-mails salvos. Entretanto...

— Está sem conexão.

Mais uma sabotagem? A subdelegacia tinha sua própria antena que lhe garantia acesso à internet, visto que os e-mails salvos datavam dos dias atuais. David checkou o dia e a hora em que o último download foi concluído, e para seu espanto, ocorrera há trinta minutos.

— Merda — deplorou Lívia.

— O mais curioso de tudo é que não existem marcas de sangue. — Inconformado, David arrastou a pilha de papéis e empurrou a mesa para o lado.

Nenhuma marca, nem nada.

Duas cápsulas vazias, mas nenhuma gota de sangue.

— Uma coisa é certa. Sabemos que eles atiraram em alguém. Talvez alguém que usasse colete à prova de balas.

— E que tivesse força o suficiente para apanhá-los e levá-los para longe daqui.

— Faz sentido.

— Mas... para onde?

Isso David soube responder:

— Paraíso Florestal.

Com o fim da frase, um vento soprou do lado de fora num gemido assustador, chacoalhando as vidraças da janela.

Lívia aqueceu os braços, fitando a interminável escuridão além da rodovia.

De súbito, um calafrio lhe percorreu a espinha, e ela sentiu, ou ao menos teve a impressão, de que um par de olhos a mirava; como se algo aterrorizante estivesse escondido do outro lado da pista, em forma de pantera ou qualquer outro ser animalesco, macabro e fantasmagórico, espreitando-a enquanto estava ali, trêmula de medo.

Um silêncio fúnebre assumia a paisagem.

O clima esfriava.

David Cordova já esteve em muitos locais fúnebres e esquisitos, assim como Lívia Sanches. Existia, contudo, uma singularidade que diferenciava o silencioso salão de uma mansão abandonada, do corredor quase sem fim de um hospital psiquiátrico, ou de uma casa campestre perdida no arar do outono, cujo silêncio aprazível obtinha seiva e espírito, em vez de dor. Aquele vazio era sufocante, doloroso... Difícil de sustentar.

Não escutavam um ruído que não fosse o eco de suas vozes. Precisavam agir. Suas almas imploravam por um esforço maior, antes que algo hediondo

pudesse acontecer.

Unidos pelo mesmo sintoma, pensaram no mesmo plano:

— Vamos falar com Deke

Lívia continuava em estado de alerta, fazendo um esforço crítico para não deixar transparecer parte da inquietação. Discretamente ajustado em seu ouvido, o fone emitia sons incoercíveis, movidos pela estática. O medo de perder contato com o sargento tornou-se um fardo abalador. David realizou a mesma ação, chamando incansavelmente pelos demais soldados e pensando em mil possibilidades fatais.

— Deke?! Taj?! — exclamou furiosamente, a ponto de deixar a parceira desconfortável. — Calebe?! Estão me ouvindo?!

Lívia secundou, repetindo o chamado diversas vezes.

Não houve retorno.

Para o desagrado, a onda turbulenta de ruídos reinou mais uma vez.

— Droga!

Mas nem tudo pareceu estar perdido, pois diferente daqueles tantos outros, um som familiar pôde ser captado.

— Escutei alguma coisa — fez Lívia.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Mais um chiado:

— *O problema é que agora não temos escolhas...*

— Agora escutei.

David pressionou o microfone. Foi a voz de Deke, o tom grosseiro de Deke.

— *Na floresta... Pode ver? Bem ali... Há movimento além daquela casa.*

— Deke, não consigo entendê-lo direito... Deke?! — David tentou escutar, louco de curiosidade para saber o que as palavras embaraçadas significavam.

— Deke! Tá me ouvindo?!

A mesma frase cortada pelo chiado era receptada pelo microfone de Livia; palavras espacejadas, quase nulas, sem perder a marca registrada do conhecido Guile.

Livia articulou uma careta ao tentar compreendê-lo.

— O que estão falando?

Uma mescla de vozes repercutia no túnel daquela abafada conexão.

Às vezes dava para enxergar os contornos hirsutos das árvores acima das montanhas, através da janela. O nevoeiro desfilava no alto das florestas, assoprado pelos ventos que causavam tumulto naquele misterioso outro lado.

— Deke, consegue nos ouvir?! Que merda. — David exclamou no meio de uma ação corriqueira; destinou-se à saída do posto e percebera a melhoria da comunicação. Gesticulando para Livia, correu para a primeira borda da rodovia e tentou escutar os parceiros. — E agora?! Me escuta?!

Dois ou três ruídos, e a voz de Deke irrompeu das ondas:

— *Oficial Cordova na escuta?*

— Sim, Deke! Na escuta!

— *Sargento...* — corrigiu Deke, fazendo David virar os olhos. — *Ainda está no posto? Eu quero dados.*

Deke com certeza estava bem. A voz dele transmitia tranquilidade e segurança.

Melhor do que isso foi o afastado tom de voz do Taj, que surgiu na sequência.

David coçou a cabeça e atestou:

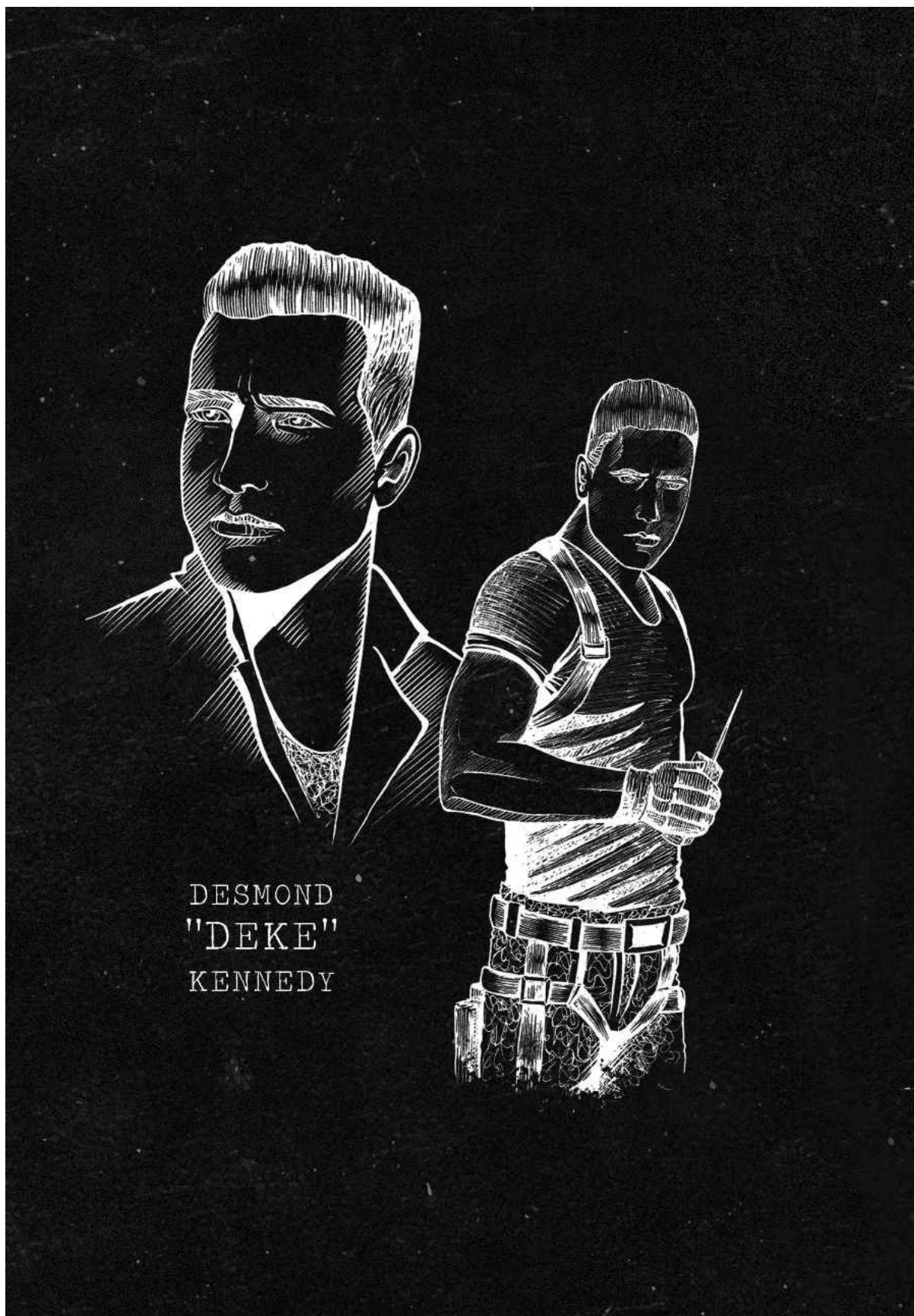
— Continuo com a oficial Sanches na subdelegacia. Só que...

— *O que houve?*

— Os policiais rodoviários desapareceram. O posto está completamente deserto e há indícios de que alguém os atacou.

— *Alguém os atacou?! — exclamou Deke. — Como assim, alguém os atacou?*

— Alguém que não sabemos. — Sem perda de tempo, o oficial Cordova reforçou: — Alguém de Paraíso Florestal.



DESMOND
"DEKE"
KENNEDY



NUM TOM VISIVELMENTE escarninho, Deke perguntou:

— *Por que você acha que alguém de Paraíso Florestal está envolvido no sumiço dos policiais? Aliás... Houve mesmo um ataque?*

“Se você não quisesse bancar o mandão, estaríamos todos juntos agora.” David teve vontade de falar isso, mas preferiu agir com mais prudência.

— Estamos sozinhos no posto. Encontramos cápsulas de 9 mm no chão e existem indícios de luta, o que significa que os policiais foram atacados.

— *Me fale sobre esses indícios...*

Numa caturrada, David narrou todos os detalhes que conseguiu coletar, a começar pelo fato de que há menos de uma hora um download fora realizado

no computador. Citou os aparelhos ligados, a água gelada e o rádio sabotado.

Depois de escutá-lo, Deke modificou o tom da voz, parecia impressionado.

David continuou:

— Alguém pode ter invadido a subdelegacia. Paraíso Florestal é o local mais próximo daqui, a única comunidade. Não consigo chegar a outra conclusão que não seja os habitantes daí, onde vocês estão agora.

— *Entendi.*

— Está tudo bem?

— *Tudo ótimo, só que a gente perdeu a comunicação com a central...*

David moveu a cabeça de modo indeciso.

Taj caçoou:

— *Parece que a Ingrid e a Milena se cansaram da gente!*

— *Estou tentando reestabelecer a conexão, Cordova.* — Deke se pronunciou. — *A qualquer momento teremos contato com a base de novo. Já chegamos ao povoado, e posso garantir que até então não há problema algum. Há pequenos feixes de luz em algumas casas, com sombras se remexendo além das janelas. Parecem luzes de velas. Posso ver, também, silhuetas ao longe, locomovendo-se sobre o que parece ser uma pequena praça. Parece que houve uma queda de energia por aqui, por isso não vimos postes acesos ou uma maior concentração de luzes antes.*

David aguardou em silêncio. Se os policiais foram atacados, certamente foi por conta de algum maluco daquele lugar. Não tirava isso da cabeça.

Com a mesma sensação de um latejo doloroso, ouviu Deke dizê-lo:

— *Já que não há sinais de alerta, seguiremos conforme o ordenado. Aguardem no posto.*

— O quê?

— *Oficial, você acabou de me dizer que dois policiais foram atacados dentro da própria subdelegacia. Isso requer providências. Enviarei um*

chamado de emergência, e cedo ou tarde alguém chegará aí. Vocês devem estar na área.

Antes de concordar, o oficial Cordova aguardou.

Lívia, ansiosa, escutou cada detalhe da conversa.

“Sacanagem” pensou ela. “A gente se armou dos pés a cabeça, para ficarmos sentados.”

— Para onde está indo? — perguntou David.

— *Estamos chegando a uma extensa rua. Espere...*

— O que houve?

— *Não há uma praça como pensei. É uma rua larga. Estou me aproximando de três civis. O povoado é bem pequeno, mas as casas são modernas.*

David conseguiu captar ruídos causados pelo vento. Talvez Deke estivesse caminhando, seguido por Calebe e Taj.

Em seguida, escutou-o dialogando com alguém. Um dos civis do povoado, talvez, mas a voz não sobressaiu com perfeição, o que lhe custou um esforço auditivo.

— *Foi como eu te disse, Cordova. Tá tudo limpo. Acabei de saber que a energia caiu, mas logo voltará. Quedas de energia são comuns por aqui.*

— No posto tem energia.

— *Então deve ser de uma fonte diferente, não sei... Mas quedas por aqui são frequentes.*

David perguntou a si mesmo se por acaso não havia sido a queda de energia o fator responsável pela falta de conexão no posto rodoviário. Quem sabe os policiais não abandonaram a sua ronda para saber o que havia acontecido? Mas, pelo menos lá, a energia voltara; o posto estava aberto, havia cápsulas no chão, o rádio fora arrancado e o forte odor de pólvora cirandava na sala... Por mais que desejasse, David sabia que o que

acontecera não foi um fato comum.

— O que farão agora?

— *Ir à busca de rastros dos nossos parceiros, e descobrir que merda aconteceu.*

— Entendido.

— *Até agora não temos nada. Mas fiquem atentos* — disse o sargento. — *Se for necessário, eu não hesitarei em chamá-los.*

— Positivo.

“Pelo menos na despedida” pensou o jovem soldado, “você soube ser agradável!”

E deixou de lado o pessimismo, mantendo na cabeça a esperança de participar da operação.

Ficar parado num lugar como aquele não condizia com David. Ele gostava de trabalhar em campo, entrar em ação e resolver todos os problemas na ponta do gatilho.

Quando a voz de Deke sumiu, ele ainda brincou com a parceira:

— Viu só? Se tivesse ido com o Deke, sentiria na pele um pouco mais de adrenalina.

— Obrigada, parceiro — ela gracejou. — Estou ótima aqui.



David e Livia se conformaram. Mas nada mudou o fato de que voltar ao posto era uma ideia desestimulante.

— Pelo menos está tudo bem por lá... — ela começou, caminhando a passos largos.

— Sim, mas o Deke me pareceu diferente.

— Diferente como?

— Não sei. Ele é do tipo que gosta de mitificar as coisas. Exagerar um pouco, sabe? E não houve nenhuma extravagância por parte dele.

— Exagerar às vezes torna as coisas mais fáceis. Se ele não o fez agora, então não foi necessário. O clima está bastante tenso.

David concordou.

— Apesar de tudo, o Deke é bom no que faz.

— Esse “apesar de tudo” tem a ver com alguma rixa entre vocês?

David franziu a testa, caindo em si logo depois.

— Ah, não, não... É que ele, como eu poderia dizer? Nunca deixou de ser o mais afastado do grupo. Sempre agindo entocado, de maneira solitária e por vezes individualista. Digamos que isso contribuiu para a nossa relação ser um pouco mais difícil, se é que me entende.

Livia assentiu, observando-o com atenção. Recordou-se do momento em que Taj, ainda no helicóptero, indagou a David sobre a decisão do Vargas. Queria saber mais a respeito da relação dos aliados, mas preferiu abolir a própria curiosidade.

Com a expressão renovada, David sorriu para ela. Foi nessa hora que ele planejou descobrir mais sobre sua nova parceira, até então, a surpresa mais agradável da noite.

Entraram no posto e conversaram. Primeiro sobre as teorias do ataque e no que poderia resultar. Depois sobre o pessoal da COPS. David falou bem de cada um dos funcionários e elogiou o empenho de todos os oficiais. O assunto mudou, e a conversa chegou a um ponto inevitável: o lado pessoal de suas vidas. Livia mostrou-se menos confidente, mais prudente e inquestionavelmente misteriosa, esquivando-se de algumas perguntas lançadas por David.

Descobriu ele, afinal, que a oficial Sanches carregava na veia um pouco da

seiva dos policiais reservados; mas diferente de Deke, ela portava discrição, não um espírito egocêntrico.

— Minha vida não foi fácil — disse Livia francamente. — Ao lado do Calebe, vivi muitos episódios horrendos, que poucas garotas suportariam se estivessem em meu lugar. A verdade é que desde crianças tivemos de nos virar sozinhos e batalhar para conseguir tudo o que queríamos. Lembro-me do nosso primeiro desafio... Depois da escola, tivemos de enfrentar os nossos pais, que passaram a ser uma ameaça para nós.

Essa parte deixou David intrigado.

— O que eles faziam?

— Eram usuários de drogas, e das brabas — revelou ela, após um longo esforço. — Eu e o Calebe decidimos colocar um fim naquilo antes que a droga nos tomasse também. Sabíamos que uma hora poderíamos ser atingidos pela fogueira, que crescia com o tempo. E para não acabarmos no fogo, quebramos algumas regras. Fugimos e conseguimos garantir o nosso futuro. A minha voz interior gritava... E eu a ouvia, cheia de emoção.

— O que dizia essa voz?

— *Eu quero proteger as pessoas!*

David riu.

— Acho que tenho uma voz parecida.

Ela gracejou.

— Antes do nosso treinamento, sofremos demais. E estou aqui para te falar, parceiro, que passar por tudo o que passei não é para qualquer um, não. Mas como dizem por aí (e eu cheguei a desacreditar no começo), Deus pareceu ceder um pouco do seu tempo e se compadeceu de nós. Foi difícil supor que as habilidades que adquirimos nas ruas renderiam um futuro tão... admirável!

David argumentou:

— Então quer dizer...

— Que nos descobriram, até alcançarmos o posto que hoje conquistamos.

— Saquei. Mas por que a Nova Zelândia?

— Como assim?

— Eu li o seu arquivo. Dizia com todas as letras que você e o Calebe vieram da Nova Zelândia. Fiquei tipo... Uau!

— Ah, tá... Eu me naturalizei neozelandesa.

— Como aconteceu?

— Foi por causa da minha mãe, que decidiu imigrar para a Nova Zelândia após conhecer e se casar com um cretino de lá. — Sua fala atenuou nessa passagem. — Sim, o meu pai é o cretino da história...

— Que tenso!

— Pois é. Foi a partir daí que a “fase atribulada” começou.

— Que baita história você tem.

— Eu e o Calebe superamos tudo. Ele nem tanto, mas eu acreditava no futuro, por nós dois. Olha... Eu sei que parece conversa fiada, mas às vezes o tempo é generoso com as pessoas, pelo menos com algumas, entende?

— Sei.

— E eu tive essa sorte.

David concordou em pensamento.

E disse a seguir:

— Embora resumido, gostei do seu relato.

Em sua defesa, Livia apontou:

— Não gosto de falar sobre isso, embora eu reconheça que o passado me serviu como uma ponte resistente.

David não falaria nada a seu respeito, mas após ouvir a aliada resolveu fazer um esforço.

— Eu sei como se sente. Não é de meu costume tocar no passado também,

mas, por um lado, devemos reconhecer que não tem jeito. — Ele ficou um pouco nervoso. — A minha infância, pelo menos, foi bem tranquila.

— Isso é bom.

— Mas depois do que houve, uma forte mudança pintou no meu caminho.

— Ignore a ousadia — disse Livia —, mas o que houve?

— Perdas.

Livia continuou de cabeça inclinada, sentida. Muitos pensamentos, imagens e possibilidades atravessaram-lhe a mente.

— Entendo — ela respondeu.

Então se calaram por um bom tempo, e acenderam um cigarro Red Apple.

Em nome da distração, David apanhou o celular.

Dar uma olhada nas redes sociais adiantaria o tempo.

Porém, estava sem sinal.

— Que merda — praguejou. — Tá sem sinal também?

Livia examinou o próprio celular e esboçou uma expressão de surpresa.

— Tô.

Olharam juntos para o céu através da janela, onde a neblina da noite desfilava com uma tranquilidade amedrontadora.

— Deve ser toda essa névoa, não é?

Após a pergunta do soldado, intrigada, Livia respondeu:

— Ou não...



A DUPLA DE OFICIAIS aboliu a conversa a respeito do passado. Passaram-se conversas tristes, agradáveis e engraçadas, que até certo ponto tiveram a proeza de ocultar a irreduzível sensação estranha e fazer com que o oficial Cordova se sentisse despido de sua veste honorífica. Desejava fazer o tempo correr mais rápido, ainda que fosse pouco provável acontecer. Se conservasse o espírito da conversa, perderia a noção do tempo e daria de cara com o retorno dos policiais. Gostaria de acreditar naquela cena; homens fardados entrando pela porta da frente, dizendo em bom tom que tudo estava bem!

O fenômeno indizível, muito infelizmente, não demorou a assaltá-los de

novo, e pela segunda vez, sentiram-se da mesma forma que haviam chegado ali.

A quietude, graças à oficial Sanches, tornou-se momentânea quando ela mesma, incomodada com alguma coisa, veio a dizer:

— Está notando?

— O quê?

David olhou para ela, enquanto ela olhava para o nada — chão, paredes, teto, janela, o lado de fora —, atenta àquela coisa que continuava oculta, fosse na escuridão, no zumbido dos ventos ou mesmo nos paredões que formavam a subdelegacia.

— Não sei como descrever. — Lívia coçou os braços. — Estar aqui dentro me causa um terrível incômodo.

— Deve ser a preocupação.

— Não é só isso — ela afirmou de olhos bem abertos, como se estivesse aguardando um tipo de acontecimento estrepitoso.

O instinto evidenciava perigo.

Em silêncio, David permutou a mesma ação, reunindo cada fase que assumiu o começo de sua operação noturna, desde a inesperada reunião no departamento até o solo estranho que agora habitava. Consciente do que a parceira tentava explicar (coisas em que raras vezes podem ser resumidas a palavras) não encontrou motivos para esconder a sensação ruim que os cercava, como uma brisa gélida invernal sem previsões de partida, tal qual a mesma brisa que serenamente passeava por entre vales, troncos e galhos secos além da rodovia.

Houve mais um detalhe digno de nota; percebeu David que estar na estrada o fazia se sentir mais seguro do que ali dentro. Ou seja...

— O problema é este posto?

— Talvez — respondeu Lívia, ainda incomodada. — Sinto como se

houvesse alguém à espreita, nos observando e se divertindo com a nossa agonia.

David tentou amenizar o estado da parceira.

— Vamos com calma... Não há ninguém nos observando. — É claro que ele não podia afirmar isso, já que também sentia um leve arrepio quando encarava a paisagem enegrecida através da janela. Contudo, nada de urgente havia sido comprovado. David usou esse fato para acalmar o próprio espírito, que a essa altura lutava para se libertar e descobrir o que, de fato, estava acontecendo. — Além disso, você não deve considerar o nosso comportamento como um exemplo do termo “agonia”. Estamos tranquilos, tanto que mal parecemos lidar com uma operação emergencial.

— Tranquilos?

— E armados — David tocou na própria arma. — Ninguém arriscaria a pele se metendo com nós dois!

Lívia franziu o cenho e sorriu.

“Devo admitir que além de simpático, você possui um ótimo senso de humor!” Desinclinou a cabeça e fitou a estrada. “Humor.”

Repetiu a palavra para si mesma, voltando a sorrir.

Adorava o sentido do humor, por mais limitado que fosse em tal ocasião.

“Limitado...” O humor se acabou. Sabia que as coisas prazerosas da vida são regradas por um limite, semelhante àquele que sorrateiramente rodeou-lhes, e que agora se aproximava para abruptamente surpreendê-los. Mais do que David, Lívia esperava que fosse acontecer alguma coisa, só não imaginou que a cena pudesse ser tão perversa e assustadora.

Primeiro escutou um barulho suave (e como a quietude estava em alta, mesmo um alfinete em queda seria ouvido), tão suave e leve quanto uma almofada caindo no chão... Puf. Depois uma nova forma de som; dessa vez, como um bater de asas.

David e Livia se afrontaram e começaram a olhar em volta, em todas as direções ao seu alcance, sem ainda encontrar a origem do barulho.

— O que foi isso? — disse ele, já de pé.

— Não sei...

Em seguida, o som retornou mais alto.

A voz de Livia, com surpresa e terror, deixou escapar um grito abafado.

As luzes se apagaram.

— Porra!

Num piscar de olhos, já estava com a arma em punho, ao lado de David, apontando para onde a intuição ordenava.

Tudo escuro.

— Lanternas! — exclamou David, ligando a luz com antecedência. —
Rápido!

Livia obedeceu-lhe, mirando (por um impulso misterioso) bem ao centro da janela.

Surgiu um novo som. Mais alto.

O que via, em estado de alerta e choque, eram detalhes que se pormenorizavam sob os feixes de luz, que se refletiam no vidro e os impediam de enxergar a coisa que passeava do outro lado.

— Vamos abaixar as luzes — disse Livia calmamente. — Assim poderemos enxergar a rodovia... Não vejo nada.

Quando os feixes abaixaram, viram com melhor contraste parte da estrada e do clima vaporoso desfilando lá fora.

Quem estava na estrada? A porta do posto continuava aberta...

Um farfalhar no matagal.

Novamente aquele barulho.

Alguém...

Mais perto.

O bater de asas ficou mais forte. Alguma espécie de ave rodeava o posto.

Pela duração do sacolejo, não era coisa pequena. Uma ave gigante?

— Que porra é essa?!

Dois corações disparavam.

Aquilo que não enxergamos pode se tornar ainda mais perverso, porque a imaginação tem o dom de fazer o homem decifrar os seus maiores medos, em gênero e forma. David imaginou um grupo de delinquentes armados cercando o posto, ao passo que Livia se viu cercada por mariposas gigantes, sedentas pelo seu sangue.

As asas bateram com mais força.

A dupla armada examinou a janela, onde pareceu (exatamente, pareceu) passar alguma criatura negra e disforme, horrendamente estranha para quem via, fazendo perpetuar o seu audível sacolejo de asas, que não escapou dos olhos apavorados de Livia.

— Ali fora!

— Onde?!

— Ali!

Eram asas membranosas, pontudas e cavernosas. Asas de morcego. Parecia um monstro que saíra diretamente de uma obra fantástica. Um morcego anormal, do tamanho de um chimpanzé, que emitia grunhidos secos e agudos. Possuía uma cabeça polpuda e tentaculada, com olhos tão vítreos e avermelhados que poderia chocar o homem mais valente da face da Terra.

Esse contato direto com a criatura durou pelo menos três segundos, ainda antes de Livia ficar boquiaberta e sentir o peito fraquejar.

A janela foi quebrada. A coisa entrou no posto.

— Mas que droga é aquel...

Sua frase foi cortada. Algo envolveu a região do seu pescoço (algo resistente, orgânico e viscoso, como uma enguia) e sufocou-lhe num acesso

de fúria, até fazê-la ajoelhar.

Nunca em sua vida Livia Sanches vivenciara, ou mesmo presenciara, um momento tão agonizante e duradouro. Se o ataque toldou sobre David, isso ela não soube dizer, porque o brilho, o tato e as demais sensações que muniam seu corpo abandonaram-na por completo. Estava sem ar e sem forças... Estava sozinha no escuro.



Uma corrente de ventos acariciou-lhe o corpo, seguida por um toque de mãos fortes e calejadas; mãos masculinas. Deitada, Livia abriu os grandes olhos e destacou, acima do seu rosto, as feições de David Cordova, o dono das mãos que tentaram trazê-la para a realidade. Num estertor espasmódico, a mulher sorveu do mesmo ar do posto e agiu feito uma vítima de afogamento quando trazida de volta à vida. Ergueu-se agilmente e apontou sua arma na mira da janela, como se o morcego gigante ainda estivesse ali.

Preparado para tal ação, David soube utilizar os métodos corretos, ciente de que um fulminante reflexo demoveu os sentidos da parceira.

— Tudo bem, Livia. Está tudo bem... Foque em mim.

Além do clima diferente, da voz paciente e tranquilizadora do oficial, Livia captou um pormenor que fez toda a diferença em sua vida. Ela não estava imaginando tudo aquilo ou tampouco sonhando. Era o sol, belíssimo e radiante, brilhando intensamente sobre a estrada lá fora... Então desmaiara e acordara somente ao amanhecer!

— Abaixе a arma — disse David. — Não é mais necessário.

— Que droga aconteceu aqui?! — Ela acedeu o pedido, suspirando na medida em que apalpava o pescoço dolorido. — Meu Deus... Eu fui atacada.

Que porra foi aquela? Alguma coisa me atacou... Você viu?!

David inclinou um instante e se virou, revelando uma vermelhidão na nuca.

— Também fui atacado.

— Como aconteceu?! Estávamos armados!

— Não sei. Mas seja lá quem foi, deve ter algum motivo especial para nos querer armados. Ninguém levou nada de nós.

Lívia parou de passar a mão sobre o hematoma em seu pescoço e observou o ângulo a sua frente, onde cacos de vidro jaziam espalhados no piso e, possivelmente, na varanda do posto. Quando o ataque aconteceu, ela estava sentada ao lado de David, numa posição que a deixava de frente para a porta de entrada, a única passagem acessível. Não havia chances de alguém invadir o posto, cruzar as mesas e surpreendê-los por trás sem que houvessem percebido, por mais escuro que o recinto permanecesse. Era humanamente impossível.

— Ninguém nos atacou.

— É claro que não — disse David.

— Eu sei que meus olhos veriam se os intrusos entrassem por aquela porta...

— De quem está falando?

— A questão não é quem. E sim o quê.

— Não estou entendendo.

— Não foi alguém... — Lívia fechou os olhos e voltou a sentir a coisa visguenta que envolveu sua garganta numa fome incalculável. — Foi algo monstruoso... Inumano.

— Hei... Devemos manter a calma, está bem?

— Cara, você não notou?!

Ela esperou alguma reação por parte dele. Contudo, devido ao choque, ou devido à própria mente que por mais que soubesse de tudo desejava não

acreditar naquilo, David permaneceu calado, enquanto a segurava pelos braços. Não soube o que dizer, muito menos o que supor. Entraram juntos em um portal invisível que surgiu na estrada, e este os levou diretamente para o além; outra dimensão macabra!

— Estamos lidando com algo que está além da nossa compreensão... — Livia coçou a testa, na tentativa de conter a leve dor de cabeça.

— O que você acha que aconteceu?

— Eu não sei! Estávamos conversando, imóveis, observando a estrada, virados para a única porta que dá acesso a este cômodo!

— Certo — concordou o soldado. — Então a janela se quebrou... Tá toda espatifada.

Houve uma pausa.

Livia anuiu, atestando:

— Aquela coisa quebrou a vidraça.

— O pássaro?

— Não foi um pássaro.

— Parecia um.

— Mas não foi.

— Era enorme...

— Exatamente. Enorme demais, não acha? — Livia perguntou com lamento, engolindo antes de prosseguir: — Aquilo lembrava uma espécie de... Dragão.

Balançando a cabeça, David falou:

— Pouco provável.

— Não era um dragão, mas tinha a aparência de um.

— Eu vi asas enormes.

— Eram asas de morcego, consegui detectar as pontas cheias de ferrões.

— Um pássaro negro e enorme, com asas de morcego e uma aparência de

dragão... É isso?

— E pelos — acrescentou Livia. — Havia pelos espalhados em seu corpo, bem debaixo das asas... Parecia um chimpanzé.

David perdeu um pouco da calma.

— Isso está ficando ridículo.

— Você não quer acreditar no que seus próprios olhos viram?!

— Só não quero levantar teorias absurdas...

— A sua descrença é que é absurda!

— Livia... Preste atenção.

— O que pode ser agora?

— Algo mais importante do que um “dragão-chimpanzé”. Consegue lembrar se os nossos parceiros entraram em contato?

A oficial tentou arrancar alguma recordação, mas a única coisa da qual se lembrava, e admitia querer esquecer, era da tenebrosa criatura alada.

— Não me recordo de nada, senão o que já te disse.

— O helicóptero sumiu.

— O quê?! — A menção de David causou um choque no coração de Livia.
— Como assim?! Sumiu?!

— Veja por si mesma. — Ele apontou para a janela. — Não está lá.

Livia correu imediatamente até a porta e saiu pela varanda do prédio, encarando o extenso anel rodoviário que dividia as rodovias. Era verdade. O transporte da COPS não estava lá... Parecia mentira. Uma miragem, talvez? Uma brincadeira de mau gosto? Uma cilada por parte dos próprios recrutas de sua unidade, quem sabe?

Sem dar atenções ao céu cinzento ou à vegetação, estupefata, Livia retornou à varanda e parou diante de David. Já esteve em diversas academias de polícia e departamentos dignos de honra. Muitos dos cadetes, policiais, agentes e detetives adoravam pregar peças baratas nos novatos. Na época em

que presenciou tal cena, Livia jurou para si mesma que jamais cairia numa arapuca semelhante.

— Me diz que isso não é uma brincadeira...

David cruzou os braços, escutando o soar dos pássaros que em seus ninhos alimentavam os filhotes. A pergunta da parceira não lhe conferia nenhum fundamento. A seriedade dele foi capaz de atravessá-la por inteiro, deixando-a abatida.

— Você acha que isso é uma brincadeira?!

— Não, cara, eu não acho... — admitiu ela. — Mas tenho medo que seja.

— Não seja ridícula.

— No fundo, eu gostaria que fosse mentira. Não queria passar por isso agora. — Ela deixou escapar um suspiro de cansaço e olhou para as matas; havia uma infinidade de verde que decrescia depois do acostamento e reerguia-se lá pelo outro vale, formando as imponentes montanhas rochosas. Vez ou outra, escutava o canto das aves, uma mistura de pardais, bem-te-vis e sabiás. — E o Calebe?

— Nada.

— Não conseguiu entrar em contato com a central?

— Despertei minutos antes de você. Não há sinais, rádio, nem ninguém, nem nada. Estamos sozinhos aqui, rodeados pelo nada!

Um pensamento funesto povoou a mente de Livia.

— Você não está pensando que, de algum modo, os nossos parceiros não nos...

— Deixaram para trás? — O oficial indagou com um quê de desacreditado.

— Definitivamente não. Posso não lidar tão bem com o sargento, mas pelo Taj eu ponho a mão no fogo. Ele não deixaria a gente aqui. Aliás, acha que o Calebe te deixaria?

— Não. É que nessas horas precisamos raciocinar além da conta. Seja

como for, como diabos roubaram o nosso helicóptero?!

— Essa é uma ótima pergunta.

David mordeu o lábio inferior e teve uma ideia. Seguido pela parceira, foi até o meio do terreno esférico, onde estivera o transporte, e constatou cada uma das marcas sobre o amontoado de capim. Encostou uma das palmas e sentiu nas folhas uma quentura incomum. Levantou-se. Observou o sol brilhando atrás das árvores e perguntou:

— Que horas são?

— Nove e meia.

— O sol não está tão quente... — David voltou a tocar no capim, refletindo. — Imagino que alçaram voo há pouco tempo. A temperatura causada pelo motor explica a quentura no terreno.

Observaram a estrada deserta de um lado a outro. Livia andou alguns metros, volteou o posto e não viu nenhum sinal dos colegas ou de prováveis criaturas voadoras. Um asfalto cercado por pedras, e árvores de todos os tipos... Vazio.

— Não há escolhas — a voz de David assumiu um tom de liderança. — Devemos descer até o povoado.

— Não deveríamos alertar o capitão?

— Eu já tentei, e não consegui. Somente o Deke possui o celular via satélite. Só espero que ele tenha conseguido falar com a central...

— Está certo.

— Nós descemos, fazemos uma vistoria e procuramos por eles.

Livia foi contagiada pela firmeza do parceiro.

Meio minuto antes, ainda era uma mulher dominada pelo medo das garras de um ser monstruoso que não existia. “Mas eu vi as asas, a cabeça polpuda e as garras afiadas... Como é possível?!”

Se pudesse, cairia fora dali.

Mas não podia.

Não com Calebe enfiado nas ruas de Paraíso Florestal. Certamente enlouqueceria, e o remorso de não ter ficado para salvá-lo ultrapassaria qualquer tipo de dor. Precisava buscar seus rastros, resgatá-lo e escapar o quanto antes.

— Está pronta? — indagou David.

— Estou — ela puxou a arma do coldre, determinada. — Vamos trazê-los de volta, e dar o fora desse lugar.





A ESTRADA CONTINUOU deserta até David e Lívia alcançarem trezentos metros. Nessa hora, um opala surgiu de uma alongada curva e cruzou o seu caminho.

Não se incomodaram com a velocidade do veículo (que lhes pareceu absurda). O opala desapareceu no fim da estrada.

Cabisbaixo, David pensou se não devia ter pedido ajuda, por mais que acreditasse na própria capacidade de resolver o problema. Imaginou o quão satisfeito George Vargas ficaria ao saber que conseguira resgatar e levar todos os soldados em segurança para casa.

Deu uma cutucada no microfone e expressou desapontamento.

— Nenhuma resposta.

— Estamos azarados... — Livia tentou fazer o mesmo, mas não teve sucesso.

— Eles devem estar longe.

— Que diabos aconteceu?

Pararam de caminhar assim que a alongada curva terminou. A estrada seguia em linha reta e revelava um declive à esquerda, tendo uma placa de ferro no acostamento, que dizia:

*BEM-VINDO A PARAÍSO FLORESTAL!
ENTRE POR CONTA PRÓPRIA, E SEJA FELIZ!*

David tentou esquecer as palavras de boas-vindas (que por sinal estavam quase desbotadas) e tomou o declive, que descia em uma nova curva selvagem e aprumada, até alcançar o solo do povoado.

David pediu que Livia esperasse um pouco, e perguntou-lhe se estava com fome. Quando ela disse que não, ele fitou-a com seriedade.

— Tem certeza?

— Absoluta. — Ela não parava de observar a descida, detectando, além da copa das árvores abaixo, pequenas casas na colina seguinte. — Tô muito puta pra pensar em comida. Além disso, meus pais costumavam dizer que uma noite “mal dormida” também tem o poder de te alimentar.

— Estou começando a crer nessa máxima. — David checkou o rifle de assalto que carregava nas costas e reajustou o colete.

Voltou a caminhar com mais precisão e a dialogar com mais intensidade:

— Houve algum hematoma além daquele no pescoço?

Livia sacudiu a cabeça, certa de que vasculhara todo o corpo.

— Não há hematoma algum. E você?

David assentiu, afirmando que também não encontrou nenhuma marca semelhante. Seja lá o que cometera aquilo, não lhes tirou uma gota de sangue, pois não havia sinais de ferimento. Não sentiam dores nem nada. Apenas a vermelhidão causada pela compressão da desconhecida coisa. O mais incrível de tudo é que os intrusos da noite passada não roubaram suas armas, o que tornou a situação ainda mais extraordinária. David e Livia pensaram numa possibilidade que explicasse tal feito, mas não chegaram a nenhuma conclusão aceitável.

Desceram cerca de duzentos metros de ladeira e atravessaram um enorme portão escancarado de ferro. O trajeto era composto pelas conhecidas árvores pequenas, médias e grandes — algumas, secas, outras, frondosas — e capim que não acabava mais, contornando os dois acostamentos da passagem. Num deles, Livia detectou alguns ramos amassados, percebendo que logo adiante havia uma trilha de terra que se destinava ao lado oposto da rua principal de Paraíso Florestal.

Livia aproximou-se da trilha. Ergueu a face para enxergar além da vegetação e conseguiu ver a ponta triangular de uma casa, bem acima das folhagens.

David foi à frente, empunhou a pistola e seguiu a trilha numa rapidez silenciosa e admirável.

Evitou pisar nas pedras que mais soavam armadilhas. Na medida em que corria, a casa ia se aproximando, revelando-se pequena e fechada. Como já era de se esperar, a propriedade estava vazia. Na realidade, não se tratava de um lar comum.

— Ótimo... — David examinou a situação do casebre, que estava prestes a ruir bem debaixo do seu nariz. — Isso vai desabar a qualquer momento.

E não era apenas vazio no sentido de habitação humana. Através de pequenas frestas nas paredes de madeira, sob a baixa fonte de luz,

conseguiram distinguir um envelhecido cômodo deserto que não guarneceu nada, à exceção de um pequeno grupo de ratos invasores e dezenas de aranhas dependuradas em suas teias.

Sem mais nada a fazer, voltaram pelo mesmo caminho e tornaram a descer pela ladeira.

Não muito tempo depois, as árvores se afastaram, desencadeando a primeira visão aberta das casinhas com seus telhados pontudos e alaranjados.

A rua de pedra em que elas foram construídas deveria ser a única do lugar, porque David e Livia não viram nenhuma outra rua de tamanho semelhante, além daquela.

— O lugar é realmente pequeno — comentou Livia.

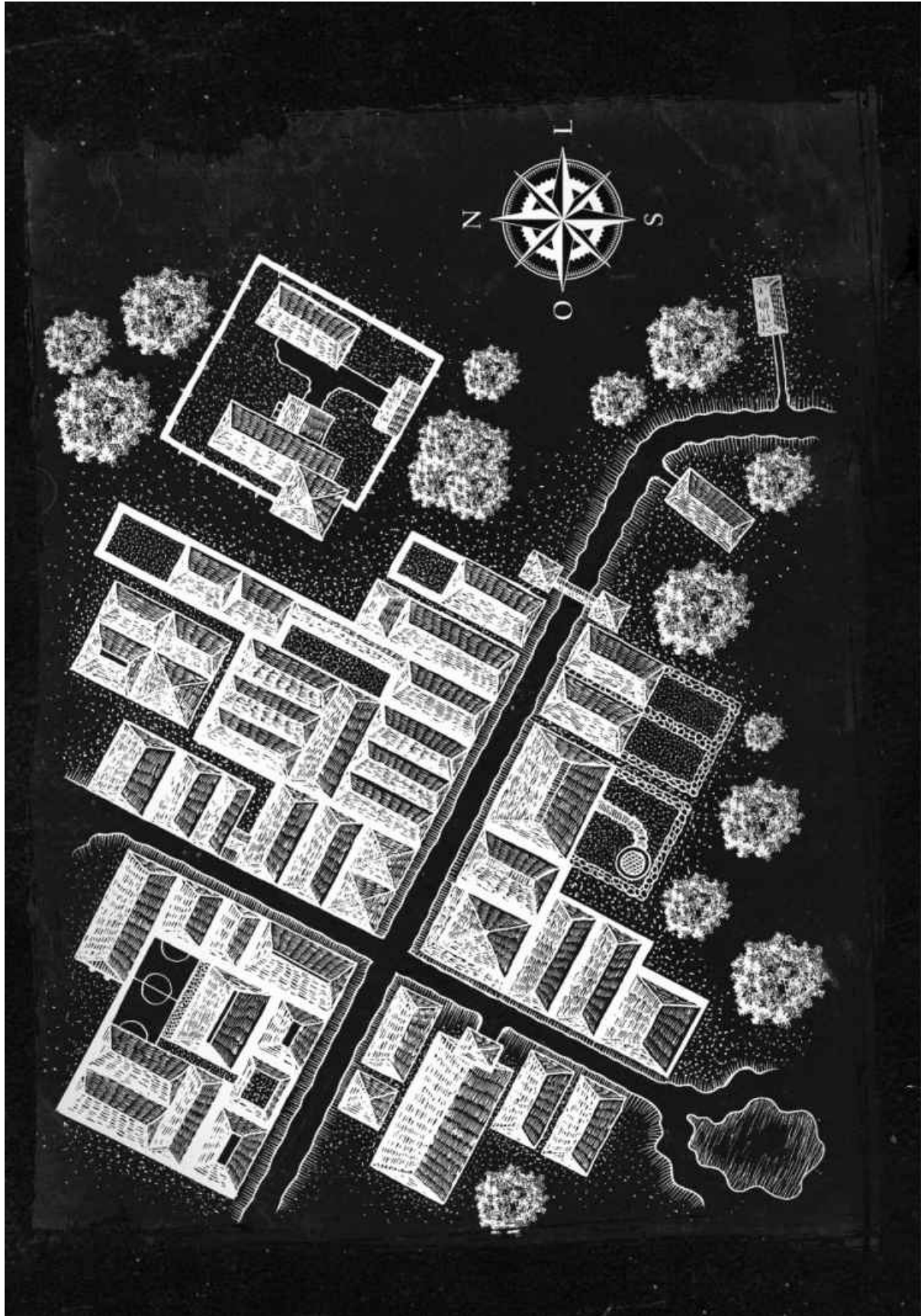
— Estamos na ponta da cruz.

— Como assim?

— É o formato do povoado — explicou David. — Olhando de cima para baixo, ele tem a estranha forma de uma cruz.

Livia engoliu com peso e respirou o ar diferente do ambiente.

Um solo de pedras, com a presença e o cheiro das árvores, e casas suburbanas; nem um pouco ordenadas (via-se duas ou três tortas), completamente lacradas. Ao meio da rua, bancos retangulares de cimento, acompanhados por um alto pé de coqueiro, que farfalhava livremente ao sopro do vento. A partir dali, Livia permaneceu quieta e concentrada, como se estivesse rezando enquanto os olhos vívidos estudavam as bifurcações de rua. Essas divisões intercalavam as moradias pequenas, e davam para becos ou terrenos vazios que futuramente seriam o alicerce de novos lares.



David viu tijolos, areia e sacos de cimento em alguns lotes de terra, e mais à frente, viu também três pares de sandálias de couro, um pedaço de tecido envelhecido e uma sacola de ráfia rasgada num montinho de areia. A impressão mais predominante era de que há, pelo menos, vinte minutos havia pessoas ali, trabalhando na construção das casas ou seguindo o rumo usual do dia a dia. Perto da areia jazia uma enxada e uma pá, seguidas por um balde cheio de água, o que deixou David intrigado.

O cenário suburbano continuou assim até a metade do caminho, quando surgiu o primeiro dístico das casas comerciais. Um prédio com janelas e portas trancadas que dizia “Padaria dos Fontine” era o segundo maior da rua (só perdia para o hotel, que era constituído por uma resistente alvenaria de dois pisos) e arrancava uma admiração tamanha pela excessiva coloração vermelha dos tijolos cerâmicos. A padaria tinha sete janelas de vidro envolvidas por grades. A tentativa de enxergar através do vidro foi em vão, porque havia uma cortina de tecido grosso do lado de dentro, que impedia a visibilidade do cômodo. Parecia uma casa negligenciada, embora aparentasse ser a única padaria dali.

Dois metros à frente, uma butique com uma vitrine repleta de manequins decepados chamou a atenção dos visitantes; a porta se mantinha aberta, mas nenhum ser vivo perambulava por ali. Cautelosos, David e Livia se aproximaram da entrada da loja e viram um balcão de aço que ficava bem atrás dos manequins.

Chamaram pelo dono do estabelecimento, mas ninguém apareceu.

David entrou na loja, deixando Livia a sua espera do lado de fora. Notou que as roupas dependuradas por cabides davam conta de preencher o local inteiro. Talvez por isso não existisse um depósito à vista. Aliás, só quando chegou mais perto do balcão, foi que David encontrou uma porta; tão pequena que mais soava uma passagem secreta de um duende... Fantasmando

uma cena assustadora, David imaginou pequenas criaturas atravessando aquela passagem.

Segurou a maçaneta e girou-a.

Estava trancada.

E se a arrombasse? Um pensamento precoce e inusitado... Ainda que relutasse, ele sabia que era cedo demais para tomar ações precipitadas.

Foi ao encontro de Livia e fez um gesto negativo.

Novamente na única rua de Paraíso Florestal, apreciaram cada pedacinho de terra ou bloco que encontravam.

Uma grande casa pintada de verde, azul e amarelo funcionava como uma escola. Nos muros baixos, figuras animadas, em forma de números e letras, traduziam a sua denominação.

Educandário Ciranda das Letras.

Mesmo trancado, o portão possibilitava uma vista ampla do parquinho que ficava próximo às duas janelas — também fechadas.

Um silêncio absoluto dominava a pequena cidade.

David e Livia sabiam que ainda era cedo, mas não o suficiente para que todos os habitantes permanecessem adormecidos. Isso provocou o mesmo sintoma nauseabundo que os afogara na noite anterior.

A cidade não estava apenas silenciosa.

Estava morta.

Um torpor absolutamente funesto a assumira!

Aonde se escondiam os moradores? Os trabalhadores rurais? E as crianças? E os animais? E os outros oficiais da COPS?!



Sozinhos no meio do nada, os oficiais tentaram uma nova comunicação com os parceiros. Não houve resposta. David ficou irrequieto e começou a andar em círculos. Virava de um lado a outro, o peito disparado, a olhar incansavelmente para todas as construções silenciosas que curtiam com sua cara. Mais do que ninguém, ele queria descobrir o que significava tudo aquilo. As casas estranhas desafiavam-lhe, e ele as encarava.

— O que faremos? — perguntou Livia, preocupada.

— Vamos até o fim da rua.

Caminharam em linha reta, ultrapassando o colégio, uma igreja e uma pequena casa de comércio que dividia posto de correio com confeitaria. Atrás das construções, as árvores se retorciam. Folhas vojavam no ar e pairavam na via ladrilhada. No final da rua, só havia um caminho disponível; uma estrada de chão que descia na direção da mata e se perdia lá por diante. Certamente levaria aos vales perigosos, em cujas cristas foram erguidas algumas casas rurais. O trajeto não devia ser fácil. O acesso limitava-se apenas aos trabalhadores que se refugiavam lá em cima.

Os oficiais suspiraram. De novo.

Olharam para trás e encararam a fileira de casas ao longo da via.

— Aonde poderiam ter ido? — matutou David.

— Boa pergunta.

— Pensemos como eles...

— É uma tarefa difícil. Não sabemos o que houve. Mas supondo que eles foram atacados por alguma coisa voadora, eu...

— Livia, por favor.

— Vamos ser um pouco mais realistas aqui. Eu tomaria o caminho de volta se visse aquela porra voadora novamente.

David não via um sentido racional naquilo. Se as pessoas desapareceram, é porque foram sequestradas por outras pessoas, no mínimo.

— Temos de verificar o interior das casas.

Lívia concordou, apontando para o portão da escola e para o prédio de dois pisos que dizia “Hotel Paraíso”, no finalzinho do trajeto.

— Você vasculha o hotel — disse ela. — Eu fico com a escola.

— De jeito nenhum.

— Como de jeito nenhum?

— Não vamos nos separar.

— Não estaremos tão longe.

— Mesmo assim, é arriscado.

— Precisamos poupar tempo. E, além disso, temos comunicação. — Ela tocou o próprio microfone. — Sei que estamos enfrentando o desconhecido, David, mas precisamos encontrar nossos parceiros a qualquer custo. É o nosso lema, não é? Salvar vidas. Trabalhar em equipe... Sem falhas!

David protestaria de novo. Nunca gostou da ideia de agir separadamente. Não numa dessas. “Se o Deke não tivesse separado a equipe, ainda estaríamos juntos!” A ação impensada do Guile ainda o torturava. Mas era um pouco tarde para falar sobre isso, e sabia reconhecer a razão de um soldado. Lívia estava certa; o tempo corria. Cedo ou tarde, o capitão enviaria uma tropa de resgate para buscá-los, e se o time não estivesse completo, a coisa iria de mal a pior. Precisavam encontrar os aliados antes que fosse tarde demais.

— Tudo bem. Eu fico com o hotel. Mas manteremos contato constantemente.

— Entendido.

Lívia partiu na direção da escola.

David ficou parado, vendo o corpo dela se afastando.

Só após ter a certeza de que ela chegou ao portão, foi que ele se dirigiu ao seu destino.

Como se sabe, o hotel era um prédio de dois pisos, projetado num estilo montanhês, enfeitado com uma frontaria rústica de madeira e jardineiras cheias de flores nos peitoris das janelas. Havia uma placa que dizia “aberto” na porta. David empurrou-a com cuidado e apontou a arma para o saguão escuro. Conseguiu enxergar alguns móveis: aparadores de ferro, sofás com estofados de couro e suportes estranhos, três abajures antigos e, ao seu lado, uma cortina de veludo que cobria a janela fechada.

O receptor emitiu um ruído, e a voz de Livia soou:

— *Entrando na escola.*

— O portão estava aberto?

— *Não... Tive de pular o muro.*

— Estou com sorte. — David falou em tom de humor. — O hotel está aberto. Estou no saguão. Assim como o restante da cidade, não há um pé de gente por aqui.

— *Atravessei a varanda, passei por um segundo portão e tomei o corredor.*

— O que acha daí?

— *Não sei como dizer isso... Sinto que não estou sozinha.*

— Tome cuidado.

— *Estou tentando abrir as portas. Uma delas está aberta! Estou entrando...*

— O que vê?

— *É a diretoria.*

— Está vazia?

— *Sim. Há uma mesa cheia de documentos e classificadores, e uma grande quantidade de fotografias de crianças espalhadas nas paredes. Não vejo sinais de abandono. A mesa está completamente limpa.*

David abriu as cortinas que cobriam as janelas do saguão, fazendo com que

a luz do dia iluminasse a recepção do hotel.

Havia uma estante de vidro repleta de utensílios decorativos, três sofás de carvalho legítimo, um televisor em cima de um suporte na parede e um refinado tapete de veludo no chão. Fotos de possíveis clientes sorrindo emolduravam um painel de tamanho médio na parede.

Uma das fotografias mostrava cinco pessoas exóticas, reunidas na porta do hotel, ostentando um sorriso extravagante que mexeu com a cabeça de David. Três mulheres e dois homens. Seus rostos eram pálidos como cadáveres; os corpos, estranhamente esguios.

A bancada da recepção era de mármore, com pedras brilhantes entalhadas e cartões-postais que eram vendidos aos hóspedes. No interior da bancada, David descobriu um computador desligado, um livro de atas contendo uma variedade de nomes e números e um diário de caixa. Ao lado da impressora, chaves jaziam penduradas em vários ganchinhos de ferro.

Nenhuma mancha. Nenhuma sujeira.

Tudo estava tão limpo, que David chegou a cogitar se não havia alguém limpando o andar superior...

— *David?*

— Estou aqui. — A voz dele soou depressa. — Você tem razão. Acho que não estamos sozinhos na cidade.

— *Ouviu alguma coisa?*

— Não. E você?

— *Silêncio total.* — Livia estava caminhando. Era possível escutar o eco de seus passos cautelosos ao longo do corredor da escola. — *Tudo está vazio. Eu não entendo. Parece que as pessoas foram obrigadas a deixar esse local. Não há odor de mofo ou sinais de confusão! Me pergunto se os habitantes desse povoado não estão escondidos atrás das paredes.*

— Antes fosse...

— *Pare com isso, ou vou acreditar em tudo que imaginar agora!*

— Foi mal!

— *Mas, falando sério, qual é o seu palpite?*

— Não sei. Esse silêncio macabro, de abandono, não combina com a ótima situação das casas.

— *Verdade. Primeiro vimos os sinais da construção lá fora. Deveríamos flagrar trabalhadores ali, não é? Depois a loja de roupas...*

— A recepção do hotel está brilhando, como se alguém tivesse acabado de limpá-la. Não vi sequer um grão de poeira!

— *As salas da escola também estão em ordem. Estou vendo cadernos e livros sobre as carteiras... E não. Nenhum estudante.*

— Vem logo pra cá.

— *David... Você precisa ver isso!*

— Ver o quê?!

— *Os cadernos* — a voz de Livia transmitia um leve tom de desespero. — *As anotações nos cadernos têm a data de hoje... Como pode ser?*

O coração de David voltou a bater daquele jeito, como na noite passada. Sua mente se estreitou ao ataque no posto rodoviário, e logo imaginou a criatura voadora se aproximando de novo, perseguindo sua parceira pelos cômodos vazios da escola.

— Livia, saia logo daí!

— *Não posso.*

— Como não?!

— *Ainda não verifiquei todas as salas.*

— Como você é teimosa!

“E corajosa” ele completou em pensamento.

Mas Livia não desistiu. Ousada, estava decidida a procurar pelos membros da equipe por todas as redondezas, por mais arriscado que fosse.

— *Me dê vinte minutos e estarei aí.*

— Vinte minutos — David cronometrou. — Nada mais do que isso!

— *Beleza... E você? O que fará?*

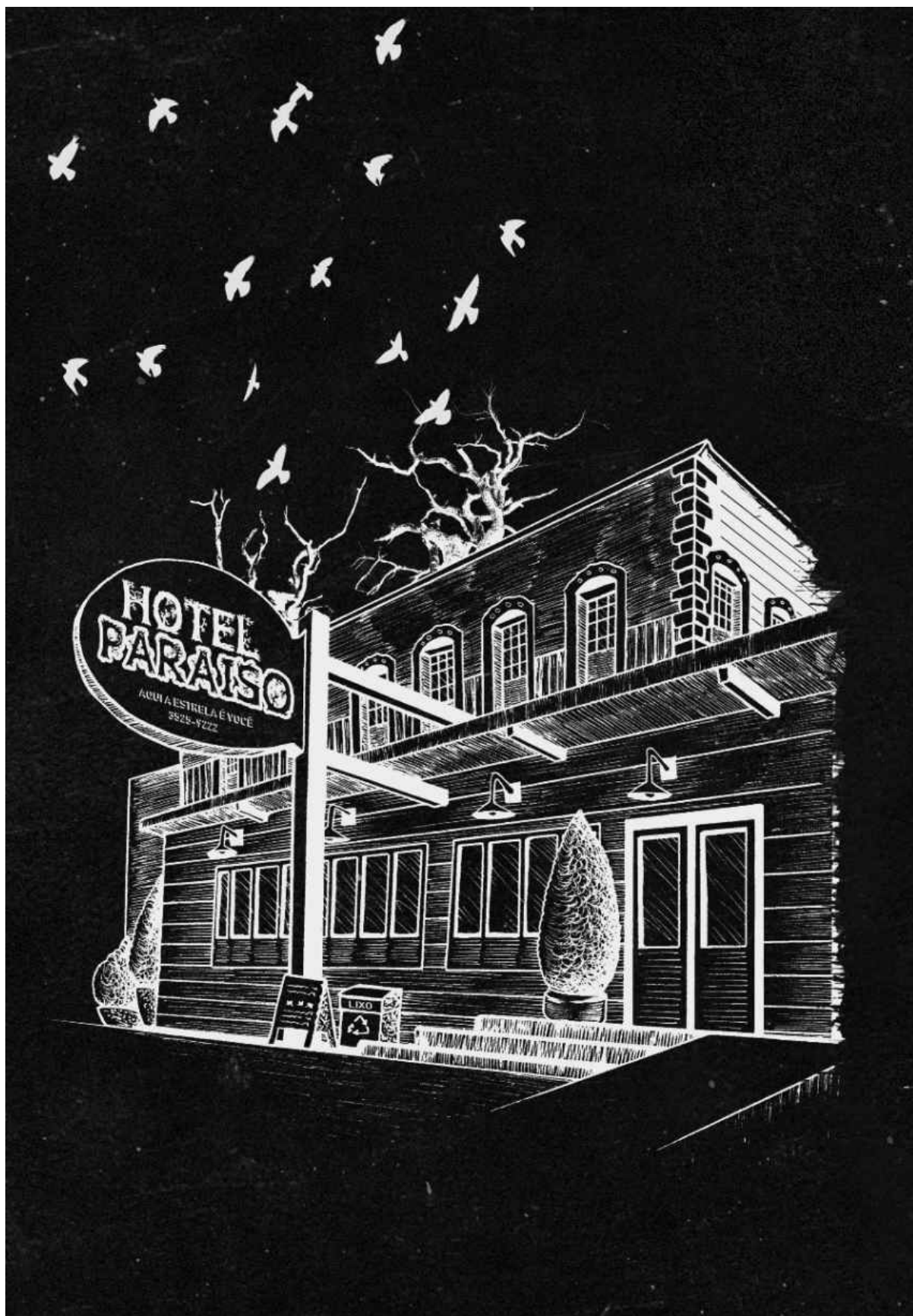
— Vasculharei o resto do hotel.

— *Positivo. Vamos manter a comunicação.*

Após ouvir a parceira, David pensou rapidamente e se viu adentrando em um novo episódio horrendo. Se havia anotações atuais nos cadernos da escola, para onde levaram as crianças? E os professores?

Tudo ficou pior e ainda mais tenso dali para a frente.

Ter a noção de que alguém poderia estar detrás das paredes, escondido, observando-o em silêncio, não era algo fácil de lidar.





UM SOLDADO É treinado durante anos para enfrentar diversos medos. Mas aquele que David sentia ultrapassara todos os limites imagináveis. Mantendo a respiração firme e a arma em posição, seguiu para além da bancada da recepção e encontrou uma porta de vidro que era acessível aos hóspedes do hotel.

Um cômodo extenso e ligeiramente escuro surgiu diante de seus olhos, com muitas mesas quadradas e engrinaldadas, painéis de vidro repletos de recortes na parede ao fundo, e duas mesas térmicas atulhadas de presunto, queijo, pães e frutas.

Examinando o restaurante com atenção, ele destacou um corredor à direita,

e uma discreta passagem à esquerda. O corredor deveria conduzir aos quartos do térreo e às escadas do primeiro andar. E a porta, em virtude de uma pequena placa que dizia “acesso restrito aos funcionários”, deveria levar à cozinha. Sem pensar duas vezes, David começou por ali.

A cozinha do hotel não era um bom exemplo de amplitude. Apesar disso, ela contava com dois fogões industriais, três fornos elétricos, dois refrigeradores, micro-ondas e uma infinidade de utensílios de ferro e alumínio. Um enorme armário de ferro circundava todo o recinto. David abriu algumas gavetas e encontrou vários produtos alimentícios de qualidade. Tantos quilos de farinha de trigo. Ovos. Chocolate em pó. Leite em pó. Leite condensado. Biscoitos. Pães, ainda quentinhos. Todos os alimentos com prazo de validade em ordem!

Sem nada confiscar, regressou ao restaurante e foi até as mesas térmicas. Nas cubas quentes, observou os bolos, as batatas cozidas, as bananas fritas e alguns pasteizinhos que eram servidos no café da manhã. Estavam tão quentinhos e cheirosos, que David sentiu uma intensa vontade de beliscar um deles...

De repente, parou.

E se o problema estivesse na comida?

“Você está ficando maluco.” Mas sabemos que um desaparecimento em massa pode ser, ou não, ocasionado por uma doença infecciosa... “Ninguém se infectou ou adoeceu. Caso contrário, teríamos um trabalhão para contar e amontoar os corpos!”

Não havia vítimas, nem sinais de violência, nem nada. David se lembrou da sua última conversa com Deke, que garantiu ter visto alguns civis daquele maldito povoado silencioso. Será que a mesma coisa que atacou os policiais, os atacou também? Será que a coisa voadora, da qual Livia tanto aludiu a um dragão, os levou para bem longe?

“Chega de teorias absurdas. Você está imaginando coisas. A mente tem o poder de pregar peças. Seja racional!”

Mas será que podemos ser racionais, realmente, quando enfrentamos o inexplicável?



Lívia caminhava lentamente por um beco que rodeava o lado norte da escola. Vasculhara grande parte do prédio e não viu ninguém por perto. A diretoria, admitia para si mesma, foi o cômodo mais estranho e pesado que visitou. As paredes manchadas, repletas de fotografias antigas, e as janelas acortinadas, exalando um cheiro que Lívia não conseguiu distinguir, causaram um incômodo lancinante à sua mente fragilizada.

É claro que enfrentara anos de treinamento para chegar até ali. Não foi fácil. Mas o clima da pequena cidade modificara seus sentidos, de algum modo...

O que seria? Que mistério ancestral e sobrenatural regia a quietude do lugar?

Uma desconhecida fraqueza passou a rodeá-la.

Atenta ao beco, massageou os próprios braços e enrijeceu os punhos em torno da arma.

Sua imaginação estava em um estado crítico.

“Esqueça.”

Primeiro receou dar de cara com algum homem sorridente no fim do beco, mirando-lhe uma faca ou uma navalha, igual aos assassinos dos filmes de terror que vira na infância.

“Isso tudo é uma grande bobagem.”

O homem que imaginava usava uma capa preta. Tinha fendas escuras no lugar dos olhos e um sorriso acompanhado por dentes afiados. Ele não respirava, pois a imaginação de Livia não detectou o nariz.

“E esse beco, que parece não ter fim?”

Becos nunca foram seu forte... Graças a Deus, ainda raiava o dia.

“Não fantasie coisas. Não há psicopatas por aqui.”

Talvez estivesse certa, mas logo temeu descobrir um morto ensanguentado. Não morto-vivo, e sim um corpo esfaqueado no chão, talvez de uma criança...

Suspirou.

Alcançou a metade do caminho.

Olhou para trás, num ato de suspeita, e depois para o céu azulado.

Seguiu em frente e alcançou um pequeno pavilhão de esportes.

Nesse instante, ao pisotear o solo escorregadio da quadra, teve a inexplicável sensação de que alguém caminhava no beco, aproximando-se para surpreendê-la por trás.

Seu instinto nunca falhou. Essa foi a primeira vez.

Num piscar de olhos, girou o corpo para o beco e, quase ofegante, mirou a pistola para o nada. Um suor gelado correu na testa... Nenhum ser visível perambulava por ali.



No hotel, David suspirou e foi até a recepção dar uma olhada nas chaves.

Contou dez ganchinhos de ferro, sendo que apenas três estavam vazios.

Se sete chaves permaneciam na recepção, então três quartos haviam sido ocupados. David acompanhou a numeração e procurou o livro de registros

para averiguar os últimos check-ins. Não havia nada na primeira reentrância ou no compartimento do computador.

Tentou as gavetas de baixo. Abriu uma atrás da outra.

Notas, contas e ofícios correram em suas mãos.

Última gaveta.

— Aqui está.

Lá estava o caderno desejado. Abriu na página referente à data do dia anterior e deslizou o dedo sobre os nomes das pessoas que se hospedaram ali. Três quartos duplos haviam sido reservados; duas pessoas se hospedaram no apartamento de número seis, outras duas ficaram com o de número nove, e mais duas com o de número dez.

Subitamente, um calafrio gelou o corpo de David, e sua mão afrouxou.

Na lista de hospedagens, estava registrado:

APARTAMENTO 06 (Duplo) — Frederico Guedes / Jonatas da Silva

APARTAMENTO 09 (Duplo) — Wallace Oliveira / Calebe Sanches

APARTAMENTO 10 (Duplo) — Tadeu Joaquim / Desmond Kennedy

Se o que acabara de ler era real, então aqueles eram os nomes completos de seus parceiros.



Como medir o nível do absurdo? Havia algum sentido naquela página?

Parecendo estar ciente da causa, de forma súbita, Livia entrou em contato.

— Alguma novidade?

— Das grandes.

— O que foi?

David foi direto ao ponto:

— Vem pra cá — ele notou que houve uma leve queda na comunicação, por isso correu até uma área mais aberta. — Lívia?! Está me ouvindo?

— Mais ou menos.

— Me escuta agora?

— Sim! Está tudo bem?

— Vem logo! Quero te mostrar uma coisa.

— O quê?

— Uma coisa muito estranha. Mas prefiro que você veja com seus próprios olhos.

— Me espere na porta. Já tô indo.

Ele atravessou a recepção e parou na calçada do hotel.

Dentro de quatro minutos, Lívia surgiu no fim da rua e veio correndo ao seu encontro. Estava louca para saber o que David tinha descoberto.

Antes que ela falasse alguma coisa, ele pediu que entrasse.

— Vem comigo.

— O que encontrou?!

Foram até a bancada. Ele apanhou o caderno de registros e pediu que ela mesma o folheasse.

— Pra quê esse caderno?

— Apenas leia.

Ela não compreendeu a princípio, porém obedeceu.

A primeira ação foi duvidosa.

Primeiras folhas: dados, nomes, sobrenomes... Enfim a data do dia anterior. Os nomes completos, o dia e a hora da reserva. Tudo anotado. Lívia abaixou o braço armado e cessou os movimentos. Entreabriu a boca e franziu a testa suada.

— O que é isso?!

— Engraçado, não é? — ironizou David. — Foi a mesma pergunta que me fiz.

— São os nomes deles... Do Calebe também!

— Dá pra acreditar?

— Você já checkou os quartos?

— Não. — O soldado cruzou os braços. — Eu não faria isso sem você.

Lívia coçou a própria nuca, desconcertada. Estava profundamente comovida, sem saber o que dizer. Por um lado, encontrou um pouco de paz...

E se os rapazes resolveram descansar um pouco? Havia fundamento nisso?

“Isso não pode estar acontecendo.”

Só havia uma maneira de saber.

Engatilhando a arma, David revelou o caminho.



David seguiu até o corredor, que era um cômodo mais escuro, comprido e ainda mais sereno.

Lívia ficou atrás dele, vítima do vácuo opressor.

Seus passos causavam ruídos secos sobre o carpete no assoalho; um barulho amplamente audível em meio à ostensiva e infrequente serenidade.

O corredor virou numa curva e designou-lhes a escada.

A dupla se entreolhou e realizou uma breve troca de sinal; os dormitórios em questão se encontravam no andar de cima.

— Me fala — iniciou ele —, viu algo na escola que ainda não tenha me contado?

— Não. Está completamente deserta, embora haja sinais de que havia

estudantes por perto. Os cadernos e as datas não mentem.

— Tenho pensado comigo mesmo... — David suspirou. — E se alguém, algum maníaco, sequestrou toda essa gente?

A outra balançou a cabeça.

— Toda essa gente eu não sei. Mas você acha que alguém sequestraria o nosso time?

David respondeu, após uma pausa:

— Não.

— É claro que não.

Agindo com cautela e precisão, galgaram os degraus rugidores e, no ápice, viraram à direita, deparando-se com inúmeras portas de madeira que eram distribuídas ao longo do novo corredor. Um caminho quase sem ar; soturno e melancólico. Fazia tempos que David e Livia não se sentiam tão amargurados e presos a um só lugar. O ambiente estava quente, coberto por ondas vibrantes de calor. Queriam acabar logo com aquilo.

— Apartamento seis — disse David, parando diante da porta.

Segurou a maçaneta e aguardou Livia empunhar a arma com força.

Contou até três. Abriu a porta e assumiu a posição de ataque.

Um ar antigo e malcheiroso irrompeu dali de dentro.

Os oficiais tiveram que inclinar a cabeça para tossir um pouco.

— Fred? Joney? — chamou David, baixinho. Ninguém respondeu. — Fred?! Joney?! — Dessa vez mais alto, mas sem nada ouvir. — Tem alguém aí?!

Silêncio.

Um vento assobiou no escuro. Havia corrente no cômodo.

Livia ligou a lanterna. A esfera luminosa começou a revelar partes do apartamento. Um tapete de renda no piso. Um velho criado-mudo encostado ao par de cortinas. Duas camas de solteiro, vazias. Adiante, um armário

embutido na parede e uma porta que possivelmente dava para o banheiro.

A oficial suspirou.

— Ninguém.

Avançaram quarto adentro e puxaram as cortinas. A luz do sol atravessou a vidraça e concedeu-lhes um brilho maravilhoso. Por aquele ângulo, o recinto até que era bem arrumado, com abajures esbeltos nos cantos e lustres adornados por cristais no teto.

Tudo limpo. Nenhuma poeira.

— Vamos para o próximo quarto — ordenou David, começando a sentir-se cansado. Voltou ao corredor e andou mais rápido que antes, quase certo de que ninguém habitava o cômodo vizinho. — Lívia, vasculhe o número dez.

— Entendido.

Indicou o número dez à parceira e invadiu o número nove.

A luz da lanterna vacilou, mas logo voltou ao normal, revelando-lhe os mesmos detalhes testemunhados no apartamento anterior. Camas de solteiro, um velho criado-mudo, cortinas grosseiras e o maldito silêncio ameaçador. Foi até as cortinas, puxou-as com rapidez e livrou-se da escuridão. Os raios do sol entraram, benevolentes, e clarearam parte do corredor.

Num suspiro, David abaixou a cabeça. Queria tanto reencontrar seus parceiros! Que poderia fazer agora? Dedicara meio minuto de seu tempo para pensar em mil possibilidades, até a voz de Lívia interrompê-lo num grito arrepiante:

— Tem uma pessoa aqui!

O soldado partiu numa arrancada, cruzou o corredor e parou no quarto seguinte.

— Lívia?!

Não quis saber de imediato quem era a pessoa encontrada. Não naquele instante. Dadas às circunstâncias, uma pessoa poderia ser qualquer coisa,

inclusive uma ameaça... Mas preocupou-se primeiro com a segurança da parceira.

— Livia... — David baixou o tom da voz. — Fale comigo.

A oficial estava de pé, armada, no meio do recinto. Segurava a pistola com firmeza e apontava na direção do banheiro. David ficou ao seu lado, observando a cena que a cada segundo tornava-se inesquecível.

É interessante destacar que as cortinas já haviam sido abertas, o que dispensara qualquer suspeita de ilusão. Quando estamos no escuro, a nossa mente tem o costume de se virar contra nós. Podemos presenciar vultos, sentir presenças estranhas, ouvir sussurros e ter a impressão de que existe algum ser escondido num canto... David sabia que aquele não era o caso. Tudo foi iluminado com esmero; as camas estavam tingidas por uma coloração vermelha, o tapete sujo por uma secreção esverdeada, o assoalho riscado por algo que pareciam garras e a cerâmica do banheiro com poças de um líquido escarlate.

Livia não viu ninguém nos leitos. Imaginou que o quarto se achava deserto (igualmente aos anteriores) e então baixou a guarda.

Mas não estava sozinha. Não mais.

Graças à própria destreza, alçou o braço armado e clamou o nome do parceiro, que semelhante a si, ficou boquiaberto, questionando se o que via poderia ser fruto da realidade.

— Livia! — chamou David, pela terceira vez. A mulher não conseguia falar. — Você vai atirar nessa coisa?

Agiu como se não portasse uma arma. Na realidade, devido ao choque, esquecera!

Então empunhou a metralhadora com bastante firmeza, e apontou-a na direção da coisa, que parada na porta do banheiro parecia desafiá-los.

— Quem é você?!

Uma pergunta impulsiva.

A coisa (que se assemelhava a uma mulher) deu um passo.

David e Livia ameaçaram atirar.

— Fique parada!

Perceberam que, durante o passo, a estranha deixou cair um pedaço de carne no chão.

Sim. Um pedaço de carne, carne viva. Fresca! Uma paródia sangrenta do que vemos nos balcões agourentos de matadouros enlouquecedores.

O estômago de Livia embrulhou.

David permaneceu firme e estudou a forma feminina adotada pela coisa.

Embaixo, duas pernas de mulher, cobertas por uma saia esquisita e desfiada. O tronco também era natural; a barriga se compatibilizava com a de uma jovem de vinte e poucos anos e tinha no umbigo uma argola encravada. Em cima, porém, em vez de observarem braços, ombros e uma cabeça jovial, os oficiais se depararam com uma massa grotesca de carne uniforme, que ondulava de um lado a outro. Ondas cavernosas bombeavam sob a pele; as veias se alteravam e se espalhavam por todo o corpo, como se o sangue o inflasse cada vez mais.

— David... — Livia engoliu com força. — O que vamos fazer?

— Eu... Eu não sei.

A barriga feminina começou a inchar...

Os soldados deram um passo para trás.

Que diabos estavam enfrentando? Que espécie de moléstia ou peste era aquela?





NUM SIBILAR ASSUSTADOR, a coisa começou a andar.

Sem titubear, David puxou o gatilho.

Cinco balas perfuraram a carne gigante, que sangrou e ondulou. A coisa foi para trás, mas não caiu. Quilos de músculo e litros de sangue concentraram-se no tronco feminino. A carne achatou-se grotescamente e unificou-se de novo, fechando os orifícios causados pelas balas.

— Es... Está... — David balbuciou, nervoso. — Está se regenerando?!

Lívia disparou dessa vez.

Três tiros no balão de carne; dois no tronco inchado e mais um na perna molhada de sangue.

A coisa pendeu para um lado, não aguentou o peso e desabou.

As veias na pele do ventre puseram-se a estourar. No primeiro estouro, soltou um grito horripilante de dor e ejaculou jatos de secreção ácida em várias partes do quarto.

Se Livia não abaixasse, seria acertada no meio do rosto. Olhou rapidamente na parede; o líquido corrosivo derreteu parte da cortina.

— David! — exclamou.

O outro não se moveu, ainda impressionado com o que via.

Um ser que imitava a sua espécie, indescritivelmente horrendo, intumescido; sem braços, sem cabeça, sem boca, mas que gritava! De onde vinha aquele som padecedor? De dentro? Do ser humano que foi engolido por ele, e que agora lutava para se libertar das paredes orgânicas e cavernosas? Não era um grito natural. Era um som perverso que destoava tudo aquilo que se podia encontrar na natureza do nosso mundo.

Milhões de hipóteses grotescas passaram pela cabeça de David. Foi preciso recuar para apoiar-se em algo, antes que caísse também.

A criatura não morrera. Seja lá o que fosse, achava-se em um terrível estado de agonia e convulsão, emitindo o mesmo grito hediondo e os mesmos jatos sangrentos para todos os lados.

Ligeira, Livia levantou-se e agarrou o braço do parceiro.

— Temos que sair daqui!

Saíram do quarto.

Atentos, atravessaram o corredor. Desceram enlouquecidos pelas escadas e pausaram no restaurante para dar uma respirada.

Perguntas sem respostas.

Loucura. Medo. Caos.

Nada, além disso, poderia defini-los melhor.

Sem pensar duas vezes, abandonaram o prédio.

Mesmo na calçada, era possível escutar o volume ensurdecedor dos gritos.

Um vozerio infernal, conflitante demais para qualquer ser humano suportar.

Erguendo a cabeça, precisamente na direção das janelas do quarto de número dez, perceberam que a coisa não somente havia se erguido, como também tentava arrebentar as vidraças da janela, para se atirar na rua e apanhá-los.

Trêmulos, recarregaram as armas e correram para o lado oposto da rua; aquele que os conduziria à saída do povoado. Somente duas possibilidades regiam suas mentes agora: ou subiam a única ladeira acessível para alcançarem a cidade mais próxima, ou ficavam para serem engolidos pela esfomeada criatura, que apesar dos tiros, indescritivelmente não morreria.

Juntos na correria, não paravam de olhar um para o outro, ou para trás.

Passaram em frente à Padaria dos Fontine, depois pela loja de roupas, a construção inacabada e prepararam-se para subir a ladeira.

Assim que realizaram a curva, os pés frearam no terreno, fazendo com que uma cortina de poeira se erguesse a sua frente.

David pausou a respiração, ao mesmo tempo em que Livia tentou se convencer daquilo.

Diante de seus olhos, uma multidão centralizada bloqueava o caminho.

Os oficiais perderam a cor, chocados.

— O que significa isso? — disse a parceira, arrepiada.

Lívido, David não pôde responder.

Não era simplesmente uma aglomeração de gente. Estava claro que todos os habitantes estranhos de Paraíso Florestal se encontravam ali, encarando-os com uma fúria dos diabos, preparados para algum tipo de ataque.

— O que está acontecendo aqui? — exclamou David, finalmente. Sem ouvir nenhuma resposta, ergueu a metralhadora para o amontoado. — Saiam

do nosso caminho agora! Isso é uma ordem!

Ninguém respondeu.

Apenas o longínquo som dos gritos da coisa cavernosa, cada vez mais perto...

Lívia também ficou em estado de alerta.

Os nativos exalavam um ar maléfico e ameaçador, vestidos por trajes estranhos e munidos por diferentes objetos que serviam como armas — empunhavam facas, cutelos, machadinhas, martelos e canos. Os oficiais tentaram examinar os rostos com mais atenção; viram mulheres cobertas por mantas estranhas, e homens de bandanas e tecidos envelhecidos manchados por uma coloração escarlate.

Sangue?

E crianças, e adolescentes mal-encarados, e figuras bizarras e distantes dos padrões naturais da juventude, brandindo armas rurais no terreno dilapidado.

David e Lívia pensaram em indagar de onde vieram.

Da estrada, talvez? Ou das entranhas da floresta, o seu esconderijo primordial?

Por entre rasgos e outros orifícios, conseguiram ver uma particularidade diferente nos olhos anormais... Não existia brilho, movimento preciso ou mesmo uma camada leitosa na conjuntiva. Tudo indicava que os habitantes não conseguiam enxergar com facilidade, por mais incrível que parecesse. Via-se pelo modo que se movimentavam e farejavam... Por isso não temiam as armas de fogo; não se pode temer aquilo que não se enxerga.

“O que há com essa gente?”, pensou o soldado, mais assustado do que nunca.

Mirando o rifle para o alto, ele apertou o gatilho e descarregou sete balas.

O estrondo impactou.

Parte das pessoas abaixou-se, as mãos direcionadas ao ouvido. A outra

parte, contudo, agiu de modo contrário. Mãos ágeis e fortes elevaram suas armas rurais (facões, pás e enxadas), tomando como mira os oficiais da COPS.

— Parados! — trovejou David, a mira concentrada no primeiro nativo. Lívia na mesma posição. Se dessem mais um passo, cairiam sem vida. — Eu falei... Parados!

Não houve obediência. Quando o primeiro homem tentou atacar, David disparou-lhe na cabeça. A bala varou na testa do indivíduo, levando seus miolos ao chão. O tecido encardido escapou-lhe da face, revelando um semblante inchado e disforme que, para o choque emocional dos oficiais, muito se assemelhava à cabeça polpuda da criatura voadora.

David ficou estupefato, incerto sobre o que fazer. As mãos afrouxaram um pouco; a força vacilou. O rosto do ser que baleara não podia ser comparado a um rosto legitimamente humano. A não ser, é claro, que o indivíduo sofresse de alguma doença maligna, responsável por tamanha deformidade. Os olhos, como sabemos, eram duros como pedras, sem qualquer sinal de vida. As orelhas se tratavam de dois buracos enormes. O cabelo rareava nas têmporas, deixando em evidência uma ferida necrosada que delineava um corte horizontal no meio da face. Esse corte, para o agravo da compreensão de David, se abria e se fechava conforme o corpo respirava, assemelhando-se a uma espécie de guelra. Um orifício horrível ocupava o lugar da boca, que em vez de lábios contava com uma estranha casca escura, repleta de caninos pontudos e afiados.

E não acabou por aí...

Todos os habitantes pararam de caminhar. As cabeças se voltaram para o terreno, onde o corpo, recentemente atingido, parecia regressar à vida, sacudindo-se numa convulsão diabólica.

— Que desgraça... — disse Lívia, sem saber para onde olhar. — Ele está

se levantando... Atira nesse desgraçado!

Foi impossível não se enfraquecer. Foi impossível evitar o medo horripilante e não se recordar de Lázaro, de algumas passagens bíblicas ou das maiores barbaridades expostas no livro do Apocalipse.

Lívia sabia que não enfrentava algo natural. Ergueu a arma carregada e disparou contra uma cabeça. Depois outra, e outra, e mais outra... Na medida em que atirava, zanzava para trás. Os corpos caíam com peso, sofriam espasmos no chão e reerguiam-se.

David atirava sem parar. Cápsulas vazias voavam sobre seu ombro direito.

— Não estão morrendo!

A multidão avançou.

— Corra! — gritou para a parceira, que ao virar-se de repente, deu de cara com a coisa cavernosa andando de forma desengonçada, simulando uma dança macabra no meio da rua.

O bolo de carne se abriu, transformando-se numa incompreensível boca gigante com centenas de dentes. Lívia desvencilhou-se num salto, driblou a criatura faminta e baleou-a no calcanhar.

A coisa monstruosa despencou, libertando uma nova série de gritos e jatos sanguinolentos.

David juntou-se à parceira.

Fizeram a volta e tomaram a única direção possível para dentro do povoado, ficando à frente da horda de habitantes horrendos e da criatura intumescida.

Correram o máximo possível, alcançaram o meio da rua e perceberam que outra criatura humanoide vinha passeando do outro lado do caminho, na intenção de cercá-los. Um ser idêntico ao primeiro; pernas humanas embaixo e carne uniforme em cima. Caminhava lentamente, fazendo com que parte da carne viva se desprendesse do couro e se dissolvesse no chão. Cada vez mais

faminta, bizarra e assustadora.

Com a metralhadora em punho, David virou-se para a multidão. De costas para o parceiro, Lívia apontou sua pistola para a segunda criatura cavernosa.

— E agora? — sussurrou ela. — Estamos encurralados!

A multidão gemia.

Esfomeadas, as criaturas gritavam.

Perto... Mais perto...

— Espere — disse David.

Para onde ir?

“A loja de roupas” pensou David, olhando para a esquerda, pelo canto do olho. “Há uma porta além do balcão...” Uma boa alternativa, senão a única.

— Para a boutique. Agora!

Disparou contra os nativos, precisamente nas pernas — fazendo-os cair — e saltou para a esquerda, em direção à loja.

A parede de humanos horrendos tentou abocanhá-los.

O odor de carne podre irrompeu da coisa cavernosa, de centenas de dentes; a mordida horripilante quase atingira Lívia.

Foi por pouco. Muito pouco.

Como a porta da boutique estava aberta, entraram imediatamente e fecharam-na depressa, a tempo de ver os corpos tombando no vidro.

A esperança brotou ao escutarem um piar de pássaros, que felizes deveriam sobrevoar a floresta além de Paraíso Florestal. A felicidade é um sentimento arrebatador... Ela tem a grandeza de existir mesmo quando o nosso mundo se afigura ao inferno.

Parcialmente seguros, David e Lívia refugiavam-se dentro da loja, cuja vitrine era esmurrada pelas garras pesadas dos seres desconhecidos.

Sem perder tempo, David partiu para os fundos numa intensa voadora, colidindo contra a pequena porta detrás do balcão.

— Me cubra!

Lívia virou-se para a vitrine, os braços esticados e a pistola preparada.

Os braços dos seres de Paraíso Florestal não paravam de açoitar a vidraça, que não demorou a rachar e a causar um sentimento funesto na atiradora.

— David... Eles vão entrar!

O soldado realizou o segundo golpe de pernas. A portinha era resistente.

Um risco gigantesco traçou a vidraça da frente. Lívia manteve os punhos em garra, entreabriu os olhos molhados e preparou-se física e mentalmente para a nova fase do pesadelo.

A vitrine crepitou e espatifou-se; corpos de diversos tamanhos e formas adentraram a boutique e arranharam-se nos cacos de vidro, lançando-se na direção da vítima.

— Depressa! — Lívia gritou para o parceiro, ao disparar contra os invasores.

Primeiro atingiu uma perna; o corpo estranho caiu e fez os demais tropeçarem.

Seres que imitavam a forma humana arrastavam-se no sangue derramado, uns sobre os outros. Urravam de dor. Sorriam de prazer. Suas carnes se unificavam, despedaçadas, numa indescritível e horripilante mutação.

Lívia não parava de atirar, baleando cabeças e estourando pernas que explodiam em novos jatos de sangue... Desconhecia a natureza tenebrosa daquela biologia!

David tentava arrombar a porta. Lívia estava desesperada.

— Minha munição está acabando!

A respiração produzia um ruído agressivo na garganta seca.

Os corpos caídos se levantaram. Três deles se ergueram juntos; os troncos colados e as cabeças unidas, gargalhando numa paródia satânica.

Assomando o terror real, uma lágrima escorreu no rosto da vítima.

Risos, gemidos e sangue resumiam o interior da loja.

Sétimo tiro. O percussor bateu em vão.

Lívia deu um passo para trás e encostou-se às costas do parceiro. Já apanhava um novo pente de balas quando a portinha arrebentou. David conseguiu.

— Vai! Rápido!

Perceberam que as duas criaturas gritantes e cavernosas ultrapassaram parte da multidão, já dentro da loja. Antes que ambas os alcançassem, bloquearam a passagem.

Lívia ficou de costas para a porta, sustentando-a com firmeza, enquanto David procurava um objeto suficientemente resistente para mantê-la fechada. Achavam-se num estranho corredor, levemente iluminado pela nesga de sol que clareava por baixo da passagem. O teto era coberto por telhas de fibrocimento. As paredes sem reboco. Havia uma enorme quantidade de blocos e pedras ao longo do piso grosseiro. O prédio devia estar em construção. David apanhou vários tijolos e pedras e conseguiu amontoá-los na porta, que não parava de ser massacrada pelos seres famintos. Uma enorme pedra de mármore de superfície crua foi encontrada no meio do corredor. Com a ajuda de Lívia, David transportou-a até a passagem coberta pelos tijolos e finalmente selou o acesso.

O medo de se ver cercado por novas criaturas levou-os a adiantar os passos.

Com os nervos em frangalhos, seguiram pela longa passagem e atravessaram uma porta que os designou a uma pequena sala domiciliar. Lívia fez questão de trancar a porta antes de examinar o novo ambiente, e arrastou o primeiro objeto que viu. Virou o encosto da cadeira contra a parte inferior da porta e bloqueou-a de vez.

Aliviou-se.

Os gemidos das coisas desconhecidas já não eram tão audíveis.

David vasculhou a sala humilde, que continha dois sofás surrados, um tapete encardido e uma tevê antiga de vinte polegadas. Dali seguiu por uma passagem aberta e descobriu um quarto escuro de solteiro, vazio, e uma cozinha composta por armários, mesa e geladeira, também inabitada. Havia uma porta reforçada que dava para um pequeno quintal, de onde era possível escalar um barranco e alcançar as árvores da mata além do povoado. O instinto dizia que deveria seguir em frente e correr para o mais longe possível, antes que as criaturas contornassem a moradia e, de algum modo, os apanhasse de surpresa.

O quintal era murado. Livia teve a ideia de olhar por cima dos muros, para saber se alguma das coisas se aproximava. David apoiou as mãos. Ela subiu nele, espiou pelas redondezas e não viu nada além de outros quintais vazios e telhados manchados.

— Estamos seguros... Por enquanto.

Subitamente, um badalar de sino começou a ecoar de longe. A dupla de oficiais ficou em estado de alerta, a procurar pela origem do som.

De onde vinha?

— Do lado norte, imagino — sugeriu David.

— Uma igreja?

— É provável.

Livia coçou a cabeça, nervosa.

— Quem tocara o sino?

— Não sei.

Mas a sugestão mais assustadora de todas era imaginar que aquela horda de criaturas anômalas poderia manter uma espécie de congregação.

Sem perder o foco, o soldado apontou para o barranco.

Fez o mesmo movimento com as mãos e lançou o corpo da parceira para

cima. Ela escalou o muro, ultrapassou o talude e alcançou as folhagens da mata. Abaixou um dos braços para agarrar a palma de David, que a segurou firme e subiu sem muitas dificuldades. A mente estava aparvalhada, e escutava o canto de uma cigarra num dos troncos mais próximos.

O sino ainda tocava quando percorreram parte do caminho incerto cercado por árvores gigantes e inquietas.

De repente, um grito pavoroso soou ao longe, cortando o eco das badaladas.

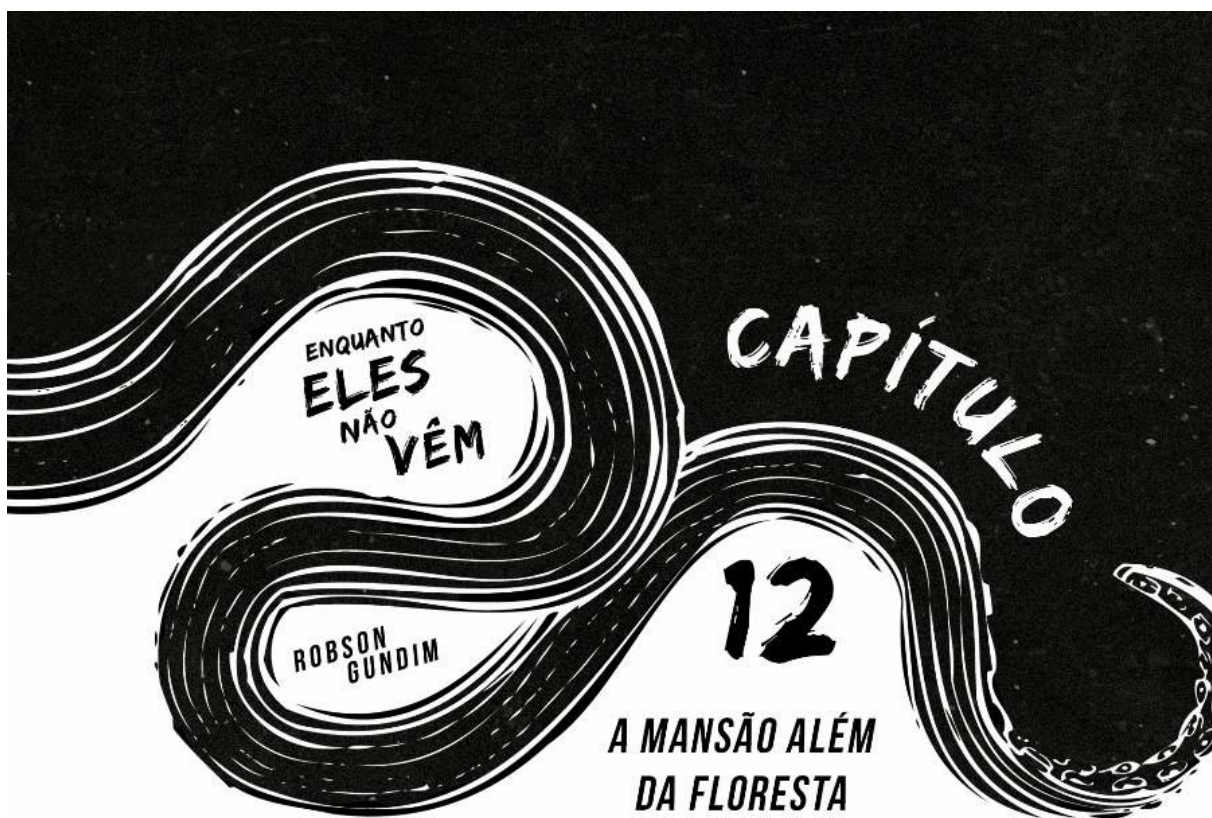
Não se tratou de um som anormal que pudesse advir dos seres de Paraíso Florestal, e foi exatamente isso que preocupou os ouvintes.

Foi um grito de socorro, de pânico... Um grito humano.

David e Livia olharam para trás, na direção do povoado. De onde estavam, era possível avistar o agrupamento de casas e a única rua habitada pelos estranhos moradores. Perceberam que todos se dispersavam, seguindo por caminhos distintos, sabe-se lá para onde.

Estariam planejando alguma emboscada? Ou, melhor dizendo... estariam aptos a planejar tal coisa?





MUITAS PERGUNTAS PREENCHERAM as mentes dos oficiais.

Lívia chegou a pensar em refazer o caminho, na tentativa de procurar pelo irmão. Todavia, se não o tinha encontrado antes, como poderia revê-lo agora?

Temendo a chegada das criaturas, decidiram caminhar pela floresta e aventurar um sinal de rádio ou celular. Quanto mais alto fossem, maiores as chances de conseguirem se comunicar com os outros oficiais ou com a central da COPS.

— Eu não entendo — iniciou David, pisoteando uma série de galhos secos.
— Já passou da hora de sermos resgatados. O protocolo é o mesmo. O capitão nunca agiu assim!

Lívia não falou nada. Apenas respirou fundo, cansada, e acompanhou-o na subida.

David olhou para ela e tentou acalmar a situação.

— Eu sei que está preocupada com os outros. Também tô. Na verdade, não sei no que mais tenho pensado. — Fez uma pausa na caminhada, olhou em volta e coçou a cabeça suada. Parecia perdido numa ilha deserta. — Onde a gente se meteu? Que tipo de gente é essa que enfrentamos?

Lívia respirou fundo e parou, refletindo um instante.

O soldado teorizou alguma coisa, embora a falta de uma certeza dentro dos padrões da lógica o demovesse por completo. As criaturas poderiam ser humanas? Tal monstruosidade poderia ser causada por um espécime de moléstia infernal? Tais suposições, brevemente pensadas, não produziam um efeito visível em sua própria consciência. E mesmo que conseguisse agarrar a certeza de algum detalhe, por mínimo que fosse, admitia ser inteiramente difícil aceitá-lo, em virtude do choque literal.

Depois disso, não conversaram mais. Lívia retomou a caminhada, flechada pela perplexidade, e ficou recolhida no silêncio por longos minutos. Não havia muito que ponderar, pois estava consciente de que os últimos acontecimentos foram loucos demais para simplesmente tentar compreendê-los.



Lívia respirava de modo ruidoso. Depois de atravessar um pequeno vale, começou de súbito a subir uma colina, tão aprumada e difícil que a obrigou a tomar fôlego para alcançar os passos de David. A colina era alta e empinada, com um planalto em seu topo e uma vista panorâmica incrível que

incapacitava qualquer tipo de ataque surpresa.

Muitas árvores secas, verdes, pequenas e grandes preenchiam a elevação. Tentaram contatar o sargento várias vezes, até que o cansaço os dominasse por completo.

Era meio-dia e alguma coisa. Para piorar, a fome estava começando a embargá-los.

David apanhou duas garrafas de água mineral da mochila que tinha no colete. Entregou uma delas a Livia, matou a sede e descansou um pouco.

O que fariam dali em diante? Seguiriam pela floresta virgem, regada de incertezas? Ou tomariam o caminho de volta, na tentativa assombrosa de cruzar as criaturas para alcançar a rodovia principal?

— Temos que tomar uma decisão — falou David, sentando-se numa pedra.

Livia estava encostada num tronco de Jatobá do Cerrado, olhando para o nada. Dali era possível avistar um novo monte que se ascendia além da mata, carregado de detalhes interessantes que escaparam da sua atribulada atenção.

David continuou falando.

— Não há comunicação. E não podemos voltar. Não ainda... É arriscado demais. Podemos seguir por aqui, tentar contornar o povoado e chegar à rodovia.

Livia bebeu da água e assentiu.

— É uma boa alternativa. Talvez a única. — E sem querer, ela avistou algo que entrou em destaque em meio ao verde inacabado do cerrado. — O que é aquilo?

O outro ficou curioso, levantando-se.

— O quê?

— Veja. — Livia abriu um pequeno compartimento do colete e apanhou um binóculo. Mirou o objeto para o norte, no monte seguinte, e tentou focalizar a imagem. — Notei alguma coisa no topo daquele monte...

Consegue vê-lo?

David acoplou uma luneta na metralhadora e observou na mesma direção.

Lado norte, no monte seguinte...

— Estou vendo com mais nitidez — afirmou Lívia, destacando uma coloração acinzentada acima das árvores, a cerca de três quilômetros de distância. — Parece ser...

— Uma casa — complementou David, ativo na luneta. Colocou o zoom no limite e destacou paredões de concreto adornados por janelas compridas. Não era uma construção pequena. — É um casarão antigo, talvez de um dos donos destas terras.

— Quanto tempo até chegarmos lá? Uma hora?

— Mais do que isso — David bebeu mais água e preservou a metade da garrafa na mochila. — Dadas as circunstâncias do percurso, deveremos levar, em média, uma hora e meia ou duas horas, no mínimo.

— Vamos logo.

Organizaram-se rapidamente.

Tentaram contatar os parceiros e o centro de comando da COPS pela última vez.

Sem nenhuma resposta, seguiram com destino ao próximo monte.

O trajeto não foi fácil. Havia muitas árvores entrelaçadas na trilha, resumidas a pés de araquá, castanheiras gigantes e matagais abarrotados de urtigas infernais. Um rio cortava a região mais baixa do relevo, tornando a paisagem mais suave. A travessia, embora fácil, tornou-se complicada devido à presença de serpentes que vagavam pela região. Com muita cautela para não serem atacados, os oficiais voltaram a caminhar sobre a terra e tomaram a trilha do monte principal.

Graças a um enorme acúmulo de pés de cacaueiros, tiveram a graça de iludir a própria fome. As mãos tatearam frutos maduros, e o olfato lhes

assegurou que eram de qualidade. O receio sobre todas as coisas passou a conturbá-los, mas era preciso comer.

Após testemunharem tantas cenas de horror e tensão no interior de Paraíso Florestal, esperavam enfrentar qualquer tipo de ameaça.

Às vezes, um leve bater de asas causava arrepios, e a mente fraquejada começava a esboçar imagens que a nossa vã compreensão ainda desconhece. Um zumbido no coração da mata não esbanjava mais brandura, beleza ou inocência. A natureza perdeu seu encanto, tornando-se uma tenebrosa morada de criaturas traiçoeiras e mórbidas, a espreitar aqueles que tentavam escapar de seus caminhos espinhosos.

O ambiente vazio continuava envolvido pelo verde da natureza, exceto onde os galhos secos tornavam a paisagem mais sombria e as rochas escarpadas projetavam os seus cumes mortais.

David e Livia levaram muito mais tempo do que supunham, conseguindo chegar a um favorável ponto da escalada somente duas horas depois.

Cansados, beberam um pouco mais da conservada água e caíram, sentados, sobre uma enorme raiz de mangueira, à beira de uma estrada barrenta meramente transitável.

Passando-se meio minuto, o soldado se ergueu e estudou o novo terreno.

A estradinha repleta de folhas secas vinha do lado sudeste do monte, numa subida ladeirenta que dava acesso a um imenso portão de ferro, à direita.

David virou o rosto na devida direção, impressionado. O portão de ferro mantinha-se fechado por duas correntes, que embora estivessem enferrujadas, davam conta de manter as traves pontiagudas bloqueadas. Destacou, acima das vigas, duas letras enormes de ferro; duas iniciais estranhas, que eram uma incógnita para si. “J” e “M”.

Livia tocou nas concavidades do portão e tremeu num calafrio.

— Acha que há alguém lá em cima?

— Não sei.

Aproximaram os rostos no espaçamento entre as vigas e tentaram enxergar além das árvores secas e macabras que malhavam os paredões da casa antiga. O vento soprava com bastante força no topo do morro, fazendo as folhas mortas dançarem ao cântico da natureza e pousarem além da gigantesca silhueta do casarão. Acima dos galhos secos, era possível destacar dois pares de tetos triangulares, e sobre estes, duas torres pontudas que se assimilavam aos castelos medievais. Os oficiais se afrontaram como nunca fizeram até então, partilhando da mesma sensação espantosa de se estar naquele local.

Há meia hora o sol brilhava radiosamente no céu. Agora se escondera atrás das nuvens cinzentas e carregadas, que unidas prenunciavam uma chuva de terror.

Todo o clima passou a mudar.

A ventania tornou-se mais forte, o medo crescente e um som de trovão ressoou no horizonte.

— Vamos pular o portão — anunciou David, apoiando-se nas vigas de ferro. — Você sobe primeiro, eu te dou apoio.

Lívia apoiou-se em seu corpo. Subiu em suas costas, agarrou as vigas de ferro e saltou para o lado de dentro. Ele fez o mesmo, percebendo que o solo dali era inexplicavelmente diferente do exterior. O mesmo poderia ser aplicado ao cenário, a cor e ao ar que inalava. Uma concentração irregular de tons amarronzados e acinzentados; as nuvens carregadas, os troncos e galhos secos, as folhas mortas, os paredões antigos...

— Está sentindo isso? — perguntou Lívia, a arma em punho, enquanto caminhava. — Essa sensação ruim, de náusea... Não me cheira nada bem. Não quero ficar aqui. O que acha de voltarmos ou, sei lá, irmos para outro local?

— Que local?

— Não sei... Qualquer local.

— Não há outro local, Livia. Precisamos de ajuda. Esse lugar é grande e talvez possa nos garantir alguma segurança.

A oficial coçou um dos braços. Virou-se para trás e para os lados. Que tipo de segurança um ambiente tão vazio poderia lhe conferir?

— Sou dona de uma forte intuição. Acredite. Esse lugar não é seguro.

— Precisamos de um telefone.

— Isso se houver linha por aqui...

David tomou a frente, apressou os passos e se viu diante de um jardim. Os três canteiros de pedras estavam arruinados, com algumas reminiscências de caules que outrora sustentavam belíssimas flores.

O jardim estava morto.

David continuou examinando as imediações e não flagrou ninguém. Livia na mesma condição, focada em todos os movimentos. Até então, nenhum ser vivo além deles, ou do vazio opressor em torno da perecida natureza.

Somente agora tiveram a capacidade de avistar, quase por inteiro, o impressionante casarão, que embora se tratasse de uma construção de engenho, denotava possuir um domínio muito mais valoroso do que qualquer outro cogitado pelo ser humano. E isso em todos os sentidos racionais possíveis, fosse em matéria de arquitetura, beleza, severidade ou, sobretudo, conceito espiritual.

Olhando diretamente para os blocos de concreto, David e Livia nunca se viram do jeito que se encontravam naquele instante: abatidos e fraquejados.

A tristeza reinava!

Um sentimento nefasto parecia descer das janelas acortinadas de lá de cima!

Era como se a casa despejasse uma energia negativa sobre suas cabeças; como se ela exercesse um poder mefistofélico em suas vidas.

— David... — a parceira balbuciou, coçando levemente a testa. — Eu...
Eu acho que...

— O que foi?

— Eu tô ficando meio tonta.

— Vem cá...

Ele ajudou-a prontamente. Pediu que ela se sentasse e tentou recuperar o seu ânimo. Examinou seus olhos cansados, borrifou um pouco de água no rosto e conseguiu trazê-la de volta.

— Está se sentindo melhor?

— Estou. — Livia balançou o corpo e respirou fundo. Parecia aterrorizada.

— Não pense no pior. Tente esquecê-lo.

— Eu tô ótima. Foi mal... Vamos continuar.

David esperou que ela retomasse os passos e acompanhou-a.

Atravessaram o jardim adormecido, subiram por uma pequena escada com seus murinhos em ruínas e pararam no pórtico da mansão — que era sustentado por quatro colunas resistentes e coberto por raízes e heras intrusas.

Parados, tentaram abrir a porta dupla principal; um modelo antiquado e refinado de carvalho puro. Estava trancada.

— Droga.

Não seria fácil arrebentar a passagem. A fechadura era grosseira, a madeira legítima e o material de primeira.

— O que faremos?

Olharam em volta.

David virou-se para o leste, na direção de um precipício, e obteve uma vista ampla da floresta, que se estendia até um bosque de cedros numa colina e perdia-se nas rochas nubladas. Resolveu dar a volta na casa para saber se descobria outra passagem.

O lado esquerdo da vivenda era ocupado por uma bela estrutura de vidro;

uma réplica das genuínas estufas de flores do século dezenove, quase coberta pela mata. Os troncos e as raízes bloqueavam a passagem. Não havia caminho para contorná-la. O lado direito era amplo, composto por uma trilha de cascalhos e ramos mortos. David seguiu por ali e contornou a mansão, observando algumas janelas de vidro fechadas, e no andar de cima uma enorme varanda sombria, com desenhos e outras figuras estranhas entalhadas no concreto. Conseguiu distinguir dois olhos de gato, cabeças de tigre, patas de cavalo, asas de morcego e dentes de dragão. Uma mescla de coisas impossíveis nas pontas da sacada.

E se escalasse? Não daria muito certo. Além de ser alta, a porta da sacada poderia estar trancada também.

Parou de caminhar, atento. Notou que o paredão direito da casa limitava-se ao gigante precipício, que decrescia perigosamente até os relevos selvagens e oprimidos lá embaixo. Se é que a residência tivesse alguma área nos fundos, com toda certeza, essa área se encontrava numa possível sacada suspensa. A julgar pelo jardim, os frontões e os detalhes exóticos da construção, o proprietário do lugar deveria ser um homem poderoso; um bem-sucedido fazendeiro ou empresário, no mínimo.

Lívia perguntou:

— Como entraremos?

David não pensou por muito tempo.

Fitou as janelas e chegou a uma breve conclusão: “Provavelmente dão acesso à sala principal.” Janelas compridas e altas, ornamentadas por florais incríveis que as rodeavam e subiam até o segundo andar...

Quando David apontou para a primeira, Lívia ligou os fatos.

— Vai arrebentar?

— Só uma.

O soldado girou o rifle para trás e bateu com a coronha na vidraça,

estilhaçando-a. Afastou todos os cacos da janela, deu uma rápida olhada lá dentro e vislumbrou uma sala deserta de altíssimo magnetismo. Com a ajuda de Livia, destrancou os ferrolhos por dentro e escancarou-a. Saltou pelo peitoril, pisoteou num tapete aveludado e empunhou a arma com presteza.

Livia entrou logo depois, sem saber para onde mirar os olhos.

Estavam em um salão elegante, resvalado por imagens místicas, colunas quase inalcançáveis de pura nobreza e silêncios oprimidos.

— Que lugar é esse?

Era um ambiente antigo, grande e fechado, do tipo que causava aquele forte sentimento de sofrimento, saudade e solidão. Livia piscou diversas vezes enquanto vistoriava as duas portas de carvalho nos cantos; averiguou a escada luxuosa em forma de L no meio do cômodo e a soberbíssima mobília resumida a estofados, lambris, tapeçaria, estantes e aparadores.

“Fantástico.” Pensou, tomada por aquela mistura de medo e aflição quase cega, em virtude do choque emocional. A razão lhe dizia que havia algo arrepiante, blasfemo e anormal naquela propriedade, e não fosse pela voz de Calebe, que em sua fantasia gritava por socorro, Livia jamais conseguiria manter seu velho motivo de orgulho para seguir em frente. "E se houver alguém aqui? Alguém perigoso, com cabeça polpuda, garras afiadas e olhos duros feito pedras?!"

— David, e se aquelas coisas estiverem na casa?!

— Eu não tenho certeza, mas acho que estamos sozinhos. Esse silêncio. Esse sentimento de angústia... Precisamos procurar pelos nossos parceiros. Vamos dar uma olhada e depois tentamos encontrar uma saída.

— Que seja rápido.

Livia deixou escapar um olhar deprimido em uma das janelas, vislumbrando as árvores que oscilavam lá fora.

Um vento silvou com força.

Ela arrepiou-se.

O clima tempestuoso tornou o cômodo ainda mais assustador.

Tudo no recinto esbanjava aquele ar envelhecido, atemorizante e macabro.

Havia quadros clássicos de pintores renomados. Salvador Dali, Candido Portinari, Michelangelo e Da Vinci davam tons de magia às paredes rosáceas e decoradas, com seus candelabros pendidos, resplandecendo em meio à luz da tarde fria. Livia ferrolhou a dupla de janelas, para que parassem de bater. Vagou por entre a silenciosa sala e contemplou-a com mais paixão. Uma estante de olmo legítimo carregava uma enorme quantidade de cristais e jogos de chá, encostada no canto direito, ao lado de uma porta fechada. As duas portas ficavam em torno da escada, cujo tapete de veludo descia sobre os degraus, cortava todo o cômodo e dava para uma dupla de sofás aconchegantes, posicionados para a grande lareira.

— Veja só. — David apontou o dedo para a parte mais alta. — São as mesmas iniciais que vimos no portão.

Acima do consolo da lareira, em volta de um relógio de parede que não funcionava, as letras “J” e “M” brilhavam com intensidade.

— Qual nome você chutaria?

— Não sei.

— Uma tentativa, vai...

Livia pensou e disse:

— Talvez João Maria?

O soldado riu de leve.

Quem dera pudesse rir de verdade! A perambular por uma casa estranha, voltando a ser criança, longe das apreensões infames da vida...

Olhou para cima; a escadaria se dobrava até o segundo piso, alcançando uma galeria, e refazia a mesma curva em forma de L, atingindo uma nova galeria, que conduzia ao terceiro piso.

Que lugar incrível!

E se estivesse num palácio esquecido por Deus?

Lívia contou sete candelabros nas paredes; arandelas antigas de cobre e peças barrocas foram vistas nas extremidades. No teto, bem ao meio de um espalhafatoso agrupamento de caibros, um lustre de ferro esférico prateado sustentava doze pares de lâmpadas desligadas. A casa parecia um museu! Não fosse pelas aberrações que vira antes de chegar ali, diria que o lar era perfeito.

Parecendo ler seus pensamentos, David ironizou:

— Um lugar perfeito para um show de horrores, não acha?

Desta vez quem riu foi a parceira, recordando-se dos terríveis palhaços que via nos circos da sua cidade natal. Não contava para ninguém, mas até hoje temia palhaços.

— Espero que o Pennywise não esteja perdido por aqui.

Interrompendo sua fala, uma voz conhecida irradiou dos microfones:

— *Vocês me escutam? Vocês me escutam?!*

David e Lívia ficaram sérios, atônitos com a voz desesperada.

Era a voz de um de seus parceiros.

— Taj! — exclamou David, esperançoso. — Sou eu! Onde você está?

— *Sargento? Está na escuta?*

— Sou eu, o David! Estou na mansão! Cadê você?

— *Alguém aí?*

Lívia franziu o cenho, desentendida.

David apertou o fone contra o ouvido e cirandou pela sala, tentando melhorar o sinal.

— Taj? Taj?! Me ouve agora?!

— *Por favor* — a voz de Taj suplicava. Parecia cansado, fraco e ferido. — *Alguém na escuta? Preciso de reforço. Preciso de ajuda. COPS? Sargento?!*

O soldado subiu a escadaria, chamando pelo parceiro. O medo de perdê-lo permeou-lhe os pensamentos.

— Droga! Ele não consegue nos ouvir... Merda de sinal! O que podemos fazer?

Imitando os atos do colega, Livia tentou comunicar-se de diversas formas e ângulos. Eram incapazes de emitir qualquer sinal para o amigo, que continuava a clamar por socorro.

David ficou desolado, indo de um lado a outro.

— Fale comigo! Taj! Taj!

Só podia escutar a voz de sofrimento, que aos poucos foi se desfragmentando e se apagando até desaparecer completamente nas ondas de estática.

Sem mais nada a fazer, David encostou-se ao corrimão da escada, e viu diversas imagens horrendas envolvendo o seu melhor amigo.

E se ele estivesse preso em algum lugar?

De uma coisa sabia... Taj estava perto, vivo, e faria de tudo para resgatá-lo.



LÍVIA FICOU SENTIDA. Aproximou-se do parceiro e lhe tocou no ombro. Foi a primeira vez que o viu assim, completamente cabisbaixo, atingido pela inconformidade. Taj deveria ser, de fato, um grande companheiro.

— Nós vamos encontrá-lo.

David endireitou a cabeça e assentiu. O coração batia descompassado.

Lívia teve uma ideia:

— E se tentássemos algum sinal lá fora, à beira do precipício? Ou lá em cima?

Por um lado, David ficou esperançoso. Ouvir a voz de Taj indicava que ele

não estava muito longe. Afinal, o sinal só melhorou após entrarem na mansão, sendo bem possível que o tatuado estivesse em algum cômodo sombrio...

— Acho que ele está aqui — fez David. — Mas você tem razão. Deveríamos tentar a beira do penhasco antes de vasculharmos a casa.

A parceira concordou e dirigiu-se até a mesma janela por onde havia entrado. Graças ao curto período de tempo que levou para puxar o ferrolho, conseguiu deter uma cena que mais pareceu uma miragem: acima dos muros que cercavam a mansão, as árvores chacoalharam de modo irregular. Em choque, Livia prestou bastante atenção. Os galhos secos e retorcidos crepitaram com mais severidade, revelando a chegada deles. Um braço anormalmente grande e esguio alcançara o pique do muro, seguido pelo corpo horripilante de um ser que não condiz com nenhuma forma de vida existente na terra.

Os habitantes anormais de Paraíso Florestal estavam próximos.

“Eles vão me pegar...”

Por mais que a mansão parecesse um local perigoso, a intuição a suplicava para fugir depressa e esconder-se em algum cantinho escuro, pois não desistiriam de caçá-la, destrinchá-la e comê-la feito um animal abatido, até que se tornasse parte deles.

“Preciso fugir desse inferno!”

Livia ficou paralisada. Não queria acreditar no que via. Estando em seu lugar, ninguém desejaria testemunhar tamanha aberração.

Atravessando o grupo de árvores e quebrando os galhos secos, que retorcidos espremiam-se contra os muros, dezenas de corpos não humanos lutavam entre si para alcançar a propriedade.

Desesperada, Livia gritou pelo parceiro e fechou a janela depressa.

— Eles estão aqui!

O surto causado pela desordem do momento produziu um latejo no cérebro de David, que se pôs a estudar o salão com uma preocupação imensurável.

Próximo da janela, boquiaberto, ele enxergou as criaturas horripilantes que imitavam a sua espécie. Saltitavam dos muros altos e arrastavam-se feito cobras no concreto envelhecido do jardim. O mais impressionante é que dotavam trejeitos humanos, seja no modo de andar ou — salvo as coisas cavernosas — no jeito de comunicarem-se umas com as outras. Porém, como um todo, adotavam um comportamento silvestre e ameaçador, distinto de tudo que é natural e concebível ao nosso mundo.

Tudo o que David conseguiu pensar foi um possível escape do horror que agora havia adquirido uma estatura cataclísmica em sua imaginação.

“Qual caminho nós devemos tomar?”

O cenário do salão já bastava para acovardar qualquer pessoa comum. Escadarias imensas, colunas ameaçadoras, e janelas que davam para árvores gigantes e primitivas, espreitavam como os seres famintos que furtivos aproximavam-se num êxtase pavoroso.

Os oficiais fecharam a cortina e correram para a porta escolhida, localizada abaixo da primeira galeria do salão.

Mesmo sem saber o que encontrariam adiante, tomaram a passagem e se descobriram em um enorme corredor escuro. Apesar da baixa fonte de luz, perceberam que o local era curvilíneo, preenchido por quadros e castiçais nas paredes e lustres apagados nas sinuosidades dos caibros.

O papel de parede também era velho, levemente mofado.

Quando a porta se fechou, a escuridão tornou-se absoluta, aplacando o vento mordente que ainda passeava pelo salão nobre.

— Silêncio — sussurrou David, ligando a lanterna.

Quando mirou em um dos lados do cômodo e forçou a visão, observou um rosto pálido pendido numa porta, a encará-lo diretamente nos olhos...

Um susto.

— É apenas uma estátua.

Caminharam lentamente, ouvindo o barulho dos passos no soalho e os ruídos distantes dos seres que tentavam caçá-los. Lívia atrás dele, de olho em tudo. Estava sendo um pesadelo literal vagar aquele ambiente escuro e fechado, onde o horror e a perversidade não tinham limites.

As pernas estremeciam, as mãos vibravam.

O suor descia pela fronte, pingando na vestimenta honorífica.

Temiam ser alcançados ou, na pior das hipóteses, atacados de surpresa. Quando as sombras nos cercam, qualquer detalhe assume um toque ameaçador.

Queriam saber se estavam chegando à próxima porta, mas não desejavam causar ruídos. Os passos lentos amenizavam o risco, mas aumentavam a tensão. Lívia olhou para trás; a porta por onde entraram afastava-se vagamente. Na parede esquerda, viu uma pintura a óleo de um índio assentado num pomar. Aquele deveria ser o jardim da mansão em seu tempo de ouro. O índio era assustador; não se assemelhava a um índio tradicional brasileiro.

Os rugidos no piso e o fedor foram ficando tão fortes, que os fizeram parar, estremecendo, agradecidos pela proteção momentânea que a porta do salão lhes proporcionara.

A espinha de Lívia esfriou.

E a próxima porta, cadê?

— David... — murmurou.

— Já estamos chegando...

Um estrondo na sala.

Os oficiais viraram-se, assustados, e apontaram suas armas para o caminho sem fim.

A escuridão não é misericordiosa... É traiçoeira.

Lívia estava para ter um desmaio, sentindo-se em meio a uma vegetação apodrecida que jamais vira a luz do dia.

Se as *coisas* entraram, então seria questão de tempo até chegarem ao corredor.

— Não podemos enfrentá-los — disse David, suando frio.

Foi andando para trás — a arma posicionada —, e abateu-se na porta que continha a estátua de louça pendida em cima. David girou a maçaneta, abriu a porta e encontrou uma chave no lado de dentro. Esperou a parceira passar, entrou depois dela e fechou a passagem com cuidado, trancando-a prontamente.

Despejou um sopro de alívio.

O cômodo era parcialmente iluminado.

Uma luz fria atravessava as duas janelas acortinadas do escritório, que era composto por poltronas de madeira de demolição, aparadores de ferro, estantes de livros e uma mesa de cerejeira, ao fundo.

Eram móveis finos, de uma época na qual predominava a verdadeira nobreza.

Detrás da mesa, ao lado de um quadro enorme que mostrava a imagem de um homem com uma tribo africana, existia outra porta.

David encostou o ouvido à porta e ficou em silêncio por meio minuto. Os ruídos reproduzidos pelas criaturas pareciam estar longe.

As luzes do escritório estavam apagadas. O interruptor não funcionava.

Cautelosos, os oficiais examinaram o cômodo e ficaram impressionados com os objetos que nele encontraram. Enquanto David observava as cabeças de animais empalhados, Lívia distraía-se com a imagem do quadro detrás da mesa.

O homem da pintura trajava vestes de explorador, usava um chapéu de

caça, segurava uma imensa carabina e externava enorme domínio de si mesmo através dos vivos olhos. Via-se que estava em uma tribo de negros africanos. Havia uma assinatura no canto inferior esquerdo e uma pequena informação da localidade da imagem.

*O encontro entre o Sr. Mombach e a tribo Daasanach.
Tanzânia, África. Por Archibald Von Sant, 1937.*

— Seria este Sr. Mombach o dono da mansão?

David aproximou-se da pintura; os olhos do Sr. Mombach eram vivos e penetrantes.

Assustou-se com a sua seriedade.

— Ele deve ser o dono de tudo isso. Ou deve ter sido, não sei. O “M” que vimos no portão talvez seja a inicial de “Mombach”.

— Deve haver alguma coisa na mesa.

Lívia vasculhou alguns livros, notas, papéis em branco e uma Bíblia sobre o móvel.

Nada de interessante, à exceção do versículo marcado no livro sagrado:

“No entanto, a Besta foi presa, e com ela o Falso profeta que havia realizado grandes sinais miraculosos em nome dela, por intermédio dos quais ele havia enganado todos os que receberam a marca da Besta e adoraram a sua imagem. Os dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre.” Apocalipse 19:20

O coração de Lívia bateu mais forte.

Abandonou a Bíblia e, temerosa com os ruídos longínquos, tateou o resto do móvel.

Havia duas gavetas embaixo da mesa, sendo que a primeira estava trancada. A segunda foi aberta, de onde Livia puxou dois envelhecidos talões de cheques assinados pelo nome de Julio Fonseca Magalhães, um livro de atas e alguns recortes velhos de jornais. Os cheques remetiam a uma data inesperada: agosto de 1988.

David tentou abrir a segunda porta, mas não conseguiu.

— A chave deve estar por aqui. — Foi até a área dos estofados e examinou as estantes de livros, cujas prateleiras tinham a capacidade de esconder pequenos objetos.

Poderia, é claro, arrebentar a porta. Mas não queria causar nenhum barulho.

Livia analisou os recortes de jornais com cuidado e percebeu, cheia de curiosidade, que traziam notícias de um passado bem distante. O primeiro recorte abordava algumas personalidades famosas, dentre as quais se destacava um casal bem trajado. A mulher estava vestida de noiva e usava óculos enormes, acompanhada pelo homem de smoking.

GRANDES ARTISTAS COMPARECERAM A CERIMÔNIA DO ENLACE MATRIMONIAL



Samanta Mombach e Julio Fonseca Magalhães se casaram em meio a exuberante paisagem do Club Paradiso, em Porto Seguro. A maior festa do ano chamou a atenção da imprensa carioca pelo glamour e a presença de artistas nacionalmente renomados.

Festa Nobre

Inúmeras celebridades enriqueceram ainda mais o tradicional rito da lendária família, em um casamento digno dos contos de fada, cuja recepção ocorrerá na bela propriedade de Jeremy Mombach.

Visitas ilustres, luxo e aconchego resumem o Club Paradiso, o ponto de pouso cerimonial para os maiores nomes da mídia brasileira. Com a festa dos Mombach não foi nada diferente: banquetes, flores, bandas sinfônicas inesquecíveis, e a presença radiante dos amigos da família, dentre os quais se destacam o empresário Alvaro Vidal, a socialite Lily Marinho, e as atrizes Eva Todor, Lolita Rodrigues e Suely Franco.

Samanta Mombach conheceu Julio Fonseca Magalhães durante uma visita a uma famosa casa de shows, na Barra da Tijuca, ocasião em que o jovem se apresentava como cantor.

MUDE-SE PARA PARAÍSO FLORESTAL HOJE MESMO!

Ar puro, saúde e tranquilidade. Para se tornar um residente da pequena Paraíso, ligue para 73 525-6660 ou envie seu cupom para o nosso endereço! Ver no final da página 05, caderno 0009.

NOVOS RESIDENTES RECEBERÃO:

- * 2 cópias do Gazeta Jequieense durante dez meses;
- * Um vale de compras na "Padaria dos Fontine", no valor de CZ\$ 501,00;
- * Um cupom de desconto no aconchegante Paraíso Hotel, com direito a café da manhã, almoço, e convidado especial!



VISITE O BAR MAIS FAMOSO DA CIDADE! O VELHO URSO AGUARDA A SUA VISITA!

O soldado tinha acabado de vasculhar a primeira estante. Os livros abordavam as culturas ancestrais africanas e xamânicas e as tribos indígenas mais antigas da humanidade. Estava tão envolvido pelo estranho gosto literário do desconhecido dono do escritório, que acabou esquecendo-se da chave que procurava.

— David, — exclamou Livia, cautelosa. — Acabei de descobrir o nome do proprietário da mansão!

O soldado largou um livro e juntou-se à parceira.

— Como se chama?

— Jeremy Mombach. Nunca ouvi falar dele.

— O sobrenome não me é estranho, mas também o desconheço. O que encontrou?

— Algumas notas de jornais bem antigos. São de 1985. O recorte fala sobre o casamento entre Samanta Mombach e Julio Fonseca Magalhães. Também encontrei dois talões de cheques no nome dele, também antigos. Não é estranho?

— Demais.

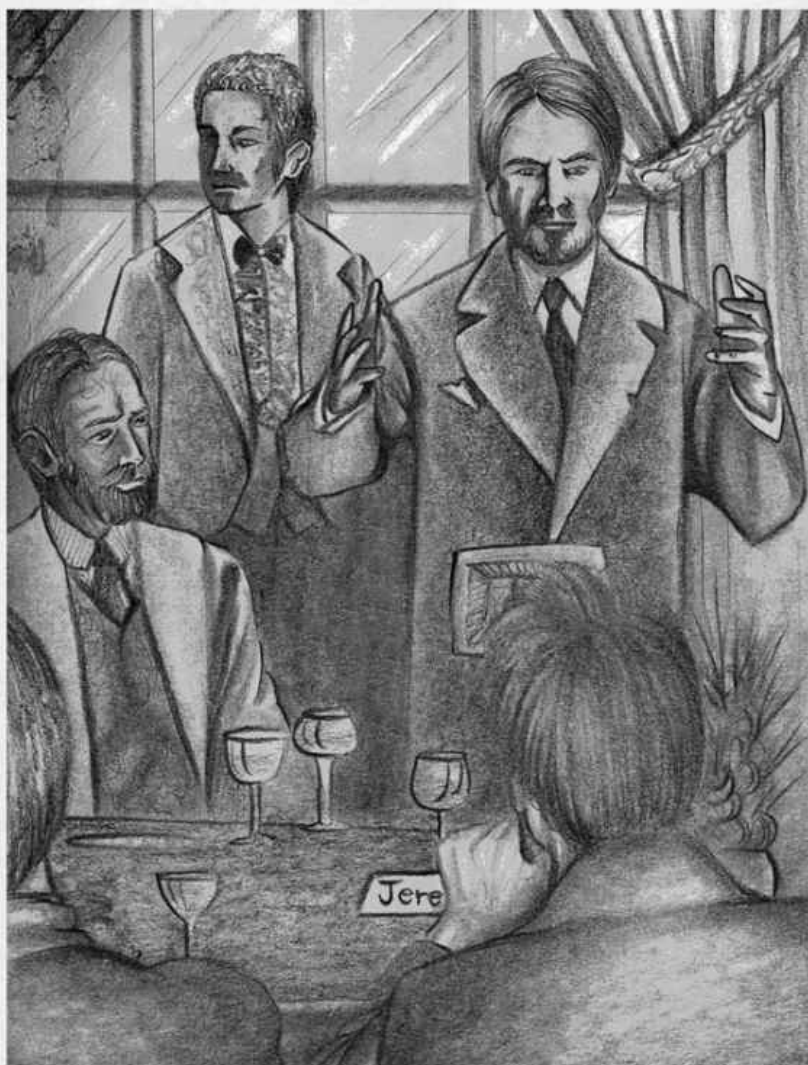
— E a chave?

— Não encontrei. Vou procurar na segunda estante.

Enquanto ele continuava a busca, a parceira examinava os antigos noticiários. Os papéis se encontravam em um estado degradante. Era impossível ler alguns deles. O último foi o mais interessante, pois mostrava algumas fotografias dos possíveis membros da família Mombach e esclarecia algumas das muitas dúvidas de Livia. Curiosa com o que aquilo poderia significar ou conter, ela aproximou-se, olhou em seu interior e descobriu, debaixo das espessas camadas de pó e fuligem, o jornal mais antigo de todos.



HERDEIRO DOS MOMBACH DIVIDE O IMPÉRIO DA FAMÍLIA!



Jeremy fez um breve discurso sobre a história da sua família e arrancou aplausos da plateia durante a audiência.



UM PRODÍGIO FINANCEIRO

Jeremy Mombach chamou a atenção de diversos investidores e empreendedores petrolíferos na última semana, durante uma conferência realizada em Nova York. Ele comentou diante da imprensa que a venda de um dos setores da Mombach Oil Company é uma grande possibilidade, pois Jeremy pretende deixar o país para dedicar-se as futuras expedições.

Considerado um dos mais influentes arqueólogos de Massachusetts, Jeremy afirmou que parte do império fundado por seu pai continuará reinando na terra onde nasceu, obedecendo seu último pedido ainda em vida, e honrando o caráter da sua lendária família. Porém, um dos setores será vendido porque não dispõe a Jeremy o devido retorno que ele havia esperado.

"UM LEGADO IGUAL A ESSE JAMAIS VEREMOS."

Com mais de 10.000 empregados nos últimos dez anos, a Mombach Oil Company opera atualmente em 40 estados dos Estados Unidos e 5 países do continente americano, nas áreas de exploração, produção, refino, comercialização e transporte de petróleo. Durante a grande depressão de 29, a empresa foi a primeira a instituir ajuda social aos desempregados do país, conseguindo reerguer a economia de Massachusetts.

O papel de Richard Mombach (patriarca da família) foi deslumbrante. Em 1934, em sua homenagem, a antiga praça da matriz, em Boston, recebeu o seu nome.

Jeremy concluiu a conferência anunciando o verdadeiro motivo de vender parte do império Mombach, que envolve o seu enlace matrimonial com a atriz brasileira Nora Fontine, e a sua ida para o Brasil.

"NADA PODE SER MAIS IMPORTANTE DO QUE A MEMÓRIA DO MEU PAI."



JEREMY SE MUDARÁ PARA O BRASIL

Jeremy Mombach nasceu em Boston, em 1899. Filho único de uma mãe americana e um pai germano-americano, teve uma infância tranquila e atingiu a vida adulta regado por estudos e outros conhecimentos interessantes sobre a história da humanidade, o que o levou a tornar-se um famoso arqueólogo. Graduou-se na Universidade de Harvard em janeiro de 1926 e participou de inúmeras conferências e expedições dos Estados Unidos, ocupando um dos primeiros lugares no ranking de jovens prodígios americanos. Seu pai, Richard Hennemann Mombach, foi um investidor que fundou a bem sucedida Mombach Oil Company (que mais tarde se tornaria uma das mais bem-sucedidas refinarias de petróleo da América do Norte), e sua mãe, Susan Pritchett, foi uma negociante de joias.

Richard e Susan viveram juntos até morrerem de tuberculose, enquanto regressavam da África do Sul em 1935.

Segundo Jeremy, será justamente na África do Sul onde passará as férias de casamento, antes de mudar-se definitivamente para o Brasil.

Lívia finalizou a leitura com uma grande sensação de já ter ouvido falar na família descrita no jornal. Procurou por outros recortes na gaveta, mas não os encontrou. Queria mais respostas e pistas; queria saber mais sobre a história do poderoso homem que era dono do império Mombach. Tudo parecia claro e confuso ao mesmo tempo.

— Encontrei! — fez David, revelando uma chave prateada. — Estava entre dois livros da segunda estante.

— Ótimo.

— O que houve?

Lívia estava impressionada.

— O dono desta mansão não é um homem qualquer. É por isso que o sobrenome soa familiar. Devemos ter escutado ou lido a seu respeito em algum noticiário ou página da internet. Ele era filho de um dos maiores fundadores de petróleo da América.

David deu uma rápida olhada no jornal. O Sr. Mombach era arqueólogo, visitara diversas tribos da África e tinha uma pilha de livros sobre as antigas culturas daquele afastado continente. Deveria ser nativo americano. Casara-se com uma brasileira e, por isso, viera morar no Brasil. Certamente já morrera, mas deixara alguns herdeiros.

— Samanta Mombach? — chutou Lívia, tentando ligar os fatos.

— É bem provável.

Lívia foi acometida por ideias escabrosas sobre a impiedade irredimível daquele espaço.

— Talvez ela esteja na mansão...

— Com essas criaturas estranhas? — David balançou a cabeça e levou a chave à porta que ficava ao lado do quadro de Jeremy. — Pode ser que sim, pode ser que não. Seja como for, precisamos deixar isso de lado e tentar encontrar o Taj.

Quando a porta se abriu, deram de cara com um cômodo quadrado e fechado, sem portas ou janelas. Um beco sem saída. Apenas uma espécie de dispensa repleta de prateleiras, onde Jeremy Mombach guardava suas armas de caça, lanças africanas e outros objetos desse gênero.

David ficou desapontado, e passou a se preocupar ainda mais com as terríveis criaturas que zanzavam pelos cômodos da mansão. Para onde ir? O que fazer? Não havia opções, senão voltar pelo mesmo corredor escuro e arriscar uma nova e desconhecida passagem. Lívia agiu de modo diferente. Pensou bastante nos recortes de jornais e imaginou que tais informações poderiam auxiliá-los em algo. E se encontrasse mais evidências por ali? E se Jeremy houvesse escondido, quem sabe, alguma passagem secreta? Antigas mansões sempre foram recheadas de surpresas...

— É possível, não acha?

— Estamos presos aqui. — David olhou de cima a baixo, abatido. — Não há nenhum alçapão ou passagem que dê acesso ao andar de cima.

A primeira prateleira estava cheia de armas de fogo. Carabinas, pistolas, mosquetes... Todas de modelo antigo. Não funcionavam mais. Talvez a herdeira de Jeremy as mantivessem ali em memória do pai. Os oficiais examinaram todas as quatro prateleiras. A segunda resumia-se a vestimentas de exploração e caça e chapéus da mesma categoria. A terceira contava com diversos artefatos indígenas e provavelmente africanos, como braceletes, pingentes simbólicos, dentes de animais selvagens — elefantes, sabres, javalis — penas, pedras e lanças pontiagudas.

A última prateleira parecia estar vazia, não fosse por um velho envelope pardo empoeirado.

Lívia apanhou-o com cuidado, afastou a poeira e abriu os lacres, descobrindo quatro folhas grosseiras que revelavam três pisos de uma planta baixa, de um enorme casarão. Não tinham dúvidas de que era a planta da

mansão. A quarta folha era um documento assinado por um arquiteto chamado Archibald Von Sant; curiosamente o mesmo artista responsável pelo quadro no escritório de Jeremy.

Observaram atentamente as plantas.



Os oficiais acharam curioso o fato de cada cômodo possuir uma denominação. A qualidade da tinta da caneta que fora utilizada para escrever os nomes se mostrava mais evidente que a do desenho em si; isso significa que a planta não possuía tais denominações antes. Provavelmente Jeremy (ou sua filha) as anotou após receber o documento assinado por Archibald.

Lívia apontou para o cômodo onde estava (no primeiro piso) e atestou:

— Nós estamos aqui, no escritório. O único acesso que temos é o corredor, que leva à sala, à cozinha e ao quintal, ou a uma pequena escada, que leva à sala de fumantes, no segundo piso.

— Subir é uma boa opção — refletiu David. — O problema são as criaturas. O Taj e os outros devem estar num desses cômodos, trancafiados... Eu apostaria lá em cima.

A parceira voltou a encarar a planta.

— Então seguimos o corredor ao norte. Tentamos entrar na biblioteca ou tomamos a pequena escada. O que acha?

— Tudo bem.

— Se entrarmos na biblioteca, podemos alcançar o segundo piso facilmente. Não acho que as criaturas tenham forças para arrebentarem uma porta resistente igual a essa.

— Isso é bom. Porém... — David coçou o queixo. — Digamos que a biblioteca esteja trancada. O que faremos?

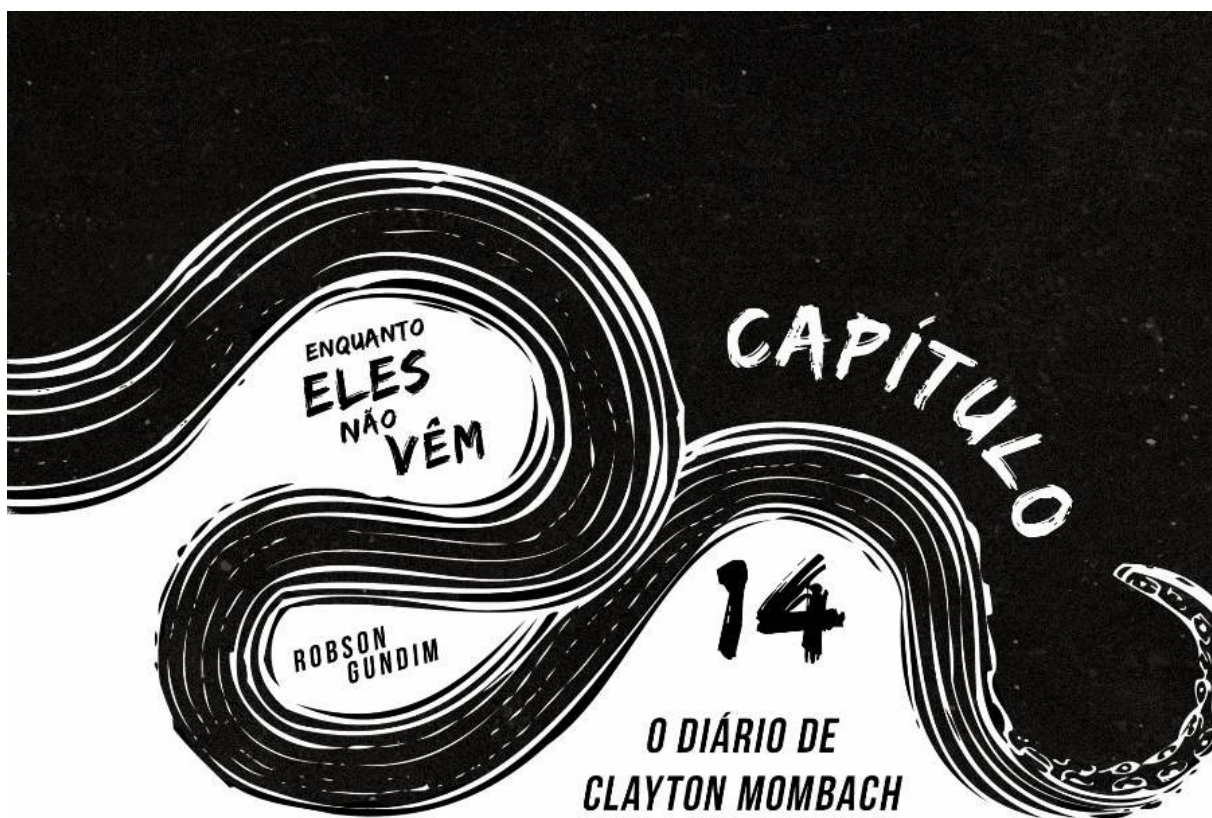
— Tomaremos a pequena escada, ao norte. Lá em cima, estaremos na sala de fumantes, que dá acesso a outro corredor, veja...

— Odeio corredores.

— Eu também. — A parceira suspirou. — Mas é o único caminho a seguir. Te confesso que nunca me senti desse jeito, sabe? Fragilizada, amedrontada... Mas devo seguir em frente.

David tocou-a na região da nuca, tentando reanimá-la.

— Você está indo bem. Agora devemos nos apressar. Assim que chegarmos ao andar superior, damos um jeito de ter acesso ao sótão. Vamos!



ANTES DE DEIXAR o escritório de Jeremy Mombach, Lívia e David guardaram as plantas e os recortes de jornais nas mochilas.

Destrancaram a porta.

Armados, absorveram o ar fétido e envelhecido e afrontaram o corredor escuro, que a julgar pelo silêncio macambúzio, parecia deserto.

Pois é... Parecia.

Lívia enrijeceu a mão direita, armada, e segurou a lanterna com a outra, iluminando a frente, os lados, acima e abaixo. O medo de encontrar alguma coisa inumana ocultada nas trevas ou nos caibros deixou-a entontecida. Viraram para a esquerda, ao norte, e foram de encontro à porta que dava

acesso à pequena escada e à biblioteca.

Estava aberta.

Atravessaram com cuidado, fecharam a porta e suspiraram no pequeno cômodo iluminado.

Ao meio de uma escada mais discreta, havia uma janela que lhes favorecia, permitindo a luz da tarde iluminar a sala minúscula.

Viram a porta dupla à direita.

Lívia aproximou-se e tentou, sem sucesso, abri-la de diversas formas.

Era uma senhora porta de carvalho, enriquecida por numerosos símbolos estranhos e um grande “M” gravado ao meio.

— A biblioteca está trancada.

— Nesse caso, vamos ao andar superior.

David tomou a pequena escada, na frente da parceira. Passou diante de uma janela, com vista para o precipício, e contornou uma curva até parar diante de uma porta com ornatos de bronze, no segundo andar. Abriu-a rapidamente para não causar ruídos e entrou.

Aliviado, contemplou o recinto deserto e pediu que a parceira fechasse a passagem.

Uma calma absoluta.

— Fechar todas as portas por onde passarmos — disse Lívia. — A nossa nova regra de campo.

A julgar pelos cinzeiros nas estantes, aquela deveria ser a sala de fumantes. As paredes tinham lambris envernizados, os móveis eram estofados com tecidos de excelente qualidade, e em cada prateleira da estante e nas paredes havia retratos antigos e quadros que mostravam os possíveis membros da família Mombach.

Um quadro com a representação de Jeremy Mombach sentado em seu escritório estava dependurado sobre a lareira. Incontáveis objetos. Uma

cristaleira no canto. Vasos africanos. Carrancas assustadoras e outros espécimes de tais tribos indígenas.

Lívia abriu as cortinas e descobriu uma varanda que dava para o lado esquerdo da morada; era a mesma sacada vista por David, contendo figuras estranhas com olhos de gato, cabeças de tigre, patas de cavalo, asas de morcego e dentes de dragão.

Dali era possível avistar os muros e as matas.

O céu invernal pranteava com suas nuvens carregadas.

David continuou observando os quadros, tentando imaginar quem seria quem.

“Os nomes na planta da mansão podem ser aplicados a estas pessoas?”

Primeiro analisou uma figura jovem, certamente pincelada com paciência e esmero...

“Quem é você?”

Uma bela negra de olhos incrivelmente claros, com uma túnica africana na cabeça e um par de argolas douradas nas orelhas e no pescoço. David apanhou a planta, deu uma olhada em todos os pisos e refletiu.

No sótão, havia um quarto de um provável casal chamado Kalulu e Kadica. Seriam africanos?

Seria Kadica a mulher da imagem?

O próximo quadro revelava um jovem homem bem trajado, com bigode bem feito e longas costeletas em torno das bochechas. Aquele deveria ser um dos filhos de Jeremy, ou quem sabe o próprio Jeremy quando mais jovem, pois eram muito parecidos. De todo modo, David chutou Daniel ou Clayton. A pintura seguinte revelava uma mulher séria de cabelos curtos na altura do pescoço. Não era muito bonita; os lábios pareciam murchos, o nariz aquilino e os olhos transmitiam tristeza, semelhante às crianças dos quadros de Grahman Bragolin. David sofreu um calafrio e encarou o restante das imagens

com um receio incompreensível. A expressão daquelas pessoas era a enfática razão pelo temor que sentia. Não somente pelos olhares que as pinturas desencadeavam. Ele sabia que grande parte da família estava morta, mas, de certa maneira, era como se alguma matéria vital houvesse possuído seus rostos, fazendo com que lançassem caretas àqueles que lhes desafiavam.

Numa das prateleiras da estante, Livia encontrou uma fotografia do mesmo casal que ela vira no recorte de jornais: Samanta e Julio, juntos e felizes. A imagem mostrava ambos abraçados, sentados em uma larga poltrona de jardim, com grandes janelas ao fundo. Talvez a foto houvesse sido tirada em outra sacada da mansão. A data era de 1986. Outra fotografia comprovava que Samanta visitava a Padaria dos Fontine, em Paraíso Florestal. Sorridente, a jovem se encontrava na porta do estabelecimento, acompanhada por uma figura estranha, extremamente magra, de feições exóticas e incompreensíveis. Livia engoliu depressa e sentiu um gosto amargo descendo pela garganta, a se perguntar como diabos fora parar ali.

— Precisamos nos apressar — David conferiu o relógio de pulso. — Logo vai entardecer e nenhum sinal do Taj.

Livia assustou-se e notou que ele estava apreensivo demais.

— Tente se acalmar.

Ele coçou a nuca com força e fungou.

— Estamos em um pesadelo real! Não há telefones por aqui ou qualquer habitação humana.

— Parece que as criaturas nos forçaram a vir para cá. Esses documentos, e fotos... Parece um tipo de armadilha montada pra gente.

— Eu só quero encontrar os meus parceiros e dar o fora...

Tentaram se comunicar de novo. Perceberam que houve uma melhoria na comunicação entre si, em uma linha desprovida de estática. Entretanto, nenhum sinal oriundo dos rapazes ou da central da COPS. O celular na

mesma condição. Estava sendo difícil acreditar que Carlos ainda não entrara em contato.

— Para onde vamos? — Livia fez essa pergunta bebendo um pouco da água que continha.

— Vamos subir. Temos que tentar se comunicar de novo. Se não der em nada, vasculhamos a droga dessa mansão inteira.

David pediu que Livia observasse a planta do segundo piso.

Ela analisou os cômodos com atenção.

— Devemos ir até o quarto de Jeremy e Nora — explicou ele. — Parece que há uma escada lá dentro, em espiral, que conduz à torre que vai além do sótão. É a mesma torre que vimos quando saltamos o portão.

— Não podemos ir logo ao terceiro piso?

— Infelizmente não. Se você analisar bem a terceira planta, verá que a escada está isolada... Somente o Jeremy tinha acesso à torre.

— Entendi.

— Se a gente conseguir... Se subirmos até o topo...

— Conseguimos um bom sinal.

— Isso.

Livia guardou a planta e seguiu o raciocínio do parceiro.

Mais uma vez, prepararam-se com a arma e a lanterna em mãos.

Juntos, afrontaram a porta seguinte. Era hora de enfrentar um novo corredor.



Observando o caminho escuro à sua frente — extenso, silencioso, traiçoeiro —, David e Livia voltaram a sentir o lancinante medo que os havia

acometido. O corredor virava numa curva, conforme a planta da mansão apontava. Estavam receosos, pois a quietude era grande, e temiam encontrar alguma criatura infernal naquela esquina; um ser de pernas humanas e tronco cavernoso, aguardando o exato momento para atacar.

A luz da lanterna revelou a mesma nobreza descoberta nos cômodos anteriores. Quadros de famosos artistas nas paredes bem forradas, aparadores com arranjos de flores, lustres folheados a ouro e outros requintes do mesmo gênero.

Um som de cochicho chegou aos seus ouvidos. Um murmúrio em forma de gemido.

Ficaram estáticos e atentos.

Havia alguma coisa aproximando-se por trás, e teriam que se apressar antes que ela chegasse ao ponto exato em que se encontravam.

A primeira porta à esquerda, de acordo com a planta, levava a um pequeno quarto.

David tentou abri-la. Estava trancada.

— Merda.

Continuaram a caminhada.

Chegando à curva, se depararam com a segunda porta. O soldado segurou a maçaneta e girou-a na maior paciência do mundo.

Estava aberta.

E se houvesse alguém do outro lado?

Por um instante, David pensou ter visto um enorme nariz pálido sob os olhos amarelos e imóveis que cintilavam na escuridão.

Sacudiu a cabeça. Respirou fundo.

“Não pense nisso...”

Um novo cochicho em forma de zunido ecoou no corredor.

“Quem...”

Parou, olhou para o lado oculto ao longo do cômodo, umedeceu os lábios e tentou de novo.

“Não há ninguém aí dentro!”

Girou completamente a maçaneta e empurrou a porta, que gemeu.

O zunido parou. Os olhos entreabertos de David ainda transmitiam uma mensagem de agonia quando ele articulou um sinal de segurança para Livia.

Mediante a planta, aquele era o escritório de Clayton Mombach.

Entraram.

O cômodo se achava escuro. David apontou para três janelas acortinadas e pediu que Livia as afastasse. Por mais que não houvesse escutado nenhum ruído estranho ali dentro, questionou a si mesmo se habitava o cômodo sozinho. Os passos causaram sons no piso de madeira; a parceira andou bem devagar e tateou a persiana. Antes de puxá-la, farejou um odor incomum... As cortinas se abriram, uma atrás da outra, e a baixa fulguração da tarde reavivou o escritório.

Quando Livia fez a volta, David manteve a arma em sua direção, a ponto de atirar na cabeça de uma estátua de louça portuguesa.

Ele quase puxou o gatilho.

— Pensei que fosse alguém atrás de você.

Ficou aliviado.

O escritório era semelhante à sala de fumantes no quesito de mobília; com estofados bem acolchoados, candelabros de estanho e lambris escuros nas paredes. O cômodo formava um L; os assentos situavam-se num lado, e a grande mesa seguida pela estante de livros no outro.

David viu novas imagens de pessoas gravadas na parede detrás da mesa. O olhar infeliz de cada uma delas lhe causava um incomodo indescritível. Um dos quadros mostrava a imagem azulada de um corpo másculo em movimento, como se estivesse dançando em torno de uma pedra esférica. A

cabeça era coberta por uma túnica de couro, e as palmas exalavam pequenas centelhas de raios mágicos. Abaixo, a legenda:

O heyokah poderoso.

A mesa continha um velho carimbo, um candeeiro de óleo, uma pequena coleção de livros de arqueologia e uma folha em branco. Na primeira gaveta um emaranhado de trecos; moedas pequenas, fios e agulhas grandes, chaves minúsculas, bússola de bolso, relógio de pulso, faca de cabo preto, quatro pedras de jaspe e um esquisito colar de cipó, tendo uma pena escura como pingente. Abaixo de todos os itens, uma folha rasgada ao meio, de papel encardido, contendo uma data e um texto escrito à mão. Não hesitaram em ler o conteúdo.

Boston, 03 de maio de 1997

Papai, eu sei que o senhor está bravo comigo. Sei que não sou o filho que deveria ter sido, mas não poderia deixar de escrever-lhe. A mamãe já não me reconhece mais. Ontem o vovô John me levou para visitá-la no hospital, mas foi horrível vê-la daquele jeito. Ele chorou muito. Também não consegui conter as lágrimas. Será que ela vai morrer assim? Sem ao menos nos reconhecer? Ela perdeu a beleza, a cor e a fala! Estava delirando, afirmando que as sombras a seguiram até aqui. Fiquei com medo. O que ela quis dizer? Pensei no senhor, e me arrependi, em parte, de tê-lo deixado sozinho. Mas não podia ficar aí, pois vivia infeliz, assustado, imaginando coisas. Eu sei que o senhor não acredita em mim, e pouco me importa. Mas acho que os pesadelos que eu tinha, também afetaram a mamãe. Se ela não houvesse me mandado para cá, talvez eu pudesse enlouquecer também. Pode ser um

pouco tarde para dizer isso. De qualquer forma, preciso fazê-lo. Saia dessa casa! Deixe esse lugar! O vovô Jeremy não sabia nada sobre a terra que ele mesmo comprou antes de...

— É uma pena — lamentou David, olhando o verso da folha rasgada. —
Difícilmente saberemos o que o filho tentou dizer ao pai.

— Imagino que tenha sido algo relacionado a essas coisas.

— Isso é tão... Não sei o que dizer.

— Vamos continuar procurando.

Na segunda gaveta, três livros diferentes: um exemplar da história dos nativos americanos, uma edição inglesa sobre a imigração norte-americana no Brasil e, ao fundo, quase escondida, uma espécie de agenda ou diário, com capa de couro, lombada arredondada e cadeado em ouro velho. Soprou o grosso do pó e das cinzas e pegou o livro olhando a inscrição em grossas letras negras da capa.

Em destaque, estava gravada a inicial “C”.

— Está trancado? — perguntou Livia, observando o exótico livro nas mãos do parceiro.

— Está.

David voltou rapidamente à primeira gaveta e apanhou uma das pequenas chaves. Testou-a no cadeado e conseguiu abri-lo. O diário contava com duzentas páginas, sendo que apenas quatro estavam escritas. Provavelmente arrancaram muitas delas. O papel era marmorizado, muito fino e levemente manchado. Apesar disso, a tinta das letras cursivas (de um provável nanquim) ainda era legítima:

13 de maio de 1982

Sou Clayton Mombach. Hoje descobri que serei pai. Não sei se estou feliz, mas há uma sensação anormal povoando meu ser, tão anormal que jamais conseguiria descrevê-la. Tudo o que Kalulu disse está se cumprindo. Ele falou inicialmente ao meu pai, e depois a mim. Isso há mais de uma década. Nasci no coração de Boston, mas não pertencço àquele lugar. Graças a minha mãe, cresci aqui e aprendi a seguir o melhor caminho para mim. O homem está condicionado ao erro e à dívida. Não eu. Agarrei a melhor oportunidade da minha vida e garanti o privilégio deixado pelos meus ancestrais. O destino é um rio inevitável, sob o qual estou prestes a mergulhar.

20 de junho de 1982

O meu pai teve um papel importante para o avanço da tecnologia que estou tentando implantar. Ainda é cedo para conjeturar resultados positivos, porém, tudo é questão de tempo. Samanta nunca acreditou nas minhas palavras, tampouco me deu ouvidos quando abordei a teoria do nosso avô. O papai nunca tocou no assunto, por motivos desconhecidos, mas sei que o papel do meu avô foi passado para ele, e em breve será passado para mim. Christina quer que eu viaje para Boston ainda hoje. Disse que o nosso filho necessita da minha presença. Um menino, como o Kalulu previu. Seu nome é Daniel Ormond Mombach... Magnífico! Que a sabedoria dos deuses esteja com você, meu filho!

10 de janeiro de 1983

Minhas cartas à Samanta não foram respondidas... Não consigo compreender esse lado tão egoísta de minha própria irmã! Tudo o que

passamos durante a infância não constituiu valor algum para ela. Que seja. Seguirei o meu destino como um legítimo Mombach. O meu pai está doente. Foi levado aos melhores médicos de Massachusetts. Embora esteja melhor, permaneço preocupado. Meus estudos acerca da profecia dependem do seu conhecimento em línguas antigas. Parte das escrituras que ele encontrou estão em latim e nigero-congolês. Kalulu poderia me ajudar, caso não fosse tão arrogante...

Com o meu pai por perto, todavia, eu tenho certeza de que ele fará sua parte!

14 de julho de 1984

A profecia está se cumprindo! Um novo clarão estremeceu o céu nesta noite! As imagens que eu tanto vi nos sonhos agora são reais! Samanta sempre esteve errada, não quis enxergar a realidade prevista pelo nosso pai. Só agora eu entendo porque meu pai me proibia de atravessar o alçapão. Nunca pôde ter sido aberto sem o consentimento dos deuses e a realização das profecias. Kalulu parece estar preocupado ou com medo. Ele é um covarde! Queria que o meu pai trouxesse o xamã que conhecemos na Sibéria, mas graças à inconveniência daquele criado, jamais conseguirei trazê-lo! A não ser que o meu pai venha a falecer, daí sim, eu teria toda a autoridade possível...

David e Livia sofreram um arrepio.

— Esse homem — iniciou Livia. — Essas anotações... O que tudo isso significa?

— Eu não sei. Mas não deve ser nada bom. — David observou o quadro centralizado atrás da mesa, cuja imagem revelava um jovem de severas

feições. Devia ser Clayton. — Essas anotações foram feitas há muito tempo. Mal sabemos se esse Clayton continua vivo.

— Pior...

— Pior o quê?

— E se ele estiver aqui, na mansão? — Livia raciocinou. — Deve haver alguém por perto. A gente testemunhou sinais de presença humana! Nossos parceiros, ontem à noite, nos disseram através do rádio que encontraram civis no povoado.

— Lembre-se de que eles agem como seres humanos... — O soldado começou a pensar em coisas absurdas, ultrapassando os limites da lógica.

Livia disse:

— Tenho me perguntado certas coisas.

— Tipo?

— E se eles já não vivem entre nós, assim, disfarçados?

David sacudiu a cabeça.

— Não é possível. Eu não vejo nenhuma coerência nisso.

— Devemos esquecer essa palavra, cara. Até agora, fomos surpreendidos de diversas formas pela incoerência. Primeiro fomos atacados por uma criatura voadora!

— Que você nomeou ser uma espécie de dragão...

— Foi o que eu vi.

— Tudo bem. — David abriu os braços, gesticulando. — Também vimos um horrendo ser cavernoso e deformado, que imita a nossa espécie. E vimos pessoas encapuzadas, com olhos duros iguais a pedras, tentando nos atacar!

— Então agora admite?

— Admito o quê?

— Que nós atravessamos um umbral desconhecido, onde a lógica e a razão não existem?!

David ficou calado.

Livia parou no tempo, ponderando.

Pensou no temor que sentira ainda no helicóptero, na noite passada. Pensou no ataque que sofrera no posto rodoviário. Pensou no desaparecimento de Calebe e dos demais, no pedido de socorro do Taj e nas primeiras descobertas acerca da família Mombach. Por que uma família tão poderosa abandonaria Boston para viver em um local tão afastado e primitivo como aquele?

— No que está pensando? — questionou David.

— Nos fatos.

— Quais fatos?

— A ideia de Jeremy Mombach deixar parte de seu império, somente para viver ao lado da esposa, aqui. Sei lá... Não é muito convincente.

— E o que isso tem a ver com esse caos?

— Não sei. — A oficial afrontou o quadro de Clayton, como se a pintura pudesse responder as suas dúvidas. — Sinto que essa família guarda um grande segredo. Ela pode ser a chave; a resposta para esse pandemônio. E se o Clayton tem alguma relação com essa merda que afetou Paraíso Florestal?

O rádio começou a chiar...

Atravessando as ondas de estática, amedrontada, a voz de Taj voltou a repercutir os mesmos gritos de socorro.



— TAJ! TAJ! — David exclamava loucamente. — Onde você está?!

— David, fale mais baixo!

Lívia ficou tremendamente preocupada com o barulho. Se alguma criatura os escutasse, não levaria muito tempo até chegar ao escritório.

— *Me tirem daqui, por favor! Estou machucado!*

— Fale a sua localização, meu amigo!

— *Eles me pegaram... Me pegaram!*

O chiado aumentou e o sinal foi bloqueado.

David quase arrancou o fone para lançá-lo longe, tamanha a raiva.

Decidido, empunhou a arma com firmeza e abriu a segunda porta do

escritório, chegando à primeira galeria do salão principal.

Sua raiva sucedeu feito uma chama vacilante atingida pelo álcool.

Ao olhar para baixo, seguido por Lívía, seu coração gelou. A sanidade ainda estava em ordem, mas pressentia que poderia perdê-la a qualquer instante.

Ele já tinha visto de tudo na vida. Os bandidos inescrupulosos. Os homicidas covardes. E os psicopatas sedentos por violência, os insanos, as criaturas selvagens que apenas os livros e filmes são capazes de atribuir algum nível de verossimilhança... Os monstros existem? David já lidou com vários deles. Mas e os monstros reais? Os seres que desafiam a nossa própria crença e nos faz questionar a origem da sua duvidosa existência?

O sussurro voltou a reinar.

Não era apenas um, mas vários sussurros. Mais altos e mais violentos do que o anterior.

“O que são vocês?”

Mas as coisas não podiam responder. Não de uma forma que David ou Lívía pudessem captá-las. Por instinto ou temor, sem um motivo definido, ele ficou em guarda, olhando para aquelas formas horrídas que desafiavam o seu entendimento. Quanto mais ele tentava entender, mais dolorosa e profunda era a força do golpe contra a sua cabeça.

Lá estava a vista do salão, com suas janelas e escadas radiantes, habitado pelas coisas que David e Lívía jamais supunham ter de enfrentar um dia, exceto em pesadelos e nebulosas visões que nem sequer poderiam ser assim denominadas.

Circulando os sofás e as colunas da escadaria, as criaturas sentiram a sua presença, e aquelas que usavam túnicas e que possuíam olhos estáticos, elevaram as faces mórbidas em sua direção. A partir daí, gritos e movimentações bruscas assumiram o lobby da mansão, com as coisas

abatendo-se umas nas outras e lutando para alcançar a galeria do segundo andar; lutando para apanhá-los e matá-los.

Era evidente que as chances de David e Livia escaparem dali com vida eram muito escassas, por isso estavam preparados para qualquer calamidade.

Enquanto os seres se aloucavam embaixo, os oficiais especulavam, indecisos, sobre o melhor momento de invadir o quarto mais próximo e como habitá-lo com o menor ruído possível. Arrepiados, sorveram do ar pesado e tomaram a passagem às suas costas, que graças à sorte, jazia aberta.

Num rugido seco, a porta os conduziu ao mesmo corredor do segundo piso.

Na esquina à direita — onde se localizava a primeira porta do escritório de Clayton — uma silhueta esférica e ampla começou a tomar proximidade; veio se arrastando por entre as paredes do corredor escuro e apoiou-se num vaso artesanal, a farejar o cheiro e a presença dos oficiais, que trêmulos suspiravam e tentavam conter o brado de espanto.

David e Livia aguardaram um segundo para ter certeza do que testemunhavam. Uma réplica, quase perfeita, da coisa cavernosa que os atacara no hotel, estava ali, desejando o seu sangue e a sua carne, enquanto sussurrava e respingava a secreção vermelha no chão.

David voltou a olhar para o balão de carne semioculto e enxergou, boquiaberto, uma série de protuberâncias brilhantes que nascera ao longo da coisa. Sacudiu a cabeça e perguntou se aquilo não seria um golpe da imaginação. O que via podia ser considerado tão chocante e bizarro quanto a criatura em si: dezenas de olhos — aparentemente humanos — uns maiores do que outros, despontavam na carne uniforme e brilhavam com uma avidez doentia.

Livia puxou-lhe depressa, mas David quis esperar um pouco para saber se os olhos gelatinosos existiam. Os movimentos da criatura aumentaram. Ainda era possível ouvir o rebuliço no salão principal, enquanto ela se abatia pelo

corredor e exibia sua série de conjuntivas malignas, a espreitarem tudo que estava ao seu alcance.

Foi nessa hora que um riozinho de água desceu dos olhos de David, e ele aceitou, pela primeira vez, que a possibilidade de Taj, Deke ou Calebe terem sido devorados por uma daquelas bestas era um fato evidente. Ele fora treinado para suportar tudo o que nos desespera, mas aquilo era profundo, chocante, desafiador demais. Se escapasse com vida, é certo dizer que levaria para casa muitas noites de pesadelos.

— David... — Livia chamou o mais baixo que pôde. — Vem comigo!

Sabiam acima de tudo que o mais infernal de todos os choques é causado pelo golpe inesperado. Esse golpe adveio com uma força latente, capaz de fazer arriar o homem mais valente da face da terra.

Sorrateiros, seguiram o corredor conforme a planta indicava, e viraram à esquerda, atravessando a porta do quarto que pertencia a Jeremy Mombach.

David apontou o rifle com garra e vislumbrou o recinto.

Livia deu três voltas na fechadura, avistou uma cômoda de madeira e a arrastou custosamente contra a porta, que ficou a receber os golpes da criatura gritante. Com a ajuda do parceiro, forçou o móvel com as costas e permaneceu em silêncio, ainda que o peito disparado suplicasse em gritos por um escape milagroso.

Por um momento, seu desespero foi total, pois lhe pareceu inevitável que seriam devorados pela coisa num quarto sem saída. Tinham as janelas, é claro, mas duvidava que fosse capaz de sobreviver a uma queda absurda sem nenhuma fratura exposta.

Os baques contra a porta foram perdendo a intensidade.

Os gritos da coisa atenuaram-se.

Na medida em que bloqueava a porta, a dupla não se movia. Já era possível perceber que as criaturas não sentiam a sua presença, caso ficassem distantes

e calados.

O sentimento opressor foi diminuindo e David percebeu, com a súbita fraqueza no corpo de quem acaba de reerguer-se de uma queda, que a criatura esfomeada afastara-se com gritos ecoando pelo resto da casa.

Cerca de quinze minutos depois, passos vacilantes se arrastaram pelo corredor, e o silêncio quase absoluto voltou a reinar.

Cansados, os oficiais deslizaram no chão.

Os sentidos fora de foco e a voz do anseio de escapar dali gritando cada vez mais alto.

— Não devíamos ter entrado nesta mansão — falou Livia, suspirando.

David fez um gesto leve com a cabeça e comentou:

— Ou era aqui ou a floresta.

Suspirou de novo, conseguindo vencer o cansaço.

Embora aconchegante, o dormitório de Jeremy Mombach não era muito grande.

Havia ao meio do recinto uma luxuosa cama de casal, talhada em madeiras nobres e esculpida por mãos talentosas do século passado. Abajures de parede preenchiam todo o ambiente. Um tapete de arraiolos se arrastava no assoalho de taco e um lustre de cristal com cúpula brilhava no teto anguloso.

David se levantou com a parceira e, como de costume, abriu as pesadas cortinas. O quarto contava com uma sacada que dava para a estufa de flores, ao oeste.

Atravessaram a abertura em arco e descansaram na varanda por alguns minutos.

A chuva se derramava sobre as árvores que, inquietas, chacoalhavam-se além das sebes mais baixas.

O céu estava carregado por nuvens cinzentas.

A chuva prometia se intensificar.

— Vem aí uma tormenta — disse David, olhando o relógio de pulso. —
Faltam dez minutos para as dezessete horas.

— Não quero passar a noite aqui.

— Não iremos.

Na tentativa de enganar o medo, Livia começou a vasculhar o quarto. A ideia de atravessar a noite em um local infestado de seres diabólicos só fazia piorar o seu quadro.

Detrás de uma parede arredondada que dividia a sacada, uma escada em espiral subia até o terceiro piso. Antes de galgar os degraus, examinaram diversos compartimentos do quarto, partindo dos armários de Jeremy e Nora até a dupla de criados-mudos em torno da cama.

David abriu as gavetas de um deles. Achou uma Bíblia Sagrada, um terço de prata, três revistas antigas que falavam sobre a carreira de Nora Fontine e uma piteira para cigarro.

Livia arrancou a gaveta inteira, espalhou diversos objetos desinteressantes no chão e partiu para a segunda, onde encontrou uma pilha de documentos do passado. Notas de compras, recibos, comprovantes de pagamentos, documentação de bens e outros inúmeros ofícios. Dentre eles, destacou um pergaminho com lacre de cera (já aberto) cujo monograma remetia à família Mombach.

Livia chamou o parceiro, e juntos leram o conteúdo do texto:

Testamento

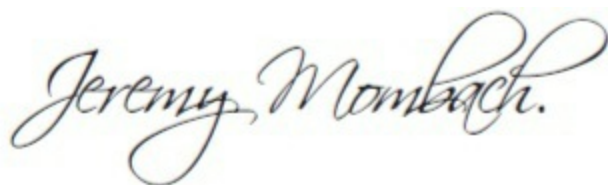
Mansão Mombach, 12 de abril de 1982

Eu, Jeremy Mombach, encontrando-me em juízo perfeito, livre de qualquer coação, declaro que este testamento é a minha última vontade em vida, como

efetivamente o faço, sem constrangimentos, na presença de duas testemunhas, os senhores Nelson Rodrigues Wald e Kalulu Alaba, que se encontram presentes na minha residência, no distrito de Paraíso Florestal, Bahia, Brasil, no qual exaro minha última vontade, pela forma e maneira seguinte: sou americano, casado, com oitenta e três anos de idade, tendo nascido em 1899, filho de Richard Hennemann Mombach e Susan Pritchett, não tendo ascendentes vivos, instituo meus herdeiros na totalidade dos meus bens: Clayton F. Mombach e Samanta F. Mombach.

Assim, expressando este testamento particular como minha sincera e última vontade, eu peço a Justiça de meu país que o faça cumprir como este se contém, e declara às testemunhas, perante as quais li este testamento, que o confirmem em juízo, de conformidade com a lei.

Dou por concluído este meu testamento, que com as aludidas testemunhas, assino.

A handwritten signature in dark ink, reading "Jeremy Mombach". The script is cursive and elegant, with the first name "Jeremy" and the last name "Mombach" clearly legible.

David foi o primeiro a dizer:

— Parece que o Jeremy foi um bom pai.

Lívia esboçou uma expressão de desapontamento. Esperava encontrar um documento mais interessante que um mero testamento. Não houve nenhum achado importante. Devolveram o amontoado de papéis à gaveta e subiram pela escada em espiral.

Em cima, descobriram um pequeno cômodo retangular, iluminado pela janela comprida e relativamente vazio. Uma pequena estante desgastada se encontrava ao fundo. Lívia mexeu nas prateleiras e constatou alguns

classificadores antigos.

Enquanto ela folheava os arquivos de Jeremy, David resolveu examinar a estante com mais profundidade. Tocando aqui e ali, puxando algum livro lá e cá, acabou por escutar um estalido estranho...

— O que foi isso?

— O quê?

— Um barulho esquisito — fez o soldado. — Foi semelhante a um som de alavanca.

— Eu acho que...

A estante inteira se contrariou.

Lívia calou a voz e sacou a arma, ao lado do parceiro.

O móvel inclinou para frente e abriu uma minúscula passagem que lhes designou a um recinto secreto. Por mais que esperasse qualquer acontecimento brusco, a dupla ficou surpresa. A Mansão Mombach se igualava às antigas casas mal-assombradas dos filmes de terror. O cubículo escondido pôde ter sido utilizado por Jeremy como esconderijo, em algum caso de invasão ou assaltos, por exemplo.

Não havia quase nada ali dentro, à exceção de uma cadeira acolchoada e um armário contendo pequenas velas desgastadas.

David voltou às escadas e subiu o restante dos degraus até a parte mais elevada, conseguindo chegar ao cume da torre circular.

Aquela deveria ser a área mais alta da propriedade.

Lívia ficou atrás dele, em silêncio.

Ativaram seus respectivos rádios e tentaram obter alguma comunicação.

David segurava o rifle com uma das mãos, e o fone com a outra. A estática prosseguia, causando a mesma série incômoda de chiados. Se Taj estivesse na mansão — como pensavam que estava — de um jeito ou de outro, ele iria escutá-los.

— Oficial Cordova falando. Sargento? Taj? Calebe?

Enquanto tentava estabelecer contato, o soldado apontava a arma em diversas direções da propriedade, o olho atento na luneta.

— Oficial Cordova falando. Interferência provocada por estática. Repito: Interferência provocada por estática. Estamos sob ataque hostil e precisamos de ajuda!

“Por favor, Taj... Responda!”

Atento à luneta, observou um grupo de aves se atirando abaixo do morro.

Depois moveu a arma com lentidão; passou pelo jardim, os muros arruinados e chegou às vidraças molhadas da estufa, de onde principiou um movimento inesperado. “O que foi aquilo?” Tentou enxergar com mais precisão. “Parece uma daquelas coisas infernais.” Deu uma leve ajustada na luneta e aumentou o zoom. “Não... Não é uma criatura.” Por causa da vidraça, não viu perfeitamente bem, mas estava claro que o tal movimento foi exercido por um ser humano...

— O que está vendo? — perguntou Livia, apreensiva.

— Parece que vi uma pessoa. — David esforçou-se ao máximo para não se mover. Após quinze segundos, a figura humana voltou a entrar em destaque e ele colocou o zoom no limite. — Alguém está na estufa, Livia.

A esperança reacendeu. Um corpo masculino caminhava dentro da estufa. David enxergou as pernas vestidas por uma calça jeans, e o corpo trajado por uma jaqueta de couro. O estranho segurava algo contra o ouvido, talvez um celular, e movia o braço esquerdo enquanto conversava de modo impaciente.

— Vire-se para o lado de cá — torceu David, ainda sem mover-se —, somente assim poderei observá-lo direito. Vamos... Vire-se!

Parecendo atender seu pedido, o homem se virou. David guardou na memória os detalhes de sua aparência; caucasiano, alto, forte, rosto quadrado e cabelo louro espetado...

— É o Deke.

— O Deke?! — Lívia quase gritou.

— É ele! — David não pôde chegar mais perto. Todavia, era evidente que o sujeito de trajes comuns se tratava do sargento. — Eu não entendo... Por que ele estaria vestido daquele jeito?

— Que jeito?

— Roupas comuns. Calça jeans, jaqueta de couro... Ele está falando com alguém no telefone. Mas... E se estiver pedindo socorro ao capitão?! — David passou o rifle para Lívia e uniu as palmas em torno da boca. — Deke! Hei! Aqui! Deke! Deke!

A parceira arregalou os olhos, temerosa.

David não parou de gritar.

— Deke! Estamos aqui!

Por mais que tentasse, não conseguia fazer a voz alcançar os ouvidos do parceiro.

Lívia tentou acalmá-lo.

David olhou para todos os lados possíveis e chegou a uma inusitada decisão.

— Podemos saltar daqui de cima.

— O quê?

— Podemos nos apoiar nos tijolos, chegar ao telhado do andar de baixo e descer por um daqueles canos. Veja.

— David, é muito arriscado. O telhado está molhado.

— É o Deke que está lá! É a nossa melhor chance de alcançá-lo!

Lívia pareceu ter percebido a incompreensão nos olhos do parceiro.

— Pense um pouco.

— O que quer que eu faça?!

— O Deke está agindo de maneira estranha, vestido com roupas comuns.

Não é um ato suspeito?

Com uma veemência brusca e quase desesperadora, o soldado coçou a nuca. Tudo estava tão confuso! O que poderia pensar de Deke? Ele sempre agiu de modo diferente. Forma-se uma impressão acerca de alguém que julgamos estranho... A mesma coisa aconteceu com David nos primeiros meses em que operara no batalhão. Era tachado de metido e egoísta, simplesmente por ter sido reservado. Não poderia julgá-lo, não sabia o que havia acontecido com Deke até aquele momento.

Agora, ele estava trajando uma vestimenta normal...

“Talvez por ter manchado o traje da COPS.”

Deke serviu no exército, tinha táticas de guerra e sabia como se virar sozinho. David não se surpreenderia se descobrisse que, naquele instante, o Deke conversava com o capitão no telefone via satélite, informando a situação do grupo e passando a localidade da casa dos horrores dos Mombach!

“Somente o sargento guarda o telefone via satélite.”

Deke poderia estar falando com alguém do centro de comando; o Carlos ou até mesmo a Milena, cumprindo com seu dever.

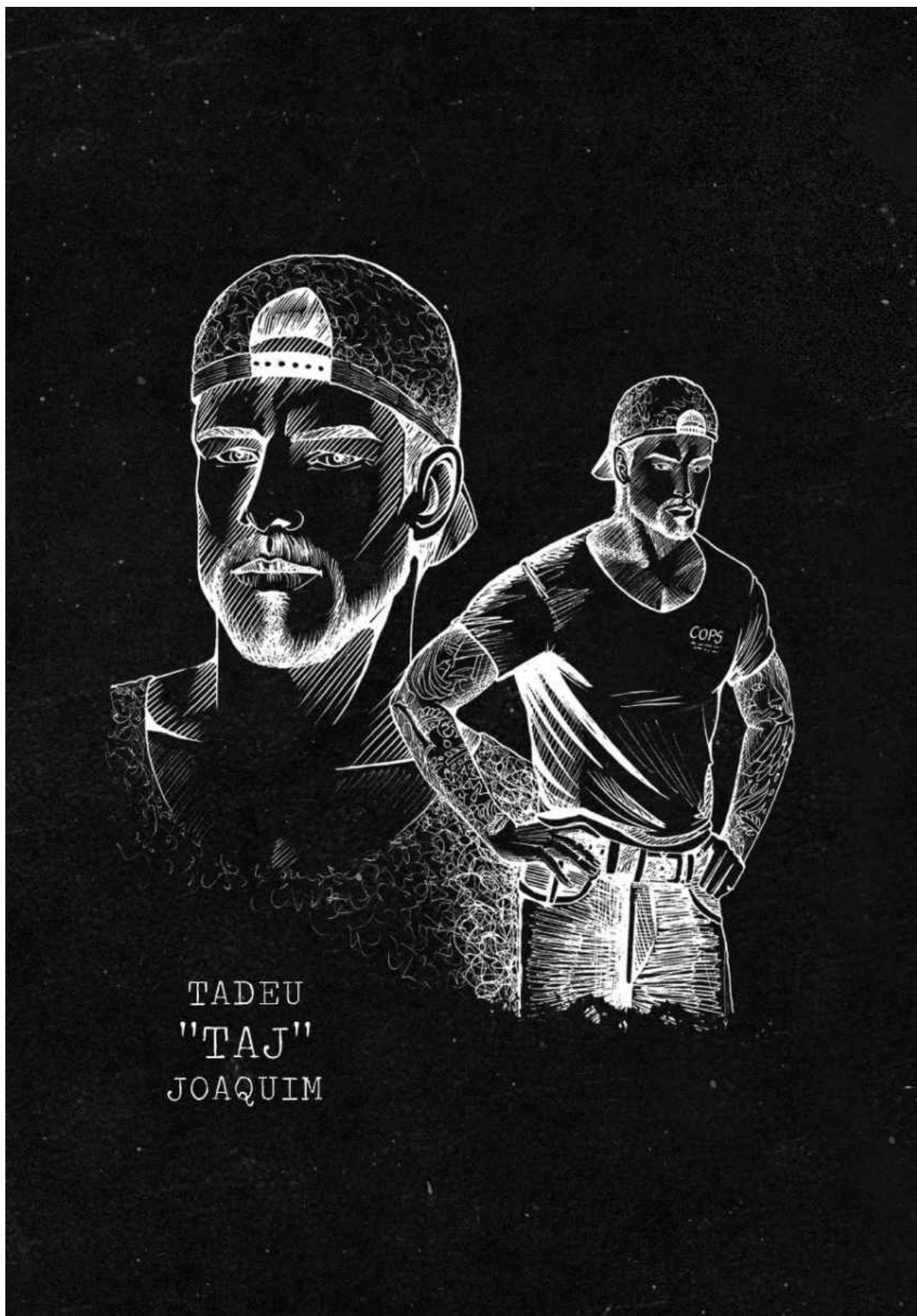
O soldado já estava prestes a descer da torre molhada quando, de repente, a voz de Taj ressurgiu no rádio, alarmando-o.

Suas atenções mudaram. Lívia tocou no próprio microfone e recebeu o chamado de socorro.

— Taj! Você me escuta?!

Como um passe de mágica, o seu melhor amigo perguntou:

— *David, é você?*



TADEU
"TAJ"
JOAQUIM



O CHOQUE FOI incrível. David levou dez segundos sem dizer nada, como que para saber se as palavras de seu amigo foram fruto da realidade.

— *David?* — tornou a dizer Taj, enfraquecido. — *É você, cara?*

— Sou eu, meu amigo! Finalmente! Onde você está?!

— *Graças a Deus...*

Lívia ajudou o parceiro a retornar à torre. Os chiados ainda existiam na comunicação imperfeita, mas a voz estava nítida.

— Me passe sua localização, Taj! Estamos te procurando há mais de três horas!

— *Eu não sei onde estou, cara... A visão está limitada. Tô em um vazio*

infinito, e tudo a minha volta está escuro. Estou com medo... Muito medo.

— O que você vê? Passe todos os detalhes possíveis!

— *Eu não vejo nada, cara... Somente a escuridão, o abismo.*

— Tente se concentrar Taj, você consegue! Onde pensa estar?

— *Eu... Eu não sei.* — A voz do amigo vacilou um pouco. — *Devo estar em uma câmara... Senti pedras em torno de mim. Mas não consigo me mover. Dói demais.*

— Você está ferido?

— *Acho que estou. Morderam parte da minha perna.*

— Quem mordeu?

— *Aqueles demônios. Desgraçados!*

— Se acalme. Use seu olfato. Consegue sentir algum cheiro?

— *Cheiro de terra. E sangue. É o meu sangue, cara. Eu vou morrer, David.*

— Você não vai morrer. Preste atenção. — David ficou desnortado, a andar em círculos. — Estou com a Lívia na mansão. Estamos em uma torre, por isso consegui falar com você. Provavelmente o sinal cairá, mas quero que saiba que iremos resgatá-lo. A gente veio te buscar, não sairemos daqui sem você.

— *Não vai dar tempo, cara...*

— Já estamos a caminho. Apenas diga, como acha que foi parar aí?

— *Ele vai voltar, David. Ele vai voltar!* — Taj exclamou com pânico, deixando os ouvintes abismados. — *Se ele voltar... Já era! Vou virar uma dessas coisas!*

David e Lívia se entreolharam, lívidos e trêmulos.

— Quem é ele, Taj?

— *Essa mansão... Meu Deus. Essa mansão é o buraco do inferno!*

— Responda, Taj. Quem é ele?

— *Um fanático, lunático... Eu não sei, cara. Não sei!*

— Como ele é?

— *Ele é mau, cruel... É o diabo em forma de gente. O Calebe teve sorte. Conseguiu escapar a tempo. Conseguiu driblar esses demônios. Eu levei a pior. Fui trazido para esse lugar infernal, onde as sombras se movem e as criaturas lambem a minha face.*

Lívia foi vítima de um choque:

— O Calebe está vivo? Ele conseguiu escapar?!

David tomou a frente:

— Tente se lembrar de ontem à noite, Taj. O que houve após a nossa separação na rodovia? Pode me dizer?

— *Nós fomos... Ao...*

— O quê? — David subiu no parapeito da janela da torre, buscando uma melhoria no sinal. — Está falhando. Mas que droga! Taj?

Lívia segurou-o:

— David, cuidado para não escorregar!

As águas caíam pesadamente.

A voz do parceiro voltou:

— *Povoado. Vimos alguns civis... Interrogamos eles.*

— Continue. Estou ouvindo.

— *O sargento ficou surpreso ao saber que não houve nada de anormal. Mas mentiram pra gente, cara... Tá na cara que aconteceu alguma coisa no povoado. Mas não adivinharíamos, não é? E os civis eram estranhos. Não mostravam suas faces. Não diretamente. Eu e o Calebe chegamos a cochichar sobre a aparência irregular deles. Seus olhos não se moviam, e suas vozes eram dissonantes; ora aguda, ora grave demais. A gente fez o que o sargento pediu. Interrogamos mais pessoas. Até que um senhor foi até ele e contou que uma mulher foi atacada em uma casa do povoado. Narrou que*

um homem a espancou e carregou seu corpo machucado para a floresta, na direção da casa dos Mombach. A polícia foi chamada, mas não conseguiu resolver o caso... Dois policiais haviam descido até o povoado, e desapareceram. Daí a polícia da cidade mais próxima contatou a COPS. O velho descreveu dois homens que usavam fardas iguais a nossa. Eram Fred e Joney, eu tinha certeza! Falou que eles adentraram a floresta, à procura dos policiais e da mulher atacada. Depois disso, nenhum sinal deles! A coisa começou a ficar preta a partir... Do... Fomos... Até o...

Novos chiados interromperam o relato de Taj.

David fez uma careta, suportando a estática.

— Meu Deus — deplorou Lívia.

Aos poucos, a voz fragilizada reapareceu:

— *Ele decidiu contatar vocês... Mas não conseguimos!*

— Quem decidiu nos contatar?

— *O sargento! Mas já estávamos longe, quase adentrando a floresta, em direção à mansão, e decidimos seguir em frente; o sargento, eu e o Calebe. Levamos mais de uma hora caminhando por uma trilha estreita e perigosa. O sargento foi certo. Nenhum habitante do povoado aceitou nos levar até a mansão. Mas o sargento conseguiu... Ele estava certo. Avistamos um portão de ferro. Saltamos o muro e invadimos a casa. Estava aberta. Um local assustador. Não imaginei que seria desse jeito, cara. Como fui burro! Como a gente foi burro! Você tinha razão, David. O temor que sentimos no helicóptero não foi por acaso. Tudo, cara... Tudo parecia um aviso... Uma premonição!*

— Calma, meu amigo. Fique calmo e concentre-se... — David falou com paciência. — Entraram na mansão. Foi isso? E depois?

— *Esperamos uma ordem... O sargento parecia inseguro, incerto sobre o que fazer...*

— O que ele ordenou?

— *Nada... Ele não teve chance...*

— Como assim? Por que ele não teve chance?

— *Eu não sei, cara... Não sei... Estou com medo. Não quero ser engolido por essas bestas!*

Mais chiados. Vozes distorcidas.

— Taj... Nós vamos te resgatar! Fique calmo e nos ajude! Apenas relate o que você viu, precisamos de todos os detalhes.

— *Fomos atacados. Meu pescoço... Senti uma coisa pegajosa envolver meu pescoço...*

Os oficiais ouviam com atenção. Taj parou de falar.

Lívia tentou forçar a audição e conseguiu escutar um murmúrio causado por uma rajada de vento. Era o que parecia. Se fosse o caso, então Taj se encontrava em algum ambiente enorme e arejado.

— Continue Taj. Continue.

— *Eu acho que...*

Taj silenciou. Mas o sinal não caiu, pois David ouviu os mesmos ruídos causados pela ventania que cirandava na provável câmara esparsa.

— O que está acontecendo aí? — perguntou. Não houve nenhuma resposta.
— Taj?

— *Silêncio, David...*

— O que está...?

— *Calado! Ele está chegando, cara... Está vindo!*

O desespero de David foi evidente, mas nada poderia ser maior que o desespero enlouquecedor de seu amigo trancafiado. Urros de ventanias de uma noite sem fim pareciam espalhar-se em todas as direções daquela câmara infernal, e a comunicação foi preenchida pelos mais diversos sons incompreendidos pelo homem.

Um riso de criança?

Um latido de cão?

Um miado violento, talvez...

Um pranto de mulher.

O corpo de David vibrou.

Estava dominado por um medo latente, a ponto de enlouquecer.

— Taj? Me responda!

Uma danação eterna pairava do outro lado, com toques desconhecidos de trombetas e uivos de louvores para aquele que chegava, cuja natureza sórdida jamais seria entendida pela consciência humana.

— *Não venha me buscar, David!* — Taj vociferou. — *Me deixe aqui. Já é tarde para mim!*

— Eu vou te encontrar, Taj! Eu prometo!

De repente, um ruído muito semelhante a um sibilar de serpente misturou-se a voz do amigo trancafiado, e David ouviu-lhe perniciosamente dizer:

— *Tira isso de mim... Ai! O satã mantém sua corte babilônica nesse lugar! Saia daqui! Saia daqui! O satã mantém sua corte babilônica nesse lugar!*

A estática assaltou a comunicação.

A fala de Taj ficou terrivelmente grave, e desapareceu.



A emoção mais forte e mais antiga da humanidade, segundo H.P. Lovecraft, é o medo.

Porém, qual é o limite do medo?

David e Livia haviam sido embargados pela inenarrável sensação de terem ultrapassado esse limite. Permaneciam num estado catatônico, a indagar à

própria mente abatida se poderia, decerto, existir qualquer explicação plausível para tal situação.

David foi o primeiro a indagar:

— Você ouviu tudo?

— Acho que sim...

E aquilo que David ouviu, foi de uma intensidade absurda. Ele tentou ouvir o sibilar de novo, de olhos fechados.

— Um som de serpente... Que desgraça é essa que estamos enfrentando?

— Serpente? — Lívia tentou entendê-lo. — Não sei dizer...

David ficou ainda mais pálido.

Não era um homem religioso, mas passou a rezar em pensamento.

Um choro de criança. Um latido de cão cansado e um miado violento, ao mesmo tempo.

A voz de Taj, grave e aflita...

Não estava louco.

Será que Taj continuava vivo? Quem poderia ser a figura monstruosa que ele viu chegar?

Milhões de cenas grotescas atormentaram seus pensamentos.

A informação da fuga de Calebe, entretanto, reanimou a determinação de Lívia.

— Precisamos continuar procurando. O Deke está por aqui, o Calebe escapou. É uma chance ao nosso alcance.

— Eu não sei.

— Não sabe o quê?

— Não sei se o Taj continua vivo. — David inclinou a cabeça, respirando fundo. — Mas eu vou cumprir a minha promessa.

Trocaram um olhar encorajador.

Desceram pela escada em espiral e voltaram ao quarto de Jeremy. A luz da

tarde estava cada vez mais fria e mórbida. Logo a noite cairia. Precisavam agir rapidamente antes que o invisível lhes saltasse aos olhos. Por mais aterrorizada que estivesse, Livia deu o melhor de si para reconfortar seu parceiro, partilhando das mais iluminadoras palavras e fazendo de tudo para manter a esperança nas alturas.

O plano era o mesmo: encontrar Deke, Calebe, e resgatar Taj.

A biblioteca era o maior cômodo da casa, talvez pudessem achar alguma pista interessante por lá.

Chegaram a uma tensa conclusão de que o único caminho acessível seria o mesmo corredor obscuro do segundo piso — onde a criatura cavernosa ainda perambulava.

Aguardaram dez minutos em silêncio, para saber se captavam algum barulho.

Às vezes, a casa transmitia a sensação de que as paredes se moviam, porque o eco dos ruídos serpenteava por entre os cômodos e pairava nos ouvidos de seus visitantes.

“É apenas o medo.”

Arrastaram a cômoda que haviam colocado contra a porta. O pesado móvel foi puxado com cuidado, sem emitir ruídos.

Além da chuva, nenhum som interessante.

David manteve a arma num dos braços e prendeu a respiração.

Segurou a chave de prata, destrancou a porta e abriu-a depressa.

O rugido foi inevitável.

Ele e Livia ficaram em alerta e usaram as lanternas, olhando em todas as direções possíveis e enxergando novos detalhes que antes não puderam destacar.

Além dos quadros e dos vasos artesanais, viram um charco de sangue no chão e pedaços de carne ao longo do caminho.

À frente estava deserto.

De repente, as luzes das lanternas vacilaram.

Tudo escureceu.

David gemeu, quase em silêncio.

Lívia segurou o próprio grito.

Estar sob a ameaça de aberrações grotescas enquanto se caminha por um corredor escuro é o mesmo que andar sobre uma ponte à beira do precipício. A visão poderia ser estarrecedora, mas o que tornava a experiência ainda mais caótica era aquilo que imaginavam. David se viu cambaleando para além do corredor, enquanto o calor da coisa cavernosa lhe envolvia por completo. Os olhos gigantes piscavam para ele; uma infinidade de dentes pontudos era revelada através da boca espantosa, cujo odor pútrido de centenas de corpos amontoados lhe fazia vomitar. Ele não sabia se tais pressentimentos ou sugestões bizarras eram somente frutos do medo ou da insânia do momento, mas tinha a absoluta certeza de que jamais se livraria deles.

Deram uma batida na lanterna.

A luz não ligava.

Mais uma batida... Nada.

Cristo.

Lívia realizou uma pausa na caminhada e visualizou as formas que se amontoavam no escuro infinito. Na sua frente, algo preso à escuridão parecia afigurar-se a um monstro agachado; uma espécie de pantera modificada, como se estivesse esperando o momento propício para atacá-los. Arfante, a oficial inclinou a cabeça, advertindo a si mesma de que tudo não passava de uma ilusão de ótica, e voltou a prestar atenção ao silêncio opressor.

Ao seguirem para o lado esquerdo, indo de encontro à porta do escritório de Clayton, ficaram petrificados.

David sentiu o gosto da bile no fundo da garganta, ergueu os olhos abismados e murmurou para Livia fazer a volta.

A coisa reapareceu, lançando jatos de um líquido corrosivo nas paredes e alargando seus gritos infundáveis.

Assim como a tensão, a luz da lanterna regressou, transformando o reencontro em um nível elevado de seu pesadelo. O soldado examinou a coisa com cuidado e sentiu o maior de todos os arrepios; a criatura, que já era horrenda, começou a se modificar, tornando-se ainda mais assustadora, com sua vintena de olhos gigantes sobre a carne intumescida. A massa ondulava depressa, como se uma serpente rastejasse por baixo da camada de pele. Então a textura também se alterou, com pequenos riscos vermelhos se abrindo em diferentes pontos do corpo estranho. Pareciam mais brânquias do que prováveis cortes; aberturas avermelhadas que se abriam e se fechavam velozmente, no ritmo da gritaria satânica.

Sofrendo um arrepio descomunal, David acenou rapidamente e refez os passos.

Na medida em que a coisa avançava, ele e Livia corriam para trás.

A cada passo, o corredor parecia estreitar-se a eles, espremendo-os sem nenhuma piedade.

Em vez de regressarem ao quarto de Jeremy, tomaram a esquina do corredor e entraram na última porta à esquerda, a qual a planta nomeava ser o quarto de Clayton e Christina.

Trancaram a passagem por dentro e reforçaram o bloqueio, graças a uma penteadeira de ferro que encontraram no recinto.

A coisa, como esperavam, começou a trombar contra a porta de carvalho, levando-os a temer que ela entrasse.

Um riozinho de sangue inundou a entrada do quarto por baixo e assustou-os.

Chutes, gritos delirantes e possíveis pontapés...

David abraçava a própria arma, eufórico. De olhos fechados, tentava se concentrar em outras coisas, lembranças e diferentes situações.

Os soldados da COPS não deviam entrar em pânico, não deviam perder o controle. A calma e a diplomacia faziam parte da sua conduta, muito embora David houvesse esquecido esse código agora... O medo e o pavor agiam tão intensamente que ele sequer ouvia o clamor da própria fome e das demais necessidades físicas.

Minutos depois, reabriu os olhos.

Os ataques haviam cessado. Os gritos desapareceram e deram espaço a um silêncio profundo que se espalhou por todo o cômodo exterior.

Arfante, a dupla se recompôs.

— Aqueles olhos... — iniciou Lívia.

— Eu sei.

— São enormes... São... Horríveis!

— Tente esquecê-los... Nós devemos esquecê-los.

David não parava de ver os olhos gigantes piscando para ele. A secreção caía da conjuntiva alterada e se unificava ao bolo de carne inchado.

Um horror do qual desejava escapar, mas não conseguia esquecer!

Levantaram e inspecionaram o quarto lentamente, atentando-se aos mínimos detalhes.

Entre duas janelas compridas, uma cama de casal ao estilo medieval dividia o cômodo.

Lívia foi para um lado, na intenção de examinar uma estante de madeira, e David ficou onde estava, para averiguar o armário, a cômoda, e descobrir o que os móveis escondiam.

Já não era surpresa saber que a nobreza dos Mombach estava à altura de sua fortuna.

Tudo no quarto recendia o mesmo ar enriquecido do século passado.

A cômoda não escondia nada de interessante, senão pequenas joias de brilhantes que provavelmente pertenciam a Christina, e peças de roupa que eram de qualidade.

A estante contava com livros, classificadores, envelopes, miniaturas de carros antigos e um mediano baú de ferro trancado.

Ao lado da estante, havia um belo quadro de uma mulher entre duas colunas de madeira. O semblante levemente corado; cabelos presos, olhos penetrantes e, ao mesmo tempo, inocentes... Lívia estudou a figura com bastante afinco e notou que a moça permanecia na sala principal da mansão, entre as colunas da grande escadaria.

Sofreu um breve susto quando David a chamou.

— Encontrei fotos e um molho de chaves. — Ele aproximou-se da parceira e revelou cinco fotografias de diferentes épocas. A primeira imagem era preta e branca, mostrava o mesmo homem de feições sérias que o soldado vira na sala de fumantes. Ou seja, Clayton. Estava acompanhado pela mesma moça do quadro visto por Lívia. — Esse cara me dá arrepios.

— Ela deve ser Christina, a esposa dele.

David foi passando as fotos. A segunda era do mesmo casal no dia de seu casamento; a terceira, eles com um bebê no colo; a quarta, um menino de aparentes cinco anos, ao lado de um senhor que se afigurava a Jeremy, em uma biblioteca; e a última, Christina, entre um casal de negros sorridentes, num dos corredores da mansão.

— Esses devem ser os africanos — chutou David, certo de que Christina externava uma profunda tristeza nas fotografias.

Seu coração, que já batia feito louco há algum tempo, retorceu-se de angústia ao imaginar a família Mombach reunida no lobby lá embaixo... Parte da consciência de David acreditava que eles podiam estar ali.

— O que houve com essa família?

— Deixe-me ver as chaves.

Lívia apanhou o molho e contou três chaves. Duas grandes e uma minúscula. Foi até a estante e testou a menor de todas no baú de ferro, que se abriu.

Ali encontrou recortes de jornais, pequenos envelopes contendo cartas antigas, dois frascos de perfume vazios e, ao fundo, um livro de capa dura.

Sentaram-se na cama e espalharam os documentos sobre o lençol, formando uma espécie de mural com as folhas descobertas.

Começaram pelo livro, que estranhamente estava em branco. Depois passaram para os recortes de jornais; ambos com datas diferentes:

GAZETA JEQUIEENSE

ANO 84 - Nº 20.089

JEQUIÉ, 25 DE FEVEREIRO DE 1984

PREÇO: CZ\$ 2,00

NOVOS DESAPARECIMENTOS EM PARAÍSO FLORESTAL

Ano passado foram registrados mais de doze casos e notas de desaparecimentos por entre as zonas florestais desse arraial, que com o passar do tempo, reforça a lenda de ser amaldiçoado.

Desta vez, um acontecimento de proporções assustadoras ocorreu no solo daquela região.

Jeremy Mombach, proprietário da mansão localizada numa das colinas acima do arraial, prestou depoimento na última quinta-feira, e deu um parecer que chocou os habitantes locais, pois, segundo ele, durante a madrugada do último domingo, quatro elementos armados tentaram invadir a sua residência, com intenções letais.

Os bandidos não conseguiram ir avanti com o assalto porque alguma "coisa" feroz os atacou no jardim.

"Eu ouvi os passos dos meliantes", narrou o arqueólogo. "Em seguida, um deles gritou, dizendo ter visto um grande canino nas redondezas. Mas existe aí um equívoco, já que eu nunca tive cachorros na minha propriedade. Após alguns instantes, escutei um novo grito; tão alto e alarmante, que fez despertar a minha esposa de um sono profundo. A esta sucessão de fatos, não me restam dúvidas de que o grande canino os devorou."

Jeremy ainda descreveu que planejava se refugiar na torre mais alta da casa, quando viu algo animalesco atacar os assaltantes.

"Vi o que vi, e jamais negaria. Foi algo extraordinário, de uma violência estarrecidora."

Várias pessoas (dentre habitantes e caixeiros viajantes que cruzam a pacata Paraíso Florestal) afirmaram que figuras estranhas, de feições e alturas inconcebíveis a nós, foram vistas vagando pelos arredores da mata que cerca o local.



Foto: Jeremy Mombach para Science Magazine
Junho de 1947

Quando lhe foi perguntado sobre a fisionomia da criatura em questão, Jeremy simplesmente recuou e deixou a sala de interrogatório.

NAS PRÓXIMAS PÁGINAS:

Caos e desolação! Didi demonstrava ser o mais calmo até o momento... Disse que o time ainda é pouco experiente, e o fato de o gol não despontar nos primeiros dez minutos, é sinal de má sorte. Acrescentou, ainda, que a falta de ritmo de Berg, fez com que o time se desestabilizasse! (Pág. 04)

Vigilância ilegal incomoda moradores das Casas Populares. A polícia foi chamada na residência da Família Ribeiro, que prestou queixa a um grupo de vigilantes que zanzavam pelas ruas, durante a madrugada. A situação agravou quando o vigilante ilegal, conhecido por Juca, foi golpeado por Túlio, o bisneto do antigo Coronel Deodato Ribeiro. Por sorte, a polícia chegou no bairro a tempo. (Pág. 05)



II MOSTRA DE CINEMA ACONTECE NO CINE AUDITÓRIO JEQUIÉ GARANTA JÁ A SUA SESSÃO!

A II Mostra UCINE acontece no Cine Auditório, com mediação do historiador Ricardo Zefferrino Belmonte, e projeção do clássico "Irmãos Piratas: Uma viagem ao passado dos temíveis Legrand". Um retrato sobre a origem de seus descendentes ingleses, piratas dos mares do Caribe do séc. XVII.



ESTÁ COM CALOR? QUE TAL UMA CERVEJA BEM GELADA?

Deixe suas tardes quentes ainda mais agradáveis! Beba a sua cerveja preferida: Lake Drink!

Apresente cinco tampinhas e conquiste uma linda casa próxima ao Belvedere Sabock!

ACOMPANHE AS NOVIDADES DAS SUAS TELENÓVELAS AQUI

ASSUNTO CONFIDENCIAL

Vem a público!

Documentos da Aeronáutica Brasileira revelam a missão que registrou as estranhas aparições no céu de Paraíso Florestal, além das montanhas onde está localizada a mansão do arqueólogo americano Jeremy Mombach!

APÓS INTERVENÇÃO MILITAR, RASTROS NO CÉU E NA MATA DO POVOADO INDICAM AMEAÇA QUÍMICA

Mais de vinte oficiais da Força Aérea Brasileira se envolveram em uma operação secreta no interior de Paraíso Florestal, no meio da selva que margeia o povoado, dez anos atrás. É uma das mais interessantes e misteriosas investigações militares envolvendo casos de seres extraterrestres, que, devido à falta de explicações, são arquivados como não conclusivos. Detalhes desta impressionante investigação estão em alguns relatórios sigilosos, liberados pelo governo para análise no Arquivo Nacional no Distrito Federal. Existem incontáveis materiais que foram engavetados no decorrer da década, com descrições e imagens de seres que não fazem parte da natureza humana.

Tivemos acesso a um dos relatórios, que você poderá conferir após esta impressionante imagem. Foto e registro feitos pela equipe da operação, em uma das florestas de Paraíso Florestal / Outubro de 1978.

O militar responsável pela imagem garantiu não apenas que a foto é real, como também afirmou que a criatura o perseguiu, enquanto escapava da mata. Segundo ele, *"a experiência foi a mais aterrorizante da sua vida"*, e não por acaso abandonou o cargo que ocupava dentro da operação.

Será que finalmente temos uma prova conclusiva da existência de tais seres?



CONFIDENCIAL

Ministério da Aeronáutica

CONFIDENCIAL

ARQUIVO: CLARÃO NO CÉU

SESSÃO DE INFORMAÇÕES

1. RELATÓRIO DAS OCORRÊNCIAS



Toda e qualquer pessoa que tome conhecimento de fatos sigilosos, deve manter a responsabilidade (Art. 12, § 1º, da Lei nº 77.189, de 06.01.77, e Decreto para Salvaguarda de Atos e Sigilosos).

CLASSIFICAÇÃO: CONFIDENCIAL

ASSUNTO: OBJETOS VOADORES NÃO IDENTIFICADOS.

DATA: 08 DE OUTUBRO DE 1978

HORA: 23:15 HORAS

DESCRIÇÃO: Foi observada neste dia uma série de luzes multiformes no céu do arraial de Paraíso Florestal, e um objeto luminoso, de mesmo aspecto, que desceu de uma altura considerável e veio a tombar entre as árvores da mata, gerando pânico nos que ali se encontravam. A equipe se deslocou para o ARRAIAL às 21:00 horas, do dia 08 de outubro de 1978, onde chegou às 23:00. O prefeito de Jequié solicitou a um de seus secretários que acompanhasse a equipe com uma tropa de policiais. Foram ouvidas diversas pessoas, residentes do arraial, que testemunharam os clarões no céu no dia anterior e presenciaram um violento ataque na manhã do dia 08, abaixo mencionadas:

ARMANDO SILVEIRA DOS SANTOS, idade 52 anos.

DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: 07 de Out 78, às 00:15 horas.

Disse que no dia e hora acima referidos, no interior de sua residência, escutou ruídos provocados por uma fala anasalada e percebeu que através do telhado penetrava uma forte corrente de luz, na intenção de atingi-lo na cabeça. Ainda admitiu ser um bicho de tamanho anormal (macaco ou algum tipo de ave) e sentiu uma ardência profunda na região da nuca. Através da janela, conseguiu verificar intensas luminosidades no céu, na companhia de vizinhos que, alarmados, também testemunharam o fenômeno e juraram avistar seres inexplicáveis sobrevoando as matas.

RELATÓRIO DAS OCORRÊNCIAS

CONFIDENCIAL

LAURA CONRADO DE SOUSA, idade 43 anos.

DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: 08 Out 78, às 14:25.



Disse que no dia e hora acima referidos, estava acompanhada pelo filho, ELISIO CONRADO DE SOUSA, em sua residência, quando os habitantes do arraial entraram em pânico, fugindo de uma série de ataques por seres desconhecidos de características humanóides. A testemunha também afirmou que só conseguiu escapar do ataque graças ao seu irmão, ZECA CONRADO, que chegou a tempo de alertá-la e levá-la até um local seguro. Dentre as quinze pessoas desaparecidas, ELISIO está incluído.

A busca pelos desaparecidos começou por volta das 23:40 horas. Ninguém foi encontrado.

3. RESERVADO

RESPONSÁVEL: [REDACTED]

PARTE DO DIÁLOGO ENTRE OS AVIADORES:

- TUDO CERTO?
- POSITIVO.
- QUAL A SITUAÇÃO?
- CÉU LIMPO. (PAUSA) ESPERE. HÁ ALGUMA COISA SE APROXIMANDO...
- REQUISITO DETALHES.
- ACABO DE AVISTAR UMA LUMINOSIDADE DESCONHECIDA NO CÉU. NÃO CONSIGO DISTINGUIR.
- POSITIVO. (PAUSA) CONFIRME O QUE VOCÊ ESTÁ AVISTANDO NA POSIÇÃO DE DEZ HORAS?
- NÃO SEI EXATAMENTE.
- COMO ASSIM?
- ATENÇÃO. (PAUSA) CERTO. ESTAMOS VENDO UM OBJETO EVIDENTEMENTE NÃO COERENTE COM OS AVALIADOS, SOBREVANDO A MANSÃO DOS MOMBACH.
- POSITIVO. RECEBEMOS UMA INFORMAÇÃO SEMELHANTE.
- O OBJETO MUDA DE COR. (PAUSA) VERMELHO, AMARELO ALARANJADO, BRANCO E AZUL. JÁ HOVE MUDANÇA DE ALTITUDE VÁRIAS VEZES.
- O OBJETO OSTENTA VÁRIAS CORES?
- É UMA MASSA DISFORME DA QUAL DESCONHECEMOS, COMO SE FOSSE UMA ESPÉCIE DE ANEL. TEM MOMENTOS QUE MANTÉM A ALTITUDE DO BRAVO 280, E AGORA ESTÁ BEM ACIMA DO KPB.
- SOLICITO DADOS COERENTES.

- NÃO HÁ COERÊNCIA. (PAUSA) ESPERE UM POUCO... (PAUSA) O OBJETO ESTÁ SE APROXIMANDO DE NÓS.
- O QUE ESTÁ ACONTECENDO?
- MEU DEUS. (PAUSA) O OBJETO ESTÁ NOS ACOMPANHANDO.
--- ESTÁTICA ---
- O QUE ESTÃO VENDO?
--- ESTÁTICA ---
- UMA LUZ... (PAUSA) UMA LUZ FORTE, INDEFINIDA...
- CORES?
- NENHUMA. ATENÇÃO: O OBJETO ACABA DE APONTAR A LUZ PARA NÓS.
--- GRITOS E BALBÚRDIA ---
- FOMOS ATACADOS. REPITO: NÓS FOMOS ATACA...
--- SOM DE COLISÃO ---

FIM DA GRAVAÇÃO

Terminada a leitura dos recortes, os oficiais trocaram argumentos.

Lívia recordou-se da reunião no departamento, antes de perguntar:

— Lembra-se do que o capitão nos disse, sobre a história de Paraíso Florestal?

David fechou os olhos, forçou a memória e voltou à sala de reuniões da COPS. Anotara alguns apontamentos e outras dúvidas, mas, durante o discurso, o capitão respondeu todas elas, incluindo uma informação interessante.

Por decisão do governo, que no verão de 1978 realizou uma série de investigações estranhas no local, Paraíso Florestal tornou-se oficialmente um distrito...

— O capitão citou a mesma data descrita nesse jornal.

Lívia também se lembrou de outro detalhe:

— Ele acrescentou que os habitantes tinham que realizar atividades legislativas fora daqui, e que, na época, isso ocasionou uma grande revolução por parte dos agrônomos e fazendeiros que viviam da colheita.

— É... — David não parava de encarar os papeis. — Eu me lembro disso.

— O que acha dessa coincidência?

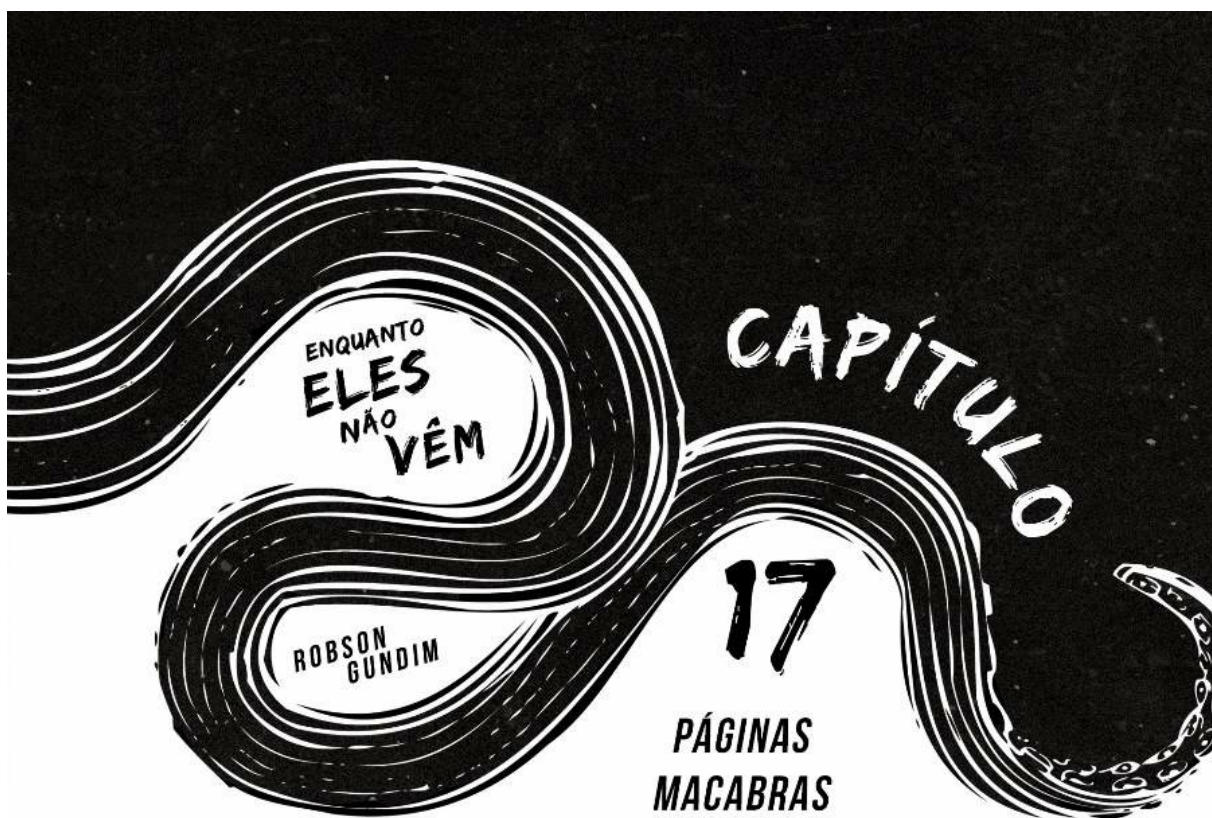
— Não acredito em coincidências.

Lívia ficou intrigada:

— Isso significa...?

David não desejou chegar a tal ponto, mas não houve outra saída:

— Que talvez o capitão tenha escondido muita coisa de nós.



— ISSO É LOUCURA... — disse Livia, a ponto de soltar um riso. Mas então se recordou das reuniões parlamentares que participara; dos discursos feitos pelos grandes líderes e das absurdas matérias sensacionalistas que viraram capas nas maiores revistas do mundo. E dos crimes organizados que haviam sido acobertados pelas esferas dos poderosos; dos golpes nunca solucionados, e dos políticos que se afogavam em sua própria corrupção... — Talvez tenha razão. Eu... Não sei o que dizer.

David fitou-a com prudência.

— Você sabe como eles agem, não sabe?

— Estamos falando do governo. — Ela apontou para os recortes. — Isso

veio a público só depois de dez anos. E é somente um exemplo... E esse pesadelo que estamos vivendo? Quando será revelado? Ou será que ficará enterrado aqui?

— Vamos com calma. Ainda não sabemos de nada.

— Estamos encurralados nesse inferno, David. Você tem razão em desconfiar de tudo e de todos, em um momento de tanta agonia e desespero. Seus olhos foram além dos meus. E se...?

David cortou-a:

— O capitão Vargas pode ter ideia do que esteja acontecendo nesse lugar. Pensemos. Ele nos mandou por algum motivo.

— Qual motivo? Nos mandar para uma terra infestada de bestas?!

— Talvez ele não soubesse dessa parte. Talvez ninguém saiba... Já parou para pensar nisso? E se todas as pessoas que vivem naquele povoado sempre estiveram debaixo da sombra? — O soldado tentou chegar a um fato aceitável dentro do absurdo. — Por que ninguém nunca descobriu as verdades desse lugar? Vimos sinais de uma comunidade que leva uma vida normal. Digo isso por causa das anotações nos cadernos da escola, as lojas, o restaurante do hotel...

Lívia foi além:

— Estamos diante do desconhecido. E quando o governo lida com o desconhecido, ele veta... arquiva! Caso contrário, o mundo entra em colapso!

A teoria era válida, embora não comprovasse ou mesmo explicasse toda a loucura que estavam testemunhando.

David chegou a outro ponto interessante:

— Sobre os recortes de jornais, notei que não foi a única vez em que a Força Aérea Brasileira agiu minuciosamente.

— Que quer dizer?

— Me veio à cabeça a Operação Prato.

Lívia pensou um pouco e recordou-se.

— Quando aconteceu?

— Coincidentemente, um ano antes desse caso em Paraíso Florestal. Se analisarmos bem os arquivos, veremos que existe uma enorme semelhança... As luzes no céu, o “bicho” voador, as pessoas sendo atacadas... Exceto pelos desaparecimentos — corrigiu. — O número de pessoas desaparecidas só fez aumentar por aqui, pelo que se percebe.

Lívia observou os recortes com mais cuidado e pensou na condição de vida daqueles que perderam seus filhos e familiares.

— E depois? O que foi decidido?

David deu de ombros.

— Jamais saberemos.

— Será que o governo inventou uma história, mais uma vez, para não alarmar a população? Isso é bárbaro!

David não conseguia tirar a voz de Taj da cabeça. Ainda escutava em ecos soltos e abissais, o seu último e arrepiante pedido.

— O que o Taj disse... Há algum sentido naquilo?

— A Babilônia — disse Lívia, assustada. — Essa gente parece seguir uma ordem pela qual desconhecemos. Esse lugar foi abandonado por Deus... Aquelas bestas famintas arrumaram um meio de tomar tudo. A família Mombach é o segredo. Acredito que ela está por trás de muitas coisas horríveis que aconteceram aqui.

— Eu não quero me precipitar.

— Os livros e as cartas podem nos dar algumas respostas. Clayton Mombach afirmou em seu diário que viu feixes luminosos no céu. Isso tudo deve haver alguma ligação.

A oficial examinou os outros papéis sobre a cama.

Dois envelopes pequenos conservavam duas diferentes cartas, que foram

descobertas e postas na ordem correta. A primeira continha um número infinito de manchas e rasuras.

Lívia precisou recorrer à lanterna para enxergar algumas palavras.

15 de maio de 1939

Sr. Mombach,

Presumo que não se lembre de mim. Mas eu me lembro do senhor. Deve estar se perguntando o motivo que me levou a escrevê-lo. No entanto, acredito que o senhor tem ideia do assunto. Meu nome é Morrigan Lefu. Para uns, sou o feiticeiro poderoso que varreu as criaturas mais profanas da África. Para você, eu suponho, sou o mago visionário; aquele que entrou em transe, anos atrás, e viu a putrefação nos atos de seus antepassados. Por meio desta carta, venho lhe passar uma mensagem importante. Porém, devo ressaltar que o senhor ignorou os meus sinais, negou a verdade e zombou de meus dons. Um conselho muito sábio chegou aos seus ouvidos, não é mesmo? Jamais ouse brincar com aquilo que desconhece, Sr. Mombach... De todo modo, o seu destino me foi passado por eles, e por direito seu, mantereí minha palavra.

Conhecemo-nos pessoalmente em uma de suas importantes expedições. Eu estava na África do Sul, onde atravessei anos adotando o papel de curandeiro, até me surpreender com a sua chegada. Você tinha um caráter especial, jamais visto por mim em qualquer outro nobre forasteiro. Considerei louvável a sua curiosidade em torno das culturas de meu povo, e apreciei seu fascínio pelo mundo da magia. Apesar disso, não tivemos a oportunidade de nos aprofundarmos no assunto. O senhor me pareceu uma

criatura incrédula, como se as minhas palavras não portassem significado. E devido à ação nada prestimosa do seu criado, não pude transmiti-lo a mensagem final.

A esta altura do tempo, deve supor o quão genuíno eu fui ao ditar-lhe tamanhas e reveladoras palavras, a começar pelo curioso fato de ter-lhe enviado esta carta mesmo quando desconheço o seu endereço. Foram eles que me passaram! Os mensageiros que o senhor duvidou! Eles se curvaram diante de mim e sussurraram, Sr. Mombach, que a sua missão está chegando. Eu sou Morrigan Lefu, e o senhor há de gravar o meu nome. Quero que saiba que uma grande luz está se abrindo para o senhor; existe um caminho sobre o qual essa luz o guiará, e não há como evita-lo, porque é o seu destino. Para tanto, o senhor precisará de um guia para conduzi-lo a essa luz. Pense no quão maravilhado estará, ao ver infinidades de sabedoria, riqueza e poder, em um panteão glorioso, onde a humanidade se inclinará perante o seu triunfo.

Lembre-se de que eles o observam e escutam seus clamores... Eu tenho a chave para abrir aquilo que sempre almejou; o senhor está a um passo do umbral!

Acredite. Todas as portas se abrirão, e todos os desejos se realizarão. Não se esqueça, entretanto, de que há um enorme preço a ser pago por aqueles que temem seus próprios destinos.

Eu sou Morrigan Lefu, e agora eu tenho certeza de que o senhor me conhece!

Um calafrio sinistro serpenteou os corpos dos oficiais.

Lívia sacudiu o rosto e tentou recompor o fôlego. David tateou o fim da carta, onde havia uma série brusca de riscos sobre palavras estranhas

descritas pelo enigmático autor da mensagem. Conseguiu destacar algumas letras, mas os riscos sobre elas reforçaram a ideia de que alguém não queria revelar o misterioso significado.

Lívia vasculhou a mochila e apanhou a garrafa de água, que estava quase vazia.

— Quanto mais avançamos nestas páginas, mais descobrimos o quanto essa família é louca e horrenda.

A chuva adensou.

— Tá ficando cada vez pior...

Um trovão disparou lá fora e Lívia teve um sobressalto.

David acalmou-a e fez o possível para mantê-la focada em sua nova missão, a sobrevivência.

— Eu só quero sair daqui. — Sua audição tornava-se amplamente sensível àquele grau perverso e sobrenatural, manifestado pelas descobertas macabras. — A noite está chegando. Tudo vai piorar. Devemos nos apressar e dar um jeito de encontrar logo os nossos parceiros.

Foram à segunda carta.

Distinta da primeira, era curiosamente mais recente:

Boston, 07 de agosto de 2000

Meu pai. Não sei o que dizer. Mas precisei escrever, de qualquer jeito.

A mamãe... Ela morreu hoje. Encontrava-se em um estado degradante, até demais para nós, meros homens, aceitarmos com a nossa vil compreensão. Por que você nunca veio visitá-la, meu pai? Por que sempre foi tão estranho, sozinho e fechado em si? O senhor também é humano, e um dia envelhecerá. Vai olhar para trás, rever as coisas terríveis que cometeu e não poderá fazer

nada a respeito. Escrevo apenas porque recebi sua última carta na noite passada, e muito me admirou sua ação. Confesso que fiquei esperançoso. Imaginei que viria ao nosso encontro, para ficarmos juntos, como antigamente, quando éramos uma família feliz. Enganei-me. Eu sabia que entraria em contato somente quando precisasse de mim. Não entendi suas intenções. O que o senhor quis dizer com o legado do vovô? E o que significa a descoberta do século? Melhor... Por qual motivo eu me interessaria no assunto? Também não entendi suas palavras confusas a respeito dos meus pesadelos de quando morava na mansão. Saiba que tal insinuação só me faz considerá-lo ainda mais louco e obsessivo. Estou nos meus piores dias. Sinto-me fraquejado e triste. A mamãe nos deixou para sempre, e o senhor não moveu um dedo para ajudá-la. Outra coisa... Nunca mais me ligue ou envie cartas para me pedir favores, principalmente relacionados ao meu retorno à mansão.

Diferente do senhor, eu não quero passar a eternidade no inferno!

Daniel Mombach

David tentou conter o sentimento desgraçado.

A carga emocional se agigantava, e a cada suspiro angustiante, o vínculo da família Mombach com o mal se tornava evidente.

A chuva despencava aos montes, e uma artilharia de trovões gelava-lhe o espírito.

A noite chegava de mansinho.

David tentou imaginar como seria caminhar pelos cômodos da mansão, enquanto as trevas fervilhavam seus miolos. Estremeceria ainda mais de medo, e tudo ficaria mais difícil, intensa e arrepiantemente difícil.

— Precisamos seguir em frente.

— Como deixaremos o quarto, com aquela coisa bloqueando o corredor?

— O arrepio ainda tomava conta de Livia. — Não quero enfrentar aquilo de novo... Não quero.

O soldado encarou as duas janelas, que davam para o teto envidraçado da estufa. Se caminhasse sobre o teto, poderia facilmente ter acesso às janelas do quarto vizinho (segundo a planta da mansão, pertencia à Samanta e Julio). Lá, poderiam encontrar mais algum documento revelador, ou mesmo, alguma pista do paradeiro dos rapazes.

O sol descia no horizonte, silhuetaando os galhos das árvores secas, levemente ofuscadas pelo forte temporal.

David abriu uma janela e recebeu o vento forte no rosto.

Com cuidado, passou as pernas sobre o parapeito de mármore e pisoteou o teto da estufa, que devido à água, estava escorregadio.

Livia fez o mesmo movimento.

Andaram de mãos dadas, lado a lado, contornando o pequeno perímetro da mansão até alcançarem o quarto vizinho.

Durante a caminhada, Livia se permitiu olhar para baixo e destacou, através da vidraça molhada, um número considerável de plantas e outros caqueiros que preenchiam tanto o piso quanto as paredes da estufa. O verde das folhas ainda era muito vivo, e o mesmo se aplicava ao tom das pétalas que Livia conseguiu enxergar. Muito provavelmente, alguém ainda as cultivava. Em sua fantasia, procurou por todas as imediações a presença daquele alguém. Ali, acolá... Não havia ninguém. Apesar disso, ainda era invadida pela sensação inquietante de que algum ser, talvez escondido nos canteiros da estufa, a estivesse observando.

David deu uma coronhada na vidraça da janela mais próxima. Afastou alguns cacos de vidro, deu uma olhada além das cortinas e viu o cômodo

deserto.

Saltou para dentro, ajudou a parceira a subir no parapeito e sentiu que uma leve luminosidade faiscou no lustre de bronze.

Aguardou um instante...

Suas pupilas se contraíram de expectativa.

Foi até o interruptor e tentou acender as luzes.

Nenhum sinal da energia.

O quarto estava levemente iluminado pelo entardecer.

Dali se destacava a paisagem ao longe, com as árvores ligeiramente verdes abaixo das montanhas, em suas formas lúgubres e folhas pouco definidas.

O quarto era um pouco menor que o de Clayton, mas contava com a mesma decoração nobre.

Uma cama de casal ao estilo medieval ficava próxima a um armário de cerejeira, entre duas janelas que davam para o quintal. Perto de uma delas, uma penteadeira feminina azul-clara reunia diversos porta-retratos do casal que vivia ali. Uma pequena mesa de escritório fora posicionada ao lado da porta, encostada num canto. Contava com algumas partituras de música e um mediano retrato de um homem sorridente, o que causou imensa curiosidade nos oficiais. Diferente de todas as fotografias encontradas na casa, aquele homem tinha, de certo modo, uma característica inovadora. Talvez fosse o sorriso exultante por baixo dos grandes bigodes, os olhos contentes ou a sensação de boa índole.

— Ele deve ser Julio — chutou Livia. Apontou para a penteadeira e encadeou: — E ela, Samanta Mombach.

Havia um quadro do casal em cima da cabeceira da cama.

Uma seriedade evidente, talvez imposta pela época; mas aparentavam ser felizes.

Livia revirou as gavetas da penteadeira e do armário.

Aflito, David ficou com a mesa.

Chegaram à conclusão de que Samanta e Júlio eram organizados. Todas as roupas estavam bem guardadas, passadas e dobradas, assim como os vestidos, as gravatas, os sapatos e demais objetos pessoais.

Não havia nada de importante na mesa. Das gavetas, um exemplar idêntico ao diário encontrado no escritório de Clayton chamou-lhes a atenção. Na capa de couro, acompanhada pelo mofo, estava gravada a inicial “S”, de Samanta. Livia tateou o minúsculo cadeado com os dedos suados e lamentou.

— Está trancado.

— Não seja por isso. — David vasculhou a própria mochila e apanhou um alicate de corte. Encaixou-o em torno do cadeado e quebrou-o. — Pronto... Chega de diplomacia por hoje.

Livia o fitou e suspirou, abrindo mais um arquivo da misteriosa família.

06 de fevereiro de 1970

Meu nome é Samanta. Hoje eu fiz onze anos, e estou muito feliz. Papai me trouxe uma linda boneca da cidade, igual a que eu vi na tevê. Ele é tão bom para mim! Eu o amo, papai!

07 de fevereiro de 1970

Ontem a mamãe fez uma festa surpresa! Foi tão bom!

Primeiro tampou meus olhos com suas mãos, me guiou até a sala e me permitiu abri-los. Vi todo mundo reunido, batendo palmas e gritando o meu nome com alegria. Vovó Helen costurou um lindo vestido, e Kadica fez um bolo cor-de-rosa para mim. Amo minha família!

19 de julho de 1971

Kadica é como a minha segunda mãe. Às vezes, a vovó tem ciúmes, mas ela sabe que Kadica sempre desejou o meu bem, e ao meu irmão. Ele não gosta muito dela, nem do Kalulu, mas ambos nos amam como seus filhos, e nos protege de todos os males. Nunca vou me esquecer do dia em que salvaram nossas vidas, quando fomos brincar além do jardim e quase caímos no precipício...



Eu e Kadica

10 de setembro de 1972

A mamãe vive atarefada com seu trabalho, raramente passa o dia conosco. Uma vez escutei ela e o papai discutindo no quarto, porque o motorista demorou para trazê-la da capital. Deve ser por causa do trabalho, do teatro e daqueles programas da tevê que ela participa. Eu a vi na tevê anteontem, e percebi definitivamente que nos olhos da mamãe existe a felicidade. Ela ama o trabalho que exerce. Eu só queria que ela passasse mais tempo conosco. Por outro lado, é muito bom saber que sou filha de uma linda e talentosa atriz. Já pensei em ser famosa, mas o Clayton falou que atrizes não possuem sardas.

17 de outubro de 1973

Hoje eu fiquei de castigo, sem poder assistir tevê ou sair de casa. Tudo foi culpa do Clayton! Sempre com os mesmos gestos maldosos, dizendo coisas feias para me assustar! Ele deveria estudar, e eu também. Sinto-me presa... A mamãe me trata como uma criancinha. Queria ter amigos e sair daqui! Porém, eu sei que não posso fazer isso, e continuarei sozinha, ao lado do meu irmão. Após o café da manhã, fomos para a biblioteca sem o consentimento da Kadica. Ele me disse que a noite um buraco se abriu no meio dela, e vários fantasmas saíram de lá. Eu não acredito nele! De tanto me atormentar, porém, acabei seguindo seus passos. Entramos na biblioteca escondidos. O papai estava em sua mesa escrevendo alguma coisa. Ele parecia preocupado, pois toda hora coçava a testa. Ele sempre coça a testa quando está nervoso. Tentamos sair escondidos, mas a mamãe nos pegou. Agora estou sozinha no meu quarto, de castigo, e tenho mais de dez páginas de deveres para fazer.



Uma foto antiga com o Tio Charles

20 de dezembro de 1973

Tio Charles veio passar o verão conosco. Adorei sua pessoa! Nunca fomos muito próximos, afinal ele morava em Londres, onde a sua casa foi bombardeada durante a blitz em 1943. Mamãe me falou que fez de tudo para salvá-lo da guerra. Levou-o para uma casa de campo e agora o trouxe até nós. Ao que parece, ele é uma pessoa amigável, lembra muito o papai. Durante a tarde ele esteve presente na reunião familiar. Kadica disse para que eu e meu irmão ficássemos em nosso quarto, mas conseguimos escapar. Descemos até a sala e nos escondemos debaixo da mesa. Ouvi o papai falar sobre algum testamento, e apresentou um senhor estranho que eu nunca tinha visto. Antes que toda a conversa terminasse, eu e meu irmão voltamos para o nosso quarto.

14 de maio de 1975

Estamos em nossa casa em Boston. Não me recordo quando estive aqui pela última vez (eu acho que foi no ano retrasado). O lugar continua bastante agradável. Faz muito frio, e meus pais não me deixam sair sozinha com o Clayton. Fora isso, gosto muito daqui... Visitamos o museu, fizemos um passeio e tiramos fotografias.



Papai, mamãe, Clayton e eu, na praça que
possui o nome do vovô Richard.

Não me lembro da data desta foto...

18 de maio de 1975

Sempre tive curiosidade de saber sobre o vovô. Infelizmente ele morreu há muitos anos, enquanto voltava da África. O papai me disse que ele era um homem muito corajoso e inteligente, o maior responsável pelo triunfo da família.

Durante a nossa visita ao museu, o papai foi entrevistado por um jornal conceituado e falou sobre vários conceitos da arqueologia. Todas as suas palavras me fascinaram de tal maneira, que eu decidi seguir o mesmo caminho. Quando lhe contei isso, horas atrás, ele se encheu de alegria e orgulho, e afirmou que estudarei em uma prestigiada universidade!

Finalizamos o passeio pelos caminhos floridos do jardim botânico da cidade, ouvindo histórias do Kalulu e da Kadica. Estou apaixonada pelas plantas! Quando voltar para casa, cuidarei diariamente do jardim!

03 de janeiro de 1977

Estou muito feliz. Completarei dezoito anos de idade e darei um novo rumo à minha vida. A mamãe não parece preocupada como o papai ou a vovó. Até Kadica me pediu para não deixar a mansão, mas todos sabem que o estudo dignifica o homem, e certamente será o melhor caminho para mim. Acabei de encontrar um lindo bilhete do papai, pousado sobre a minha cama. Palavras lindas e inesquecíveis, amplamente inspiradoras! Não sei exatamente o dia da viagem, mas partirei para estudar arqueologia no Rio de Janeiro dentro de um mês. O meu irmão disse que sentirá minha falta, mas sei que não é verdade. Não falei sobre isso antes, pois não desejei manchar as páginas deste diário com situações negativas. Porém, a verdade é que o Clayton sempre foi intolerante comigo. Não sinto a mesma paz de espírito estando ao

seu lado. Não sei se é devido ao medo que alimentei durante os anos... Ele fez coisas que o papai desaprovava, a começar pelas histórias horríveis envolvendo a passagem secreta da biblioteca. Não quero falar disso. A certeza da partida me alivia. Mal posso esperar para conhecer novas pessoas... A minha esperança de vida se encontra em um mundo civilizado, não em uma mansão assombrada.

21 de agosto de 1982

Por anos entreguei-me de corpo e alma àquilo que considerei a minha vida... As deleitáveis horas de estudo, entre meses longos (por vezes opressores), prepararam-me física e mentalmente para tal realização. Assomaram o meu desejo terreno de poder caminhar por povos desconhecidos pelo tempo e mergulhar por séculos de sabedoria, fazendo-me compreender melhor a existência da cultura e da própria humanidade. Poder trilhar o caminho escolhido pelos meus ancestrais é mais do que edificante. Eu vivi nesta calorosa terra dedicando-me ao aprendizado infundável, sendo vítima da saudade, da tristeza e da emoção. Há dois anos, formei-me em arqueologia. Visitei lugares maravilhosos e conheci povos inimagináveis, marcados pela origem da minha civilização.



*Hilda e Eu, durante a visita ao incrível
museu nacional.*

Rio de Janeiro, julho de 82

A visita ao museu nacional com a minha colega Hilda Ventura foi uma das melhores experiências que vivi. A Hilda ficou maravilhada, e já adiantou que levará uma cópia da nossa fotografia para a sua terra natal, no nordeste.

Como eu dizia, evitei escrever neste diário como antes o fazia, porque os estudos tomavam-me por completo, e eu temia, vergonhosamente, escrever mais do que o devido nos momentos escassos da vida. Durante toda a minha estada no Rio de Janeiro vi de tudo que se possa imaginar. Tudo que é bom. Tudo que é desprezível. Nessa fase, recebi cartas afetuosas em nome daqueles que sempre zelavam por mim. O amor do papai, o afeto da mamãe, a meiguice da vovó, a lealdade da Kadica... E a loucura do meu irmão.

Percebi que o Clayton tornou-se obsessivo por algo que nem ele compreendia, e isso me deixou transtornada. Pelo que li nas palavras do papai, ele casou-se há três anos com uma artista plástica que conheceu em Boston (onde ele estudou astronomia). Porém, decidiu se exilar do próprio anseio de viver como astrônomo, e voltou para casa, ao lado da esposa.

Christina, uma mulher talentosa, ao que me parece. Seja como for, dentre as cartas afortunadas que recebi, estavam as mefistofélicas palavras do meu irmão, alegando que a minha covardia causaria a ruína da nossa família.

Como pôde me enviar tais palavras?

Ele dizia, ainda quando criança, presenciar coisas que a imaginação humana desentende. Disse ter visto seres gloriosamente avançados habitando o subsolo da nossa casa. Nunca o julguei mal. Não carrego esse caráter. Todavia, me senti fragilizada, incapaz de suportar as imagens horrendas que meu próprio irmão havia implantado em minha cabeça. Então decidi ignorar suas cartas, selar suas palavras fantasiosas e agir como se ele estivesse parodiando algum evento fictício. Não escondo meus medos; eu sempre temi o meu antigo lar. Mas a realidade deve ser dita, ainda que de forma resumida, e hoje estou decidida a mudar esse quadro, a vencer esse

medo e surpreender a mim mesma.

Pela primeira vez em dois anos, abri uma carta do meu irmão, e li, emocionada, a notícia de que nasceu um novo Mombach. Tenho um lindo sobrinho... E ele se chama Daniel. Não existe mais medo ou rancor. Daqui a dois anos regressarei ao meu lar!

27 de junho de 1984

A partir de hoje, sou uma nova mulher. Uma nova criatura, atada única e exclusivamente ao amor! Oh, Julio... Como foi bom conhecê-lo!

14 de maio de 1985

A notícia do meu enlace matrimonial com o Julio espalha-se a cada dia. Não sou adepta à publicidade, muito embora eu deva reconhecer que as manchetes têm rendido oportunidades excelentes a toda família. Os preparativos da festa estão em alta! Após confirmar a festa em uma entrevista para a rede nacional, a minha mãe conseguiu arrancar minhas lágrimas. Fiquei emocionada, e o Julio, por ser um homem incluído ao círculo da elite carioca, só fez difundir a notícia com mais calor e paixão. A cerimônia será realizada em um belo resort, e contará com a presença de inúmeras celebridades. O papai se mostra contente (o que é um milagre, se levarmos em conta o fato de que ele celebrará ao lado dos maiores senhores da mídia), mas tudo isso é um esforço em nome da minha felicidade. A mamãe nem se fala. A cerimônia e a festa serão um ótimo impulso para ela...

10 de junho de 1985

Todo brilho, glamour e felicidade vividos na minha cerimônia de casamento não compensam a angústia, o medo e o horror vividos na mansão. Após dizermos sim um para o outro, presenciamos um mal terreno diante dos nossos olhos. O papai está fazendo o possível para tranquilizar as pessoas. E eu estou dando o melhor de mim para convencer o homem que amo de que não estamos vivenciando um pesadelo... Por favor, Julio. Não desista de mim.

A partir daí, muitas páginas haviam sido arrancadas.
David e Livia pularam até a última anotação:

02 de novembro de 1988

Estou ficando louca. Não consigo dormir.

O que farei?

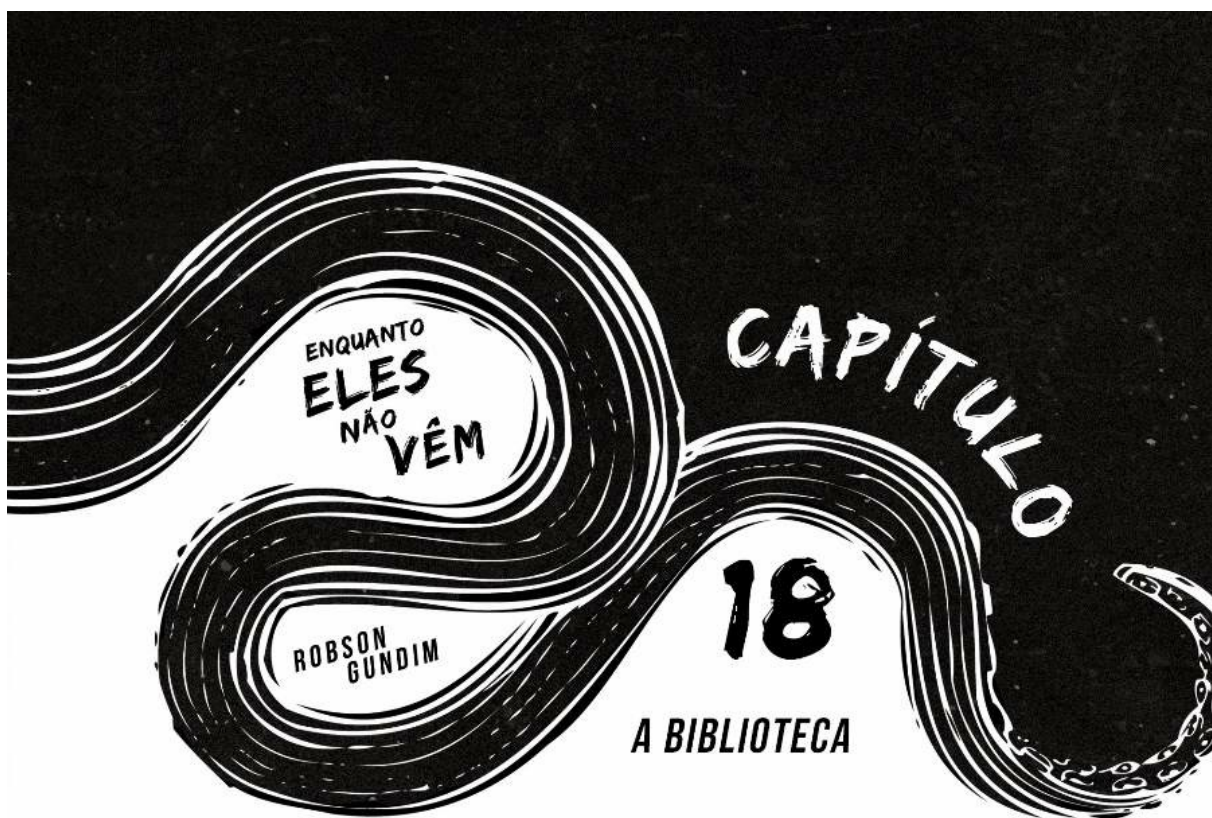
Não estou mais segura neste lugar. Ouço a voz dele todas as noites. A voz do meu Julio, do meu amado homem que me deixou! São noites de medo, intolerantes e amargas, trancafiada neste quarto mórbido, onde o horror é a minha única companhia. A Kadica faz de tudo para me acalmar, mas não consigo. As vozes acabam comigo! Meu irmão estava certo. O vovô tinha um segredo horripilante; sua missão foi passada para o papai. Se tudo acontecer como Clayton disse que vai acontecer, será o nosso fim!

Meu Deus... O que fizemos?

Divorciei-me do meu juízo e da minha sanidade...

Que a humanidade nos perdoe!





A NOITE CHEGOU. Banhados pela obscuridade iminente, David e Livia mergulharam na chuva tempestuosa e seguiram adiante. A primeira ação foi deixar o quarto de Samanta, saltando por uma das janelas dos fundos e pousando, perigosamente, no piso molhado do quintal. O pouso foi livre de uma queda perigosa graças às reentrâncias e ornatos que malhavam os resistentes paredões do quintal.

David desceu primeiro, em um salto firme, e recebeu o corpo da parceira em seguida.

Um raio riscou o céu escuro e clareou parte do novo cenário.

À direita, viram uma porta de vidro que conduzia à estufa.

Tentaram abri-la de diversas formas.

Estava trancada.

— Será que o Deke a trancou? — indagou Livia.

— Talvez. — David deu uma espiada através da vidraça. — Não há nada lá dentro... Por que ele trancaria?

— Quem sabe... — Livia começou a supor — Ele tenha trancado para manter algo perigoso do lado de dentro.

Enxergaram os ramos das plantas através da vidraça por mais tempo. Além da ventania que fazia sacudir as estruturas da estufa, não ouviram nenhum som.

O quintal não passava de uma varanda-sacada nos fundos da mansão, com vista panorâmica para inúmeras colinas verdes e regatos intermináveis, que naquele instante eram cobertos pelo negrume da noite. A única passagem acessível, além da estufa, era a porta da cozinha. Livia deu uma girada no trinco e notou que estava aberta.

Contudo, antes de sequer imaginar o ambiente desejado, temeu dar de cara com as criaturas que já conhecia.

Antes de abrir a porta totalmente, sua espinha gelou.

Não queria ter o desgosto de testemunhar um novo ser rastejante que desejava devorá-la. Ter a consciência disso fazia de Livia a mulher mais infeliz do universo.

“Eu sou forte...”

Mas não havia outro caminho. Aquele era o único acesso.

“Eu consigo. Eu sei que consigo.”

Antes que David notasse seu temor, Livia entrou na cozinha. Com a lanterna acesa, deparou-se com um cômodo espaçoso, ocupado por geladeiras, pias, fogões e um número incerto de armários pendidos nas paredes.

Seus passos frearam, em choque.

Outro detalhe foi indispensável: além da belíssima mobília, a cozinha apresentou-lhes uma quantidade considerável de corpos esfaqueados no chão.

Corpos.

Desmembrados e flácidos.

Havia braços, mãos, pernas e pés amputados, troncos abertos e intestinos espalhados sobre o charco vermelho na cerâmica. Lívia deu uma escorregada no sangue e quase vomitou, tentando suportar o forte odor de podridão. O maior problema não foi lidar com a sangria, e sim a possibilidade daqueles membros e órgãos pertencerem aos seus parceiros.

— Deus. Deus. — Balbuciou Lívia, suportando o soluço infrequente. — Que não seja ele... Por favor... Que não seja ele.

Agachou-se — tendo uma das mãos sobre as narinas — e mirou o feixe de luz nas cabeças que conseguiu encontrar. Expressões de puro horror estampavam alguns dos rostos reconhecíveis (a maioria estava desfigurada). Uma mulher desprovida de olhos e com a boca aberta provavelmente fora esfaqueada no exato momento em que gritava. A morte fora responsável pelo seu grito eterno. Outra cabeça decepada, proveniente de um homem de meia-idade, exibia a mesma expressão alarmante; boca escancarada, língua saltada para fora e olhos arregalados que jamais haveriam de observar tamanho horror nesta vida. Dali por diante, as cabeças e os corpos apresentavam uma deformidade assombrosa compactuada com as criaturas que lhes perseguiam.

— Não são eles. — Disse Lívia, tranquilizada. — Graças a Deus.

David ficou ao seu lado, gesticulando um pedido de silêncio mesmo quando o desejo de gritar irradiava-lhe da alma.

Parou de caminhar, a boca aberta...

Um gemido alto e langoroso ecoou de longe.

Algo estremeceu próximo às costas de David e ele ofegou, saltando para o lado.

Não era uma criatura faminta tentando surpreendê-lo por trás; era o medo em sua forma física, cintilando em torno da mente fraquejada, do sangue interminável e dos restos humanos espalhados no chão.

A necessidade de sobreviver causava desconhecidas palpitações em seu corpo cansado.

Sua lanterna vagou pelas imediações da cozinha, iluminou uma porta e, ao lado desta, mais para a direita, um cômodo afastado, com uma mesa de quatorze lugares — posicionada ao meio.

Era a copa.

Ouviram um barulho familiar. Tomaram proximidade do cômodo, cautelosamente, e escutaram o mesmo ruído; um repentino som úmido de algo se rasgando.

David foi se aproximando da porta, sem todavia deixar de observar as sombras incertas que dançavam na parede seguinte. Considerou os movimentos estranhos, pois não eram causados pela luz da lanterna, firmada em sua mão. Deu uma olhada mais severa na direção da copa, estudou as sombras vacilantes e tateou os braços de Lívia com força, pedindo para ela adiantar-se.

Alguma coisa imensa e monstruosa se virava sobre outra. Assustada, Lívia ouviu o terrível estalo que faz um osso ao ser quebrado.

Em vez de seguir o rumo da porta, Lívia desobedeceu ao pedido do parceiro e olhou, curiosa, na direção do estalo, além da mesa, arrependendo-se no mesmo segundo. O que viu fez renascer o pesadelo que havia tentado evitar. David puxou-a com força e empurrou-a, através da porta aberta, para o corredor principal da mansão. Mirou a metralhadora na direção da mesa e

puxou o gatilho, atirando sem parar.

Dezenas de balas perfuraram corpos flácidos e inchados, enquanto outras dezenas estouravam cabeças deformadas e crivavam-se nos painéis da sala de jantar.

Lívia se viu perdida no primeiro corredor curvilíneo onde havia se refugiado ao chegar ali.

Seguida pelo parceiro, ela correu pelo caminho estreito e contornou a primeira curva iluminada pela lanterna. Dessa vez não conseguiu ficar calada; o grito atravessou-lhe a garganta.

Uma criatura inchada e coberta de fungos bloqueava a passagem.

Era uma coisa amorfa, pulsante, com cor de carne morta. No meio das costas disformes, era possível avistar duas protuberâncias em constante movimento, com pelos irregulares e ferrões afiados que volteavam a cabeça cefalópode.

No impulso da coragem, a atiradora acreditou no próprio instinto, empunhou a arma e atirou contra a perna deformada, saltando sobre a coisa.

Tombou e rolou para longe dela.

Ferida pelos disparos, a criatura inclinou-se em sua direção.

Foi então que David notou, para a sua infelicidade, que aquela coisa teria a capacidade de desenvolver asas; asas que a levariam para o mundo exterior.

Parado, o oficial finalizou o serviço, entregando uma saraivada de balas na cabeça do humanoide, que gemeu e contorceu-se.

Estava claro que o ser não morreria, mas haviam ganhado tempo para fugir.

Impressionado com a coragem de Lívia, David atravessou o corredor e freou diante de uma das maiores portas da mansão; a passagem da Biblioteca.

Após recarregar a arma, David admirou o ato da parceira e encorajou-a.

Antes que a coisa fúngica levantasse para atacá-los de novo, Lívia apanhou a chave que encontrara no quarto de Clayton e testou na fechadura.

— Conseguimos.

Ao empurrarem a porta imensa, entraram na biblioteca e fecharam-na depressa.



Na solidão extrema, há sofrimento e há dormência. No supremo terror desse embate emocional, um pandemônio de imagens estarrecedoras assoma todas as perspectivas possíveis.

Quando a porta troou ao fechar-se, David e Livia se viram cercados por milhares de receios mórbidos, perdidos em meio a uma nova esfera de mistério e solidão.

Enfim... A biblioteca.

É necessário afirmar que o cômodo gigante parecia estar deserto, embora proporcionasse aos intrusos a inevitável percepção de que vidas desconhecidas, invisíveis aos seus olhos, espreitavam por detrás das prateleiras inacabáveis. Era um ambiente quadrado, no entanto quase poligonal; ocupava dois pisos da mansão, com belíssimas tapeçarias, colunas de pedra e suntuosas estantes de madeira, abrigando centenas de livros, que não jaziam apenas nas prateleiras que subiam até o teto; estavam em poltronas, cadeiras e mesas, ou mesmo pelo assoalho.

Em função do tempo, não parecia haver muita desordem por ali.

Livia pensou:

“Parece que o Jeremy foi um homem de bom gosto.”

A sala era fria, levemente iluminada pelos clarões dos raios que atravessavam uma cúpula vitrificada, lá no alto.

Tinham caminhado até o centro do cômodo, quando um farfalhar gigante

encheu a escuridão.

Olharam para cima e tiveram a impressão de que um imenso vulto voador batera contra seus rostos.

— Está sentindo?

— O quê? — quis saber o soldado.

Havia no ar místico resquícios de um odor que Livia esperava sentir.

A biblioteca recendia a mofo de livros abandonados e paredes com lambris, mas também a um ligeiro perfume estranho, levemente familiar, jamais sentido em ambientes tão exuberantes quando deixados para trás.

Em poucos segundos, ela percebeu o que estava faltando.

— O odor do abandono. Por mais envelhecido que seja, é como se esta biblioteca fosse o local mais vivo da mansão.

David permitiu o olhar vagar em torno das colunas que sustentavam a ampla galeria. Livros intermináveis e coleções que atravessaram oceanos no tempo garantiram o conhecimento dos Mombach. A biblioteca estava cheia de exemplares da literatura clássica, maçônica, enciclopédias antigas, rituais macabros e folclores da América Latina, da África do sul e da Nova Inglaterra... A excentricidade, ademais, poderia explicar a possível intervenção da família naquela absoluta enormidade de sabedoria compactuada aos horrores narrados e vividos pelos homens desafortunados, dentre os quais David se viu incluído.

— Vamos procurar algo de útil e dar o fora daqui.

Havia uma escada em forma triangular, cujos degraus diminuía até alcançarem a galeria de cima — também repleta de livros.

Embora a biblioteca parecesse deserta, os soldados sentiram a mesma presença hostil habitando atrás das estantes.

Incomodada, Livia começou a ir naquela direção, a supor qual espécie de presença escondia-se nos cantos mais afastados.

Então notou algo estranho; algo que aparentemente se movia no espaço mais escuro da sala, onde a sua visão se limitava. Trêmula, com a arma nas mãos, Livia tomou proximidade, tendo quase certeza de que as trevas estavam se movendo naquele canto. O receio a levou a presumir que alguém — talvez um habitante de Paraíso Florestal ou um membro da família Mombach — poderia estar ali escondido. Aflita, a oficial preparou-se para o embate, mas quando a lanterna iluminou a referida região, não havia ninguém.

Aos poucos, as batidas do seu coração foram diminuindo, e ela voltou a respirar normalmente, a indagar, pela centésima vez, se estaria propensa a uma carga de estresse elevada.

Movido por uma fascinação taciturna, David ficou ao centro do cômodo, encarando-o na medida em que as paredes revestidas por conhecimento o intimidavam. Sua lanterna não iluminara nenhuma criatura asquerosa; nenhuma forma de vida que pudesse causá-lo aquela breve perda dos sentidos. Porém, lá no fundo, ele nutria o mesmo sentimento angustiante de que não habitava a biblioteca somente com a sua parceira.

Livia aproximou-se:

— Não há ninguém aqui.

Juntou-se a David e lançou um olhar apreensivo às estantes que conseguia iluminar.

Não ficaria nem um pouco surpresa de ver um corpo alto, cavernoso e polpudo vindo em sua direção com uma fome diabólica.

A noite se igualava a biblioteca, silenciosa e macabra...

Lá fora, as árvores sacudiam abaixo do morro, ondulando à brisa inconstante.

Correram os olhos nervosamente pelo cenário espaçoso. Nem mesmo o silêncio os fazia acreditar que não havia nada além dos móveis e livros.

David já havia pensado na possibilidade de encontrar Clayton ou Samanta

em algum local da casa, mas agora, dadas as circunstâncias nefastas, não acreditava mais nisso. Agora o que restara da esperança de encontrar alguém vivo converteu-se em um pavor ainda maior: o medo de que o ambiente estivesse completamente ameaçado, com ele e Livia presos àquele inferno para sempre.

Na parte dos fundos — atrás da escada triangular — janelas largas e compridas separavam as prateleiras embutidas nas paredes, revelando a paisagem da floresta abaixo do penhasco; ora enegrecida, ora iluminada pelos lampejos azuis. Era nessa área confortável que se achava a mesa e a poltrona de Jeremy Mombach, ambas direcionadas à lareira, sobre a qual havia um imenso quadro pintado a óleo.

David e Livia apontaram suas lanternas e viram-no com atenção, tentando identificar a mulher.

— A esposa de Jeremy.

Uma bela pintura de Nora Fontine.

Fumava um cigarro numa piteira comprida e usava um vestido vermelho, cujo brilho era tão estonteante quanto a luz de seus olhos. Não restavam dúvidas de que fora uma mulher linda e elegante, marcada pela singeleza que as mulheres de sua época não tinham o costume de dotar, mesmo quando retratadas nos anúncios de cinema. Os olhos claros, enormes e vivos lhe davam uma vitalidade sobre-humana, a ponto de fazer seus apreciadores olharem para trás.

— Nem todo mundo é vivo como esse quadro — argumentou David, que em seguida tateou todos os compartimentos da mesa do velho Jeremy.

Encontrou um cachimbo de madeira, uma antiga fotografia de Jeremy com sua carabina (em algum local selvagem que julgou ser localizado na África), pilhas de notas estranhas e um recibo de compra que destacava tantos metros de fios de alta-tensão, compressores de ar e dezenas de baterias de carro.

— A data dos recibos é recente. Três meses atrás.

— Quem assinou?

David iluminou o recibo com a lanterna e procurou a assinatura.

— Está ilegível. O nome foi apagado.

— Ótimo...

Quando Livia fez esse lamento e limpou o suor da testa, entreviu um relampejo estranho...

Olhou para as janelas, para a cúpula de vidro lá no alto e esperou ansiosa.

— Você viu?

— Acho que sim. — David ficou atento. — Pareceu uma...

Antes que concluísse a frase, o lustre da biblioteca faiscou; um leve curto circuito serpenteou a antiga fiação da casa e fez as luzes piscarem.

David e Livia ficaram esperançosos.

Enquanto suplicavam em silêncio, um raio imponente estrugiu a noite lá fora.

A fiação da casa vibrou, as centenas de lâmpadas voltaram à vida e, por fim, a biblioteca inteira se acendeu.

— Graças a Deus! — jubilou Livia, ajoelhando-se no velho carpete e sugerindo que tentassem uma nova comunicação.

David aumentou o volume do rádio e verificou a frequência.

Gastou meio minuto tentando se comunicar com seus parceiros.

— Não há resposta... Mas que droga!

Livia privou-se de falar o que temia. Queria acreditar que todos os serviços no departamento estavam fora do ar, para não dizer que o capitão simplesmente os abandonara. Como era possível um centro de comando tão moderno permanecer incomunicável? Onde estavam as tropas de resgate? E o Carlos, o inteligente criador da Dark Net? Será que ele ainda estava de folga?

“Conversa fiada... Nós fomos deixados para morrer aqui!”

Lívia passou a acreditar unicamente nos próprios esforços. Por isso fez questão de concentrar-se, acalmar a mente e arrumar um meio de poder escapar dali sem o apoio de ninguém.

— Precisamos pensar em nós — afirmou. — Iremos procurar nossos parceiros, é claro, mas precisamos focar na gente... Somente na gente.

— Eu sei.

— É uma difícil decisão... Mas não temos alternativas!

David tentou reanimar-se:

— Procuramos por novos sinais ou documentos dessa família esquisita? Eu nem sei por onde começar!

— Lembra-se do que a Samanta disse em seu diário?

— Sei lá... — O soldado pensou um pouco. — Algo relacionado a esta biblioteca?

— Exato. — Lívia apanhou o diário da herdeira do Sr. Mombach e leu um pequeno trecho da antiga anotação. — Veja. Aqui ela escreveu o seguinte: “Ele fez coisas que o papai desaprovava, a começar pelas histórias horríveis envolvendo a passagem secreta da biblioteca.” Isso significa que existe uma passagem secreta por aqui. Anos depois, Samanta ainda descreveu: “Disse ter visto seres gloriosamente avançados habitando o subsolo da nossa casa.” Deu pra entender? O que acha disso?

— Passagem secreta e seres habitando o subsolo? — David suspirou. — Talvez ela tentasse explicar que exista um alçapão.

— Isso. Acredito que existe alguma passagem nesta biblioteca, que leva para baixo. Não me surpreenderia se encontrasse o Taj trancafiado no subsolo...

— Isso explicaria a péssima qualidade da comunicação!

Fizeram uma minuciosa busca por todos os cantos do cômodo. A biblioteca, além de ser um ambiente grande, com paredes atulhadas de

prateleiras, contava com seis enormes estantes ao norte, sendo que três eram posicionadas ao leste, e mais três ao oeste. Os oficiais passearam por elas, curiosos, e forçaram o piso, para saber se captavam qualquer ruído estranho. Tatearam quadros, mapas, vinis, esculturas de argila e outras antigas estatuetas. Afastaram livros para saber se não havia nenhuma alavanca ou mecanismo oculto.

Nada foi encontrado.

Ao final, afrontaram o carpete no piso e consideraram-no suspeito.

Juntos, arrastaram-no com esforço e detectaram, justamente na direção da cúpula do teto, uma estranha reentrância circular no centro do assoalho; em outras palavras, um possível alçapão engenhosamente disfarçado.

Ajoelharam-se diante da descoberta e tatearam a discreta falha no piso.

O círculo era perfeito, e quando olhavam para cima, compreendiam que o mesmo se acoplava à cúpula de maneira extraordinária. Porém não havia alça alguma à mostra, ou qualquer espécie de orifício que pudesse favorecer a retirada da tampa.

Lívia teve uma ideia:

— Vamos utilizar os canivetes.

Ela apanhou a arma talhante e David fez o mesmo.

Afundaram os respectivos metais até o cabo, na borda do círculo — ou seja, na falha do assoalho — e tentaram alavancar o alçapão. Em meio a uma série de esforços, chegaram à conclusão de que o círculo se movera. Tal consciência lhes proporcionou uma sede animalesca de saber o que havia embaixo.

Movendo-se com força e dobrando o canivete ao chão, em mais um esforço absurdo, conseguiram erguer a tampa misteriosa.

— Depressa, segura! — exclamou David, enquanto sustentava um lado da tampa com os dedos arranhados e dobrados. Esperou Lívia segurar com

firmeza, e então elevou a tampa circular.

— Conseguimos. — A parceira apontou para o buraco.

— O que é isso?!

Abaixo do círculo descoberto, a surpresa... Não havia nenhuma passagem subterrânea.

Descobriram um compartimento de metal, de cinquenta ou sessenta centímetros de profundidade, no máximo. Continha um teclado metálico digital ao meio, de quatro dígitos, e uma caixa de madeira fechada, ao lado.

David agachou e examinou as teclas.

— Estão agarradas a uma reforçada estrutura de metal, conectada ao solo.

— Notou que o teclado numérico continha um pequeno visor, semelhante a uma calculadora digital.

— O que significa?

— Temos que inserir uma senha.

— Senha?

— De quatro dígitos.

Lívia fez uma careta:

— Está cada vez pior...

— Acho que com a senha, poderemos abrir a passagem descrita pela Samanta. Não consigo ver outra possibilidade.

A parceira pediu:

— Tente alguma coisa.

— Qual número sugere?

— Não sei... Uma data.

— Quando o Jeremy nasceu?

— Deixe-me ver... — Ela vasculhou os documentos. Lembrou-se dos primeiros recortes de jornais encontrados no escritório dele e analisou-os. — Achei. Jeremy nasceu em 1899.

David inseriu os números.

Um som dissonante emitido pelo mecanismo condenou a senha incorreta.

— Passaremos a noite inteira chutando a combinação.

— E aquela caixa? — Livia apontou para o objeto de madeira, ao lado do teclado. — Vamos examiná-la.

O soldado apanhou a caixa e destampou-a. Lembrava um caixote para transporte, com uma sigla da família Mombach na tampa. Havia algumas fotografias macabras dos possíveis ancestrais da família, em ocasiões absurdas como procedimentos cirúrgicos, velórios e sepultamentos.

Os oficiais pularam essa parte e se interessaram por um pequeno caderno em cuja capa havia a letra “C”, e por um livro de capa preta fosca que trazia a seguinte afirmação: biografia não autorizada.

Livia folheou as primeiras páginas e leu, surpresa, as palavras que a fariam chamar o nome do parceiro para ler o conteúdo ao seu lado.

— Você precisa ver isto.

— O que encontrou?

— Veja por si mesmo...

David surpreendeu-se ao ler o subtítulo da biografia, que trazia o seguinte: “Os Maiores Mistérios e Segredos da Família Mombach.”

— Quem foi o autor?

Livia conferiu a ficha técnica e encontrou uma denominação.

— Está registrado como Brandon Castro.

— Nunca ouvi falar.

— Deve ser um pseudônimo. — Ela avançou as páginas e notou que muitas delas haviam sido destacadas. — Droga. O livro está repleto de rasuras.

— Não importa — disse David, interessado. — Seja lá o que for, vamos ver o que o Brandon Castro nos diz.

OS MAIORES
MISTERIOS E SEGREDOS
DA FAMÍLIA MOMBACH



BRANDON CASTRO



BIOGRAFIA NÃO AUTORIZADA

OS
MAIORES MISTÉRIOS
E SEGREDOS
DA FAMÍLIA MOMBACH

— Por BRANDON CASTRO —

INTRODUÇÃO

O poder e a fortuna influenciam a história... Por muito tempo, ainda quando presidia meu escritório no centro financeiro de Boston e lagarteava à vontade nos fins de semana, ouvi gente de diferentes classes usarem a seguinte expressão: “Rico como um Mombach!” Sei que a minha palavra poderá ser desconsiderada, mas é um fato evidente que a Família Mombach dominou a economia americana por um bom tempo.

Por razões óbvias, mantereí a minha verdadeira identidade no anonimato. O que me traz a esta ocasião também permanecerá em oculto, mas gostaria de deixar em evidência que vivi intimamente próximo aos grandes administradores que deram aos Mombach o título de uma das mais influentes famílias da América. Tudo o que o leitor verá aqui se trata de um apinhado de informações que eu investiguei por conta própria. Em minha defesa, alego que estou simplesmente atuando conforme ordena a minha especialidade. Estou fazendo o bom papel de historiador, e venho por muitos anos tentando expor as atividades sujas e vergonhosas causadas pela elite global. Após anos de documentação e estudo, vi-me envolvido em algo que inicialmente custei acreditar — sendo o cético por natureza que sempre fui —, mas a verdade é que a família Mombach, assim como os reis do topo da pirâmide; os influentes empresários, os políticos, os famosos artistas mundialmente conhecidos... Todos são obcecados pelo oculto! Sei que muitos se levantarão contra mim, e duvidarão das minhas palavras. Contudo, como dizia Heráclito, às vezes, por ser tão inacreditável, a verdade deixa de ser conhecida...

OS MOMBACH

Desconheço os verdadeiros precursores da famosa dinastia da família

Mombach.

O membro mais remoto da família está ligado a uma lenda que dizia que o pai de um “Archimedes Mombach” era um especialista em moedas e objetos de arte antigos, que não obteve muito êxito na vida e morreu em um capítulo nebuloso.

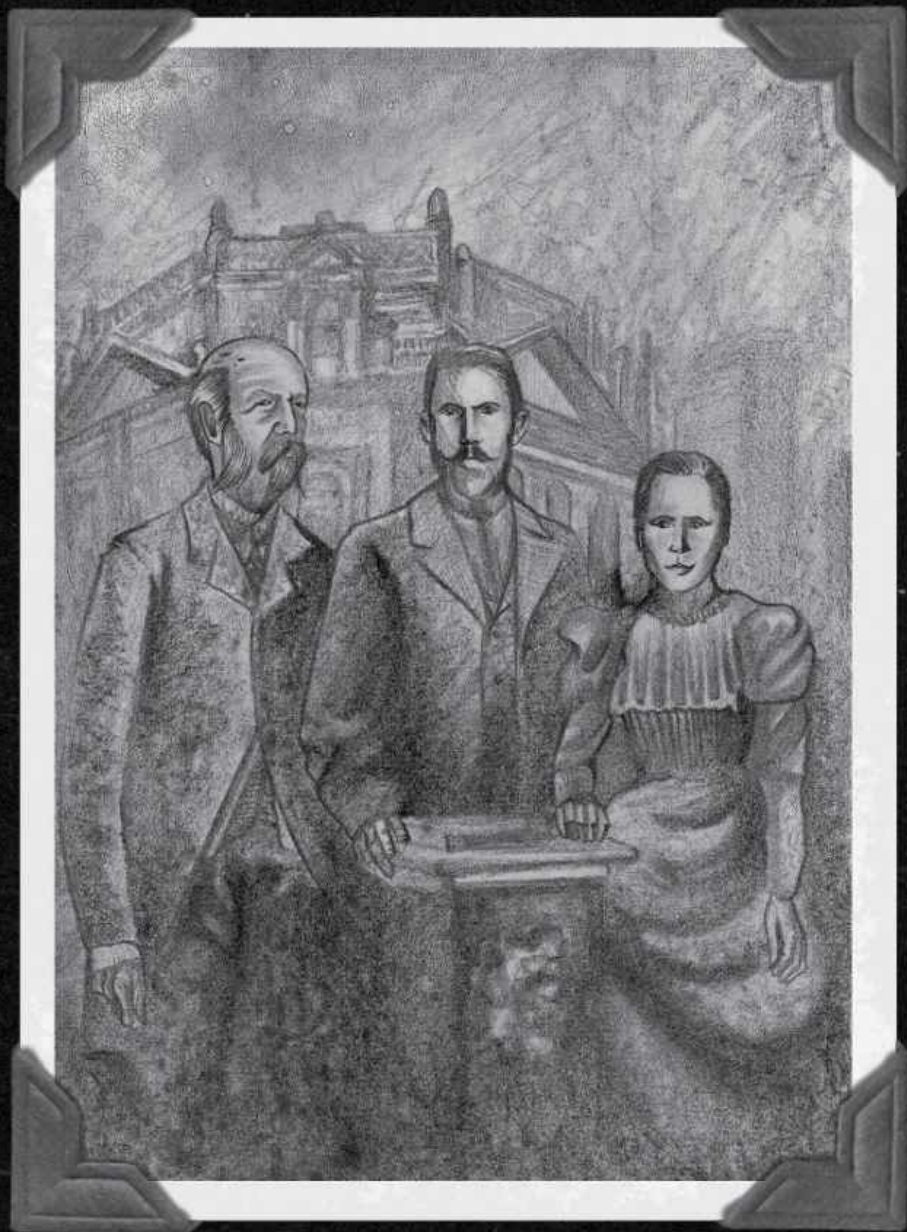
Não se sabe onde ou quando se originou a fortuna, que no decorrer do tempo só fez aumentar (e nunca se acabou). A crise de 1929, por exemplo, varreu o dinheiro dos nobres e causou um colapso em Wall Street. Banqueiros entraram na miséria e barões arrancaram as próprias vidas. Os Mombach, contudo, jamais perderam uma centelha de seu espólio, que era inexplicavelmente inesgotável.

Como deixei em evidência, não pude descobrir a origem da fortuna, mas encontrei na Biblioteca Nacional de Massachusetts um raro exemplar da história dos grandes conquistadores americanos, dentre os quais destaquei um antigo explorador que teve enorme sucesso durante uma série de expedições no Oriente Médio; foi Archimedes Mombach, um mestre de traineiras apaixonado pelo mar, que encontrou tesouros deixados pelos piratas franceses e, de acordo com a lenda, lançou-os no oceano, em troca de grandes triunfos e outros benefícios.

Não duvido que isso tenha acontecido, pois sei que a família teve o costume de dar credibilidade aos mais absurdos casos supersticiosos inventados pelo homem. Gostaria de saber mais sobre a vida de Archimedes. Reza a lenda que ele não guardou uma só libra esterlina, e que anos mais tarde, com o avanço das expedições, adquiriu uma terra recheada de petróleo. É certo que nessa fase já era um homem bem casado e de idade avançada. Teve um filho saudável com Madeleine Hannemann e batizou-o de Richard; um garoto que logo se tornou um grande homem e progrediu com sucesso o legado deixado pelo pai.

Há relatos de que Archimedes viveu feliz com a esposa e o filho, até falecer em um rigoroso inverno de 1906.

Richard Mombach, nascido em julho de 1871, viveu gloriosamente como poucas crianças de sua época, viajando pelos lugares mais distantes do mundo e descobrindo terras misteriosas ao lado do pai. Graduou-se em administração, virou banqueiro e casou-se com Susan Pritchett no verão de 1898, no mesmo ano em que Madeleine veio a falecer. A partir daí, ele tomou a frente dos negócios do pai e fundou a poderosa Mombach Oil Company, o maior triunfo da família até hoje.



ARCHIMEDES MOMBACH, RICHARD MOMBACH
E SUSAN PRITCHETT.

Jeremy foi uma criança inteligente e muito precoce. herdara a paciência do avô, a aparência da mãe e os atos do pai, que a cada dia evidenciava o indomável anseio de levá-lo para conhecer os maiores recantos do mundo. Susan, por outro lado, não gostava de ver o filho correr livremente na calçada, tampouco misturado às outras crianças da cidade. Sempre fora uma mãe preocupada e superprotetora. Quando Jeremy completou três anos, ela passou a educá-lo dentro de sua própria casa, tendo o apoio dos melhores professores de Boston com manhãs e tardes repletas de aulas particulares, inconsciente de que isso traria sérios malefícios ao seu filho.

Aos sete anos, Jeremy teve um colapso nervoso. Ele foi levado a um famoso médico estrangeiro e foi diagnosticado com um alto nível de estresse. Irado com aquilo, Richard decidiu levá-lo a uma viagem de longos meses pela África, na intenção de distraí-lo.

Richard e Susan tiveram uma grande discussão, causando um alarme nos vizinhos e gerando as primeiras impressões de que, talvez, não formassem um casal perfeito, como a alta sociedade os considerava. Na tentativa de amenizar a dor e a saudade, Susan ingressou no mercado de trabalho e passou a vender joias para as mulheres mais poderosas de Massachusetts, de onde arrecadou grandes fundos. Com o retorno de seu filho da África, ela percebeu que o menino se mostrou incrivelmente fascinado pelas culturas e terras antigas, e que havia tomado desde então, a iniciativa de estudar para se tornar um grande arqueólogo (o que não demorou a acontecer).

Os anos se passaram. A refinaria de petróleo Mombach cresceu espantosamente e Richard se viu em meio a uma montanha de dinheiro. Novos escritórios foram inaugurados e novos homens foram empregados. Belíssimas sedes e instalações gigantescas se ergueram pela costa do país, e Richard preparava-se para entrar na história dos maiores conquistadores americanos.

Já foi dito que a família conseguiu aguentar, extraordinariamente, a onda turbulenta da crise de 1929. Os maiores banqueiros do país se inclinaram perante o desespero, enquanto barões e homens de renome se penduraram pelo pescoço. Muitas pessoas faziam perguntas a respeito do que o Richard havia feito para preservar a fortuna. Da mesma forma, correram dos mais diversos boatos e teorias acerca das ações tomadas por ele... O mais aceitável de todos, com certeza, é o cofre que ele mesmo construiu na companhia do filho, no subsolo de sua residência na Inglaterra, dois anos antes da crise acontecer. Os homens mais velhos diziam que ele havia feito um pacto com um estranho feiticeiro, anos antes, na África. Diziam que esse feiticeiro lhe renunciou a catástrofe do Novo Mundo, a queda dos poderosos e a ameaça constante. Se isso é verdade, não posso dizer. Mas a julgar pelos misteriosos fatos que ocorreram no decorrer dos anos, simplesmente me recuso a desacreditar.

Antes da crise, sendo considerado um dos estudantes mais brilhantes de seu tempo, Jeremy Mombach graduou-se em arqueologia, na Universidade de Harvard. Após passar um longo tempo longe dos pais, ele voltou para casa e começou a esboçar as grandes explorações que há muito tempo desejava por em prática. É aqui que entra o lado mais obscuro da história.

Jeremy alcançou um posto importantíssimo no departamento de arqueologia do país e ficou mundialmente conhecido por ser o herdeiro de um dos maiores investidores da América.

Mais tarde, ele conheceu e apaixonou-se por uma atriz brasileira chamada Nora Fontine, em uma festa reservada aos políticos, empresários e desembargadores de Boston, em um luxuoso restaurante. Eles se casaram no outono de 1935, em uma festa avassaladora que reuniu diversos artistas americanos, e realizaram uma recepção pública na antiga praça da matriz, recentemente denominada de “Praça Richard Hannemann Mombach”, em

homenagem ao seu pai.



NORA E JEREMY MOMBACH

1935

Naquele tempo, Richard viajara com a esposa de volta para a África. Morreram tragicamente de uma terrível tuberculose que atacara toda a embarcação. Foi um ano triste e inolvidável. Richard e Susan simplesmente se apagaram da vida e transformaram-se em duas lendas.

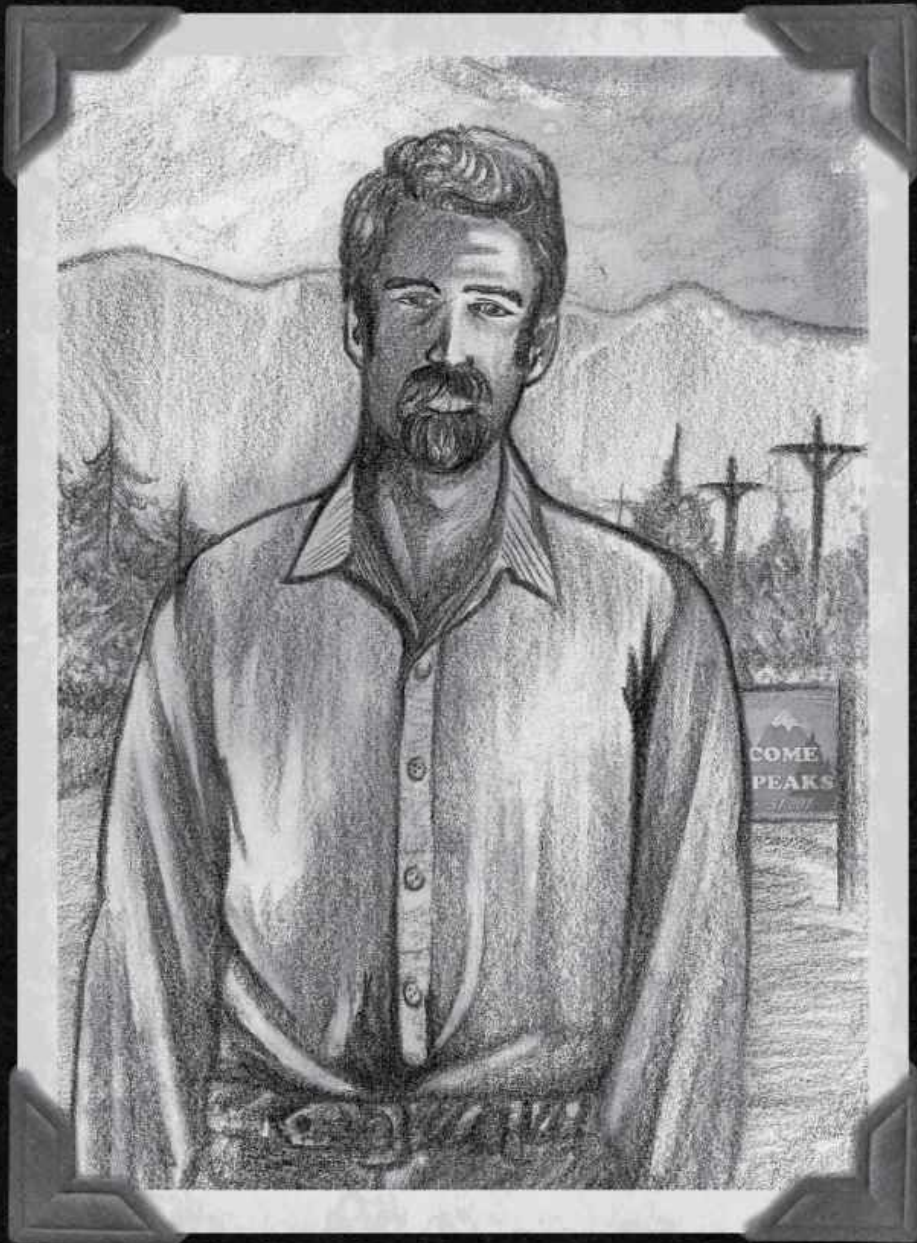
Movido pelo poder e pela liberdade, Jeremy se viu dividido entre as aventuras que espreitara e as grandes responsabilidades que evitara. Seu pai morrera repentinamente, deixando em suas mãos uma série de deveres inacabados. Graças a um bom advogado (que muito era amigo de Richard e temia pela segurança de Jeremy) nada se despedaçou. O herdeiro dos Mombach chegou a uma inusitada decisão, que a princípio mexeu com a cabeça dos maiores nobres de Boston e chocou os jornalistas do país. Em virtude das expedições, ele resolveu dividir o seu império e mudar o próprio estilo de vida.

Na companhia de seu advogado, Jeremy vistoriou todos os escritórios, sedes e instalações da Mombach Oil Company. Realizou reuniões importantes, promoveu audiências nas quais a imprensa estava presente, e divulgou os seus maiores interesses. O herdeiro dos Mombach divide o império de seu pai! Por muita insistência de sua esposa, e curiosidade (diga-se de passagem), ele levou a público a notícia de que se mudaria para o Brasil, mas não antes de regressar à África para passar as férias, em memória de seus pais.

A viagem para a África foi agendada para o segundo semestre de 1937. Graças ao apoio e a eficiência de Rafael Dixon — um empresário nova-iorquino que ficou bastante conhecido na dinastia de Boston —, Jeremy e Nora não enfrentaram quaisquer dificuldades. Ela foi uma atriz de renome, marcada pela beleza e pela fama de seus filmes polêmicos, e ele pela fortuna exagerada, o calor das viagens duradouras e as grandes descobertas.

Aonde quer que fossem, chamavam bastante atenção; encontravam grupos

de pessoas famintas por um dedo de prosa e evitavam os jornalistas que diziam apreciar o seu papel na sociedade.



RAFAEL DIXON EM TWIN PEAKS

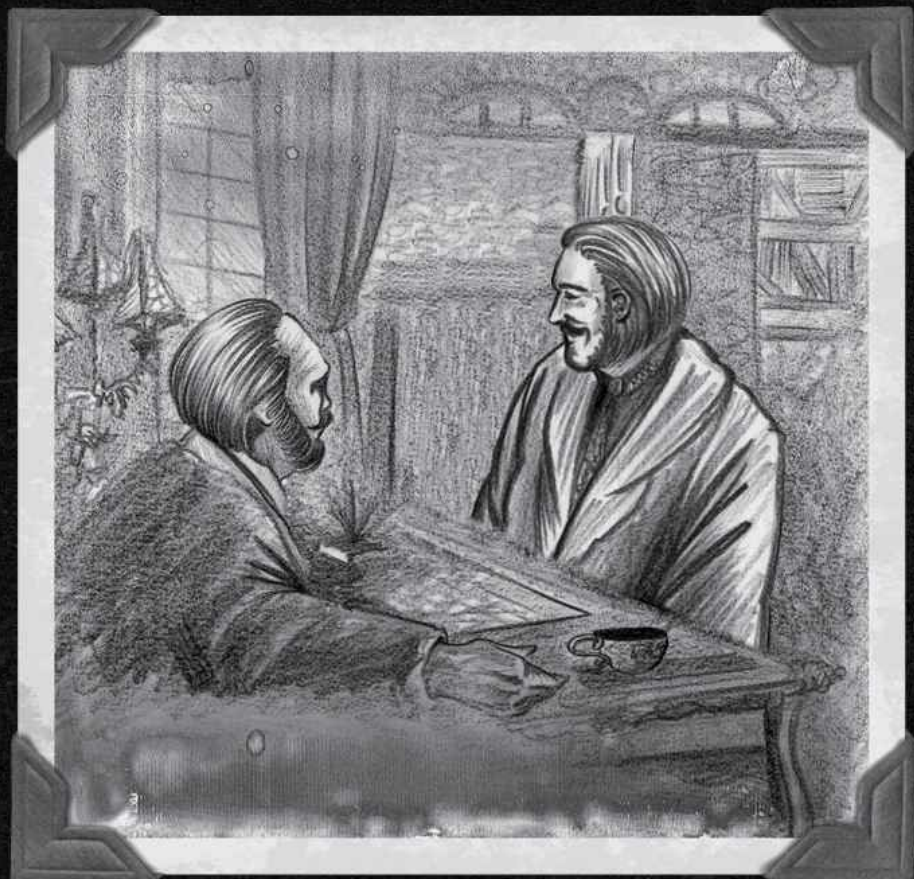
1937

Depois que o Sr. Dixon apareceu, as coisas mudaram para melhor. Ele sempre tinha um caminho certo a seguir, e agia com um cuidado e paixão nunca vistos antes pelos seus empregadores. Sua metodologia discreta, somada ao coleguismo incontestável e ao já reconhecido profissionalismo lhe rendera algumas manchetes de jornais.

Quando lhe foi dito que fariam uma visita ao Brasil, Rafael Dixon organizou todos os preparativos para a temporada e acompanhou seus patrões até alcançar as terras do país tropical.

Depois da viagem, Nora ficou na casa dos pais, no Rio de Janeiro, enquanto Jeremy se aventurava pelos misteriosos e selvagens lugares que abalavam sua curiosidade, na companhia de Rafael e mais uma equipe de arqueólogos de sua cidade natal.

Jeremy, em uma minuciosa expedição nas zonas florestais do Brasil, passou uma temporada na Amazônia entre derivados povos indígenas e descobriu, meses mais tarde, um desconhecido tipo de rocha numa remota região do nordeste. Para melhor estudar os minerais daquela área — denominada por uma antiga tribo de índios como “área mística” —, ele decidiu comprar 50 mil metros quadrados de terra, e ali erguer sua mansão...



JEREMY MOMBACH E ARCHIBALD VON SANT
DURANTE O PLANEJAMENTO DA MANSÃO.

Jeremy entrou em contato com Archibald Von Sant no começo do segundo semestre daquele ano, para dar início à megaconstrução da sua imponente propriedade num dos montes da antiga tribo da área mística.

Archibald Von Sant não era um mero engenheiro. Era um verdadeiro Da Vinci de sua época, um dos melhores amigos de Salvador Dali. Após muito conversarem (graças à vasta história de sua amizade) chegaram ao consenso de que a casa seria erguida dentro de incríveis sete meses, e finalizada dentro de dois anos. O número exorbitante de trabalhadores e operários terceirizados ajudaria a apressar a construção. Archibald chegou a comentar com seu amigo que deveria viajar pelo mundo na companhia da esposa, despreocupadamente, até que a construção se consumasse. Desse modo, Jeremy e Nora resolveram anteceder a viagem para a África, levando consigo o intenso desejo de arriscar-se em meio às novas aventuras...

Foram devidamente acompanhados pelo seu empresário durante toda a estadia na Savana. Descobriram povos encantadores, conheceram diferentes sabores e apaixonaram-se pela cultura ancestral daquela tão enérgica e espirituosa civilização.

Na África, Nora vivia quase sempre no hotel. Eram raras as ocasiões em que vagava as ruas das aldeias ou conversava com os nativos curiosos. Jeremy passava grande parte da estadia explorando o lado primitivo da Savana, vivendo perigosamente entre animais silvestres e outras barbaridades. Na última semana das férias, ele quase foi morto. Não fosse a destreza de seu guia africano, o último herdeiro dos Mombach teria sido abocanhado por um selvagem leopardo faminto que lhe espreitava pelas margens da estrada escaldante. Sabe-se que o animal iniciou o ataque, não arrancando a perna de Jeremy por causa do tiro que o seu guia disparou. Os dentes da criatura causaram uma série de feridas no corpo da vítima.

Jeremy foi levado às pressas a uma tenda sagrada da aldeia mais próxima.

Segundo algumas testemunhas, ali dentro ele foi abençoado. Na companhia de curandeiros, magos e outros feiticeiros desconhecidos por mim, ele acabou por se livrar de uma morte infame e dolorosa. Nora foi ao seu encontro cinco dias mais tarde, em virtude de uma carta que Rafael recebera no vestíbulo do hotel, anunciando a ocorrência trágica. Quando ela se jogou nos braços do marido, tremendamente impactada pelo que tinha acontecido, ficou ainda mais surpresa ao saber que todas as feridas dele haviam se curado; sem o auxílio de medicamentos, médicos, nem nada. Disseram que um casal de magos e videntes havia conseguido realizar o milagre. Nora ajoelhou-se diante de Kalulu, o guia de Jeremy, e de sua mulher, Kadica, agradecendo-lhes por terem salvado a vida de seu esposo, numa espalhafatosa mescla de emoções.

Jeremy recuperou-se e voltou completamente a si na manhã seguinte. Ao lado da esposa, ele pediu que os homens da tribo chamassem o guia, e quando este apareceu, Jeremy prometeu fidelidade e lhe fez um irrecusável pedido.

Kalulu ficou surpreso e contente ao mesmo tempo. Jeremy lhe tinha convidado para ir morar com sua família no coração da América do Sul. Emocionado, o africano respondeu que aceitaria o convite, mas somente se Kadica o acompanhasse.

Sem titubear, Jeremy acedeu-lhe o pedido, ofereceu um aperto de mão e recorreu um pacto de irmandade.

Naquela noite, por entre urros agudos e louvores estranhos em volta de uma grande fogueira, Jeremy e Nora selaram o próprio destino.

Dizem que Rafael ficou horrorizado com o que testemunhou... Dizem que ele quase enlouqueceu e até tentou se apartar da estranha aldeia na qual os magos governavam. Para piorar a situação, os melhores jornais publicaram a notícia de que ele havia sido devorado por nativos canibais, porque, ao

voltarem para Boston, o arqueólogo e a atriz trouxeram a triste e revoltante notícia de que Rafael Dixon havia desaparecido.

Em dezembro de 1937, Jeremy promoveu um jantar reservado em um hotel, na cidade de Nova York, com a presença de seus amigos e advogados, para tratar dos últimos negócios antes de mudar-se para o Brasil definitivamente. A diplomacia do arqueólogo talvez tenha sido a maior virtude de suas decisões, porque tudo deu certo dali por diante. Em fevereiro do ano seguinte, acompanhado pela esposa e pelo nobre engenheiro, ele viajou para o Brasil e conheceu finalmente o seu novo e aconchegante lar.

A noite foi regada por bebida, comida e celebração em homenagem à mansão. A festa — que foi estritamente secreta — contou com a presença de diversas personalidades célebres. Muitas pessoas desacreditam do ocorrido, mas como eu estava presente, consegui testemunhar e atestar a sua autenticidade. Durante o jantar, conversamos a respeito da nobreza em torno da mansão e o indiscutível talento do engenheiro Von Sant. Quadros de pintores famosos, esculturas helênicas e peças barrocas despontavam em todos os cômodos. Além de Archibald, o décor da mansão foi confiado a um artista francês, Gaspard Rochefort, falecido dias antes da inauguração da propriedade. Impressionados com a história, os convidados se mostraram risíveis e irônicos, e alguns chegaram a comentar, no ápice do momento, que certos acontecimentos inexplicáveis se tornaram responsáveis pela péssima fama do casarão.

Notei um desconforto na face de meus anfitriões... Soube, a partir daquele instante, que cinco mortes estranhas ocorreram no período da construção da casa, e que foram abafadas para não gerar polêmica ou tampouco manchar o nome dos Mombach. Fiquei surpreso e impressionado. Nos dias que se passaram, investiguei minuciosamente o que havia acontecido e descobri, estupefato, que durante a construção, cinco operários abandonaram seus

postos e subiram até a parte mais elevada da mansão. Os cinco homens simplesmente saltaram de lá de cima, em um terrível ato suicida coletivo. Os jornais brasileiros fizeram um salseiro para conseguir invadir a propriedade e tentar uma entrevista com Jeremy Mombach. Mas isso nunca foi possível... Quando não vivia trancafiado na casa, o arqueólogo viajava ou desaparecia em nome dos negócios.

As mortes foram esquecidas com o tempo. Nora Fontine voltou a brilhar nas telas da fama e Jeremy reinou por anos na lista dos homens mais poderosos da América.

Juntos, ambos se lançaram nos maiores eventos sociais do mundo e financiaram projetos e ONGs que viabilizavam a paz e o término da guerra. A sua história prosseguiu na mesma trilha de sucesso, atravessando os horrores da guerra, as reformas políticas e os regimes militares que assolavam o país.

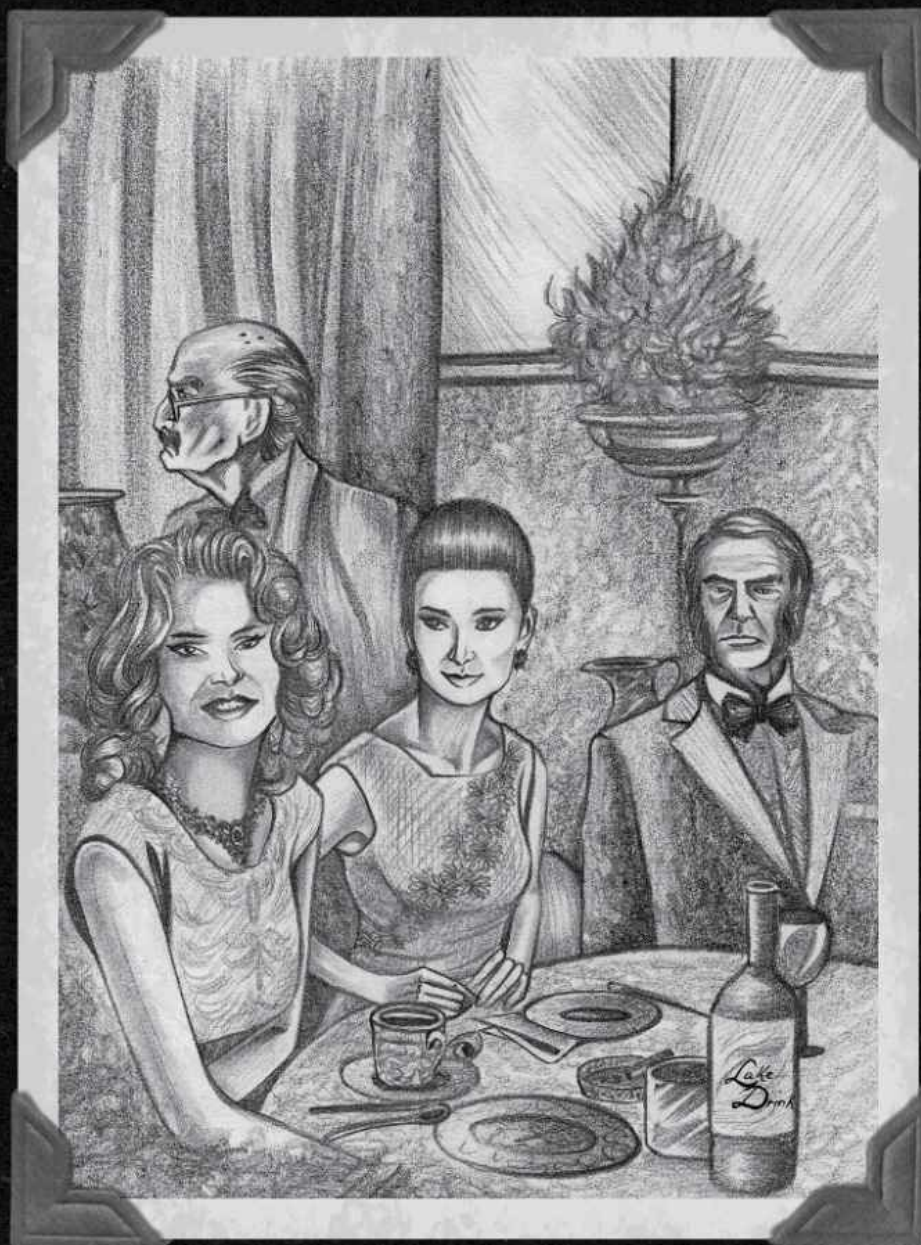
Em 1954, Nora anunciou em um programa de tevê americano que estava grávida, e que daria uma festa em sua propriedade para cear em agradecimento pela vinda de um novo Mombach.

Tive a sorte tremenda de ser convidado para fazer parte da festa, que embora não fosse uma atração secreta, mostrou-se infinitamente superior àquelas nas quais eu havia participado. Com muita nobreza e requinte, a mansão inteira foi decorada; vi automóveis poderosos estacionados no saibro do jardim e destaquei presenças célebres que jamais imaginei encontrar além da tela do meu televisor.

A família estava no seu auge; tão poderosa e influente no meio artístico e literário, que já era comum ler em matérias e artigos de jornais as notícias de que atores, atrizes e cantores haviam marcado presença em algumas de suas festas.

Uma das cenas mais marcantes do jantar foi quando Nora Fontine declamou um poema de Augusto dos Anjos e narrou uma de suas

experiências vividas na África do Sul. A atriz Audrey Hepburn recitou uma poesia e deu um brilho radiante à ceia. Jeremy contou-nos uma história envolvendo alguns de seus ancestrais, reforçou o seu fascínio pela cultura da civilização primitiva e anunciou uma nova expedição aventureira, que seria realizada no oriente.



NORA FONTINE, AUDREY HEPBURN
E JEREMY MOMBACH, DURANTE
A CERIMÔNIA NA MANSÃO.

Poucos sabem disso, além de mim. E por temerem as severas consequências, nunca ousaram contar a alguém o que houve no término daquela noite. Jamais esquecerei a cena, tão abismalmente anormal e bizarra quanto assustadora. Muitos podem ceder à dúvida, mas nunca poderão julgar-me, pois não viram o que eu vi. E por mais que eu esteja propenso a pagar um alto preço por cometer este ato, não devo esconder o que aconteceu e que, conseqüentemente, passou a me atormentar durante noites regadas de pesadelos.

Após o jantar, quando se ausentou a maioria dos convidados, dei um jeito de vagar pelos corredores da mansão e segui, audaciosamente, os passos de meus anfitriões. Sem que eles percebessem a minha presença, misturei-me aos demais convidados que ficaram, e segui suas sombras até o cômodo mais obscuro que presenciei na vida. A carga emocional e a adrenalina tiraram-me a paz, mas consigo me recordar que tudo começou quando chegamos a belíssima biblioteca da casa. Em algum ponto do cômodo — do qual sou incapaz de lembrar-se agora — abriu-se uma espécie de passagem secreta, de modo a nos conduzir a uma área localizada no subsolo da vivenda.

Lá embaixo, vi um grupo de velas se acenderem, e testemunhei o que não se pode descrever em meras palavras. Não dava muita credibilidade aos falatórios dos nobres... Até aquela noite. Aos poucos, comecei a compreender por que aquela família ganhava a fama indecorosa de amaldiçoada. O horror que abateu sobre mim não foi devido ao ambiente fúnebre e odioso, mas sim ao acontecimento agonizante de malícia e perversão. Diante dos meus fraquejados olhos, foi realizado um tipo de ritual bizarro, de proporções tão grotescas e sinistras que cheguei a duvidar se tudo não passava de uma mera encenação.

Para a minha insânia quase incurável, foi real... Duvidei da própria capacidade de escapar da casa com vida, visto que tal abominação jamais

deveria ser testemunhada por ninguém, além de certos convidados que integravam aquela espécie de culto pagão. À graça da sorte, tive a chance quase nula de, num ângulo adequado, conseguir visualizar parte do ocorrido. Não posso descrever perfeitamente o que aconteceu, e para ser sincero, ainda que tivesse visto, não sei se teria tamanha capacidade. Então pedi que um talentoso amigo de confiança desenhasse a cena que eu lhe havia descrito... Como sabemos, uma imagem vale mais que mil palavras.



NORA FONTINE E JEREMY MOMBACH, AO CENTRO,
ENQUANTO O RITUAL ERA REALIZADO.

Clayton Mombach nasceu em julho de 1954. Não o conheci de imediato, mas soube através de outrem que era uma criança solitária, do tipo remota. Nora não se afigurava a uma mãe fiel, e não era presente em sua vida. Há quem diga que ela preferia gastar horrores com empregados, educadores e babás, a ter de cuidar do próprio filho como uma legítima figura materna. Imagino que, por essa ocasião, ela acabou convidando Helen Fontine (sua mãe) para viver na mansão. Seu pai havia falecido no começo do ano, devido a um câncer no pâncreas. Sem muitas alternativas — porque se sentia sozinha, e desejava viver próxima da filha e do neto — a viúva aceitou o pedido e mudou-se para a casa dos Mombach, onde recebeu um belíssimo quarto no terceiro piso e foi bem recebida pelo genro.

Helen fora uma mulher inteligente e talentosa, principalmente no âmbito da culinária. Graças ao apoio e a amizade do casal de africanos, ela conseguiu convencer a filha e ao genro a montar um restaurante para turistas que visitavam a aldeia de Paraíso Florestal. Com o passar do tempo, esse restaurante transformou-se na conhecida “Padaria dos Fontine”. As tortas, doces e bolinhos que Helen fazia a renderam filas de visitantes na entrada do estabelecimento, assim como uma matéria em um dos mais interessantes programas de tevê de culinária de sua época.

Kalulu e Kadica ficaram felizes com o sucesso de Helen e apoiaram-na em diversos momentos de sua vida. Eram um casal bastante presente na família, criaturas adoráveis. Tive a chance de conhecê-los e devo ressaltar que ambos transmitiam uma simpatia fora do comum, digna de todos os elogios impostos por Jeremy Mombach. Da mesma forma, eram os verdadeiros amigos e quase figuras paternas do pequeno Clayton. O menino parecia ver na avó e no casal de africanos o seu único refúgio. Quando Clayton completou cinco anos, contudo, essa bela união pareceu ameaçada, pois estava para chegar um novo membro na família. No dia 06 de fevereiro de

1959, Nora Fontine deu à luz Samanta Mombach.

Com o nascimento de Samanta, Clayton isolou-se cada vez mais. Passou a infância trancafiado sob o teto da mansão com a sua família, sendo educado e regrado por vozes autoritárias de educadores particulares que mais soavam uma ameaça aterradora. Acredito que a frieza dele originou-se a partir daí, embora a sua relação com Samanta houvesse melhorado. Em seu diário, Samanta afirmou que Kadica e Kalulu eram os seus melhores aliados, ressaltando que o Clayton passou a evitá-los em virtude de uma crise de ciúmes.



Charles Fontine era o único irmão de Nora. Ele viveu um bom tempo em Londres, onde atuava como tradutor de línguas antigas. Sua vida mudou drasticamente após regressar ao Brasil e vivenciar os horrores da Segunda Guerra Mundial. Em 1944, vários soldados brasileiros foram enviados ao território italiano, a fim de consolidar o avanço dos Aliados.

Entre os soldados da força expedicionária brasileira estava o jovem Charles, que guerreou bravamente contra os soldados da Itália fascista e posteriormente os temidos nazistas. Sua luta sangrenta perdurou até 1945, quando a FEB conquistou sua vitória em Monte Castelo.

Charles descansava em uma maca hospitalar quando uma bomba explodiu ao seu lado, causando-lhe graves queimaduras e feridas profundas. Uma anotação feita por ele, naquele tempo, narra um pouco do horror que viveu em meio ao pânico e ao medo:

“Minha respiração ficou curta e meu peito parou de bater. Vi-me como um homem morto, pois não sentia nada que não fosse a queimação da pele e o temor indiscutivelmente infundável sobre todas as coisas. Uma sede avassaladora me tomou. Implorei ao Felix que me concedesse um pouco de água, mas ele me disse que não havia sequer uma gota no local. O nosso progresso até uma santa casa foi lento e doloroso. Lembro-me de ter escutado, na minha indecorosa situação, cânticos nefastos e urros de agonia, disparados por aqueles que se arrastavam nos detritos da guerra. Mais tarde, quando um pouco da minha força resolveu voltar, recobrei os meus sentidos e vi, com a mais absurda tristeza e horror, parte da minha perna ser derretida...”

Charles perdeu o pé esquerdo e parte dos movimentos. Sobreviveu aos horrores da guerra e, para não perder a própria sanidade, viveu durante anos em uma instituição especial para aqueles que não haviam superado o trauma dos campos de batalha. No final dos anos 60, ele demonstrou uma melhora significativa e deixou a instituição. Em 1973, recobrou os movimentos e foi convidado por Nora para passar as férias de verão na Mansão Mombach, onde foi visto, estranhamente, pela última vez...



UMA DAS RARAS FOTOGRAFIAS
DE CHARLES FONTINE.
MONTE CASTELO, 1944

Em fevereiro de 1977, Samanta Mombach mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar arqueologia, em virtude do fascínio pelas antiguidades e a influência grandiosa de seu pai. A solidão da jovem Samanta era evidente, o que me levou a crer que a sua viagem foi uma válvula de escape da angustiosa estada na mansão. Kadica e Kalulu não queriam que a jovem partisse, mas, em seu diário, Samanta descreveu o quanto desejava encontrar uma nova vida longe da família e dos atos estranhos do irmão. Ao contrário dela, Clayton se mudou para Boston dois anos mais tarde, para estudar astronomia. Ele conheceu e se apaixonou por uma mulher chamada Christina Ormond, com quem se casou.



CLAYTON MOMBACH E CHRISTINA ORMOND

Cabe aqui uma nota interessante: não posso dizer com clareza, mas me parece que Christina, ao se mudar para a mansão, viveu muitos anos infelizes ao lado do marido, que a maltratava física e verbalmente, e a proibia de sair de casa, enquanto vivia afundado nos próprios estudos e projetos, cuja natureza até hoje me é desconhecida.

Apesar disso, em 1981, eles tiveram um filho, batizado de Daniel Mombach. Ao que parece, Christina deu à luz a criança em Boston, mas no ano seguinte regressou ao Brasil por insistência do marido. Não a conheci pessoalmente, mas descobri que ela jamais havia sido vista além dos muros da mansão. Pelas informações colhidas, parecia ter uma boa relação com Kalulu e Kadica, mas, em contrapartida, vivia em um oceano de discussões com Helen Fontine. As brigas se tornavam cada vez mais frequentes e violentas, até o dia em que Helen resolveu ir embora para o Rio de Janeiro mesmo a contragosto da filha.

Em agosto de 1982, Clayton enviou uma carta à Samanta, dando-lhe a notícia do nascimento de Daniel e implorando-lhe que regressasse à mansão. Em seu diário, Samanta descreveu a difícil relação que tinha com o irmão, narrando os horrores vividos com ele no seu antigo lar. Entretanto, a chegada de Daniel ao mundo teve a graça de iluminá-la, fazendo com que ela decidisse voltar à mansão após graduar-se em astronomia.

Em junho de 1984, antes de voltar para casa, Samanta descreveu estar intensamente apaixonada pelo músico carioca Julio Fonseca Magalhães.

Sempre usando boina italiana e um grande cavanhaque, Julio Fonseca Magalhães passou a ser conhecido tanto em festas populares quanto em festas da alta sociedade, com pessoas rendidas àquela música envolvente que parecia dar uma magia a mais. Tocou em cortiços, pensões, cabarés e clubes até o limite da madrugada, garantindo um cachê apreciável. Foi amigo de Nelson Gonçalves, e um dos maiores concorrentes do primeiro concurso de

calouros nas rodas musicais e boêmias do Rio de Janeiro. Em uma noite de inverno de 1984, durante uma apresentação especial em um baile popular, conheceu e apaixonou-se pela herdeira dos Mombach, conquistando o coração da moça. Deve-se dizer que sua vida melhorou bastante após ingressar na nobre família americana.

Em maio de 1985, ele pediu Samanta em casamento.

Tão contente e espalhafatosa foi a notícia, que dentro de uma semana quase toda a população ouvia as notas nas maiores rádios cariocas. O casamento ocorreu na terra onde Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, no sul da Bahia.

A alta sociedade carioca foi convidada para fazer parte do enlace matrimonial em Porto Seguro, sendo conduzida, três dias depois, para uma luxuosa recepção na mansão dos Mombach. Nessa época, Julio não tinha conhecimento sobre a família, os atos estranhos e os inexplicáveis fenômenos ocorridos em seu novo lar, de modo que a confraternização principiou a sua primeira descoberta macabra.

Durante a festa, Julio foi encontrado desmaiado em um dos corredores da mansão, e quando voltou a si, horas depois, disse com os olhos arregalados de pavor que tinha visto uma terrível criatura vagando pela biblioteca do velho Jeremy. Ele disse que fora perseguido pela coisa, descrevendo um ser rastejante, com garras afiadas, cabeça polpuda e tentáculos viscosos. Samanta entrou em desespero, e a noite acabou com mais uma nota de desaparecimentos em torno de Paraíso Florestal, um vilarejo pacífico, que passou a ganhar fama de assombrado.

A partir daí, pessoas que surgiam nas redondezas começaram a desaparecer misteriosamente. O assunto chegou às autoridades locais, que tentaram investigar e buscar evidências de um provável assassino em série, mas não encontraram nenhuma prova conclusiva.

Samanta vivia atormentada na mansão. Dizia escutar vozes chamando-lhe pelo nome durante a noite, e gritos pavorosos que ecoavam do subsolo da propriedade. Toda vez que tentava descer pelo velho alçapão da biblioteca, Clayton a impedia... Isso reforçou ainda mais a ideia de que, talvez, alguma coisa inexplicável ou algum projeto secreto existisse debaixo da casa.

Após o rebuliço da recepção e a onda de desaparecimentos em torno do povoado e da propriedade dos Mombach, a família passou a se exilar da sociedade e a ser esquecida pela mídia.

Em 1986, Nora Fontine realizou o seu último trabalho para o cinema. Ela participou das filmagens em Nova York, no dia 03 de abril daquele ano, e voltou para casa no dia 12, muito abatida e visivelmente exausta. Diziam que ela não externava mais o brilho de outrora, que desconfiava da fidelidade do marido e que repudiava os atos obscuros do filho.

Na noite do dia 12, enquanto uma chuva turbulenta sacudia os arvoredos das montanhas, ela foi vítima de um tremendo choque na mansão. Consegui, por um golpe de sorte, apanhar uma carta que a atriz havia escrito momentos antes de uma terrível tragédia. Nesta carta, ela descreve a infelicidade de tal instante, seguida por um fenômeno que até então tem mexido com minhas faculdades mentais.

Última anotação de Nora Fontine **Encontrada no quarto de seu neto Daniel Mombach**

Mansão Mombach, 12 de abril de 1986

Pelo menos uma vez na vida, é inevitável cruzar uma noite sem medo, em que a chuva tempestuosa canta, e os trovões estrondosos retumbam em direção ao seu ouvido. Parece poesia gótica e barata. Não é. Tudo se deve

ao calor do momento. Ou temor do momento... Não sei. O que sei é que cheguei de uma viagem cansativa no final da tarde, belisquei o jantar e atirei-me na cama. Dormi por horas breves, acordei no meio da noite e avistei, diante do espelho, um reflexo além do meu. Não estou louca. Já ouvi muitas pessoas dizerem esta frase abjeta diante da minha face, mas sei que não estou. As cinzas caem do meu cigarro e pousam no papel. É a tremedeira. Nunca fui confidente. Nunca tive diário ou bobagem parecida. Para que um diário? Não sou masoquista, e jamais colecionarei lembranças amargas.

Olhei na direção da imagem do meu quarto, refletida no espelho. Vi eu mesma; meu robe de seda com detalhes florais, meu busto empalidecido pelo frio, meu queixo redondo, a boca ainda pintada pelo batom... E outro rosto, muito semelhante ao meu, quase uma cópia, estendido atrás de mim. Digo que era quase uma cópia, porque não era idêntico. A pele do busto estava necrosada, o queixo torcido e a boca murcha. Uma paródia diabólica de mim! Não contive o chofre e estremeci. Tive, porém, que afrontar aquilo que julguei inadmissível, com meus olhos, e me virei. Vi apenas a janela entreaberta; o vento alçando as cortinas e a garoa irrigando o assoalho. O horror é mesmo indescritível. Admiro os meus amigos que escrevem, e que vivem somente da poesia.

Fechei a janela e tentei acordar o Jeremy. Ele não parava de roncar. Confesso que evitei o espelho. E se a minha cópia ressurgisse? Estou cansada... A viagem foi intensa. A estrada do povoado é pavorosa. Escrevo no quarto do meu neto. Quão bem ele me faz! O arar infantil me tranquiliza e afasta as terríveis impressões. As memórias ruins, contudo, se atraem nessas horas. Recordei-me da aparição na sala, onde a Kadica sugeriu ter sido ilusão. Fingi que não foi nada, mesmo sabendo que havia sido um maldito fantasma ou alguma manifestação demoníaca. Ilusão? Nada disso... O

Abraham Lincoln não se enganou no espelho... Os reflexos não perdoam! Essa vida exigiu muito de mim. O Jeremy não faz ideia do quanto me fez sofrer. Mas a vida é um estalo! Acaba-se em nossas mãos! A energia está vacilando. A chuva continua forte e preciso voltar a dormir. Amanhã será um dia trabalhoso. Não devo negar... Estou alarmada. Há quanto tempo vivi aprisionada dentro de mim mesma, cheia de vício, asco e pecado? Acabo de ouvir um barulho... Evitarei o espelho.

No dia seguinte, durante a sua viagem até a capital, o veículo de Nora realizou uma arriscada ultrapassagem e bateu contra a cabine de um caminhão veloz.

Nora Fontine não apresentou feridas graves, mas, ainda assim, o seu coração parou. A sua morte abalou a família, os campos da mídia e o país inteiro, mas ninguém ficou tão abalado e afetado quanto Jeremy Mombach, que passou a evitar a publicidade com mais rigidez e decidiu passar os últimos dias de sua vida como um legítimo ermitão.

Desde então, foram raras às vezes em que ele apareceu em público, e a situação deteriorou-se com os novos desaparecimentos que ocorreram em Paraíso Florestal.

Foi uma época agitada para o velho arqueólogo. Há tempos que militares da FAB realizavam investigações secretas nas imediações da mansão; moradores do povoado testemunhavam fenômenos de proporções tenebrosas, e alguns deles chegaram a ser atacados. Dentre os misteriosos sumiços, o mais revoltante foi o de Julio Fonseca Magalhães, que acabou por agitar as faculdades mentais da pobre Samanta.

Não sei o que Julio viu de tão assustador na noite de outubro de 1988, ao voltar com Samanta de um jantar fechado na residência de um político da cidade. De acordo com o diário de Samanta — que a mim conferiu uma

aparência de autenticidade — sabe-se que, enquanto todos dormiam, ele desceu até a cozinha para saciar a sede. Então o seu grito de terror rasgou o silêncio da noite, despertando até mesmo as criaturas inocentes que dormiam na floresta. As páginas de Samanta diziam que ela vestiu-se depressa e saiu à procura do marido. No entanto, ele nunca mais foi encontrado. Foram dias, semanas e meses de buscas... Um tempo preenchido pela dor, tristeza e medo.

Afundada em seu poço de amargura, Samanta começou a delirar. Ainda em seu diário, disse ter encontrado um jardim secreto abaixo da mansão, com o qual às vezes sonhava, e sobre o qual uma névoa densa pairava como um lençol de lamentações. Disse ter visto uma pérgula dourada, que brilhava mais do que diamante puro, e que ao atravessá-la, deparou-se com um ser repousado num trono, cuja aparência e linguagem (ambas horríveis) ela não ousava sequer pensar em descrever. Da mesma forma, descreveu ter escutado o chamado de Julio várias vezes. Era tão clarividente e fantasticamente nítido, que não soube discernir se aquilo provinha do sonho ou da realidade. Uma coisa sabia, decerto: a voz autêntica e serena do talentoso homem ecoava das profundezas do alçapão, muito além do jardim, da pérgula dourada e da coisa que repousava no trono imponente, lá embaixo; onde a vida humana respira com dificuldades e a vida inumana reina uma legião de seres desconhecidos. Tentara convencer as pessoas com quem falava que a existência de um fantástico mundo abaixo da terra era real, muito embora poucos acreditassem.

Suas confissões macabras se degelaram aos montões, chegando aos ouvidos de Clayton.

Samanta tinha consciência de que somente ele havia descoberto e vagado pelas entranhas debaixo do alçapão. Todavia, Clayton sempre arrumava um meio de mantê-la afastada da misteriosa passagem. Após meses de tentativas

absurdas e súplicas lancinantes, Samanta conseguiu convencer o irmão a lhe mostrar o caminho para aquele extraordinário jardim subterrâneo com o qual sonhava, uma vez que o seu amado Julio poderia estar vivo.

No dia 20 de novembro de 1989, ela escreveu em seu diário que estava prestes a descobrir o que de fato havia além da passagem pelo alçapão, deixando em evidência a saudade que sentia da mãe e a imensa esperança em poder rever o seu amado Julio. Eu não consegui manter o diário comigo por muito tempo, mas copiei um trecho que talvez externe os seus maiores temores:

“Convenci o meu irmão a me revelar o caminho. A passagem... Aquela passagem é real... Eu não estou louca! Durante muitas horas, eu fiquei pensando e ruminando sobre todas as coisas, a decidir se deveria, ou não, descer e atravessar o umbral. Não posso ficar parada. Os sonhos me revelaram e eu preciso seguir em frente. Minhas mãos tremem. Estou apavorada! Mas, ao mesmo tempo, energizada pelo anseio de rever o meu amado. Por motivos de segurança, eu quero deixar em evidência que o meu irmão sabia das minhas decisões. Eu estou em plena consciência dos meus atos, por isso, caso algo me aconteça, eu quero que saibam que a decisão foi minha. Não aguento mais esta dor... Só Deus sabe o quanto tenho sofrido nas garras daqueles pesadelos diabólicos! É durante a noite, especialmente quando a lua está cheia, lá no topo, que vejo o ser repousado no altar. Não quero falar disso. Eu preciso ir agora... Estou a caminho da biblioteca, onde descerei pela passagem e encontrarei o jardim decrepito onde me vejo nos pesadelos enlouquecedores. Talvez por instinto, não sei, tomei a decisão de levar uma folha em branco do meu diário, onde escreverei a minha experiência. Acabo de ouvir a porta se fechar ao longe, e o barulho do carro do Clayton. Ele está saindo de casa. É a minha hora de agir! Que Deus

esteja comigo! Júlio... espere por mim!”

Trecho retirado do diário de Samanta Mombach, 20 de novembro de 1989

Após essa data, Samanta Mombach nunca mais foi vista. As autoridades fizeram uma minuciosa busca pelo corpo da jovem pelas redondezas da casa, da cidade e pelas florestas que margeiam Paraíso Florestal. Após dez dias de busca, o caso foi arquivado e a jovem nunca foi encontrada. É correto afirmar que as autoridades vasculharam partes do interior da mansão, graças a um mandado policial que barrou as reações contrárias de Clayton. Entretanto, mesmo varrendo os cômodos mais remotos da propriedade, a polícia se deu por satisfeita, arquivando o caso de uma vez por todas.

Acredito que ninguém nunca supôs a existência das passagens subterrâneas que se arrastam como tocas de serpente no subsolo daquele lugar. Ninguém... Exceto eu ou aqueles que se foram para sempre.

Jeremy Mombach ficou enlouquecido. Diziam que falava coisas inconsistentes, descrevia seres que o visitavam durante a noite e ameaçava tirar a própria vida.

Na manhã do dia 31 de dezembro de 1989, Kalulu e Kadica estranharam o silêncio no quarto de seu empregador, e resolveram consultá-lo. Quando a porta foi aberta, o casal sentiu um vento frio atravessar a janela, o que era muito estranho; de acordo com os depoimentos, Jeremy Mombach só dormia com as janelas fechadas. Enquanto Kadica descobria uma carta sobre a cama, Kalulu empalidecia na janela escancarada. Alarmado, ele viu o corpo de Jeremy todo despedaçado, estendido no concreto do jardim.

A carta revelara as últimas palavras do arqueólogo.

Carta de suicídio de Jeremy Mombach
Encontrada por Kadica em seu dormitório

Mansão Mombach, 30 de dezembro de 1989

Escrevo sob uma terrível tensão que me castiga há meses, ou anos, não sei dizer. Minha mente igualou-se ao meu corpo envelhecido e fraquejado, tornando-se incapaz de intuir ou mesmo fazer ideia das coisas mais simplórias, ou daquelas que, horríveis, se ergueram a minha volta. Já é certo o meu fim, e dele não posso escapar. A janela, escancarada à minha frente, recebe o vento lamurioso que percorreu selvas arrasadoras até abater-se no meu corpo. Estou entregue ao medo e à condenação eternas, já que esta noite deixarei de existir. Não suporto mais esta dor, e vou me atirar daqui de cima. Lançar-me-ei ao concreto do jardim, lá embaixo, afiado por décadas de chuvas negras e tempestuosas. Se a liberdade eu não encontrar, ao menos terei a chance de livrar-me das dores que há tempos me deflagram. Meus ossos rangem com terror, a minha carne sangra por dentro... Nada de bom restou para que minha vida prossiga. Eu devo perdão a muitos. Àqueles que fiz sofrer, imaginando tê-los sacrificado por uma causa justa, e àqueles que ainda sofrem abaixo dos meus pés; seres que por dias intermináveis condenei à dor. Meu único brilho em vida, se é que vossos senhores possam me compreender, aplica-se aos meus filhos. Meus inimigos não me assaltam; caluniam-me. Não me atingem na carne, mas na alma. Foram anos de estudo para chegar aonde cheguei, e séculos de ensinamento para entender o que verdadeiramente entendi. Quanto a eles, deixo como resposta o legado da minha morte. Nada mais importa para mim. Nada importou, em verdade, para mim, senão os meus filhos. Se a simples renúncia ao posto que fui levado me permitisse descansar em paz, certamente o teria feito. No entanto... é tarde para isso.

Agora, inclino-me diante dos dias tristes e macabros, e das noites

duradouras e insonháveis.

Samanta! Clayton! Falhei com vocês! Eu deveria ter sido o pai que mereciam! Minha filha, graças ao meu desalento, você deixou este mundo tirano precocemente! Clayton, eu deixo sob sua responsabilidade a missão em que fracassei... Seja forte como sempre foi; como um legítimo Mombach. Deixe que Kalulu o guie. Deixe que a magia se complete... A história da humanidade está em suas mãos. Não sei como se encontrará, emocionalmente, ao ler estas palavras, mas saiba apenas que não há uma palavra mágica para a culpa, exceto o perdão. Sendo assim, despeço-me da vida e entro para a história com um único pedido, filho...

Perdoe-me!



ÚLTIMO REGISTRO DE JEREMY MOMBACH
AGOSTO DE 1988

O destino de Clayton parecera ter sido prenunciado por ele mesmo. Com a partida do velho Jeremy, ele tomou a frente do império Mombach e realizou diversas mudanças que chocaram aqueles que ainda tinham conhecimento da lendária família.

Clayton realizou o funeral do pai no cemitério de Boston, acompanhado pela esposa, o filho e outras personalidades que simpatizavam com o Sr. Mombach.

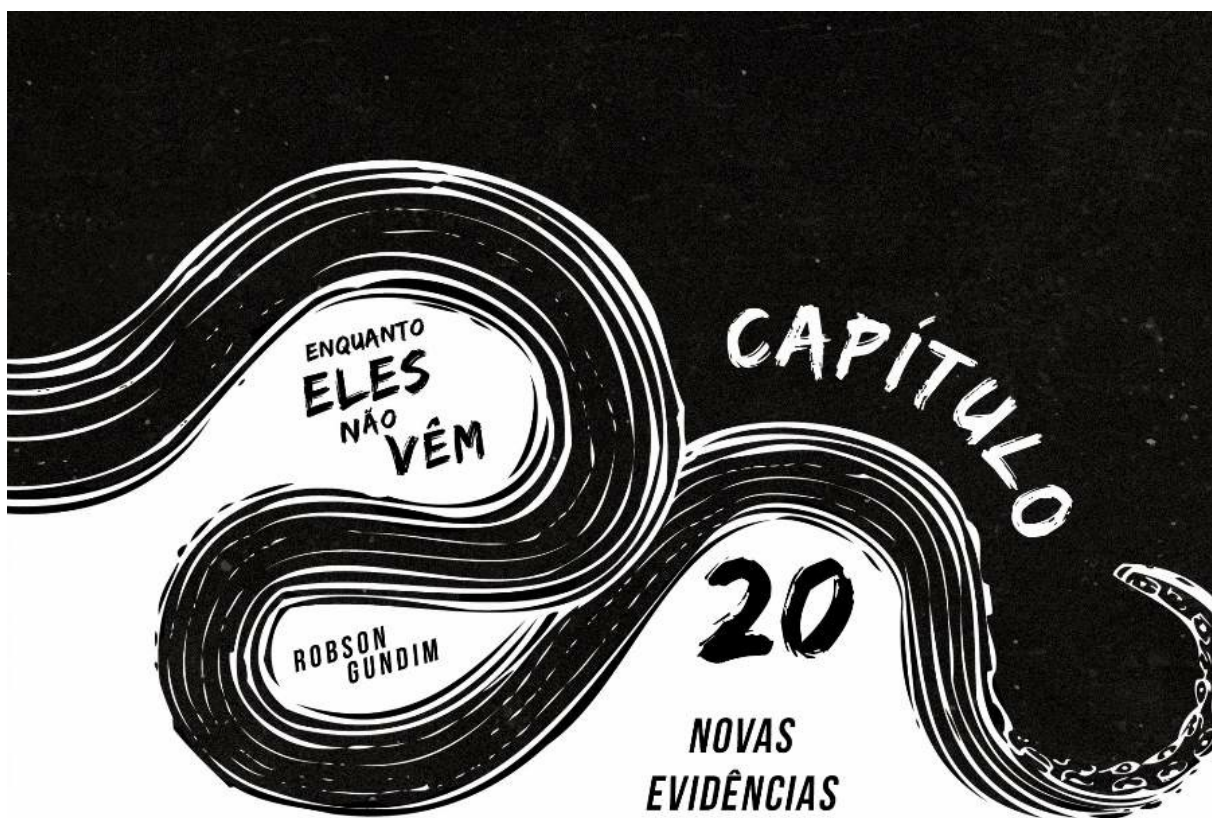
Ainda antes de retornar à mansão, conseguiu um meio de vender parte da terceira metade da Mombach Oil Company para um empresário venezuelano que muito se interessara pela refinaria. Kalulu e Kadica tiveram uma séria discussão com ele, motivo que o levou a demiti-los e a mandá-los de volta para a África. Em fevereiro de 1990, demovidos pela tristeza, o casal recolheu os seus pertences e deixou o Brasil. A partir daí, Clayton passou a viver com a esposa e o filho, em uma completa solidão.

No dia 10 de janeiro de 1991, Christina deu à luz a um segundo bebê. Uma menina, que infelizmente faleceu quatro dias após o seu nascimento. A causa da morte nunca foi descoberta. Isso chocou tanto a família quanto os médicos responsáveis pela saúde de Christina. Não posso dizer com clareza, pois não encontrei documentos ou notas que comprovassem minha teoria, mas após analisar o diário de Christina e recolher depoimentos que foram resgatados no hospital psiquiátrico de Boston (local onde Christina seria internada anos mais tarde), cheguei à conclusão de que a morte da sua filha pode ter sido a causa premente da sua depressão.

No decorrer dos anos, trancafiada em seu quarto na mansão, a ouvir ruídos monstruosos e a sentir o odor putrefato das coisas indizíveis que se derramava no ar, ela foi perdendo tudo: o brilho da harmonia, o encanto da beleza e a sede pela vida. Em seu diário (que infelizmente desapareceu após eu ter acesso às primeiras páginas), ela dizia ser a criatura mais infeliz e

desolada da face da Terra, destinada a vagar pelos corredores da mansão completamente sozinha.

Em abril de 1994, por decisão de seu esposo, Christina foi conduzida ao hospital psiquiátrico de Boston, sorrindo igual a uma criança e repetindo, em tons assustadores, que finalmente escapava do inferno.



LÍVIA E DAVID CHEGARAM ao final da leitura estarecidos. Por alguma razão desconhecida, inúmeras páginas foram arrancadas do livro.

“Quem as tirou?!”, indagavam-se, embravecidos. “O Clayton?”

A história indiscutivelmente arrasadora da família Mombach não era apenas um fator impactante; era uma incrível e contundente descoberta, talvez jamais vista pelos olhos acomodados dos homens da nossa era. Não havia, contudo, uma prova conclusiva que corroborasse tais ocorrências nebulosas, muito embora a imaginação humana pudesse proporcionar uma espécie de credulidade inconsciente em torno daquelas palavras.

O soldado coçava a nuca, eufórico.

Por mais que estivesse assustada, Livia controlou as emoções e afrontou a cara suada do parceiro, como que para saber o que ele diria, ou de qual maneira reagiria. Ela parecia acreditar em todas as palavras de Brandon Castro, ainda que uma pontada de ceticismo brilhasse no interior da sua consciência.

— Eu tô muito confusa — disse Livia, alarmada. Parou para respirar um pouco e aproximou-se de uma das janelas, que através da vidraça revelava um céu vaporoso e muito agitado. Fechou os olhos e completou: — Eu vi, e senti muita coisa. Não está sendo nada fácil digerir tudo isso.

David estava agachado, imóvel e pensativo, como se tentasse processar tudo na mente; como se, de uma vez por todas, extraordinariamente, estivesse pronto para confessar que acreditaria nas coisas absurdas cometidas pela família Mombach e nos seres babilônicos e assustadores que há séculos aguardam o momento propício para atravessar a linha tênue que separa o homem de seus terríveis pesadelos.

— Preste atenção — disse David, causando em Livia um arrepio incomum.
— O que a gente tá enfrentando é, sim, horrível e assustador, mas...
— Mas?

David ergueu a face para ela:

— Essa droga de livro não prova que tudo isso seja algo sobrenatural.

Livia soltou um esgar de desgosto. Por mais que não acreditasse (e não desejasse acreditar) em cem por cento do que lera no livro, não lhe agradava saber que David encarava todo aquele horror como simplesmente uma miragem sombria. Afastou-se da janela e reuniu todos os documentos que havia encontrado.

— As escrituras não mentem. Veja só. Luzes no céu! Pessoas foram atacadas por uma força desconhecida. Pilotos testemunharam cores e objetos voadores não identificados...

— Isso não quer dizer nada.

— O Jeremy Mombach, um arqueólogo ricoço que volta da África, recebe uma puta carta tenebrosa de um homem que se autodenomina feiticeiro... Não percebe?!

— Por favor...

— Me escute! A Samanta narra em seu diário as ideias mirabolantes do irmão, as visões noturnas e os temores que custaram a vida de seu marido. O Clayton descreve em seu diário que as previsões do Kalulu estão se cumprindo. Ele narra os clarões no céu e reforça a influência do xamã... Não acha tudo isso intrigante?!

— Acho. Tudo isso é sim muito intrigante. — David, que já ultrapassara os limites do pensamento racional, ergueu-se depressa e lutou com o melhor argumento do qual dispunha — Essa família era obcecada pelo oculto... Apenas isso.

— Não acredito no que você tá falando.

O soldado coçou a cabeça.

— Essa porra toda é confusa! Você já deve ter visto de tudo na vida, Livia. Esse tipo de gente acredita em qualquer droga de superstição. Olha... Eu também quero entender o que tudo isso significa, certo? Mais do que imagina! Eu só preciso encontrar os fatos primeiro, alguma prova ou informação concreta!

— E nós iremos! Só que não devemos esconder aquilo que os nossos olhos estão nos mostrando! Você não pode negar o medo que sentiu quando ouviu o que o Taj falou. Vai negar isso pra mim?! Ou acha que ele estava delirando?!

David gelou de novo. A expressão que assumira o seu rosto suado definitivamente dizia que não desacreditava de uma possibilidade tão tétrica igual aquela. As palavras arrepiantes de Taj eram inolvidáveis demais para

meramente tachá-las de delirantes.

— Eu sei... Mas que merda! Eu sei disso! Estou... Estou apenas cansado e confuso!

Lívia levou um tempo em silêncio, como se o desconhecesse.

Lá no fundo, entretanto, parecia entendê-lo.

— A gente tá na mesma situação. Cansados, confusos... Estamos fodidos aqui! Mas eu acho que lá no fundo você acredita em tudo. Apenas... Não quer aceitar.

— Não vem com essa.

— Eu sei que é.

— Eu quero fatos, Lívia. Não vai ser um livro de merda que colocará na minha cabeça que essa família atravessou o inferno e trouxe à terra um exército de bestas famintas!

— Não é isso que eu quero dizer. Talvez não seja desse jeito... Mas, talvez, também não seja loucura supor que os Mombach realizaram coisas horríveis por alimentarem aquilo que eles acreditavam.

Houve um novo interstício.

Cansado, David limpou o suor da face. Lívia respirou com mais profundidade, tentando conter o arrepio que se recusava a deixá-la, e em seguida acrescentou:

— Eu também não queria aceitar quando vi aquelas coisas e todas as informações do patriarca dessa família maluca. Mas não adianta, David. Já sabemos de muita coisa e já vivenciamos o bastante para saber que quando se trata de dinheiro e poder, a raça humana é baixa, desprezível e, principalmente... Capaz de tudo.

O estrondo de um trovão fez romper uma das vidraças da janela.

Quando David conseguiu acalmar-se de novo, foi guiado pelo instinto de querer escapar daquele lugar. Afinal, independentemente do que acreditasse

ou não, tudo aquilo teria que terminar em algum momento.

Lívia apontou para o pequeno caderno que acompanhava a biografia dos Mombach dentro da caixa. Examinaram a estranha e embolorada capa de couro, que a respeito da inicial “C”, deveria pertencer ao enigmático Clayton Mombach.

Nas primeiras páginas havia siglas estranhas, fórmulas matemáticas e químicas e um derivado de nomenclaturas que David e Lívia nunca tinham ouvido falar. No meio do caderno, acompanhadas por imagens de animais variados, surgiram novas fórmulas matemáticas. Umas cinco listas de composições relacionadas à célula e algumas figuras do corpo humano também compunham o conteúdo das anotações.

Mais para o final da segunda metade, a dupla encontrou três páginas de anotações mais coerentes, mas não menos estranhas:

A bactéria foi transformada em um fluído — UNO.

Estudo e observação do fluído UNO. Positivo.

Dispensar o DNA?

#018

Estou intrigado com a mutação. O fluído UNO se unifica ao organismo, independentemente da estrutura molecular ou de qualquer intervenção imunológica. Imaginei que seria necessário fundi-lo ao embrião... Estava errado! Isso aponta que meus esforços iniciais foram exercidos em vão. Mas, por outro lado, agarrei a certeza de que a matéria reage de diferentes formas para cada hospedeiro.

Obs.: Destruir as amostras do número 05. Estudar o comportamento do número 09.

#019

Descobri algo extraordinário! O número 09 apontou um avanço espalhafatoso, em um período de apenas cinco dias! Confesso que subestimei as teorias do Dr. Xavier... Estava curioso com o aceleração da reação, já que o número 08 levou dois meses para atingir o resultado esperado. Precisaréi me livrar de muitas coisas para concluir o próximo experimento. O doutor assegurou-me que a energia é um recurso indispensável, por isso providenciei os cabos e as baterias. Descobri também que o progresso da mutação depende do estado da saúde do hospedeiro, tornando-se potencialmente relativo. O número 08 se mostrou saudável — isso pode explicar a demora. Os resultados dos exames do número 09 apontaram uma série de enfermidades incuráveis, dentre as quais eu destaco três nódulos malignos na região intestinal; com o fluido UNO em seu organismo, houve uma quebra no sistema imunológico (não havendo possibilidade de hipossensibilização/síntese de anticorpos bloqueadores ou imunoterapia), e um aumento estarrecedor das células cancerígenas, ocasionando uma metástase. O hospedeiro, entretanto, não veio a falecer. Presenciamos uma reanimação nunca esperada, refletida pelos impulsos do fluido. Os músculos sofreram uma incrível alteração; o círculo sanguíneo aumentou os batimentos cardíacos e as veias cerebrais se romperam, absurdamente. O Dr. Xavier entrou em estado de choque, alegando que jamais havia testemunhado um caso semelhante na história da medicina.

#020

Estrutura celular de animal + humana + bacteriana.

*Chegamos a uma conclusão. Parece que o hospedeiro não saudável torna-se incapaz de controlar as reações em cadeia, atingindo um estado crítico irreversível. Isso explica as deformidades vistas no hospedeiro D e F. Já o hospedeiro saudável, ao que parece, é capaz de controlar o fluido UNO em seu corpo — mas jamais extirpá-lo — podendo, quando bem quiser, reverter o avanço da mutação. Porém, existe uma grave consequência, que se manifestará através de alguns **efeitos colaterais alucinógenos**, a exemplo do número 10, que disse ter escutado a voz de uma familiar morta.*

A fusão entre o fluido UNO no hospedeiro A, mais a composição orgânica da bactéria encontrada no hospedeiro B, mais a estrutura celular do morcego 2, gerou uma aberração catatônica... Esplêndido! Essa descoberta mudará a visão do homem! A profecia se cumpriu, e as marcas dos antigos deuses agora pousam em minhas mãos!

Meus exames não mentem e conferem o meu organismo saudável. Foram dias de observações penosas até chegar a este ponto. O Dr. Xavier, tolo e frágil como sempre foi, tentou me impedir mais uma vez, mas eu consegui dar um jeito nele. Estou preparado para uma nova descoberta... Finalmente, o Daniel me respondeu e enviou-me boas notícias. Depois de tudo que passamos, o meu filho parece encarar o seu destino como um legítimo Mombach!

Irado, David lançou o caderno no chão.

Lívia arrepiou-se, ao dizer:

— Eu tinha minhas suspeitas, mas agora não há dúvidas. O Clayton é um monstro!

— Agora você me entende? — O tom de David foi se asseverando, tornando-se cada vez mais audível. — O Clayton Mombach criou algo que

pode ser tão ameaçador quanto... Quanto uma arma de alto risco biológico!

— Que porra é essa, David?

— Ele pode usar isso contra o país inteiro! Você tem noção do tamanho dessa merda?! —David não queria se ouvir dizendo aquilo, mas avançou com a firmeza de alguém que sabe exatamente do que está falando. — A mansão, o povoado... Isso foi apenas um ensaio do que vai ser daqui pra frente. É revoltante fazer esse tipo de suposição, eu sei... Mas dentro de tudo o que vimos até então, é o mais sensato a supor!

Um quadro horrível lhe veio à mente: as criaturas que um dia foram humanas, modificadas biologicamente, escapando de Paraíso Florestal e indo de encontro às grandes cidades...

Como, em nome de Deus, conseguiria impedir tamanho absurdo? Melhor dizendo: como saberia se isso já não ocorreu há algum tempo? A menos que algo ou alguma coisa igualmente importante as mantivesse ocultas no povoado, as criaturas poderiam vagar pelas estradas e se espalhar para todos os cantos do estado.

— Isso vai além de qualquer crime. — Livia estava sem ar. — Estamos diante de uma ameaça que põe em risco a segurança nacional. Risco biológico, manipulação da genética...

— Tudo o que confiscamos conspirava contra uma explicação racional. Eu queria dados, fatos... E agora começamos a ter uma resposta dentro da lógica. — Apesar de sentir-se indisposto, David parecia mais vivo do que nunca. — Dadas as últimas circunstâncias e a esses comportamentos mórbidos, acho que essa coisa é altamente contagiosa... Como uma praga!

O ato de pensar nas infinitas atrocidades que tal ameaça poderia causar ao mundo exterior lhe era intensamente horrível, e tudo a este respeito lhe fazia querer escapar da própria imaginação, como faria com a própria praga.

— Não acredito que tenha acontecido antes, mas, se já não o cometeu, o

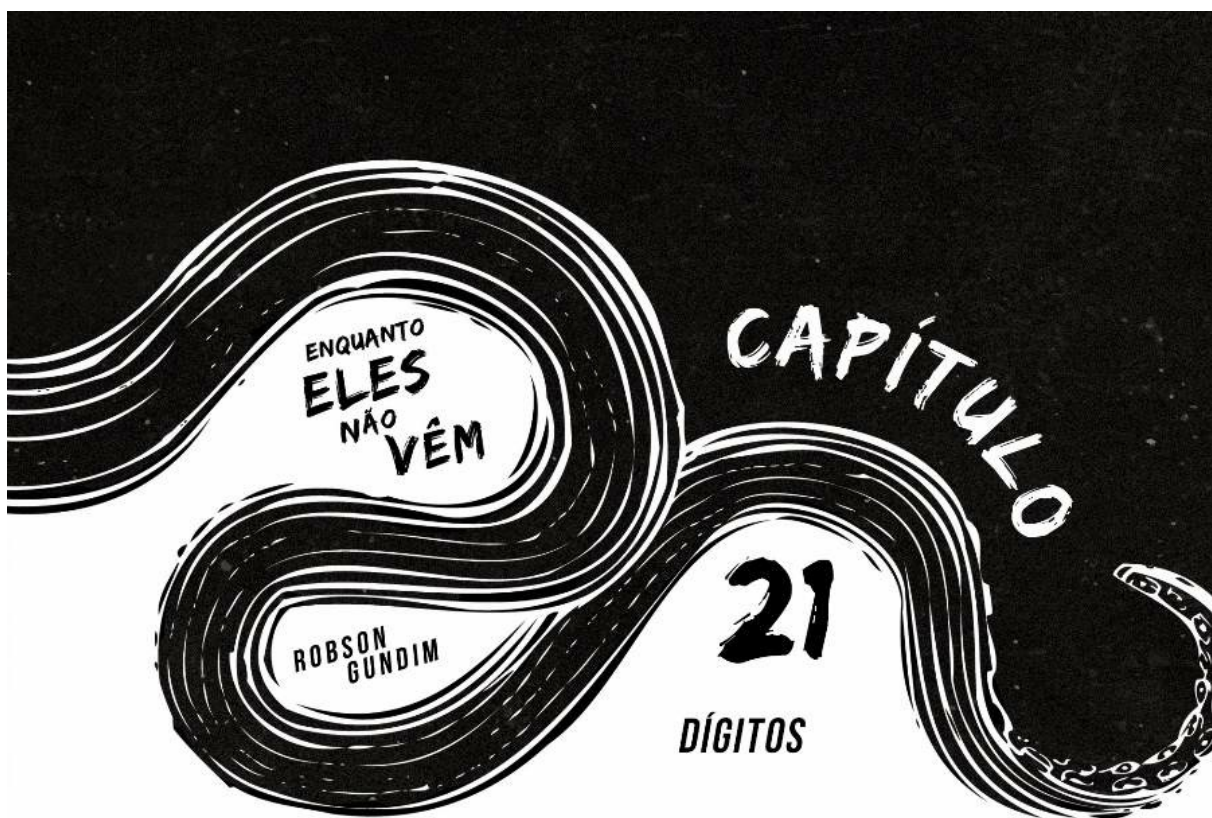
Clayton pode facilmente iniciar aquilo que as grandes potências mundiais temem enfrentar um dia.

Assustada, Livia teve uma ideia preconcebida do fato, mas ainda assim, perguntou:

— O que seria?

— Um ataque bioterrorista, e de proporções globais.





ANTES QUE OS oficiais pudessem dar início a uma nova discussão, o rádio começou a chiar e a emitir sinais de que alguém tentava entrar em contato. Demorou um pouco, mas a voz tornou-se audível e genuína. Não era Taj, Deke ou Calebe... Para a felicidade de David, aquele que lhes contatava agora se tratava de um verdadeiro salvador.

— Carlos?! — fez o soldado, esperançoso. — É você?!

— *Sim, David!* — Embora preocupada, a voz de Carlos fez com que o espírito de David aliviasse por completo.

Lívia, sorrindo:

— Graças a Deus! — Uma alegria violenta explodiu dentro dela.

— Por que demoraram tanto?! O que aconteceu com o protocolo? E o capitão?! A gente tá numa grande enrascada!

— *Descreva a situação, David.*

— A situação é caótica! Estamos encurralados e sozinhos, enfrentando um exército de pessoas hostis!

— Não são pessoas — cortou Livia.

A voz de Carlos ficou mais apurada:

— *Foi enviada uma equipe especial até o povoado. Recebemos um comunicado de que não havia ninguém por perto... Encontramos o helicóptero da COPS em uma região selvagem, mas vocês não estavam lá.*

David franziu o cenho, abalado.

— Como assim? Por que não nos procuraram?!

— *A busca foi realizada! Estávamos aguardando sinais de vocês, mas ninguém conseguiu localizá-los... O que aconteceu? Cadê o resto da equipe?*

— Preste atenção, Carlos. A gente tá sem tempo e o sinal pode cair. Houve uma queda de energia ontem à noite, mas, por uma razão misteriosa, a eletricidade voltou. Isso deve ter favorecido o nosso contato. De qualquer forma, saiba que a situação não é simplesmente anormal. O que estamos enfrentando aqui vai além daquilo que se possa imaginar; além de um código vermelho. Tá me entendendo? Isso não é um exagero! Fomos atacados pelos habitantes daqui. A equipe desapareceu, e além do Taj, não conseguimos estabelecer comunicação com ninguém. Só restamos nós dois, eu e a oficial Sanches. Fugimos do povoado, na direção norte, e nos refugiamos em uma mansão, onde agora estamos.

— *Se não fosse você agora falando comigo, David, eu não acreditaria... Que merda é essa, cara?!*

— Essa merda é um incidente biológico, Carlos. As pessoas desse lugar não são mais pessoas. Descobrimos que os proprietários da mansão são os

Mombach, os verdadeiros autores de tudo isso. Essa família era doente, obcecada pelo oculto, mas temos evidências que comprovam que o Clayton Mombach realizou experimentos ilegais aqui!

Desesperado, David passou para Carlos o maior número de informações possível. Em silêncio, o criador da Dark Net escutou tudo com atenção e mostrou-se impressionado.

— *Caramba! Um dos nossos soldados foi informado por um civil, de que nenhuma equipe foi vista em Paraíso Florestal. Isso significa que eles estão acobertando tudo, talvez tenham ser descobertos... Mas fiquem calmos e mantenham-se em um lugar seguro. Já estamos providenciando tudo para resgatá-los.*

— Cadê o capitão? Coloque-o na linha!

— *O capitão não está aqui.*

— Que inferno! — David chutou a quina de uma estante. — Vocês já deviam estar aqui! Se acontecer alguma coisa com a gente, vocês serão os culpados! O tempo está correndo! Estamos ficando sem munição, com fome, com sede, e temos uma legião de criaturas atrás de nós!

— *David, se acalma, a gente vai tirar vocês dessa! Só o fato de estarmos nos comunicando já é um avanço!*

Lívia tomou a frente do parceiro:

— Escuta aqui, idiota. Nesse momento, os nossos parceiros devem estar morrendo. Não estamos falando de pessoas comuns, iguais a você ou a mim, entendeu?! São bestas, feras selvagens! Vocês nos mandaram para o inferno! Agora tratem de nos tirar daqui antes que essa ameaça infernal atinja a população!

— *David* — a voz de Carlos ficou mais séria —, *do que exatamente estão falando?!*

— Apenas informe ao capitão que estamos na mansão dos Mombach —

reforçou David, privando Carlos de maiores detalhes. — Se já não estiver a par de tudo, ele vai ouvir uma excelente história quando chegarmos aí.

— *Como assim?*

— Porra, Carlos! O nível de tensão e de estresse tá além do limite! Quando a gente sair desse inferno, eu te conto tudo! Agora se adianta e manda ajuda!

— *Tá certo, já entendi!* — Do outro lado, Carlos respirou fundo. Era possível escutar um burburinho atrás da voz dele. — *Um novo helicóptero acaba de ser enviado. Procurem um lugar seguro para se esconder. Será questão de tempo até a equipe resgatá-los! Agora me diz se nós... Bem... Nós perdemos alguém?*

Mesmo sabendo que precisava transmitir um sinal de alerta, ao olhar para Livia, David tentou exceder os maus pensamentos.

— Eu tô te falando, Carlos... A situação é extrema! O Taj pediu socorro. Ele deve estar muito ferido. O Calebe desapareceu, e depois da burrada de separar a equipe o sargento ficou incomunicável. — David lembrou-se de ter visto Deke conversando com alguém no telefone via satélite, horas atrás. — A propósito, o sargento entrou em contato com vocês?

— *Não.*

— Não?!

— *Você é a primeira pessoa com quem eu falo.*

David ficou intrigado.

— Tá certo... A gente aguarda a equipe de resgate.

— *Todas as informações serão passadas ao capitão.*

— Obrigado, Carlos. E pelo amor de Deus... Não demorem!

— *Aguentem firme. Já estamos a caminho.*

A chamada foi desligada.

David ficou pensando irrefreavelmente.

Livia sabia o motivo.

— Está pensando no sargento?

— Estou — confirmou o parceiro. — Não consigo tirar a cena da cabeça...

O Deke na estufa, sem o traje da COPS, conversando com alguém.

— E se ele estivesse mesmo conversando com o capitão?

David sacudiu a cabeça.

— Se fosse verdade, o Carlos saberia, ainda que o capitão estivesse fora do departamento.

Livia aceitou o palpite.

— E agora? O que faremos? Ficamos aqui dentro, parados? Esperando o resgate chegar?!

David não respondeu.

Após um minuto de silêncio, apanhou a biografia da família Mombach e folheou-a de novo.

Queria acreditar que, em meio de tantas palavras, encontraria alguma pista importante, quem sabe, a respeito da emblemática passagem secreta.

Livia ficou curiosa:

— O que está fazendo?

— Analisando as datas.

— Certo. — Ela caminhou até o mecanismo reforçado, e encarou o teclado digital, no centro do alçapão. — As datas podem sugerir uma senha, por mais difícil que seja...

David releu a história de vida do primeiro membro da família, refletindo.

— Se a senha corresponde a uma data importante, ela deve estar de acordo com a vida de Jeremy Mombach, o verdadeiro proprietário da mansão.

— Já tentamos a data de seu nascimento.

— Pode ser outra.

— E aquele engenheiro? — Livia coçou a cabeça, tentando recordar-se. — Um dos melhores amigos do Jeremy, e também do Salvador Dali...

David avançou nas páginas e parou na qual mostrava a fotografia de Jeremy ao lado de seu talentoso amigo, Archibald Von Sant.

— Vamos ver. Jeremy contatou Archibald... Aqui. Eles conversaram sobre a construção e Archibald aconselhou-o a viajar... OK. Após o desaparecimento de seu empresário, Jeremy e Nora regressaram à América.

— David destacou um parágrafo e começou a ler em voz alta. — Veja: “Em dezembro de 1937, Jeremy promoveu um jantar reservado em um hotel, na cidade de Nova York, com a presença de seus amigos e advogados...” Beleza. Agora preste atenção: “Em fevereiro do ano seguinte, ele e Nora viajaram para o Brasil e, na companhia de Archibald Von Sant, conheceram finalmente o seu novo e aconchegante lar.” Isso significa que a casa foi inaugurada em 1938.

— Vejamos. — Livia inseriu os quatro números no teclado e aguardou.

Infelizmente, a data não correspondia à senha.

— Merda. Está errada.

— Deixe-me ver. — David folheou o livro até o nascimento de Samanta.

— Tente as datas do nascimento dos filhos.

— É uma boa ideia.

— Clayton nasceu em julho de 1954.

Livia digitou a data, e lamentou-se.

— Errada.

— OK, vejamos a data da Samanta... — O soldado deitou o dedo na página envelhecida. — Aqui está. Samanta nasceu no dia 06 de fevereiro de 1959.

Livia digitou mais uma vez, e do mesmo modo falhou.

— Ainda não bate.

— Droga... É mais difícil do que imaginei!

— Quem poderia ser mais importante para o Jeremy, do que os próprios

filhos?

David sugeriu Nora Fontine. Tentaram utilizar diversas datas que remetiam aos momentos de ouro da atriz brasileira. O dia em que ela e Jeremy se conheceram, os programas na tevê, o casamento dos filhos... Não deu certo.

Lívia comentou:

— O guia do Jeremy salvou-lhe a vida, não foi?

— Kalulu e Kadica... — David repaginou o livro inteiro, destacando todas as fases do Jeremy, desde a sua estadia na África do Sul até a mudança para o Brasil.

Primeiro tentaram utilizar a data em que o arqueólogo conheceu o casal de africanos.

Falharam.

Depois tentaram somar a quantidade de letras de seus nomes, assim como as do próprio Jeremy e novamente sua esposa e filhos. Nenhuma das combinações foi aceita pelo mecanismo.

— Não vamos conseguir.

David passou o livro para Lívia, que ficou a estudá-lo. Ela releu as cartas da família, as escrituras misteriosas, os acontecimentos importantes e, por fim, chegou à trágica carta de suicídio de Jeremy Mombach.

Mordeu os lábios, raciocinando...

No finalzinho da confissão, uma frase interessante estava grifada pelo próprio suicida.

— *Deixe que Kalulu o guie.*

— O quê?

— Está na carta de suicídio, feita pelo próprio Jeremy. O que acha disso?

David olhou em volta, em busca de uma direção. Kalulu devia ser o caminho. Contudo, que sabiam eles sobre a vida do guia africano? Teve uma súbita ideia...

— Vamos analisar a planta da mansão.

Apanharam as três plantas desenhadas por Archibald Von Sant. Desdobraram a do terceiro piso e esticaram-na sobre o assoalho, estudando cada um dos cômodos que ainda desconheciam.

Lá em cima, além do depósito, do ateliê de Christina e de outros quartos que provavelmente pertenciam aos empregados da família, existia um recinto interessante, que carregava os nomes do casal de africanos.

— Precisamos ir até o quarto deles — disse David. — Acredito que a resposta esteja lá, sabendo que Jeremy os admirava.

Lívia aprovou a ideia, mas não escondeu o temor.

— A minha munição está acabando.

— A minha também.

— Não podemos cruzar o caminho daquelas criaturas de novo...

— Eu sei. — David olhou para o alto, precisamente na mira da cúpula de vidro, além da galeria. — É por isso que pretendo subir por outro caminho.

Ela acompanhou seu raciocínio, boquiaberta.

— Espere um pouco... Você está planejando subir por aquele teto?

— Acho que devemos subir através dele, sim.

— Como pretende atravessar o vidro?

Como resposta, o soldado mirou o rifle para cima e disparou. Lívia escapou para um lado, na medida em que a vidraça estourava e estilhaçava no chão.

Cinco balas foram mais do que suficientes para abrir uma cratera na cúpula.

Os cacos de vidro pararam de cair, molhados pela chuva da noite.

David caminhou até o centro e analisou o teto com mais atenção.

— É... Eu acho que vai servir.



— SEU LOUCO. — Lívia estava abismada. — Veja só o estardalhaço que fez!

— Foi mal... Eu precisava fazer isso.

— Como chegaremos lá em cima?!

— Eu já lidei com escaladas muitas vezes, por isso mantenho sempre uma corda na reserva.

David abriu a mochila e apanhou uma corda para camping, com ganchos resistentes nas duas pontas. Na companhia de Lívia, subiu até o andar superior da biblioteca, pela escada triangular. Povoaou a galeria repleta de estantes e examinou a distância de onde estava para o teto, que devia ser em

torno de três metros e meio de altura. Havia uma resistente estrutura metálica ao redor da cúpula, que sustentava o rigoroso peso da vidraça. Se David lançasse a corda sobre a estrutura, conseguiria facilmente prendê-la em alguma concavidade, e assim alcançaria o terceiro piso.

Lívia deu uma olhada para além do vidro e destacou os paredões do sótão lá em cima.

O teto da biblioteca situava-se no terceiro andar. A única maneira de invadir o quarto de Kalulu e Kadica seria através de uma possível janela.

— Espero que isso dê certo — murmurou.

David desenrolou a corda e preparou-se para lançá-la. Apoiou-se numa das pilastras da galeria e deu início a uma série de tentativas. Errara seis vezes. No sétimo lançamento, a corda volteou a estrutura metálica e o gancho se prendeu em alguma coisa.

Lívia estremeceu.

David puxou a corda com força, várias vezes, para saber se estava segura. Segurou a ponta livre com mais vigor, deu a volta na pilastra de madeira e, graças ao apoio do gancho, a manteve presa após dois reforçados nós.

Ficou acertado que Lívia o aguardaria subir primeiro.

Ele manteve o rifle no coldre das costas, agarrado a mochila, e preparou-se para escalar, enquanto ela segurava a corda com vigilância, observando todos os cantos da biblioteca.

— Tenha cuidado.

O medo de se deparar com alguma criatura jamais deixara a mente da oficial, por isso não se limitou a observar cada centímetro do cômodo suspeito.

David não levou muito tempo até alcançar a cúpula. Dono de uma desenvoltura invejável, simplesmente envolveu a corda numa das pernas e subiu rapidamente. Os braços ajudaram no percurso, pois eram fortes e ágeis.

A chuva tombava com força, descendo pelo buraco da vidraça. Por causa da água, seu corpo sofreu um pequeno deslize. Assustado, ele segurou-se na estrutura com firmeza e acenou para Lívía, que logo abaixo, preparava-se para embarcar na corda.

O vento passeava com força, e com ele o murmúrio da noite. David tateou a estrutura metálica com cuidado — dando o melhor de si para evitar um corte com os afiados vidros — e subiu através do buraco na cúpula, chegando ao teto do segundo andar. Um calafrio súbito lhe percorreu o corpo, seguido pelo receio de escorregar no teto molhado. Com cuidado, localizou o gancho da corda. Estava preso num dos anéis de ferro que emoldurava a vidraça esférica. Segurou-o firmemente e esperou que Lívía subisse, dando uma olhada nos paredões do terceiro piso da casa e supondo suas passagens perigosas.

Quando Lívía chegou ao teto, suspirando de cansaço, apontou para as quatro direções e destacou duas janelas em duas distintas paredes; uma de frente para a outra.

Cuidadosa, manteve o equilíbrio sobre o teto irrigado, imaginando as formas dos próximos cômodos que desbravaria.

A cúpula da biblioteca era cercada por paredões que formavam o sótão da mansão. Durante o dia, ela recebia com amor os belos raios solares que levavam às prateleiras lá embaixo uma luz angelical. Lívía deixou-se olhar para baixo e sonhou acordada, enxergando os Mombach reunidos em uma tarde agradável de verão, repleta de leitura e novos conhecimentos. Logo despertou e foi tomada por uma súbita tontura, em virtude da possibilidade de bater de frente com as criaturas horríveis.

Os trovões ecoavam com intensidade.

Banhados pela tempestade, os oficiais afrontaram as janelas que davam para a cúpula; a única maneira de penetrar no sótão seria através de uma

delas.

— Deveríamos tomar à esquerda — aconselhou Livia. — De acordo com a planta, ela nos conduzirá a uma sala e corredor próximos ao quarto dos africanos.

A janela direita, David matutou, os levaria diretamente a uma área de um enorme corredor, e era pouco provável que estivesse deserto. Temendo dar de cara com outra coisa cavernosa, resolveu seguir o instinto da parceira. Com cuidado, utilizou o rifle e arrebentou os vidros da janela esquerda, dando uma leve espiada no céu tempestuoso para saber se nada os vigiava de lá do alto.

— Você vai primeiro.

Ele aprumou-se na parede, uniu as duas palmas e pediu que Livia saltasse. Ela tomou impulso, pisoteou-lhe as mãos e se agarrou ao peitoril, invadida pelo incômodo de estar sendo observada pela coisa voadora que vira ainda no posto. Já que estavam em uma região aberta — praticamente no topo da mansão — então seria provável que o dragão-morcego estivesse rodeando os tetos da propriedade, esperando suas vítimas saírem para poder caçá-las.

— O que está esperando?! — David indagou preocupado.

— Nada — Livia fez de tudo para esquecer a coisa voadora e atentou-se a janela — Tentarei dar uma olhada antes de entrar.

Afastou alguns cacos de vidro, empurrou a veneziana de leve e observou um ambiente escuro, marcado pelo silêncio opressor. A luz da lanterna foi acesa, revelando os primeiros móveis que se formavam ao longo da escuridão.

— Tudo bem, está seguro.

Livia entrou na sala.

Atrás dela, David invadiu pela janela e respirou o ar pesado do local.

Destacaram alguns móveis à distância, como pequenos sofás, estantes, aparadores com espelhos e um carrinho de chá próximo a uma mesa de vidro.

Tatearam os lambris das paredes até encontrarem o interruptor. Acendeu-se uma luz vacilante, que lhes mostrou uma pequena sala de estar — a mesma apontada na planta da casa. Além do carrinho de chá, Livia observou dois vasos africanos cobertos por folhas mortas e uma estátua de louça de um lobo enraivecido.

Havia três portas diferentes no cômodo, sendo que a maior delas jazia aberta, revelando um caminho longo e obscuramente assustador.

A ideia de povoá-lo para saber o que havia além de todo o negrume fazia eriçar os pelos de seus corpos. Os oficiais observaram o caminho infinito, em silêncio, e sentiram uma físgada no peito; uma movimentação esquisita, semelhante à de um ser rastejante, foi percebida na região do teto anguloso ao fim do corredor, produzindo um zunido discreto, porém conflitante...

David constatou a planta e notou que a menor das três portas dava para uma bela sacada nos fundos da mansão. A terceira, que se encontrava aberta, conduzia ao dormitório de Kalulu e Kadica.

— Vamos por aqui.

Sem tempo a perder, tomaram a passagem e invadiram o quarto, cujo cheiro profundamente forte causou-lhes uma leve tontura. Livia segurou a pistola com uma das mãos e tampou as narinas com a outra. O odor intragável parecia ser uma excêntrica mistura de cânfora com alho e cebola apodrecida.

— Que cheiro insuportável.

Um clarão de raio atravessou a dupla de janelas e iluminou parte do cômodo.

David olhava na direção da parede, à direita, quando viu um rosto moreno, com olhos bem abertos de tão vivos, encarando-o...

Assustado, apontou o rifle com rapidez e posicionou o gatilho, não atirando porque a luz foi acesa pela parceira, e revelou-lhe que os olhos na parede

eram de um belo quadro antigo, feito com tinta a óleo, por um artista familiar.

Que susto.

O soldado suspirou.

O quarto era um pouco baixo, em virtude da curvatura do telhado.

David aproximou-se da tela e reencontrou a mesma negra atraente que vira no quadro da sala de fumantes, com túnica na cabeça, olhos claros e um par de argolas douradas nas orelhas. Ao lado dela, estava a imagem de um negro forte; Kalulu tinha feições rigorosas, olhos entrecerrados — bem assustadores — e colares simbólicos pendurados no pescoço. Tanto ele quanto Kadica usavam trajes regionais africanos. Abaixo das pinceladas, estava a pequena assinatura de Archibald Von Sant.

David admirou a cama de casal, posicionada sob o quadro, e tentou, fantasiosamente, imaginar Kalulu e Kadica ali, sentados, olhando-o diretamente nos olhos, preparados para falar o que Jeremy quis dizer em sua última carta.

Deixe que Kalulu o guie...

Guiar para onde?

Além da cama, havia dois armários vazios, uma penteadeira desgastada e uma prateleira na parede, que subia em zigue-zague até a curvatura do teto. Livia tateou todos os livros que encontrara, e deu uma olhada em alguns artefatos antigos que aparentemente viera do continente africano. David arrancou os lençóis da cama, suspendeu o colchão e olhou em baixo dela. Afastou-a para melhor examinar o assoalho, pisoteou-lhe com força e fez pressão com as mãos, para saber se o piso não escondia algum compartimento.

Queria acreditar que existia algum segredo no quarto!

Uma pequena lareira de pedra situava-se diante do leito do casal. Livia resolveu examiná-la e tocou nas rochas com cuidado. Ajoelhou-se lentamente

e bateu a grelha para saber se não havia algo oculto por ali.

— Não há nada...

David afastou a cama com força e caturrou. Não conseguiu encontrar nenhum indício de que o piso ou mesmo as paredes ocultavam algum segredo.

Mais um raio chispou lá fora.

Livia sofreu um calafrio.

— David, vamos voltar à biblioteca.

— Espere um pouco.

— Não encontramos nenhuma pista. É melhor voltar e tentar a sorte!

Desconfiado, David afrontou o quadro com atenção. A parceira acompanhou-lhe no ato e se perguntou por que as mãos de Kalulu, na pintura, permaneciam abertas...

— O que isso quer dizer?

Era como se o africano, na medida em que estendia as calejadas mãos, estivesse oferecendo algum tipo de ajuda. Porém, quem seria o beneficiado?

— Deixe que Kalulu o guie. — David engoliu com força. — O que será...

Um trovão estrondou no céu e fez a luz vacilar um pouco.

Ele tocou no quadro, arrepiando-se, e sentiu uma intensa fragilidade no tecido engomado da tela. Apertou o tecido... De novo, dessa vez com mais força. O interior do quadro parecia oco.

— É isso. — O soldado abriu um leve sorriso. — Esse é o caminho!

Bateu a moldura do quadro e tentou, de diversas maneiras, retirá-lo da parede.

Livia juntou-se à atividade.

Por mais que tentassem, o objeto não se desprendia. Parecia estar embutido no lambri.

David tentou outra coisa. Apanhou seu canivete afiado e mirou-lhe no

tecido da tela. A parceira segurou-lhe a mão depressa e impediu o golpe.

— O que está fazendo?

— Precisamos descobrir o que ele esconde.

— E se... — Ela foi atropelada pelos próprios pensamentos, que desaprovavam aquela atitude. — E se rasgar esse quadro não for uma boa ideia?!

— Me desculpa, mas eu preciso fazer isso.

Com um golpe certo, David enterrou a faca no tecido.

Lívia levou a mão à testa.

Ele rasgou um círculo sobre a imagem de Kalulu e arrancou parte da pintura, descobrindo um pequeno compartimento de madeira no fundo do quadro. Apanhou a lanterna e, com muita cautela, iluminou o interior do compartimento, cheio de fascínio.

— Eu sabia... De algum modo, tinha certeza de que esse era o caminho!

Lívia ficou impressionada.

Ali dentro, David encontrou um livro de capa de couro que dizia “Feitiçarias Antigas” e um porta-retratos contendo uma fotografia conservada de Kadica e Kalulu, diante de uma enigmática cripta sinistra, repleta de colunas pedregosas, gárgulas infames e uma série de traços rústicos sobre uma misteriosa data gravada na ponta de um oitão.



O coração de Livia disparava.

Analisando a fotografia, David se concentrou apenas nos quatro números.

— 1824. — David balbuciou — Deve ter sido o ano em que Archimedes Mombach nasceu, assim como devem ser os dígitos da senha!

Um som de arrombamento veio de longe.

Os oficiais ficaram sérios. Livia, trêmula:

— O que foi isso?

— Não quero ficar para descobrir...

Guardaram o livro e a fotografia na mochila, e apressaram-se em voltar.

Antes de deixarem o quarto de Kalulu e Kadica, pensaram em milhões de hipóteses catastróficas que poderiam acometê-los além daquela passagem.

“Um barulho de porta se quebrando...”

As criaturas poderiam farejá-los, é claro... E se estivessem tentando cercá-los naquele exato momento?

“Poderíamos tentar as janelas, dar a volta pelo telhado e alcançar a cúpula da biblioteca...”

Uma fuga pelas janelas não seria uma ação inteligente.

Livia deu uma espiada através de uma delas e deteve-se, assustada, ao observar as árvores sombrias que se remexiam a uma distância tremenda do sótão. Além disso, não havia passagem segura que pudesse conduzi-los até o teto de vidro da biblioteca. A chuva continuava intensa; os raios imperando em um céu agitado e perigoso.

— A única maneira de voltar — murmurou David — é atravessando essa porta.

O som dos trovões e das águas se abatendo contra o telhado causava um ritmo tenebroso.

Depois de escutar um arrastar às escuras (provavelmente no corredor adiante), Livia prendeu a respiração; David sinalizou um pedido de silêncio,

próximo da porta, e encostou o ouvido na madeira, a fim de captar o ruído que agia do outro lado.

Quietos.

O mesmo arrastar de antes.

Mais lento, esperto, discreto...

David arregalou os olhos.

Suas convicções levaram-no a crer que algo inteligente e bizarro o aguardava no cômodo seguinte, porque jurara ter escutado uma respiração cava chegar aos seus ouvidos apurados.

Deveria seguir em frente mesmo quando o perigo se mostrava próximo?

Não havia mais para onde ir, exceto aquele caminho...

Olhou para a parceira e fez um “sim” com a cabeça. Pela centésima vez enfrentariam o maior e mais escuro de todos os medos.

— Não encare o corredor.

Suando frio, a parceira acedeu.

Então a porta foi aberta com uma rapidez estupenda. David partiu na frente com a arma em posição e evitou as trevas do cenário. O mesmo, contudo, não ocorreu com Livia; ela deixou-se notar a região do corredor e viu — com o espírito quase fora de seu corpo — um vulto polpudo, repleto de garras ou tentáculos viscosos, que pareciam mover-se ao longo do cômodo comprido. Logo um raio iluminou o cenário, silhuetaando os membros enormes que escapavam do monstro rastejante. Livia gritou na mesma hora, vítima da abominação que tinha ao seu alcance; foi puxada pela mão de David e correu o máximo que pôde, temendo ser perseguida pelas garras diabólicas.

Sorrateiros, atravessaram a sala de estar e desceram pela janela quebrada.

Arranjaram um meio de selar a passagem, a fim de manter o monstro tentaculado o mais distante possível.

Sem deixar de encarar a janela, planaram no telhado da biblioteca e

seguraram a corda fixa.

David chamou pela parceira, que parecia habitar outra dimensão.

— Lívia, foque em mim!

E se os tentáculos arreventassem a janela?

E se o monstro os alcançasse e chupasse todo o seu sangue?

Eram soldados treinados, temerários quase que por natureza; mas por baixo da farda, das armas e dos músculos enrijecidos, eram seres humanos falhos, condicionados ao maior de todos os receios idealizáveis.

— Vamos descer agora, OK? — David tocou nos ombros da parceira, que olhava de forma aterradora para ele e para a janela, ao mesmo tempo. — Eu posso contar com você?!

Lívia engoliu depressa antes de aquiescê-lo.

Temerosos, agarraram-se a corda e desceram pela cratera na cúpula de vidro, pousando lentamente no corrimão da galeria.

Os trovões causavam ecos no ouvido que zuniam.

Tensos, David e Lívia se dirigiram ao primeiro piso da biblioteca e agacharam-se diante do mecanismo com suas terríveis teclas à mostra. Flechado pela ansiedade, David apanhou o retrato de Kalulu e Kadica e começou a ditar os números da referida data gravada na cripta, enquanto Lívia digitava aos empurrões.

Após inserir a senha, ela afastou-se um pouco para testemunhar o efeito, e uma luz verde, em forma de esperança, faiscou no mecanismo reforçado.

Um ruído mecânico repercutiu por todo o ambiente.

Assustados, David e Lívia ficaram em alerta, até que uma cena das mais formidáveis se formou perante seus corpos abalados.

Os degraus da escada triangular começaram a se mover para baixo — um a um — em ordem decrescente, delineando uma sequência de sons metálicos e pesados, que se dividiam e se encontravam de novo, até formarem uma nova

estrutura resistente. O último degrau cedeu (igualmente ao penúltimo, o antepenúltimo, e assim por diante), até que todos formassem a nova escada para baixo, delineando a passagem secreta.

Aonde deveria conduzir? Ao porão-jardim descrito por Samanta?

Atônitos, os soldados caminharam lentamente, até ficarem próximos de sua nova e implacável descoberta.



DAVID E LÍVIA deram uma olhada para além dos degraus, que desciam assustadoramente por um caminho estreito e escuro.

Ela questionou:

— Quem vai primeiro?

— Vamos juntos.

— Não sei se é uma boa ideia...

— Precisamos descobrir o que há lá embaixo. — David piscou os olhos e imaginou-se nas profundezas da mansão, correndo contra um rio de fogo, enquanto as criaturas tentavam abocanhar seus pés. Lembrou-se inevitavelmente de Taj, do medo infundável presente em suas palavras e da

corde babilônica que espreitava seus passos. — Eu não posso ficar aqui parado. Não podemos.

— Uma nova equipe de resgate está a caminho, David. Eu tenho medo que aconteça alguma coisa conosco, antes de sermos resgatados.

— Não vai acontecer nada.

— Como pode ter certeza?

O soldado sondou-a com seus olhos:

— Meu pai me dizia uma coisa interessante, da qual eu nunca esqueci.

— O que pode ser?

— Não podemos ter certeza sobre todas as coisas, mas somos capazes de acreditar nelas... E depois de tudo que passamos, acho que podemos acreditar na nossa sobrevivência. Não concorda comigo?

Num gesto leve, mas não menos assustada, a parceira assentiu.

Pisotearam o primeiro degrau e espionaram a passagem, perguntando-se para onde se dirigiam. Ligaram suas respectivas lanternas, iluminaram parte das paredes com fiações e reforçadas engrenagens e tomaram uma curva que os levou a uma porta de ferro.

— Está cada vez pior. — sussurrou Lívia.

David manejou a maçaneta.

A porta estava aberta. Através desta, chegaram a uma antessala circular com paredões de pedras, tendo uma enorme pilastra ao centro. O odor de mofo era intolerável. Uma segunda passagem foi vista além da pilastra. David tomou a frente e, assustado, seguiu o caminho. Passou sob três duplas de arcos de pedra, chegou a um novo cômodo empoeirado e viu, deslumbrado, um novo alçapão aberto. Ele pediu que Lívia lhe cobrisse e foi examinar a misteriosa abertura, cuja tampa metálica jazia envolvida por correntes enormes e resistentes.

— Isso é esquisito.

— O que acha?

— Seja lá quem fez isso — o soldado raciocinou —, não queria que descobrissem o que esconde lá embaixo.

— E adivinha só... — Ela disse. — É para lá que nós estamos indo. Não é uma ideia extraordinária?

— Se você não quiser ir, me espere aqui.

— E você acha que eu ficaria sozinha nesse mausoléu?! Se você vai, é claro que eu vou junto... Não te deixarei sozinho.

Uma linha de preocupação traçou o rosto de David antes que ele iluminasse o alçapão; para a sua surpresa, estava aberto.

Ele colocou uma perna, sentiu com a sola da bota um degrau de ferro e se descobriu numa pequena escada em aço galvanizado, em formato de caracol.

Ficou a supor o que havia lá embaixo.

Enquanto pisoteava os degraus, Lívia se recordava das palavras de Samanta, temendo dar de cara com ela em alguma área ainda mais remota do subsolo.

A descida foi rápida.

A lanterna iluminou o que deveria ser uma antecâmara isolada, com muitos objetos destroçados, móveis antigos, aparelhos eletrônicos e outros itens abandonados.

Lívia comoveu-se com a grande quantidade de aparelhos eletrônicos. Tudo o que deu por falta na mansão, como televisores, rádios, ventiladores ou computadores, estava reunido ali. Ficou pensando na possibilidade de Clayton ter feito aquilo. Se ele era o verdadeiro autor das notas experimentais envolvendo os possíveis corpos humanos, as fusões de DNA e as outras manipulações genéticas, então provavelmente careceria de energia.

— Olhe isso — disse David, iluminando uma estante de ferro atulhada de diferentes tipos de baterias para automóveis. — Todas amontoadas e

organizadas.

A parceira ficou intrigada.

— Temos um grande colecionador por aqui.

— O que sugere?

Lívia falou:

— O Clayton está por trás disso.

— Pegue o caderno dele... Eu quero ver uma coisa.

Lívia abriu a mochila e apanhou o caderno de Clayton Mombach. David reviu as três páginas escritas pelo homem e destacou a seguinte anotação:

— “Precisarei me livrar de muitas coisas para concluir o próximo experimento. O doutor assegurou-me que a energia é um recurso indispensável, por isso providenciei os cabos e as baterias...” Coincidências?

— Eu não acredito mais em coincidências.

— Ele utilizou todas as baterias.

— E assim realizou seus estudos doentios.

O soldado tentou iluminar os pontos inalcançáveis da antecâmara. Detrás da estante, havia um número absurdo de cabos de aço, fios elétricos e algumas ferramentas cirúrgicas sobre uma enferrujada maca hospitalar que bloqueava uma porta dupla de metal. Puxaram a maca com força, afastaram-na da porta e prepararam-se para atravessar a passagem.

Lívia perguntou:

— Está pronto?

Impaciente, David girou o corpo e chutou a porta.

O cenário que surgiu diante de seus olhos levou-os à indolência.

Tão incrível foi a surpresa, que naquele instante até a pistola de Lívia abaixou.

Foi algo além das premeditações, algo que debelava seus maiores instintos.

Uma fileira de jaulas, iluminadas por uma extensa corrente de luzes azuis,

adornava um dos cantos do recinto. Sobre cada uma delas, pendurada estava uma plaquinha de metal com uma numeração gravada, levemente corroída pelo tempo.

03... 04... 05... 06...

Recordaram-se das anotações de Clayton. Não acreditavam mais em coincidências.

O local, a despeito dos cômodos anteriores, afigurava-se a uma enfermaria e laboratório modernos e higienizados; uma sensação de leve distanciamento do horror vivenciado nos cômodos da mansão. Na mente dos exploradores, esse relaxamento momentâneo se mostrou perigoso e traiçoeiro, sobretudo após observarem o que veio a seguir.

Graças à luz da sua lanterna, compactuada a coloração azul do ambiente, David conseguiu avistar alguns armários de ferro nos extremos da sala. Viu duas estantes de vidro contendo centenas de cápsulas de remédios, frascos e seringas, uma mesa muito semelhante às quais são utilizadas pelos cirurgiões e, encolhido debaixo dela, um corpo humano nu e retorcido — vivo — a tentar se arrastar para longe. À beira do corpo, notava-se um emaranhado de fios, e cateteres transparentes que pendiam de um soro escurecido, cujo conteúdo era transportado para as veias do homem despido ao chão.

— Não pode ser.

O soldado iluminou o corpo molhado e trêmulo; parecia temer sua presença, ou sofrer com sua aproximação, porque se espremia, gemia e tentava se afastar. Havia hematomas enormes ao longo da pele úmida e avermelhada, pontilhada pelas perfurações das agulhas.

— David... — iniciou Lívia.

— Eu... Eu não acredito nisso, cara...

As mãos do corpo humano comprimiam os próprios braços musculosos e tatuados; as pernas sofriam uma série de estalos agonizantes e, já desgastada,

a voz sucumbia à mácula da dor.

David foi chegando mais perto...

Lívia tentou impedi-lo.

A primeira lágrima desceu de seus olhos. Não queria acreditar no que via. Recusava-se a crer que aquele corpo era o que era, ou no que estava para se tornar.

Finalmente o corpo se moveu; as mãos soltaram os braços, as pernas se esticaram e a cabeça virou na direção de David, que chorava.

Lívia envolveu o parceiro em um abraço, tentando afastá-lo dali.

David empurrou-a para trás e voltou a iluminar o corpo, que sofrido arrastava-se pelo chão.

A cabeça já estava quase totalmente virada quando o horror em forma humana veio ao mundo. O soldado mergulhou no próprio choro, e soluçou:

— Por que você, Taj? O que fizeram com você?

É difícil descrever o maior de todos os sofrimentos.

Taj (ou, pelo menos, o que restou dele) poderia, entretanto, ser talvez o melhor exemplo de toda aflição imunda a que o homem pode ser submetido. Os olhos tristes e deprimidos, os lábios sujos e escancarados, movidos pela deformidade de sua nova raça... A pele úmida, lisa e fraquejada, quase solta... A voz angustiada, a gorgolejar sons que não podiam ser compreendidos!

Lívia apontava a pistola para ele, distante.

David deu um passo à frente.

Taj estava de pé, levemente inclinado.

Um risco fino traçou-lhe o rosto, do queixo até a testa; aos poucos, foi se alargando, tornando-se grosseiro e cada vez mais avermelhado.

— Venha conosco, parceiro — suplicou David, lamuriado. — Eu posso te salvar. Vem com a gente...

Taj soltou um berro lancinante. Seu rosto se abriu grotescamente em dois — a bochecha foi rasgada, o nariz destroçado e os dentes destruídos — e de dentro dele (da carne viva e ensanguentada), um ferrão semelhante ao de uma vespa foi lançado contra David, conduzido por uma espécie de tentáculo nunca visto antes em toda a vida do soldado.

Não fosse pelo excelente reflexo, David seria atingido na garganta.

Desvencilhou num salto violento e tombou com as costas no chão; o rifle empunhado.

Ficou a observar a coisa horrenda que se apossou do corpo do melhor amigo. Estava trêmulo de medo, de tristeza, e muito impressionado.

A metade esquerda do rosto de Taj vibrava de um lado, enquanto a direita desprendia-se do outro, gotejando o sangue sem parar. Os olhos que não enxergavam nada se reviravam em suas cavidades. A voz pavorosa gritava, cheia de angústia e terror. Era possível destacar a mescla de veias dentro da cabeça, os músculos rasgados e parte dos ossos do crânio.

David não sabia como lidar com aquilo. Como a ciência explicava tal espécie de monstruosidade? Beirava à loucura e o impensável! E como poderia acabar com aquele sofrimento? Como salvar o melhor amigo?

Lívia olhou para o parceiro, preocupada. Não conseguia atirar na coisa.

— David, se afaste dele... Não é o Taj!

Porém, o oficial Cordova ainda não estava resoluto a acreditar no que via. De algum modo, o melhor amigo existia naquele corpo.

— Você precisa acabar com isso! — gritava Lívia, apavorada. — Atire nele!

— Não... Eu não posso!

O corpo disforme de Taj escorregou, mas logo se firmou de pé.

Lívia se alarmou.

— Atire!

— Cale a boca! — explodiu David. — Eu não consigo, porra!

Nessa hora, ao virar-se para Livia, não percebeu o ferrão pontudo que irrompia da cabeça de Taj. Livia empurrou David com força e salvou-lhe da nova picada. No andamento da ação, girou o corpo para trás e, com força, libertou um golpe de pernas contra a coisa, que se desequilibrou e caiu sobre a mesa cirúrgica.

Puxadas pela série de cateteres, as agulhas se desprenderam das veias de Taj, então gritos ensurdecedores começaram a ser emitidos por todo o seu corpo, como se escapassem dos poros.

Livia mirou o revólver na cabeça da criatura e apertou o gatilho três vezes.

A carne viva estourou e desfragmentou-se, formando uma cratera.

A oficial não desistiu e apanhou uma granada, puxou a cavilha e lançou-a contra Taj, que disparou o ferrão e envolveu o explosivo com seu assombroso tentáculo.

David ergueu-se rapidamente. Livia tomou-lhe a mão e correu o máximo que pôde, saltando para além da porta dupla, ainda antes que o impacto os atingisse.

A explosão foi arrasadora. E quando ambos caíram longe, protegidos, perceberam que partes do corpo de Taj foram lançadas nas paredes, nas estantes e até mesmo em suas roupas.

Com o ouvido zunindo, Livia respirou fundo.

Desolado, o soldado levantou-se.

Não podia ser real. Não podia.

No fulgor da apreensão, Livia perguntou se David estava bem.

Ele assentiu com a cabeça. Massageou os braços, as orelhas que queimavam e caminhou até a corrente de fumaça, que abaixou e deixou a carnificina à vista. Observou a sala destruída e viu, em meio à vidraça das estantes, o braço tatuado do seu melhor amigo.

Os olhos se encheram de lágrimas de novo. O que restara dele jazia espalhado por toda aquela sala infernal.



David respirou o ar inominável de desolação que pairava na atmosfera. Observou as pedras manchadas pelo sangue do amigo, os fragmentos de sua carne sobre as estantes despencadas e outros escombros que a explosão havia amortalhado.

Taj morreu... Parecia mentira.

Taj morreu, porra.

Morreu!

Quem mais morreria? A situação do amigo começou a perturbá-lo.

Olhou para a câmara sombria e buscou uma saída. O local era enganadoramente pequeno. A escuridão hedionda lhe enviou a imagem de Lívia estendida no chão, com as pernas e os braços decepados.

Balançou a cabeça... Suspirou.

Lívia atrás dele, assustada, e felizmente viva.

O desespero tem essa capacidade mórbida de nos pregar peças, assim como o medo, o pânico e a dor de se perder alguém numa condição tão trágica igual à de Taj.

David foi capaz de ouvir a voz do amigo de novo. As piadas que ele repartia no pelotão; os casos amorosos envolvendo as mulheres da sua cidade natal; a comida preferida; as gargalhadas triunfais nos momentos em que David imitava o capitão... Era tão irreal. Tantos anos de risos, camaradagem e alegria, finalizados de maneira tão grotesca e absurda!

Tudo se foi para Taj.

Acabou.

O soldado recordou-se daquela que sempre via no espelho, e isso dificultou as coisas...

Alessandra, quanta falta lhe fazia.

Aos poucos, as pessoas mais importantes da sua vida estavam lhe deixando para trás. Lembrou-se de seus pais, inesquecíveis, e das horas radiantes em que vivera ao lado deles.

Lívia não suportou vê-lo naquele estado, engolindo as próprias lágrimas.

Pousou a palma em seu ombro e tentou dividir as forças. De alguma forma, queria fazê-lo entender que não estava sozinho no inferno.

Foi quando, de repente, ele começou a falar:

— Naquela hora, no posto, quando eu te falei das perdas. Lembra?

Lívia assentiu.

David fechou os olhos, fazendo um grande esforço para conseguir falar.

— Não foi exagero.

— Eu sei que não.

— Perdi muita gente. — Balançou a cabeça num suspiro. — Primeiro, a minha mãe. Depois, minha mulher... Continuei aqui, mas nunca superei.

Mais uma pausa.

Ele fitou o teto, levemente perdido, os olhos aguados, sem cor.

— Tudo ficou difícil. Tudo perdeu a graça. E justo quando pensei que não podia piorar, veio o lance do meu pai... Dá pra acreditar numa merda dessas?

Lívia estava emocionalmente abalada, mas, ao mesmo tempo, surpresa com a estranha sensação de que havia conhecido o seu parceiro há muito mais tempo do que apenas uma noite.

— O meu pai faleceu há onze meses.

— Eu sinto muito, David. De verdade.

Ele não parou:

— Eu temia perdê-lo, mas nunca imaginei que ele morreria tão rápido. Era um homem tão caloroso! Mas a gente nunca espera, não é?

— É... A gente nunca espera.

— Muitas pessoas diziam coisas a seu respeito; coisas que eu não concordava, embora fossem verdadeiras. Ele trabalhava demais. Foi um grande administrador. Apesar disso, se cuidava como ninguém. Adorava jogar futebol, mergulhar nos fins de semana e jogar um carteadado com os amigos. — David soltou um risinho, enfatizando as boas lembranças. — Eu não aconselhava a última distração, porque seus amigos bebiam demais e acabavam por deixá-lo alcoolizado. Mas era uma satisfação enorme vê-lo sorrir daquele jeito. E o que dizer da nossa relação? Não era fácil de ser compreendida...

Pausou para dar uma fungada.

Lívia encostada em seu ombro, emocionada, ouvia-o com silêncio e atenção.

— Recordo-me do dia em que ele me flagrou chorando no quarto.

— Sério?

— Sério... Foi terrível!

— O que aconteceu?

— Fiquei paralisado, comovido com a situação. Meu pai era do tipo abrutalhado, sabe? Mas isso não me fazia considerá-lo um homem ruim. Longe disso. Ele me olhou atravessado, desdenhoso, e indagou a razão daquele incessante chororô. “Que absurdo! Um homem chorando desse jeito? Vamos sair um pouco? Descobri um shopping novo na cidade, gostaria de te comprar algumas coisas!” A gente não era de sair junto, mas quando acontecia, eu tinha a sã consciência de que o momento era especial. Com o tempo ele passou a se exilar do mundo. Eu o chamava de cavaleiro solitário! Por isso decidiu pegar a chave de seu possante e, sem deixar nenhum aviso,

se lançou na primeira estrada que encontrou pela frente. As pessoas gostavam de acusá-lo, julgando erroneamente a sua forma de conduta e até mesmo o seu jeito de viver. Ele não suportava aquilo. Certas pessoas o diminuía, e na pior das hipóteses faziam-no sentir-se desprezado. Seu carro era a sua chave para a liberdade, o seu escape; a fuga para os problemas da vida! Eu o entendia, e o respeitava. Soube que, naquele dia, ele acordou antes do usual. Silencioso, cabisbaixo... Olhava lá e cá, pensativo, escondendo a expressão de desalinho. Um amigo de longa data, que admirava a gente, lhe fez uma rápida visita e me telefonou. Contou que o meu pai estava triste e deprimido. Por causa da mamãe, imaginei. E me falou uma de suas últimas palavras, ditas ainda naquela manhã.

Tomada pela curiosidade, Livia perguntou:

— O que seu pai falou?

— Que se orgulhava de mim. E o mais engraçado é que essa hipótese nunca passou pela minha cabeça, acredita? Passei a minha vida dedicando-me aos estudos, dando o melhor de mim para poder me tornar um bom soldado. Recusei inúmeros convites de viagens, festas e outras regalias. Meti a cara nos livros, cortei as férias e esforcei-me para encabeçar a COPS... Eu só lamento por não ter ficado ao lado dele, não o quanto deveria. Sempre que o visitava, eu podia ver o sinal do desprezo, da indignação.

— Não deve pensar dessa forma — disse Livia, numa sensibilidade fantástica. — O seu pai jamais o desprezou.

— Tem razão. Mas eu não via as coisas desse modo. Eu estava errado. Sempre estive. E sabe o que aconteceu depois? Ele se despediu de todo mundo, enfiou-se no seu carro e simplesmente sumiu. Quando cheguei à Nova York, deixei o terminal e fui correndo para casa. Não encontrei ninguém lá. Aguardei o seu retorno, dominado pela incapacidade de pensar noutra coisa que não fosse o pior. No final da tarde, o telefone tocou, e a

notícia mais temida chegou aos meus ouvidos. O choque foi intenso, eu confesso. No fim das contas, descobri que o meu velho não voltaria para casa. Nunca mais. — David fez um minuto de silêncio. — Ele morreu sozinho naquele carro. E por mais que tentasse evitar a dor, eu sabia que estava sendo inútil, porque era mais uma perda. Entende? Mais uma.

— O mais importante é que ele se orgulhava de você!

— Hoje eu sei... — O soldado concordou. — Só não conseguia ver a marca do orgulho em seus olhos. E isso me deixou mal. Fez com que eu me sentisse sozinho e acuado.

Nos braços de Livia, ele encontrou o abrigo que necessitava.

Ela sorriu-lhe de leve e apertou-lhe a mão com força.

— Você é um bom homem, David. Tenho certeza de que o seu pai ainda zela por você.

Ele passou a mão no rosto, dizendo:

— Será que vamos passar o resto da vida nesse mar de lamentações?

— Eu não pretendo!

— Nem eu — disse ele. — O mundo é um buraco estranho. Mas vou te confessar uma coisa, parceira... Se a gente escapar desse inferno, eu vou enxergar a vida como nunca fiz antes.

— Promete?

— Prometo.

— Nós vamos sair dessa.

— Será que vamos?

Assim como ele tinha feito naquela noite, ela encarou-o com firmeza e apressou-se em dizer:

— Alguém me disse que não podemos ter certeza sobre todas as coisas, mas somos capazes de acreditar nelas. O que acha disso?

Ele inclinou um pouco e deixou escapar um riso, concluindo que o destino

jamais poderia ter escolhido melhor pessoa para segui-lo naquela aventura sinistra.



OS OFICIAIS ATRAVESSARAM a câmara e procuraram uma nova passagem.

Era presumível imaginar que existia algum cômodo oculto no subsolo.

Caminharam sem fazer muito barulho por entre duas filas de macas e outros móveis hospitalares, e passaram por uma abertura em arco do laboratório, até alcançarem uma sala mediana, com uma espécie de portal circular de pedras, que muito se assemelhava às passagens que David tinha visto no livro e nos filmes de As Minas do Rei Salomão.

Tatearam o portal com cautela e deram um empurrão. A pedra se moveu lentamente.

— No três — ditou David.

Fizeram a contagem e empurraram com bastante força.

A pedra moveu-se com mais velocidade e abriu caminho para uma imensa caverna enegrecida, cuja corrente de ventos embargou-lhes dos pés à cabeça e obrigou-os a se inclinar.

Então David ouviu, magicamente, dos mais variados ruídos aterrorizantes; um ladrar de cão cansado e um miado de gato enraivecido, uma mistura desconexa de gritos de pânico e gargalhadas irônicas, seguidas por choros inocentes.

“Ilusão. Só pode ser ilusão. O estresse, o cansaço, o medo... Estou imaginando coisas.”

O arrepio foi inevitável.

David tateou uma das têmporas e relaxou um pouco. O que ouvira não podia ser fruto da realidade... É claro que não.

— Você ouviu?

— O quê?

— Os sons... O latido, o miado, o choro.

— Não ouvi nada disso.

David limpou o suor da testa, eufórico.

— Como pode ser?!

— Eu não sei — respondeu a parceira. — Você deve ter escutado algo parecido, apenas isso.

— É — ele deu uma fungada, enquanto olhava em todas as direções. — Pode ser.

— Estamos esgotados... E eu tô um pouco tonta.

Lívia encostou-se a uma rocha.

Virou-se rapidamente ao ouvir um ruído inédito e afrontou a escuridão da caverna, que aos poucos passou a ser iluminada por chamas em tochas que

surgiam ao longo das rochas. Percebera que o cenário não contava mais com as mesmas estantes de metal ou as mesas cirúrgicas encontradas na câmara anterior. Isso lhe conferiu a impressão de que, talvez, a caverna fosse o ambiente mais enigmaticamente remoto e obscuro da propriedade dos Mombach.

— E esse cheiro forte? — fez David, tentando reconhecer o odor ancestral.

— Isso você sente, não é?

— Impossível não sentir esse cheiro!

— Que merda...

Um odor que não se compactuava com nenhum local ou ser que já tivesse encontrado antes; um odor ativo e desagradável.

Por mais incrível que parecesse, não haviam detectado o cheiro da morte, muito menos encontrado qualquer marca de sangue ou resquícios de corpos destroçados ao longo da caverna.

Mais a frente, os passos se tornaram um pouco nulos, e a dupla se percebeu diante de uma extravagante pérgula dourada, contornada por seis diferentes estátuas de pedra, de forma humana, com as cabeças voltadas para baixo.

David parou de andar.

Não eram cabeças comuns. Essa foi a parte mais assustadora.

Eram cabeças de animais variados, expressando aversão; desde cavalos e bodes, até tigres e touros embravecidos.

Lívia aqueceu os próprios braços, assombrada.

— Que porra é essa?!

Devagar, deu um passo inseguro, deveras impressionada com a arquitetura antiga, pujante e malcheirosa do ambiente. Havia tochas acesas em seus nichos centenários, com chamas irrequietas que dançavam nas paredes decrepitas e tristes.

Além da pérgula, encontraram uma mesa rochosa seguida por um púlpito

de ferro e um par de castiçais de bronze, formando, ao limite do local, uma espécie de altar bizarro, que deveria ter sido usado pelos membros da família em suas festas secretas.

— Já vimos esse lugar antes — disse David, recordando-se da fotografia destacada na biografia não autorizada dos Mombach. A imagem que revelava Nora e Jeremy ajoelhados durante o culto esquisito, décadas atrás, fora retirada dali. — Não sei o que tudo isso significa...

— É algo absurdamente sinistro.

— Não sei se eles seguiam algum tipo de seita satânica ou simplesmente promoviam experimentos bizarros aqui embaixo.

— Eu apostaria nos dois.

A mesa rochosa era o limite, dali por diante, não havia para onde ir.

Decidiram fazer a volta.

Antes de concluir o movimento, contudo, David sentiu-se atraído por um mero detalhe imposto no altar. A parte de cima era margeada por ladrilhos cerâmicos de cor acinzentada. Ele tocou na extremidade e descobriu, cheio de fascínio, que o objeto tratava-se de uma tampa. O altar reservava-lhe um segredo.

— Livia, me ajude! — chamou enérgico. Afastou os castiçais da tampa e colocou o rifle no coldre das costas. — Esse altar é uma arca!

Abalada, a parceira preparou-se para a custosa ação.

A tampa de pedra e cerâmica era intensamente pesada. Foi preciso somar forças para empurrá-la, até que tombasse ao lado do púlpito.

Descoberta, a arca exalou um odor putrefato que há vintenas de anos descansava ali dentro.

Livia arregalou os olhos e, num grito, cambaleou para trás.

Fechando as narinas, David aguentou o ar apodrecido e entendeu o pânico da parceira. Havia um corpo humano (ou melhor, as reminiscências dele) em

seu último estado de decomposição, entortado, ali dentro, como se houvesse sido obrigado a se espremer para caber na arca. O crânio cabeludo e os demais ossos do cadáver ainda estavam agarrados à espinha; as falanges das mãos inteiras, iguais às dos pés, e a carcaça escurecida, sobrepondo-os.

Lívia levou a mão à boca, estarrecida.

David não soube identificar a princípio se o esqueleto pertencera a um homem ou a uma mulher, mas um pequeno pedaço de papel que jazia ao lado dos ossos — algo que parecia uma página destacada de um diário — comprovou-lhes a identidade do defunto.

Impactado, o soldado leu:

Estou trancafiada nesta caverna maldita! O Clayton me trancou aqui!

Eu só queria encontrar o meu amado Julio...

Clayton! Você queimará no fogo do inferno!

Um nó de medo.

Um nó apertado, lancinante... Não foi preciso criar teorias para saber que aquelas palavras aterrorizantes pertenciam a Samanta Mombach.

Somente ela poderia ter descrito o inferno que vivenciou sozinha naquela arca.

Clayton, o seu próprio irmão, a matara.

Um gosto amargo desceu pela garganta.

O soldado apartou-se do altar e inclinou infeliz. Tinha a plena consciência de que para todas as coisas na vida existia uma dimensão; para todos os sentimentos existia uma propriedade ou um efeito determinado. Mas para aquilo, ele pensou, não havia sensação que pudesse ser classificada. A morte de Samanta Mombach jamais seria esquecida.

Ainda estava digerindo o fato quando um barulho de algo deslizando nas

paredes levou-lhe a olhar para trás.

De lábios trêmulos, a dupla virou-se para todas as direções e tentou enxergar a ameaça viva além das chamas bruxuleantes.

O medo deixa o ser humano irracional...

David concentrou-se.

O medo prega peças...

Lívia não piscou um só momento.

Um sibilar ecoou de algum ponto invisível da caverna.

— Vamos sair daqui — disse o soldado, caminhando na frente da parceira.

Só agora perceberam que outros resquícios de ossos e fósseis jaziam esparramados no piso.

Como não tinham visto antes?

Quando pisotearam uma espécie de formação calcária, tomando cuidado para não tropeçar numa das fendas acanaladas, viram algo se mover por entre as sombras causadas pelas tochas.

Alguém à espreita...

Armas em punho.

Quem estaria ali?

Lívia sofreu um pequeno espasmo.

Um passo estranho — que não fora dado por David — soou à sua direita; quando ela moveu-se para ver quem era, o ser desconhecido se curvou à frente, fazendo um facão descer e descrever um arco faiscante no ar.

Movida pela ágil natureza, Lívia deu um salto para trás. Em vez de se cravar em sua nuca, a faca rasgou a alça do colete e um pedaço de pele de suas costas.

— Porra!

David apontou a arma para o estranho, mas ao puxar o gatilho, as balas não saíram.

Uma breve olhada no rifle foi um erro.

Outra coisa que o estranho segurava — um pedaço esquisito de metal, semelhante a uma forma de bolo — colidiu contra a cabeça do soldado, que caiu para trás, desnordeado devido ao impacto do golpe.

Lívia disparou três tiros contra o homem; ele escapou do primeiro e do segundo, mas prestes a se lançar detrás de uma coluna de pedra, foi atingido pelo terceiro. Um gemido abafado escapou de seus lábios.

Lívia atirou de novo, abrindo vários orifícios na coluna pedregosa, até as balas acabarem.

Notara que o homem era enorme — deveria medir pouco mais do que dois metros de altura — e carregava na face barbuda uma incompreendida coloração esverdeada, do tipo reptiliano. Talvez fosse, de algum modo, semelhante às criaturas do povoado.

David levantou-se. Tateou o coldre e percebeu assustado que seu último pente de balas fora usado.

— Cadê aquele desgraçado?

Diante de si, Lívia gritou.

O homem regressou numa corrida violenta e trombou contra a dupla de oficiais. Agarrou o punho esquerdo de David com a mão e atingiu-lhe o abdômen com um pesado chute.

Antes que o soldado voasse longe, Lívia apanhou um canivete e, num giro, tomou impulso, fazendo a lâmina afiada se encravar no inimigo.

O homem de face esverdeada afastou-se; o canivete penetrou-lhe o ombro até o cabo.

Irado, arrancou o objeto cortante com as próprias mãos. Lívia foi atenciosa e percebeu, hesitante, que o indivíduo usava luvas cirúrgicas.

Numa fúria diabólica, ele soltou um berro seco e atacou-a.

Ela tentou nocauteá-lo, mas não conseguiu. Golpes selvagens foram

vibrados, tiros disparados e gritos exprimidos.

Ele agarrou-a pelo pescoço e elevou seu corpo, numa força incoercível.

Na medida em que fazia a moça agonizar, caminhou até o fraquejado corpo do soldado.

Enquanto mantinha Livia erguida, pisoteava a garganta de David; não a ponto de matá-lo, mas na tentativa de fazê-lo suplicar por misericórdia, o que não aconteceu.

— Tão frágeis... — disse o carrasco, numa voz tão diabolicamente inumana quanto à própria monstruosidade. Comprimiu a garganta dos soldados com mais força, e encadeou: — Espero que não possuam nenhuma moléstia. — Do bolso da calça, arrancou uma seringa imensa de metal, preenchida por um líquido seroso e escurecido, que Livia e David passaram a temer. Puxou a tampa e revelou a agulha. Aproximou-se do pescoço da moça e despejou as seguintes palavras: — Receba com carinho, oh filha... O gene do novo mundo!

Antes que a agulha furasse Livia, uma voz masculina retumbou de longe.

— Hei!

O homem de face esverdeada freou o movimento.

Uma nova sombra humana foi desenhada nas paredes.

Ele notou a súbita presença, e virou lentamente a cabeça para trás...

Livia e David observaram, de soslaio, o novo visitante, e arrepiaram-se de emoção.

Era Deke, o Guile do grupo. Estava sem o fardamento da COPS, mas seu rosto sangrava, o peito subia e descia revelando o cansaço; a metralhadora firme nas mãos.

Trazia um objeto nas costas, agarrado a mochila, e uma indisfarçável expressão de cansaço na face.

David fez de tudo para gritar o nome do sargento.

Encorajá-lo, congratulá-lo...

Era impossível.

Lívia olhava para Deke de través, sufocada, tentando de todas as formas indagar-lhe o que estava esperando para agir.

O homem de face esverdeada soltou o corpo da oficial, que caiu e abateu-se sobre David.

Esboçou um riso maldoso, resmungou alguma coisa e pôs-se a caminhar na direção de Deke. Petrificou-se, de repente, ao mirar os olhos gelatinosos do sargento.

Algo em Deke o alarmara...

Quando estava prestes a soltar uma palavra, ouviu o som do disparo e encurvou o corpo.

— Seu... — balbuciou, numa expressão perturbadora de sofrimento. Fora baleado na região do abdômen. — Traidor...

O reptiliano gemeu e se descontrolou, fazendo com que o próprio corpo entrasse em um terrível estado de mutação. As costelas se quebraram, triturando a carne da barriga; a face reptiliana dividiu-se em duas (da mesma forma que acontecera com Taj), e um tentáculo viscoso, contendo um ferrão na ponta, partiu na mira de Deke; os braços elevaram-se, numa elasticidade grotescamente sobrenatural que mexeu com as emoções dos soldados.

David e Lívia não sabiam do que mais se impressionar: da cena horrível de um homem transformando-se em uma nova criatura, ou de tê-lo escutado chamar Deke de traidor.

Por que ele disse aquilo? O que Deke havia feito para ele?

O sargento da COPS disparou contra o tentáculo e lançou-se para a esquerda, onde o ferrão havia atacado. Mirou na perna da criatura, atirou inúmeras vezes e rolou para a direita, puxando um galão de gasolina que trazia nas costas.

A criatura externou a mesma série de gritos e gemidos que os oficiais conheciam.

David foi demovido pela mesma mescla de sons; um silvar agudo e penetrante, um ladrar de cão cansado, um miado violento, um choro de criança, e dessa vez... um chacoalhar de cascavel.

Deke disparou um novo tiro.

Convulsionando, o reptiliano fez contorcer cada centímetro dos músculos e puxou de volta para a garganta o visguento tentáculo. As veias se unificaram. O rosto fora recomposto. As feições gordas, cobertas pela barba espessa e oleosa, voltaram ao normal. A boca de lábios grossos e aparência gordurosa também haviam regressado. A carne estava inteira de novo, incrivelmente flexível, possuindo a mesma coordenação neuromuscular de um ser humano sadio.

A dupla de oficiais estava sem ar. Era como se dezenas de facas houvessem trespassado seus corpos cansados. Após ouvirem a afirmação do estranho, tentaram observá-lo com mais atenção... Os olhos escuros eram de uma profundidade incomum; grotescamente vítreos. O nariz aquilino (a ponto de cair para dar espaço à cavidade nasal) era coberto por uma espécie de camada escamosa, semelhante à de peixes. A boca descrevia um estado de deformidade quase indescritível, cujo odor deveria se empregar aos seres babilônicos regidos pela fúria do satã de sua corte.

David e Livia gelaram. As características humanas do dito cujo se mostravam familiares, no entanto, não conseguiam reconhecê-lo.

— Não pode me matar! — exclamou para Deke, que começou a espalhar gasolina por todos os lados da caverna. — Você pode se considerar forte o bastante para tentar me vencer, mas não passa de um verme! Um maldito verme humano!

Quando Deke viu o líquido inflamável alcançar as pernas do reptiliano,

sorriu consigo mesmo e esboçou uma face excitada, marcada pela vitória.

Tudo permaneceu confuso para David e Livia, até Deke rebater:

— Você está errado, *Clayton*.

E foi senão após um breve piscar de olhos, que puxou um isqueiro do bolso e ateou fogo na coisa, gargalhando sem parar.





CLAYTON MOMBACH... Aquele que mexera com as raízes da humanidade; aquele que atravessara os próprios limites e escancarara o portal do inferno; aquele que imitara e tentara se igualar a Deus.

Queimado... Carbonizado... Vivo.

As línguas de fogo se atiravam contra Clayton; uma criatura triste e fracassada, que gemia aos saltos turvos e silvestres, enquanto a pele se derretia e se agarrava ao chão.

Lívia afastou-se depressa, arrastando-se no calcário. Tentou exclamar o nome do parceiro, mas não conseguiu. Mal conseguia controlar a respiração dos pulmões fraquejados.

Tudo ardia naquele instante.

O fogo consumia.

A criatura gritava.

Clayton morria...

David afrontou a cara manchada de Deke, confuso. Não foi um olhar complacente, do tipo orgulhoso ou amigável. Desconhecia-o!

Agindo depressa, Deke volteou a labareda de fogo. Tomou cuidado para não se queimar e estendeu o corpo do parceiro, alegando que deveriam sair dali imediatamente.

Antes de tomar qualquer ação, abaixou-se e apanhou, com cuidado, a seringa de metal que Clayton quase usara contra Livia.

— Que diabo está fazendo?! — exclamou David, ainda hesitando.

— Precisaremos de provas — ripostou Deke, guardando a solução injetável no bolso. — E ambos sabemos que o capitão vai gostar de receber isso.

As chamas cuspiram em um explosão.

David se abaixou.

Juntos, ajudaram Livia a recompor-se e contornaram as primeiras lufadas de fogo.

Lançaram-se na direção do único acesso de saída, onde o corpo de Clayton, deformado, debatia-se, tentando escapar de todas as formas.

Não havia mais voz, força ou clamor...

Arrastava-se, sofrido, com a carne derretida sobre os ossos, igualmente àqueles que um dia ousara sequestrar, torturar e lançar, desumanamente, no fogo do abismo; fogo este que o saboreava numa fome inesgotável.

Com o coração a ponto de explodir dentro do peito, Livia recuou e deu espaço para Deke avançar.

Sorridente, o soldado apontou a metralhadora para Clayton e apertou o gatilho.

Após uma saraivada de balas, a cabeça escamífera explodiu.



Uma sangria abismal assomou a caverna.

Saltaram por sobre o corpo derretido de Clayton e deixaram o lugar.

O fogo aumentara.

A gasolina que Deke espalhara havia escorrido até a câmara vizinha.

Pareciam encurralados.

Atravessaram a antecâmara, subiram pela escada em espiral e alcançaram o pavimento superior. Deke estava em cima; apoiou David na subida e puxou os braços de Lívia.

Agiram depressa.

Lívia não parava de pensar em Calebe. Precisava arrumar um meio de reencontrá-lo. Não poderia simplesmente deixá-lo para trás.

— Eu não vou sem Calebe! — afirmou.

Ameaçadora, a fumaça subia.

David temeu pela vida da parceira e pediu que adiantasse os passos.

Cruzaram os três arcos de pedra e chegaram à antessala circular. Passaram pela enorme pilastra, entornaram na curva e reviram — esperançosos — a escada que dava acesso à biblioteca.

Que alívio!

O maior cômodo da mansão continuava o mesmo; deserto, misterioso, e graças a Deus, bastante iluminado.

Os soldados olharam para cima. Parte da chuva descia pela cúpula quebrada, irrigando o assoalho manchado.

Lá fora, raios de variadas formas riscavam a noite.

Lívia observou o céu vaporoso e temeu a descida do monstro tentaculado que encontrara no corredor do sótão.

David indagou a Deke:

— Onde está o telefone?

— Eu... — O parceiro balbuciou — Eu acabei perdendo.

— Droga! Como isso foi acontecer?!

— Eu estava em combate. Não foi opcional!

Nervoso, David fechou os olhos e coçou a nuca.

Esquecera completamente que o Guile era o primeiro no comando.

— Tudo bem... — Respirou fundo e tentou se recompor. — Apenas me diga. Por qual caminho você veio?

— Pelo corredor principal.

— Está limpo?

— Estava. — Deke suspirou. — Mas agora eu não sei...

O soldado praguejou um palavrão.

Lívia não parava de massagear os braços.

— Preciso resgatar o meu irmão...

— Tenha calma. Vamos nos acalmar. — David preparava-se para dar continuidade à fala, pacificamente, até escutar um ruído familiar eclodir no microfone. — Estão ouvindo? É o Carlos?!

Lívia anuiu:

— Acho que sim!

— Carlos?! — O sargento iniciou a tentativa de contato. — Deke na escuta, câmbio! Repito; aqui é o sargento na escuta!

A conexão estava horrível. Entretanto, como de praxe, levou-se pouco tempo até que a voz de Carlos se revelasse totalmente:

— *Carlos falando. David? Lívia?*

Chiados.

— Sim! Estamos na escuta!

— Já estamos com o sargento! — David falou depois da parceira.

— *A equipe especial chegou ao povoado. Recebemos um comunicado importante, e é preciso que vocês sigam as minhas ordens, conforme o protocolo manda. Estão me entendendo?*

O trio de soldados ficou em silêncio. O tom do informante não foi tão positivo.

Carlos repetiu:

— *Estão me entendendo, soldados?!*

— O protocolo ressalva a nossa segurança — disse Livia.

— O que quer dizer? — fez David. — O que está havendo, Carlos?!

Livia e Deke aguardaram.

Após alguns segundos de suspense, Carlos relatou:

— *Vejam bem... Estão isolando o local antes que os repórteres descubram o que está acontecendo. Aqui fora está um rebuliço... O gabinete do capitão não para de receber ligações. Estão ligando para os postos de polícia da região, para o escritório do governador e...*

— Espere aí! Aqui fora? Onde você está?!

— *Sim, David.* — A voz de Carlos foi atenuando, até finalmente revelar:
— *Eu e a equipe estamos na entrada do povoado... Se não conseguirmos conter tudo isso, a lei marcial vai ser decretada. É difícil ter que chegar a este ponto, mas preciso fazê-lo. Vocês precisam dar o fora daí antes que o lugar inteiro seja incendiado!*



Uma onda de tensão acabava de colidir contra os corpos de David, Livia e

Deke. A sensação era terrível e angustiante. Pior do que passar horas confinado em uma mansão enlouquecedora é saber que jamais encontrará a saída dela.

A pulsação estava em alta. As veias queimando.

Carlos falava em tom de alerta, mas David não ouvia. Sua mente se encontrava em outros lugares, em outra dimensão. Como diabos a informação de que uma espécie de praga sobre o povoado foi parar na boca do povo? A enxurrada acontecia. Não levaria muito tempo até que os militares tomassem conta de Paraíso Florestal, para sempre. E com ele e seus parceiros ali dentro.

— *Eu preciso desligar!* — troou a voz de Carlos, relutante. Dava para escutar outras vozes atrás dele, tentando contatá-lo. — *Vocês têm cinco minutos para saírem da mansão. Estão me ouvindo? A equipe está levantando voo agora para resgatá-los! Cinco minutos!*

Deke se descontrolou:

— Carlos, espere! Estamos cercados e com pouca munição!

— *Cinco minutos!*

— Por favor, não desligue! Carlos? Carlos!

A ligação foi desligada.

— Filho da puta!

— E agora? — Livia deplorou. — O que faremos?!

David ficou calado, pensativo.

Deke forçou a arcada dentária, estalou os dedos das mãos e se interpôs entre os parceiros.

— Precisamos sair daqui. É a única saída... A única chance.

— Quantas balas você ainda tem? — disse Livia.

— Um pente e meio.

— Tudo isso? — ela se surpreendeu. — Então temos chance! Mas... E o Calebe?! Eu disse e repito... Não vou sair sem ele. De jeito nenhum.

— Lívia, a situação exige que você pare um pouco para pensar em si mesma.

David fez o possível para mantê-la focada na própria sobrevivência, embora Lívia desacreditasse que teria a capacidade de fugir sem olhar para trás.

Encarando Deke, ela indagou:

— Quando você o viu pela última vez?

— Nos separamos a noite passada. Fomos atacados ao chegarmos aqui.

David manteve a cabeça inclinada, mas não parava de afrontar Deke. Naquela posição, seus olhos assumiam uma ameaça assustadora.

— Por que você ainda tem um pente e meio, sargento?

Deke olhou de volta para David, meio aéreo.

— O que disse?

— Você me ouviu.

Lívia considerou a fala do parceiro muito distinta da qual usualmente escutava.

Havia algo horivelmente errado.

— Eu ainda tenho um pente e meio porque usei as granadas.

— É mesmo? — ironizou David. — Isso é curioso. Eu não me lembro de ter escutado nenhuma explosão. Você se lembra, Lívia?

A parceira se deteve, engolindo com peso.

Coçou um dos braços e sacudiu a cabeça brevemente.

— Eu usei a noite passada, — explicou o sargento — quando ainda estavam naquele posto.

— Acho que você esconde alguma coisa de nós, Deke — David afirmou sem receio. — O que você fazia naquela estufa? Com quem conversava no telefone?!

A expressão do louro foi despencando. Parecia sério e tranquilo ao mesmo

tempo.

— Eu conversava com o capitão.

— Conversava, é?

— É. — Deke agravou a fala. — Ele precisava saber o que estávamos passando. Por isso eu adiantei o relatório e contei todas as...

A voz se calou num soco.

David atacara com um punho de esquerda, avançando contra Deke e empurrando-o até fazê-lo encostar-se à uma das prateleiras. O golpe foi intenso. Da mesma forma, sendo o bom lutador que era, Deke desviou-se num salto e atacou com uma perna, chutando o peitoral do oponente e levando-o a despencar no chão.

Lívia se intrometeu:

— Parem com isso!

David levantou-se. Eufórico, esquivou-se de uma cotovelada e desferiu um murro na face do *Guile*, que sangrou e apalpou, descrente, o próprio nariz quebrado.

David atacaria de novo, não fosse pelo bloqueio de Lívia.

Ela virou-se abruptamente e esmurrou o peito de Deke, deixando-lhe transtornado.

— Estamos encurralados! O tempo está correndo contra nós e precisamos agir antes que ele acabe! Um helicóptero está vindo para nos resgatar. E enquanto isso... Enquanto penso em uma possibilidade de sair daqui viva e reencontrar o meu irmão, vocês estão brigando!

Os soldados se calaram.

David tateou o peito, e Deke limpou o sangue do nariz.

— Você é um idiota — disse. — Eu não tenho nada a esconder. Nada! Informe-me o que pude ao capitão. Só não imaginava que fosse ocasionar tudo isso.

— Isso o quê?

— Não é óbvio para você?! — Deke tentou ser o mais objetivo possível, causando em David uma impaciência indestrutível. — Está na cara que o capitão espalhou a notícia! De algum modo, ele quis que tudo isso acontecesse.

Livia franziu a testa. David riu sem vontade.

— Essa foi ótima, Deke...

E riu de novo. Um riso escarninho, sem força ou qualquer tipo de impacto.

Deke foi mais longe:

— Por que acha que ele fez de mim o sargento, e não você?!

O riso do oficial Cordova se fechou.

Estava louco para saber aonde o Guile chegaria com aquilo.

— O que você sabe que nós não sabemos?

— O que eu sei — Deke deu uma fungada — é que o nosso capitão sempre foi um homem de segredos. E, além disso, eu também sei que ele fez parte de uma das maiores operações secretas do país.

— E daí?

— Ocorreu no final dos anos 70. Estou falando isso com total convicção. Essa operação foi realizada aqui, nas terras dos Mombach. Existem recortes de jornais que comprovam isso. A investigação que ele mesmo citou na reunião de ontem, sobre o passado do povoado, remete ao caso...

David não sabia o que dizer.

— Você tá ficando paranoico. — Por mais que houvesse lido a respeito da estranha operação no povoado, tinha razões para crer que George Vargas não se envolvera de tal forma. — Eu li a respeito, seu idiota. Em nenhum recorte existe sequer uma menção ao nosso capitão, o que desmente essa sua teoria ridícula.

— Aí é que você se engana, soldado. — Deke sorriu de leve, deixando

prevalecer a ideia do quão ingênuo fora David durante todos aqueles anos no departamento. — A COPS foi criada pelo capitão com um único intuito; tão absurdo que nem mesmo os seus funcionários acreditariam se lhes fosse revelado.

— Que intuito é esse?

— Provar a existência de uma vida extraterrestre.

— O quê?! — David revirou os olhos, a ponto de gargalhar. — Cara, você tá se ouvindo? O que fizeram contigo?!

— O que temos aqui, David, é um caso real, e finalmente comprovativo, de que existem, de fato, vidas além do nosso planeta. Você não viu todas aquelas criaturas? Não reparou o conteúdo da seringa que o Clayton quase injetou no pescoço da Lívia?! — O louro revelou o conteúdo injetável. — Nós temos uma prova concreta. OK, o Clayton realizou algumas modificações. Sei disso porque essa era a nossa missão: coletar uma amostra do fluido dessa espécie de vida desconhecida; uma vida que a humanidade jamais acreditou, e que para todo fato continuará desacreditando! Mas o que importa, é que apesar de ser uma grande ameaça, eu tenho o futuro em minhas mãos... Uma nova forma de vida que o homem desconhece!

David encarou o conteúdo escurecido na seringa. Sua cabeça pesava. A consciência doía.

Não acreditava naquilo.

Um pesadelo. Um sonho ruim.

Logo despertaria e daria de cara com seu quarto escuro e solitário.

Balançou a cabeça, esgotado, e suspirou pela milésima vez. A voz da consciência gritava lá no âmago da mente... Por mais que desejasse desacreditar em tudo o que ouvira, não conseguia; a sua experiência tenebrosa não cedeu nenhum espaço para certas descrenças. Afinal, a teoria de Deke era tão espalhafatosa quanto às coisas que enfrentara até então.

Lívia se encontrava na mesma condição deplorável.

Não havia o que dizer.

— Eu não sei mais no que acreditar. — O oficial Cordova tateou a face cansada. Esfregou as mãos nos olhos e desabafou: — Eu não sei!

— Mas eu sei no que acreditar. — Deke ficou diante do parceiro; os olhos muito próximos dos de David. — Você poderá ter as respostas que quiser daqui para a frente. Eu prometo. Mas, antes de tudo, pretendo sair vivo daqui. Encontrarei aquele maldito helicóptero que se aproxima lá fora e voltarei em segurança para casa. Você quer isso também? E você, Lívia? Quer rever o seu irmão?!

A parceira não sustentou as lágrimas. Pensar no Calebe perdido pela floresta ou pelos cômodos da mansão causava-lhe tonturas e náuseas.

— Temos um minuto — reforçou Deke, com os olhos no relógio de pulso. — Vocês virão comigo, ou ficarão para o jantar?



A ideia era tão simples quanto assustadora: enfrentar as criaturas dos corredores, do lobby, e escapar da mansão a tempo de serem resgatados. Com a metralhadora nos braços, Deke seguiu na frente e promoveu um sinal de alerta com a mão. Assim que destrancasse a porta dupla da biblioteca e habitasse o corredor, deveriam zarpar como se o chão estivesse se desmoronando às suas costas.

David não parava de pensar nas teorias absurdas que ouvira.

A ideia de ter o capitão George Vargas como um dos responsáveis pelo vazamento daquele “vírus alienígena” era tão aceitável quanto a própria “vida extraterrestre”.

— Estão prontos? — indagou Deke, em posição.

Quando David e Livia anuíram, ele escancarou a porta e invadiu o corredor, disparando contra a primeira criatura que viu.

Livia ficara atrás de David, que por sua vez se equipara com o resistente canivete.

Na medida em que seguia o louro, ele desviava-se de várias tentativas de golpes ágeis e mortais, esfaqueando, habilidoso, a pele purulenta dos inomináveis seres da corte dos Mombach.

Uma das faces grotescas se abriu para Livia; o tentáculo subiu — horrendo — com seu ferrão na ponta, e encravou-se na parede, a centímetros de distância da vítima.

Ela gritou pelo parceiro. David moveu o braço e salvou-a, decepando o membro lânguido e nojento da carne uniforme. A consequência foi um grito estridente e uma chuva de sangue no corredor. Com muito cuidado para não tocar no sangue, afastaram-se habilmente e tomaram a curva que os designaria ao lobby da mansão.

Meio caminho andado, e Deke se viu diante de uma coisa agarrada ao lustre do teto.

O susto foi dos grandes.

Livia escorregou. David segurou-a pelo braço, com força, e regressou à fuga.

A cena foi inesquecível para quem viu: o humanoide sem rosto se desprende do teto; sua cabeça escapou do próprio corpo e revelou, assustadoramente, oito patas peludas que lhe irromperam do pescoço e lhe deram velocidade.

Deke deu um salto para trás e disparou no ser aracnídeo, errando o alvo.

Num silvar de fazer gelar a alma, a aranha revelou dois pares de dentes afiados e arrebitou as patas dianteiras. Saltou para os lambris da parede,

esgaravatou os lustres e tentou atacar Deke, que foi ligeiro e abaixou-se. Atrás dele, David fez o mesmo, levando Livia consigo e se livrando, por um fio, do ataque do ser de oito patas, que seguiu viagem.

Quando o corpo sem cabeça desabou, Deke acenou para os parceiros e tomou a passagem da sala principal.

— Vamos... Depressa!

Passando pela porta e chegando ao salão, testemunharam uma das mais absurdas sequências das criaturas da noite, com algumas delas povoando a escadaria, os sofás, a grande mesa e até mesmo as poltronas que acolhiam os Mombach nos tempos rigorosos do inverno. O medo e o arrepio, entretanto, não demoraram a ser amenizados pela luz fortificante que brotou nos jardins lá fora, atravessando a janela e avisando aos soldados, por fim, que a ajuda havia chegado.

Livia colocou a palma esquerda em torno dos olhos e enxergou, emocionada, o helicóptero, que baixinho sobrevoava as imediações dos canteiros mortos dos Mombach. Pensou em Calebe e na possibilidade dolorosa de sobreviver sem ele. Qual era a situação exata, ela não sabia, mas o bom senso lhe dizia que o mais aconselhável era não se deixar ser pega pelas coisas indizíveis.

A porta de saída ficava a seis ou sete metros de distância.

Deke partiu na frente e David foi pelo flanco.

As coisas tentavam cercá-los, esfomeadas.

Uma delas, pontilhada pelos fungos e pelas garras anormais, subitamente mergulhou na direção deles.

David deu um grito ao desviar-se.

Livia driblou três criaturas e se lançou — sorrateira — pelo ensanguentado chão, deslizando com celeridade até alcançar a soleira da porta. Atrás dela, os dois soldados se viraram depressa e enfrentaram três das coisas horripilantes.

Deke estourou uma cabeça e, certo, David afundou o canivete num dos olhos estrábicos.

As criaturas gritavam.

Graças a Deus, a porta já havia sido arrombada. Jogando-se para fora, os soldados sorveram do ar friorento e conseguiram aproximar-se do helicóptero, que era um modelo da COPS. Nesse andamento, Livia freou a própria correria e dispersou uma olhadela para trás, na direção do pórtico, das janelas superiores e das torres pontiagudas da mansão.

Imaginou o rosto do Calebe encostado numa das vidraças lá em cima. Ele parecia triste com o abandono da única pessoa que tinha no mundo.

Livia colocou as mãos acima da cabeça.

Será que poderia prosseguir, sabendo que ele ainda estava ali?

Seu coração não queria permitir...

Mas a razão, o instinto da sobrevivência, lhe suplicava para subir a bordo do helicóptero e livrar-se de uma vez por todas daquele pesadelo, antes que fosse tarde demais.

Mais uma olhada para cima, nas janelas e nas torres...

“Meu irmão... Perdoe-me.”

Estava escapando do inferno.

Vagarosamente, a voz de David começou a causar ecos em seu ouvido. Eles estão chegando... Outros barulhos estranhos, que não eram produzidos por David, infiltraram-se na sua dimensão. Os ruídos eram graves, agudos e feios. Eles estavam se aproximando. *Suba, Livia!* gritava o soldado, agora mais perto e mais forte. *Suba enquanto eles não vêm!* A mente da oficial foi se abrindo. O barulho se tornando cada vez mais autêntico e a realidade pesarosa debatendo sobre si.

— Suba, Livia! Vamos! — David suspendeu-a com sacrifício e a colocou dentro do helicóptero. — Segure firme! — Do transporte, três soldados

eficientes a seguraram com cuidado e prestaram os primeiros socorros. Um quarto surgiu com um lança-granadas, e disparou contra a horda de criaturas. David ficou aliviado. Já podia sentir o brilho do novo sol, que despontaria radiante e belo nos primeiros minutos do amanhecer. — Isso aí. É isso aí, Lívia... Conseguimos. — Braços e mãos firmes puxaram o seu corpo. Ele foi colocado numa das cadeiras acolchoadas e afivelado por um cinto resistente. — Nós conseguimos. Graças a Deus... Conseguimos.

As cores a sua volta misturavam-se.

A mente vacilava.

Queria aceitar o fato de que estava, por fim, voltando para casa.

— Puxem ele! — exclamou um dos soldados, o que se encarregara de resgatar Deke. — Ei, soldado! Não! Não!

David virou o rosto para o lado esquerdo e viu uma imagem de difícil compreensão.

Os soldados desprendiam-se das mãos de Deke, que caía, aterrorizado, sobre o exército da corte babilônica dos Mombach.

Apesar do fogo e das explosões, as criaturas estavam em maior número agora, amontoadas lá embaixo.

David se esforçou. Lutou contra a tontura e a forte dor de cabeça e olhou para além da estufa da mansão, onde uma figura estranha parecia lhe acenar. Encarou o fenômeno como consequência do estresse. Não podia ser real... Alguém de verdade. Ou será que...

Quem era aquela figura?

Passou pela cabeça de David a possibilidade de ser Calebe, ou quem sabe, uma réplica dele, tentando enganá-lo...

Os homens do helicóptero conversavam eufóricos.

— Perdemos um deles!

— Sargento Kennedy abatido, senhor!

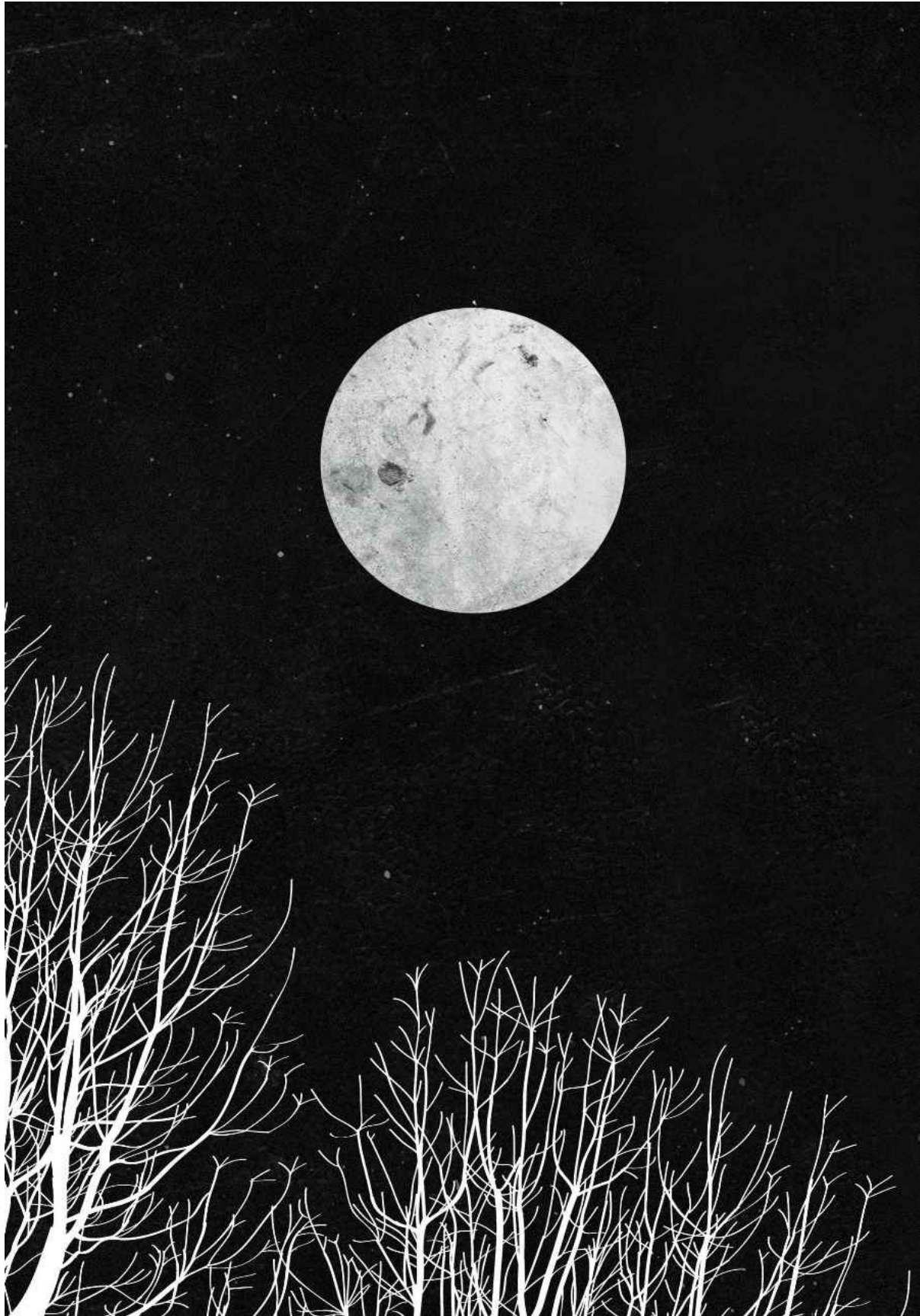
- Apanhamos sua mochila!
- Situação de perda confirmada!
- Temos dois sobreviventes a bordo!

As vozes foram se afastando, iguais à mansão...

Por baixo dos ramos frondosos da floresta, David notou uma corrente de fumaça escapando das janelas. A imagem foi escurecendo; o helicóptero subindo, a fumaça aumentando.

- Início de incineração confirmado.
- Está incendiando, senhor.

David viu parte das chamas envolverem os quatro cantos da vivenda, e um dos soldados a encará-lo com atenção. Percebendo que David o observava, o soldado com máscara na cabeça estendeu uma das mãos para cumprimentá-lo. Após isso, arrancou a máscara, esboçou um sorriso estranho, e desapareceu.





DAVID DESPERTOU NO quarto de seu apartamento três dias depois, por volta das treze horas da tarde. Não se recordava de muita coisa desde quando escapara do lar infernal dos Mombach, senão que a sua parceira escapara com vida e que fora submetido a uma bateria de exames em um hospital do governo, do qual se olvidara o nome.

A dor de cabeça martelava. Olhando diretamente para as janelas, viu a luz do sol abençoando a cidade, que estranhamente permanecia calma e pacífica, num horário em que a balbúrdia e a poluição sonora eram arduamente predominantes.

Da sacada, contemplou os prédios e o resto do centro metropolitano.

Nas vias sinuosas lá embaixo, a falta de veículos e de um número exorbitante de pedestres acusou a realidade.

“Estou sonhando” pensou. “Mas como posso estar sonhando, quando tudo parece ser tão genuinamente real e palpável?”

Ele sabia que não estava povoando um sonho, mas queria acreditar que tudo aquilo era fruto da irrealidade, ou da inconsciência mórbida causada pelos horrores vividos na mansão.

Foi impossível não pensar nos parceiros.

Taj. Deke. Calebe.

Não tinham conseguido.

Estavam mortos.

David inclinou a cabeça e repetiu a palavra para si mesmo, em ecos fantasmagóricos.

Mortos... Mortos... Mortos...

Na tevê, as notícias se repetiam por todos os canais. Um repórter balbuciava palavras sobre um incidente natural na região nordeste do país. Três jornalistas revelavam, assustados, uma mansão que havia pegado fogo. Ficava acima de um antigo povoado margeado por montanhas e florestas. As filmagens foram feitas através de um helicóptero, porque o acesso havia sido bloqueado e, ao que tudo indicava, o governo tinha isolado a área inteira da comunidade.

Em outro canal, uma jornalista entrevistava o governador e um climatologista. David ouviu com atenção a pergunta que ela fez:

“Mas o que causou esse incêndio em massa?”

“Bem...” O climatologista deu uma leve ajeitada nos óculos fundo de garrafa, antes de iniciar a explicação. “Os incêndios florestais são considerados catástrofes naturais. Entretanto, quando há uma intervenção humana, como, por exemplo, queima de lixo, queimadas clandestinas,

lançamento de foguetes ou limpeza de solo agrícola, como foi o caso, a possibilidade de uma catástrofe é iminente. O governo já havia descoberto a existência de grupos de agropecuários que realizavam queimadas indevidas naquela região. Isso com toda certeza resultou nessa calamidade.”

“Essa queima pode alterar o clima local?”

“Apenas por um período curto. Devemos ressaltar que a quantidade de incêndios florestais é ilimitadamente superior ao número de queimadas, que são fogos de origem antrópica e...”

Impaciente, David desligou a tevê.

Vestiu-se rapidamente, desceu e tirou o carro da garagem.

Pelo menos o porteiro estava lá.

Saiu pela avenida principal e passeou por todo o centro.

Uma solidão indescritível resumia a condição da metrópole.

Foi possível contar a dedo quantos veículos tinha visto desde que saíra de casa.

Embora o sol brilhasse esplêndido no céu, um frio incomum varria a cidade, com ventos arrasadores se arrastando como correntes pesadas pelas calçadas sujas e vazias.

Começou a assustar-se.

Quando chegou ao departamento, notou que a maioria das pessoas que trabalhavam lá dentro se achava no saguão, discutindo sobre algo que David não compreendia.

Repórteres de diversas emissoras brigavam e tentavam invadir pelo portão principal. Militares armados impediam qualquer tentativa de invasão, recusando-se a responder as perguntas que os jornalistas lançavam.

David não viu ninguém que conhecia intimamente por perto, por isso foi direto para a sala do comandante.

A porta estava entreaberta.

Ouvia-se a fala de George Vargas discutindo com alguém no telefone. Não parecia uma discussão comum... A coisa era feia.

Ao tocar na maçaneta, David se deparou com Milena saindo da sala. Ela cumprimentou-o e saiu segurando uma pilha de papéis.

George Vargas era dono do melhor escritório do departamento, com janelas de vidro altas e uma vista magnífica da cidade às suas costas.

Discutia fervorosamente atrás da mesa. Quando viu David, modificou as feições do rosto untuoso e arrumou um meio de terminar a conversa.

David arrastou a cadeira e sentou-se devagar.

Apreciou “A Carga dos Lanceiros”, de Umberto Boccioni, dependurado na parede, e uma coleção de vinis clássicos que George Vargas mantinha no escritório. Olhou diretamente na face ensopada do chefe, e esperou que ele lhe falasse alguma coisa.

— David... — começou o comandante, em um tom deplorável. — Como se sente?

— Vivo.

— Isso é bom.

— Onde está a Lívia?

— Em casa. Pedi que ela descansasse.

— E o Carlos?

— Ele também está descansando.

David cruzou os dedos no colo.

Em seguida, esboçou um riso escarninho e perguntou:

— Incêndio, hein?

George Vargas recebeu o impacto. Tudo parecia embaraçoso para ele. Desligou o telefone e folgou o colarinho da camisa, expressando apreensão.

— Você é o melhor soldado que tenho. O melhor que a COPS já teve.

— Não sei se isso é verdade.

— Você conhece as regras de campo como ninguém! Sabe como o governo age em uma situação semelhante a esta... Não podemos assustar a população.

— E cadê a população? — Houve um tom indignado na voz do soldado. — Cadê todo mundo?!

— As pessoas estão com medo, estão vivendo trancafiadas.

— Isso significa que a desculpa esfarrapada não colou, não é?! Ou colou, mas foi absurda demais, a ponto de fazê-las acreditar que tudo não passou de um desastre natural... — David se lembrou das últimas palavras de Deke com relação ao capitão. Sentira, finalmente, que chegou a hora de colher algumas respostas. — O que você escondeu de nós? O que sabia sobre aquele povoado que nós não sabíamos? Me deixe adivinhar... Tudo?!

O silêncio de George Vargas assumiu uma resposta positiva.

David percebeu, acuado em seu mundo, que o que Deke havia dito possuía um nível de fundamento.

— Então é verdade... Você estava a par de tudo. Tinha conhecimento daquela peste diabólica resumida à família Mombach, e seus experimentos bizarros... Como pôde esconder isso de nós?!

O capitão ergueu as mãos.

— Eu não fazia ideia de que a família estava por trás do caso. Descobrimos a origem do fluído graças à intervenção dos militares, que realizaram uma nova investigação e selaram o lugar inteiro!

David ainda sentia dores de cabeça. Não estava sendo fácil processar tantas coisas ao mesmo tempo. Tudo o que tinha passado, somado à perda de seus parceiros e à noção de que o governo queria omitir tudo o que destinara ao fracasso.

De qual fluído o comandante falava? Havia alguma relação com os documentos de Clayton Mombach e seus experimentos secretos?

— Onde estão os documentos? — indagou David.

— Quais documentos?

— Todos os da família Mombach. Eu e a Livia coletamos dezenas de cadernos, cartas e diários. É a prova definitiva de que tudo não passou de uma ameaça biológica.

— Pois bem, David. — O capitão engoliu duas vezes e mexeu em alguns papéis, antes de prosseguir. — Acontece que nem tudo que você descobriu naquela mansão está relacionado a um conceito científico. Apenas... O que quero dizer é que as coisas não são tão simples.

— O senhor pode ser mais claro, capitão?

— Eles estavam aqui, David.

A voz de George Vargas causou um leve incômodo no soldado.

David mordeu o lábio inferior:

— Eles quem?

— Os seres superiores... A raça que sempre ouvimos falar, mas que nunca tivemos coragem de revelar ao mundo! — O capitão tentou ser mais específico. — Uma forma de vida imaginada, sim, mas nunca esperada! Não podemos simplesmente divulgar a verdade assim, de uma hora para a outra. A civilização humana não está acostumada a isso. Seria um alarde, uma rebelião monstruosa, uma tribulação apocalíptica, a ponto de ocasionar uma nova guerra... A nossa raça é a prioridade terrena. Nós devemos mantê-la em curso!

David estava com o pavio curto, abalado por saber que o assunto tomaria as mesmas proporções fantásticas que o atordoaram.

— Você fez parte da investigação em Paraíso Florestal, em outubro de 1978?

A pergunta do soldado pegou o chefe de surpresa.

Respirando fundo, George confirmou.

— Sim, eu fiz parte da investigação.

— Então o Deke não mentiu. — David inclinou-se. — Confesso que foi ridículo demais para simplesmente acreditar nele... Mas... Porra, foi verdade, afinal!

— Tive acesso aos documentos secretos e toda aquela papelada que a imprensa publicou nos anos que vieram. Era muito arriscado. Precisávamos arrumar um meio de omitir os nossos nomes para não fracassarmos com a COPS.

— E conseguiram.

— Foi para o nosso bem. Mas preste atenção, David. Naquele ano, as coisas não eram tão fáceis, e a descoberta que fizemos mexeu demais com as maiores potências da América.

Enquanto o comandante falava, David refletia judiciosamente sobre todas as coisas que envolviam a COPS, inclusive a sua história dentro daquele lugar. Novas perguntas despontavam no horizonte da sua mente. Por qual razão o capitão fundara o honroso departamento na região norte, sul e nordeste do Brasil?

David não acreditava em coincidências.

Embora tivesse escutado quando George lhe contara que toda a região de Paraíso Florestal fora riscada do mapa, e embora houvesse passado por tudo o que passou e não duvidasse de suas palavras, não havia compreendido ou sequer calculado a dimensão cataclísmica de toda a situação; até saber que, na primavera de 1978, descobriram um estranho fluído, uma espécie de vida jamais concebida, nas rochas daquele local.

— Alguma coisa tombou naquelas rochas. — asseverou o chefe. — Um meteorito, uma matéria orgânica... Algo que veio do espaço. Deixou esvair um material extraordinariamente desconhecido, e simplesmente evaporou. Quando chegamos, seguindo os passos dos militares, testemunhamos a

incrível descoberta.

Apanhou um ofício da gaveta e revelou-o ao soldado.

David examinou a folha, que continha a fotografia de um líquido escuro espalhado sobre as cadeias rochosas. O líquido lembrava uma solução de petróleo esparramada nas pedras, pontilhado por uma coloração indefinida, levemente brilhante.

— Fluido desconhecido — George Vargas afirmou. — *Unknown Fluid*, ou simplesmente *fluído UNO*. Foi como os cientistas o denominaram.

David uniu as peças.

— Foi o mesmo material descrito pelo Clayton, em um caderno de anotações.

— Exatamente. Isso porque, naquela época, os membros da família Mombach conseguiram ter acesso ao material antes que os militares interferissem no caso. A única amostra que tivemos acesso simplesmente sumiu! Evaporou por conta própria! Houve um incidente tenebroso no pequeno arraial. Muitas pessoas foram atacadas, enquanto outras simplesmente desapareceram... Quando chegamos, grande parte do material havia desaparecido, porém não tínhamos a mínima noção de que os Mombach se apoderaram de tudo!

David perguntou irado:

— Por que não interrogaram os Mombach? Por que não invadiram a mansão?!

— Não tínhamos provas concretas, e devido ao imenso poder de Jeremy Mombach nunca conseguíamos um mandado policial. Muita fortuna envolvida. Muita influência internacional! Quando conseguiram entrar na casa, não encontraram nada! Mas nunca tirei a investigação da cabeça... E embora não desconfiasse realmente da família Mombach, eu ainda acreditava que as rochas e o solo de Paraíso Florestal poderiam nos direcionar a algo;

apontar-nos alguma direção concreta com relação a material que veio do espaço. Contudo, para a minha falta de sorte, o caso foi arquivado. A Força Aérea Brasileira silenciou-se, e eu decidi voltar para a América do Norte. Fiz parte de um seminário de atividades da marinha, alguns anos mais tarde. Um dos oradores era oficial do exército. Sim... O general Seymour Legrassi. Tivemos uma reunião importante sobre o caso e abordamos a situação do povoado. Eu queria estar por perto! Precisava agir rapidamente, se algo ocorresse! Foi então que decidi fundar a COPS, ele me apadrinhou. O caráter do batalhão seria digno! Combateríamos o crime, salvaríamos vidas e, em contrapartida, estaríamos próximos das rochas que outrora receberam o sinal do outro mundo... — O capitão fechou os olhos por um instante. Parecia arrependido. — Eu queria ter contado tudo a você, David, desde o primeiro momento em que o conheci. Mas não pude. O general me fez prometer que a operação seria altamente sigilosa, e assim o fiz. Confesso que esperava um sinal, alguma ocorrência simbólica daquele povoado... Mas não desse jeito. Tão depressa, tão grotesca! Por essa razão acabei recrutando os Sanches de última hora. O desaparecimento de Fred, Wal e Joney mexeu comigo.

David ficou estático. A trama era mais densa do que supunha.

E quanto ao Deke?

— Como Deke sabia da operação?

— O Deke foi um caso à parte...

— Explique.

— Quando o conheci, foi por decisão do próprio general, pois o Deke seria o nosso contato perfeito, uma vez que ele conhecia um dos membros dos Mombach.

— Clayton... — David não pensaria em outro alguém. — Só pode ter sido ele.

— Desconheço a relação de ambos.

— Antes de morrer, o Clayton o chamou de traidor.

O comandante franziu a testa:

— Imagino que os dois se conheceram em Boston, quando Clayton realizou a venda das últimas porcentagens de sua refinaria, na qual o Deke e o general estavam presentes.

“Caramba...”, pensou David, cada vez mais surpreso com a participação do Guile no caso.

— O Deke era um infiltrado?!

— Exatamente. Mas, de qualquer modo — George Vargas apanhou o telefone e pôs-se a discar um número —, nós podemos agendar uma reunião para hoje, diretamente com ele.

David levou um susto.

— Espera. Agendar uma reunião com quem?

— Com o Deke.

Mais um frio na espinha. O coração disparado.

— O Deke está vivo?!

— É claro! Ele foi resgatado depois de você... Só um instante... Alô? — O capitão virou-se de lado e começou a falar com Deke, deixando David espantado. — Desmond, que bom que você está se sentindo melhor! Estou com o David. Não... As coisas estão um pouco complicadas por aqui. Sim, o David está bem. Gostaríamos de marcar uma reunião aqui no departamento para hoje à noite, o que acha?

David começou a roer as unhas.

Finalmente uma ótima notícia.

Deke estava vivo!

Mas tinha certeza de que o vira cair do helicóptero. Também pudera! O Guile do grupo era duro na queda! David não via a hora de revê-lo na companhia de Livia e acabar com todas as dúvidas ainda existentes. Deke

certamente explicaria tudo o que ocorrera no povoado, abordaria a sua infiltração e, mais do que isso, garantiria um estudo detalhado da solução encontrada na seringa de Clayton Mombach.

A prova ainda existia... Tudo estava nas mãos de Deke.

— Sim, pode deixar. — O capitão olhou para David e fez um gesto amigável. — Tudo certo, eu vou passar para ele... David, o Desmond quer falar com você.

Ansioso, David apanhou o gancho:

— Deke?

— *Oficial Cordova.* — A voz de Deke era a mesma. Bruta e original. — *Então sobreviveu!*

— É o nosso lema, sargento — brincou o soldado, suspirando. — Achei que você havia caído... Achei que estivesse morto, cara.

— *Pois é... Eu também achei.*

— Como você está? Precisamos conversar.

— *Eu estou bem. Na verdade, nunca estive tão bem!*

— Isso é ótimo, cara. Onde você está?

— *Estou sentado em um banco de espera.*

David coçou a cabeça, confuso.

— Está num hospital?

— *Não, não... Estou no Aeroporto Internacional de São Paulo.*

— Como? — Nessa hora, David lançou um olhar severo ao capitão. — No Aeroporto Internacional de São Paulo?

George Vargas desentendeu a pergunta.

Sorridente, Deke respondeu:

— *Sim, oficial Cordova. O sargento precisa resolver algumas coisas lá fora, sabe? E tenho aqui comigo uma mercadoria valiosa. Aposto que sabe o que é...*

O mundo de David Cordova estreitou-se ainda mais.

O peito acelerou e as veias do rosto começaram a esquentar, pulsando intensamente.

Enquanto o capitão organizava a mesa, Deke falava:

— *Deve ser foda passar por tudo isso e sair com as mãos abanando, não é?*

— Deke, seja razoável... — David tentou desmascarar o amigo; livrar-se da piada. Já havia enfrentado tanta coisa! Não podia se deixar levar por uma brincadeira de mau gosto. — Estamos em uma situação difícil por aqui, sabia? O Taj e o Calebe morreram. Você deveria, pelo menos, respeitar a memória deles.

— *Você acha que estou brincando?* — Deke gargalhou. Nessa hora, uma mescla de sons de diferentes notas se uniu ao seu riso macabro. — *O povoado... A mansão... Foi apenas o começo.*

David pressentiu algo ou alguém à escuta, além de Deke. Podia sentir a segunda ou a terceira respiração; uma estranha presença que não compreendia, e não sabia explicar.

O som modificou-se, transformando num grunhido agudo, semelhante aos gritos que as criaturas disparavam na mansão. Um retinir. Um chocalho de cascavel. Gritos de pessoas. Gritos de animais. E o mais incrível de todos os sons que já ouvira: a voz de Alessandra! David ficou trêmulo, dominado por uma intensa tontura. As mãos perderam a força. O gancho quase caiu.

A voz de Alessandra ficou grave e monstruosa, até desaparecer e dar espaço a gritos desarmônicos que voltaram a conturbá-lo.

Deke chorava. Não... Deke sorria.

Ou fazia os dois?

Um ladrar de cão cansado.

Um ruído de gatos brigando.

Um choro inocente.

Uma orquestra de trombetas se perpetuando em uma noite sem fim.

Era o mal. O mal em carne e osso... Sobre Deke.

— *E então, oficial Cordova? Está preparado para o fim?*

David engoliu depressa, retomando as forças.

“Estou imaginando coisas. Isso não pode ser real.”

Arrepiado, ergueu-se da cadeira, estalou para George Vargas e gritou:

— Contate as demais bases da COPS, a polícia militar, federal, todos os soldados da cidade de São Paulo...

O capitão estremeceu:

— David, você está bem?!

— Agora!

— O que houve?!

— O Deke está prestes a pegar um voo! Ele tem a última amostra do fluído em mãos, e colocará em risco a vida de milhares de pessoas!

George Vargas quase caiu para trás.

Ecoando do aparelho, a voz do louro ajustou:

— *O meu nome verdadeiro não é Deke, tampouco Desmond Kennedy.*

David forçou o gancho contra o ouvido, tenso.

— Que quer dizer?

— *Pense um pouco, oficial.*

— Não tô a fim desse jogo idiota.

— *As pistas... As fotografias... As cartas!*

David refez na mente cada passo da aventura sinistra.

As fotografias... As cartas...

De repente, coletou alguma coisa.

“A família!”, pensou. “Dentre todos, só restou um”.

Sua alma gelou... Especialmente após ouvir a confissão daquele que

conhecera como Deke:

— *Quero que saiba que o destino de Taj, Calebe e de todos aqueles que se unificaram a nós estará para sempre marcado na história da corte babilônica do mestre... Receba com carinho, oh filho, o gene do novo mundo! E quem vos fala aqui agora é Daniel, o último dos Mombach. Aquele que atravessou a pérgula dourada, beijou o calvário de fogo e sangrou sobre o altar!*

ESCRITO
E
DESENHADO
POR **ROBSON
GUNDIM**





TENHO UMA DÍVIDA DE GRATIDÃO em nome daqueles que me ajudaram a concluir esta obra, que evidentemente constitui para mim um orgulho indescritível. Agradeço a Isa e Robson, meus pais, a Ivan Carlos Oliveira e Roberto Gundim, meus tios, a Narjara Oliveira (que embora possua o mesmo sobrenome da minha família materna, é na verdade uma grande amiga que a literatura me deu). Ao talentoso escritor Danilo Barbosa por acreditar no meu trabalho. Ao querido Pedro Henrique Deleu pela força ao longo da produção do livro. A Maud Epascolato, a Pâmela Filipini, ao Raul Dias, e um agradecimento especial ao Lucas Odersvank, pelo apoio inestimável em nome desse trabalho, e por fazer uma das melhores capas que eu já vi na vida, no melhor estilo Lovecraft! Agradeço também aos queridos blogueiros, e a você, leitor, que chegou até aqui mesmo após enfrentar os horrores da mansão dos Mombach!

Um grande abraço!

ROBSON GUNDIM



ROBSON GUNDIM é natural de Gandu, interior da Bahia. Atualmente reside em Vitória da Conquista. É estudante universitário de cinema, desenhista e escritor, e um apaixonado assumido dos livros lovecraftianos e filmes tarantinescos. Autor de *Sacanas do Asfalto*, *O Canto da Valquíria* e da série *Entre o Céu e o Mar*, também participou das antologias *O Último Dia Antes do Fim do Mundo*, *The King*, *Amores Impossíveis*, *Universos Extraordinários* e *As Crônicas da Goécia*.

INFORMAÇÕES SOBRE A EDITORIAL HOPE

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORIAL HOPE, visite o site www.editorahope.com e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você poderá ter acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editorahope.com



facebook.com/editorialhope



twitter.com/editorialhope



instagram.com/editorahope



skoob.com.br/editorialhope



editorahope.blogspot.com.br

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site.

E-mail: editorahope@gmail.com